

CAMILLA CARPANEZZI LA PASTINA

**AS IMAGENS DO COTIDIANO EM DIÁLOGO COM O DESENHO INFANTIL:
UM ESTUDO COM CRIANÇAS DE 8 A 10 ANOS EM UMA ESCOLA
URBANA E UMA ESCOLA RURAL**

FLORIANÓPOLIS, SC

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE ARTES- CEART**

CAMILLA CARPANEZZI LA PASTINA

**AS IMAGENS DO COTIDIANO EM DIÁLOGO COM O DESENHO INFANTIL:
UM ESTUDO COM CRIANÇAS DE 8 A 10 ANOS EM UMA ESCOLA
URBANA E UMA ESCOLA RURAL**

Dissertação apresentada ao Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lúcia Batezat Duarte.

**FLORIANÓPOLIS- SC
2008**

CAMILLA CARPANEZZI LA PASTINA

**AS IMAGENS DO COTIDIANO EM DIÁLOGO COM O DESENHO INFANTIL:
UM ESTUDO COM CRIANÇAS DE 8 A 10 ANOS EM UMA ESCOLA URBANA
E UMA ESCOLA RURAL**

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do CEART/ UDESC, para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais, na linha de pesquisa Ensino das Artes Visuais.


Banca examinadora:

Orientadora:



Prof. Dra. Maria Lúcia Batezat Duarte
Universidade do Estado de Santa Catarina

Avaliadora:



Prof. Dra. Rejane Galvão Coutinho
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Avaliadora:



Prof. Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina



"A linda fazenda e seus animais", Camilla Carpanezi La Pastina, aos 8 anos. Desenho guardado por meu pai por 23 anos, devolvido no momento da redação desta dissertação.

A todas as crianças que desenharam.

A todos os adultos que um dia desenharam.

Aos professores de crianças.

RESUMO

Esta dissertação realiza um estudo com crianças de 8 a 10 anos em uma escola urbana e uma escola rural, procurando observar as imagens do cotidiano em diálogo com o desenho infantil. Para tanto partimos do desenho livre de crianças entre 8 e 10 anos (3ª série) pertencentes a uma escola localizada na cidade de Curitiba - PR, e uma escola situada na zona rural da cidade da Lapa - PR. Através da análise desses desenhos, buscamos pensar como a criança apreende as imagens (tanto bidimensionais quanto tridimensionais) à sua volta e as transpõem para seus desenhos. A base teórica do trabalho fundamenta-se em uma abordagem sociocultural do desenho infantil, pautada em autores como Vigotski e sua compreensão do desenvolvimento humano embebido na cultura, e Brent e Marjorie Wilson, através do conceito de fonte de imagem, que explica como a partir dos 8 - 9 anos a criança se interessa em se apropriar e copiar imagens para adquirir convenções artísticas. Este trabalho caracteriza-se como projeto incorporado de casos múltiplos (YIN, 2005), pois o estudo ocorre em dois locais (escola urbana e escola rural) e com duas unidades de análise (a turma e a criança). Coletamos desenhos de tema livre, realizados na sala de aula e em casa, da turma de 3ª série de cada escola. Além da análise geral dos desenhos da turma, focamos em quatro crianças, um menino e uma menina de cada local, que foram selecionados segundo critérios de amostragem intencional. Foram realizados registros fotográficos das informações visuais presentes no ambiente doméstico destas crianças e, em alguns casos, seus pais foram entrevistados. Além das quatro crianças visitadas, outras nove foram entrevistadas. É possível apontar que, de uma maneira geral, as diferenças entre os desenhos infantis das duas localidades não são significativas, porém onde elas se apresentam, surgem como vestígios do entorno das crianças. Na escola urbana percebemos uma maior influência da mídia. Nos dois contextos pesquisados pudemos perceber que a criança tem um olhar crítico sobre sua própria produção e gostaria de melhorar seu desenho. Observamos ainda que alguns alunos buscam ativamente aprender a desenhar, interagindo com seus pares e com as fontes de imagens disponíveis em seu ambiente. Percebemos que em poucos momentos a criança se comunica com os objetos tridimensionais em seu desenho. Já as imagens bidimensionais, geralmente imagens dos meios de comunicação de massa, povoam o cotidiano da criança e estabelecem um contato incisivo com seu desenho, principalmente a partir dos 8 - 9 anos, quando o aluno passa a observá-las para desenhar.

Palavras -chaves: Desenho infantil; imagem; cópia; escola urbana; escola rural.

ABSTRACT

This dissertation makes a study with children from 8 to 10 years old in an urban and a country school, searching to observe the everyday images in dialogue with the childish draw. For this we start from the free drawing of children between 8 and 10 years old (3rd grade) belonging to a school localized in the city of Curitiba – PR, and a school situated in the country zone of the city of Lapa – PR. Through the analysis of these drawings, we search to think how the child apprehends the images (such bidimensional as tridimensional) around her and transpose them to her drawings. The work's theoretical basis is based in a socio-cultural approach of the childish drawing, issued in authors as Vigotski and his comprehension of the human development absorbed in the culture, and Brent and Marjorie Wilson, through the concept of image source, which explains how, from 8 to 9 years old, the child is interested in appropriating and copying images to acquire artistic conventions. This work is characterized as project incorporated of multiple cases (YIN, 2005), because the study happens in two places (urban school and country school) and with two analysis unities (the group and the child). We collected free thematic drawings, done in class room and at home, of the third grade of each school. Beyond the general analysis of the group's drawings, we focused in four children, a boy and a girl of each place, who were selected according intentional sampling criteria. Photographical records were done of the visual information present in the domestic environment of these children and, in some cases, their parents were interviewed. Beyond the four children visited, other nine were interviewed. It is possible to point out that, in a general way, the differences between the childish drawings of each places are not significant, although where they are presented, appear as vestiges of the children's environment. In urban school we perceived a bigger influence of the media. In both contexts researched we could perceive that the child has a critical look over her own production and would like to improve her drawing. We observed still that some students try actively to learn how to draw, interacting with her pairs and with the available sources of images in her environment. We perceived that in few moments the child communicates with tridimensional objects in her drawing. Yet the bidimensional images, usually mass communication media images, populate the child's everyday and establish an incisive contact with her drawing, especially from 8 – 9 years old, when the student starts to observe them to draw.

Keywords: Childish drawing; image; copy; urban school; country school.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE DESENHO INFANTIL	13
1.1 A APRENDIZAGEM SOCIAL DO DESENHO.....	14
Difusão dos desenhos infantis através do tempo e do espaço.....	18
1.2 DESENHO ENQUANTO LINGUAGEM.....	20
Imaginação, realidade e desenho infantil.....	26
1.3 OS TEMAS DO DESENHO INFANTIL.....	29
A intenção segundo Luquet.....	35
1.4 O DESENHO INFANTIL DOS 8 AOS 10 ANOS.....	37
1.4.1 A criança de 8 a 10 anos e seu desenho.....	38
1.4.2 O período de transição e as implicações pedagógicas.....	41
2 AS IMAGENS DO COTIDIANO EM DIÁLOGO COM O DESENHO INFANTIL	48
2.1 FONTES DE IMAGEM DOS DESENHOS INFANTIS.....	49
2.2 DESENHO INFANTIL, MEMÓRIA E PERCEPÇÃO.....	55
2.2.1 Memória procedural e memória visual.....	57
2.2.1.1. Desenhos a partir de uma memória visual.....	59
2.2.1.2. Desenhos a partir de uma memória procedural.....	61
2.3 INTERAÇÃO, APROPRIAÇÃO E CÓPIA NO DESENHO INFANTIL.....	62
2.4 PAISAGEM URBANA, PAISAGEM RURAL.....	67
3 PESQUISA DE CAMPO E ANÁLISE GERAL DOS DESENHOS DA TURMA	75
3.1 O ESTUDO DE CASO MÚLTIPLO COMO ESTRATEGIA DE PESQUISA.....	75
3.2 AS ESCOLAS INVESTIGADAS.....	78
3.3 ENCAMINHAMENTO DA PESQUISA DE CAMPO.....	79
3.4 O PRIMEIRO OLHAR: TEMAS ENCONTRADOS.....	82
3.4.1 Paisagem.....	83
3.4.2 Veículos.....	83
3.4.3 Personagem.....	84
3.4.4 Símbolos.....	84
3.4.5 Desenhos copiados.....	85
3.4.6 Lutas.....	86
3.4.7 Animais.....	86
3.4.8 Casa.....	86
3.4.8 Outros.....	87
3.5 PARALELO ENTRE AS TURMAS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS.....	90
4 ANÁLISE DOS DESENHOS DAS CRIANÇAS	95
4.1 A ESCOLHA DAS CRIANÇAS.....	95

4.2 ANÁLISE DOS DESENHOS DE ALISSON- ESCOLA RURAL.....	98
4.3 ANÁLISE DOS DESENHOS DE ALINE- ESCOLA RURAL.....	107
4.4 ANÁLISE DOS DESENHOS DE MARCELLO- ESCOLA URBANA.....	116
4.5 ANÁLISE DOS DESENHOS DE MARIA EUGÊNIA- ESCOLA URBANA.....	131
4.6 IMAGENS DO COTIDIANO NO DESENHO INFANTIL.....	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
REFERÊNCIAS.....	156
ANEXOS.....	160

INTRODUÇÃO

Neste trabalho procuramos ver como o desenho infantil se estabelece em ambientes com informações visuais diferentes: um ambiente urbano, com muita informação visual midiática, bidimensional, e um ambiente rural, mais próximo à natureza, com informação visual concreta e tridimensional. Para tanto, observamos o desenho de crianças de 8 a 10 anos (3ª série) pertencentes a uma escola urbana da cidade de Curitiba - PR e uma escola rural da cidade da Lapa - PR. Partindo do princípio de que a experiência visual da criança é determinada pelo local em que vive, procuramos observar como as imagens do cotidiano dialogam com o desenho infantil. Entendemos por imagem tanto os elementos tridimensionais quanto imagens bidimensionais, entretanto, dedicamos maior atenção às imagens bidimensionais, que dialogam mais diretamente com o desenho da criança.

A questão motivadora inicial deste trabalho foi observar o que desenham as crianças de cada local, quais semelhanças e diferenças poderiam ser encontradas nesses desenhos. A partir dessas perguntas seguimos outras, procurando aprofundar nosso olhar. Perguntamos então, por que a criança desenha determinadas coisas, ou em outras palavras, quais são os possíveis fatores geradores da intenção de desenhar. Trabalhar com desenhos de locais com informações visuais diferentes nos leva a pensar como a criança apreende as imagens à sua volta e as transpõem para seus desenhos. Buscamos observar qual a relação do desenho com objetos concretos e com imagens bidimensionais, e se a criança representa em seus desenhos elementos da paisagem onde mora.

Esta pesquisa parte de um forte interesse pessoal, desde criança apreciamos desenhar e como professora de arte, nos interessamos pelo desenho infantil. A experiência de ministrar aulas de desenho para adultos propiciou também a reflexão sobre a transposição de objetos tridimensionais em formas bidimensionais. Dessa forma, seja em nossa produção ou na produção dos educandos, o desenho sempre esteve presente.

O interesse pelo assunto pesquisado surgiu quando entramos em contato com desenhos de crianças de regiões rurais próximas à cidade da Lapa -PR. A Lapa é uma pequena cidade

histórica distante 70 quilômetros de Curitiba-PR. O fato de habitar em Curitiba e atuar como professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Educacional da Lapa despertou nosso interesse pela realidade local, uma Faculdade em que muitos alunos vêm de localidades distantes para estudar. No ano de 2005, por ocasião de uma atividade proposta em sala de aula, tivemos contato com desenhos de crianças de regiões rurais próximas. Alguns desenhos chamaram nossa atenção, pois traziam elementos do campo: caminhões, fazendas, sítios, bois, pássaros, etc. Os alunos da Faculdade, vendo nosso interesse, continuaram a trazer desenhos de seus filhos, sobrinhos, e de seus próprios alunos. A partir desse momento começamos a pensar que semelhanças e diferenças poderiam ser encontradas nos desenhos infantis de um meio urbano e um meio rural.

Embora existam vários estudos sobre desenho infantil, não encontramos nada realizado no meio rural. Em levantamento no site do banco de teses da Capes (julho, 2007), encontramos a presença de 40 pesquisas sobre desenho infantil, no entanto não foram encontrados trabalhos que tratem do desenho infantil urbano e / ou rural em sua temática principal. A ausência de estudos específicos sobre o assunto salienta a necessidade deste tipo de investigação.

A base teórica deste trabalho caracteriza-se por uma abordagem sociocultural do desenho infantil, pautada em autores como Vigotski e sua compreensão do desenvolvimento humano embebido na cultura, e em Brent e Marjorie Wilson, pesquisadores que abordam a apropriação de imagens pelas crianças ao desenhar e assim refletem sobre o papel da memória visual no processo de aprendizagem do desenho.

Embora a cultura seja mencionada aqui, nosso trabalho não tem como base teórica os estudos culturais que demandariam outras discussões específicas. Por esse mesmo motivo nossa pesquisa não pode ser caracterizada como abordagem trans-cultural de desenvolvimento estético, revisada por Newton e Kantner, 1997. Além disso, os estudos de abordagem trans-cultural freqüentemente procuram culturas diferentes, diferentes países, linguagens e sistemas de governo (ANDERSON, 1979). Ao contrário, nossa pesquisa desenvolve-se em localidades relativamente próximas, com o mesmo sistema de governo e linguagem. É necessário ainda sublinhar que existe um intercâmbio entre as duas localidades, muitas pessoas habitam uma cidade e trabalham na outra, deslocando-se diariamente. Curitiba está a apenas 1 hora e meia da cidade da Lapa, sendo que os

moradores desta última muitas vezes deslocam-se até a cidade maior para fazer compras ou ir ao médico. Já a cidade da Lapa é procurada por seus atrativos turísticos, e muitas pessoas mantêm ali chácaras de final de semana.

A pesquisa define-se, portanto, como estudo de caso múltiplo, delineado por Yin (2005). Segundo este autor, em algumas áreas do conhecimento, o estudo de caso múltiplo é denominado estudo comparativo, e visto como um método diferente. Yin (2005, p. 68), entretanto, considera que único e múltiplos são apenas variações da estratégia metodológica do estudo de caso. Esta pesquisa não poderia ser caracterizada como estudo comparativo, pois estes estudos geralmente analisam dados de forma superficial, sem levar em conta o contexto em que foram observados. Embora façamos um cruzamento das informações coletadas, procuramos observar o contexto em que se desenvolveu a pesquisa, observar cuidadosamente o processo de desenhar da criança, e procuramos ainda, dar voz ao aluno para saber da sua percepção sobre seus próprios desenhos.

Nossa pesquisa, seguindo a denominação estabelecida por Yin (2005), trata-se de um projeto incorporado de casos múltiplos. Denomina-se projeto de casos múltiplos porque envolve dois contextos, a saber, um urbano e um rural. Denomina-se projeto incorporado por envolver diversas unidades de análise. No primeiro momento, a unidade de análise é a produção gráfica da turma, e temos duas turmas de 3ª série. Posteriormente, a unidade de análise passa a ser a produção gráfica das crianças, e temos duas crianças (um menino e uma menina) de cada contexto. Dedicamos especial atenção à análise dos desenhos dessas quatro crianças.

A idade das crianças escolhidas para este estudo é de 8 a 10 anos. Em nossa cultura este é um momento limite em termos de desenho. É um momento em que as crianças ainda apreciam o ato de desenhar, porém começam a ter um olhar crítico sobre sua produção. Percebem que existe um conceito de desenho dentro de nossa sociedade e buscam ativamente apreendê-lo.

A pesquisa de campo ocorreu entre os meses de março e setembro de 2007, em turma de 3ª série da Escola Municipal São Luiz (Curitiba-PR) e da Escola Rural Municipal Dr. Aloísio Leoni (Lapa, PR), e consistiu na coleta de desenhos livres. O termo desenho livre deve ser usado com cautela, pois sabemos que um desenho feito em hora e local determinado por uma professora não é exatamente livre. Além disso, nesta pesquisa pudemos observar que as crianças desenhavam determinadas coisas quando estão interagindo entre elas e outras

coisas quando o desenho é solicitado pela professora, ainda que essa solicitação seja por um desenho de tema livre.

Foram realizadas quatro visitas em cada sala de aula e, além dos desenhos realizados nesses encontros, foi solicitado às crianças a realização de dois desenhos em sua própria casa. Foram realizadas entrevistas com treze crianças, sendo sete do meio rural e seis do meio urbano. Além disso, foram realizadas visitas domiciliares, registros fotográficos das informações visuais presentes no ambiente doméstico e escolar e, em alguns casos, foram entrevistados os pais das crianças investigadas.

A presente dissertação está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo traz considerações sobre o desenho infantil. Inicialmente abordamos a aprendizagem social do desenho destacando como a criança aprende a desenhar através do contato com desenhos de sua sociedade. Posteriormente enfocamos a relação entre desenho, linguagem e imaginação, a partir das considerações de Vigotski (2003, 2005 e 2007) e a relação entre esquemas gráficos (DUARTE, 1995) e palavras / conceitos gerais. Abordamos ainda os temas do desenho infantil com base nas pesquisas de Duncum (1997), Brent e Marjorie Wilson (1997), entre outros autores. Nesta seção procuramos compreender o que as crianças desenhavam, quais as diferenças temáticas entre os desenhos de meninos e meninas. Após observarmos os temas do desenho infantil, buscamos Luquet (1969) e seus escritos sobre a intenção, para refletir sobre o que leva a criança a desenhar determinada coisa.

Por fim, ainda neste primeiro capítulo, abordamos o desenho infantil na faixa etária compreendida entre os 8 e 10 anos. Muitos autores denominaram este momento como período de crise ou transição (LUQUET, 1969; VIGOTSKI 2003; COX, 1995). Os desenhos, nesta fase, apresentam características singulares, tornando-se mais detalhados e sem a gestualidade vista anteriormente. Para Wilson e Wilson (1997), a criança dos oito ou nove anos em diante passa a se preocupar com a aquisição das convenções artísticas de nossa sociedade.

No segundo capítulo procuramos refletir sobre as imagens do cotidiano em diálogo com o desenho infantil, iniciando pelas fontes de imagens. O conceito de fonte de imagem é dado por Brent e Marjorie Wilson (1997), que afirmam que após os oito ou nove anos as crianças começam a se apropriar das imagens à sua volta. Segundo os autores, as fontes de imagem podem ser desenhos feitos por outras pessoas, imagens dos quadrinhos e da televisão,

ilustrações e fotografias. Posteriormente, refletimos sobre a relação entre desenho, memória e percepção e observamos que diferentes tipos de desenho utilizam diferentes memórias. Tratamos ainda da paisagem urbana e da paisagem rural para finalmente pensar sobre interação, apropriação e cópia no desenho infantil.

O terceiro capítulo trata da pesquisa de campo e análise geral dos desenhos das turmas. Inicialmente apresentamos a metodologia utilizada, descrevemos o encaminhamento da pesquisa de campo, e iniciamos nossa análise observando os temas desenhados pelas crianças das duas escolas. Classificamos os desenhos coletados em oito temas, a saber: paisagem, veículos, personagem, símbolos, desenhos copiados, lutas, animais, casa e outros. Ao final deste capítulo traçamos um paralelo entre as turmas procurando observar as semelhanças e diferenças entre os desenhos.

O quarto capítulo traz a análise dos desenhos das quatro crianças investigadas. Procuramos observar não apenas os desenhos dessas crianças, mas também as suas percepções sobre os seus próprios desenhos. Buscamos saber, por exemplo, quais dentre seus desenhos elas gostam e quais não gostam, o que elas acreditam ser um desenho bonito. Procuramos ainda descobrir se há uma fonte de imagem por trás desses desenhos, e quando possível, aventar qual o fator gerador da intenção de desenhar. A pesquisa nos possibilitou ainda observar como algumas crianças buscam ativamente aprender a desenhar. Observamos que as crianças podem copiar imagens, repetir exaustivamente o mesmo desenho, pedir ajuda a colegas, entre outras táticas. Trazemos ainda neste capítulo algumas observações pontuais sobre imagens do cotidiano que puderam ser observadas nos desenhos coletados.

Na última parte desta dissertação, apresentamos algumas considerações finais relativas aos casos pesquisados, destacando a relação da criança de 8 a 10 anos com seu desenho e com as imagens do seu cotidiano em diferentes paisagens.

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES SOBRE DESENHO INFANTIL

O presente capítulo trata do desenho infantil de modo a discutir a apreensão da realidade social da criança. Para tanto, dividimos essa reflexão em quatro momentos: a aprendizagem social do desenho, o desenho enquanto linguagem, os temas do desenho infantil e o desenho infantil dos 8 aos 10 anos.

No primeiro momento, para refletir sobre a aprendizagem social do desenho, trazemos os estudos de Vigotski (2005, 2007) e Lave (1995, 2003, 2006a, 2006b) sobre a influência do meio social nos desenhos infantis. Discutimos também o processo de socialização abrangendo a aprendizagem de valores culturalmente definidos e a difusão de modelos de desenhos aceitos socialmente. Em um segundo momento, para discutir o desenho enquanto linguagem, recorreremos novamente à teoria de Vigotski e estabelecemos relação entre fala, conceito e desenho. Utilizamos também as relações entre esquema gráfico e palavra, elaboradas por Duarte (1995, 2004, 2005). Para finalizar essa seção, discutimos imaginação, realidade e desenho infantil.

O terceiro momento desse capítulo trata dos temas do desenho infantil. Para fundamentar essa seção, trazemos vários estudos sobre o assunto (DUNCUM, 1997; LOWENFELD, 1977; DUARTE, 1995) que discutem as diferenças entre temas de desenhos de meninos e meninas, sobre as diferentes formas de desenhar um mesmo assunto, sobre relação entre temas e poder, e sobre a influência da mídia nos temas desenvolvidos por meninos e meninas.

Na última parte desse capítulo, nos concentramos em um assunto mais pontual: o desenho infantil dos 8 aos 10 anos. Consideramos, nessa discussão, o desenho como experiência de grupo, época de transição e mudança no desenho, a tendência à apropriação e cópia de imagens, e a necessidade de estímulos externos e aquisição de convenções artísticas.

1.1 A APRENDIZAGEM SOCIAL DO DESENHO

A partir do momento em que uma criança nasce, passa a participar de uma determinada cultura. Para Vigotski, psicólogo russo do início do século XX, o estar no mundo é mediado por outras pessoas. “Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança” (VIGOTSKI, 2007, p. 19-20). Rego (1994) afirma que, para Vigotski, a interação com indivíduos mais experientes de seu grupo é fundamental para a formação do comportamento e do pensamento humano.

Com a ajuda do adulto, as crianças assimilam ativamente aquelas habilidades que foram construídas pela história social ao longo de milênios: ela aprende a sentar, a andar, a controlar os esfíncteres, a falar, a sentar-se à mesa, a comer com talheres, a tomar líquidos em copos, etc. (REGO, 1994, p. 60).

A esta lista poderíamos acrescentar que a criança aprende a desenhar. A própria decisão de dar uma folha de papel para seu filho desenhar é cultural. Tomamos melhor consciência deste fato quando observamos outras culturas. Algumas sociedades indígenas brasileiras, por exemplo, até os anos 60, nunca haviam desenhado usando papel e lápis, já que, na concepção das mesmas, o lugar do desenho é o corpo (VIDAL, 2000). Desta forma, cada cultura estabelece qual o suporte (pele, papel, entre outros) e qual o estilo de desenho adotar.

Segundo Vigotski, o desenvolvimento humano é constituído socialmente. “A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana [...]” (VIGOTSKI, 2007, p. 58). Todas as funções no desenvolvimento infantil ocorrem, primeiro, no nível social e depois no nível individual; desta forma as práticas e comportamentos sociais são internalizados, e também as chamadas funções psicológicas superiores, como a atenção voluntária, a memória lógica e a formação de conceitos (VIGOTSKI, 2007). A internalização acontece quando algo que ocorria externamente passa a ocorrer internamente.

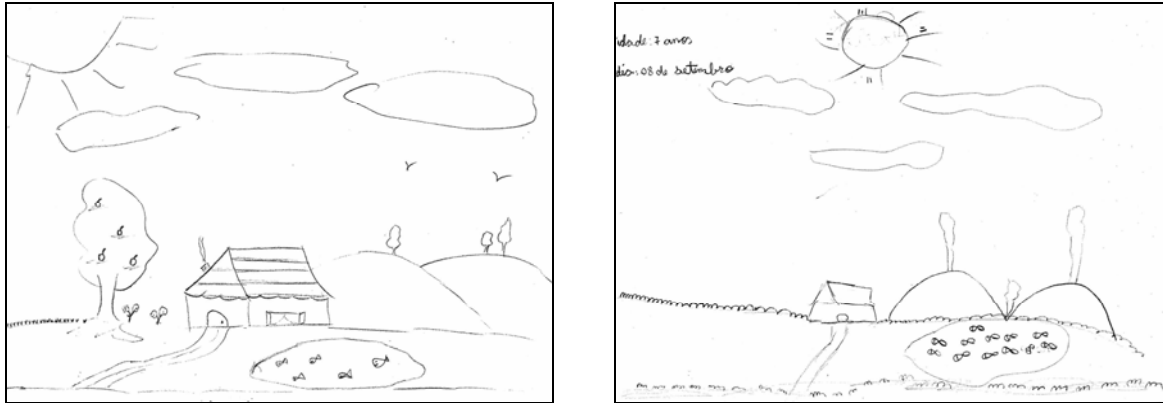
Assim, entendemos que o desenho se constitui como uma prática social a ser internalizada. A criança vê desenhos à sua volta: na televisão, nos livros, revistas, nas embalagens de produtos diversos; vê pessoas desenhando em diversas situações, como quando estão ao telefone ou ao fazer um mapa, vê crianças maiores desenhando e adultos desenhando com ela. Em um dado momento percebe que meninos e meninas desenhando coisas diferentes. Sobre a influência da cultura nos desenhos infantis, coloca Iavelberg:

O desenho da criança, desde cedo, sofre influência da cultura por intermédio de materiais e suportes com que faz seus trabalhos, de imagens e atos de produção artística que observa em TV, computador, gibis, rótulos, estampas, objetos de arte, vídeos, cinema, fotografias e trabalhos artísticos de outras crianças. (IAVELBERG, 2003, p. 83).

Para esta autora, a criança “desenha porque existe desenho no mundo” (IAVELBERG, 2006 a, p. 24). A influência cultural no desenho infantil, embora ocorra desde muito cedo, aumenta gradativamente com o passar dos anos. Toda criança pequena rabisca instintivamente, desde que lhe seja oferecido um suporte para fazê-lo. Porém, tão logo surgem as primeiras figurações, a criança torna-se atenta aos modelos de desenho à sua volta. E a partir dos 8 - 10 anos, esse fato vai se tornando cada vez mais visível.

Assim, formas de desenhar, estilos gráficos, conceitos sobre desenho são apreendidos desde a infância. Um exemplo claro de como o desenho se constitui socialmente pôde ser observado nesta pesquisa de mestrado. Durante a visita à residência de um aluno (Curitiba), pedimos a seus pais que realizassem um desenho. A mãe do aluno fez o desenho. Logo sua filha, irmã do nosso aluno, expressou o desejo de desenhar. Adiante estão os dois desenhos, da mãe e da filha.

Como podemos perceber, os desenhos são muito parecidos, possuem basicamente os mesmos elementos: uma casa, um caminho que leva a ela, um lago com peixes, montanhas e árvores, céu com sol e nuvens lisas. Quando a menina terminou seu desenho, a mãe comentou discretamente conosco, não sem esconder um certo orgulho: *“ela imita tudo que eu faço!”*



Desenho realizado pela mãe (40 anos) e sua filha (7 anos). Dia 06/09/07.

Interagindo com pessoas mais experientes de seu grupo, a criança imita as coisas para assimilá-las. No momento de desenhar a criança interage com familiares, colegas, professores. No âmbito doméstico, a criança mostra seu desenho para os pais, esperando seus comentários. Os pais muitas vezes desenham com seus filhos. Na escola, as crianças observam os desenhos dos colegas, sentam juntas para desenhar e tentam aprender com os amigos. A tentativa de aprender com o colega ocorre de várias formas: 1) a criança copia o desenho do colega, 2) a criança pede ao colega que a ensine, ou 3) a criança pede que o colega faça uma parte do seu desenho que não consegue. Nesses momentos, a criança interage em busca de apreender formas de desenhar. Em outros momentos, poderíamos sugerir que a criança, num sentido inverso, desenha para interagir com os integrantes de um grupo, fazendo desenhos para presentear os pais, a professora ou os amigos.

No período dos 8 - 10 anos, a criança passa por um momento de socialização. Quando sentam juntas, com a preocupação de não destoar do grupo, todos desenham de forma muito semelhante. Um estilo de desenho pode até difundir-se pela sala toda. A socialização traz a compreensão de que pertencem a um grupo ainda maior, a uma sociedade que possui uma cultura específica e também uma forma específica de desenho. Como fomos um país colonizado por europeus, foi da Europa que vieram os modelos de arte e desenho até hoje presentes em nosso meio social.

Estamos imersos em um sistema de valores definidos por nossa cultura. “Ele dita nossa atitude e guia nossas escolhas. O bem e o mal, o bonito e o feio, o permitido e o proibido, o sábio e o tolo variam segundo as culturas” (CLAVAL, 2001, p. 82). Pensamos que o desenho também segue uma escala de valores dentro de uma determinada cultura, e principalmente

após a idade dos 8 anos a criança se preocupa em fazer um desenho “bonito”, “certo”, “bem desenhado”, enfim, que seja reconhecido por seu grupo. Nesta pesquisa, perguntamos a algumas crianças o que elas consideravam um desenho bonito, e obtivemos respostas como:

“Quando aquele desenho é bem desenhadinho, bem pintadinho” (Andressa, 8 anos, distrito Alves Cardosos).

“As características do desenho, tipo fazer detalhes para que pareça vivo o desenho” (Maria Eugênia, 8 anos, cidade de Curitiba).

Os trechos das seguintes entrevistas também são significativos:

“[...] foi meu pai que me ensinou a desenhar. [...] se eu pudesse desenhar um pouquinho melhor, tipo igual meu pai, que ele desenha muito, muito bem. [...] Ele já copiou uma vez uma foto minha, ficou igualzinho” (Sílvia, 9 anos, cidade de Curitiba).

“Porque ela (minha mãe) desenha muito bonito e eu não sei desenhar...é um horror” (Beatriz, 8 anos, distrito Alves Cardosos).

“Eu queria desenhar igual ao Kauê, porque ele faz desenhos bonitos...eu tô tentando fazer que nem ele, ele tá me ensinando alguns desenhos” (Marcelo, 8 anos, cidade de Curitiba).

Durante a entrevista, Maria Eugênia também aponta Kauê como o bom desenhista da turma. Na entrevista com Marcelo, perguntamos porque ele quer fazer uma linha reta com régua, e ele responde: *“Ah, porque eu acho torto muito feio, né? Fica muito feio o torto”* (Marcelo, 8 anos, cidade de Curitiba).

Das colocações acima, podemos perceber que a criança atribui valores ao desenho como bonito/feio, certo/errado. Estes valores estão presentes em nossa cultura e as crianças reproduzem o conceito aprendido. Mas o que pode ser considerado um bom desenho em nossa cultura? Segundo Cox (1995), as sociedades ocidentais possuem um conceito de desenho derivado do Renascimento. Nossa sociedade acredita que um bom desenho é um desenho realista, detalhado e com um único ponto de vista. O desenho deve procurar a semelhança com o objeto, como demonstra a declaração de Sílvia: *“ficou igualzinho!”*

A maioria de nós nas sociedades ocidentais tem, de fato, uma idéia determinada de como uma cena deve ser representada. [...] a maioria de nós ainda considera um desenho feito a partir de um determinado ponto de vista como mais realista e, talvez, como um desenho melhor. O domínio desse sistema de representação nas culturas ocidentais começou no tempo da Renascença italiana, quando artistas como Leonardo da Vinci elaboraram os princípios matemáticos da perspectiva linear ou convergente – como objetos e cenas se afiguram de um ponto de vista determinado (COX, 1995, p. 121).

No Renascimento inaugura-se o uso da perspectiva e dos efeitos esfumados de luz e sombra. Este é o ideal de desenho desejado pelas sociedades ocidentais, mas alcançado por poucos. A maioria dos adultos desenha de forma muito parecida com as crianças (DARRAS, 1996). Adultos e crianças utilizam largamente os “esquemas gráficos” (DUARTE, 1995, 2004, 2005), que são desenhos esquematizados, repetitivos e automatizados, como por exemplo, o modo de desenhar casa, nuvens ou árvores. Os esquemas gráficos estão fortemente solidificados em nossa cultura. Duarte observou em sua tese sobre desenho de pré-adolescentes, a presença maciça destes esquemas. Segundo a autora, estes desenhos são de domínio público e “essa repetição do modo convencional de representar graficamente os objetos sugere, em si, uma assimilação, uma internalização, de fórmulas socialmente aceitas” (DUARTE, 1995, p. 112). Devido à força e à estabilidade destes desenhos, eles podem ser transmitidos para vários lugares e atravessar gerações, difundindo-se através do tempo e do espaço.

Difusão dos desenhos infantis através do tempo e do espaço

As culturas difundem-se através do tempo e do espaço, mesclam-se e sofrem interferências diversas. O desenho infantil também. Segundo Claval (2001), uma novidade começa a difundir-se a partir de um centro: antigamente essa difusão ocorria de próximo em próximo, através da vizinhança. Hoje, com a imprensa e as novas mídias, essa difusão ocorre de forma mais aleatória. É a chamada difusão hierarquizada (CLAVAL, 2001), onde a distância em relação ao centro de inovação já não é mais determinante.

O desenho sofre reprodução, pois é transmitido de geração a geração e de lugar a lugar. Brent e Marjorie Wilson (1997) verificaram a transmissão de desenhos de geração a geração, por exemplo, nos desenhos de carro em estilo caixote desenhados por crianças que andam em carros de linhas sinuosas, nos desenhos de casas com telhado feito por crianças moradoras de apartamento:

A cultura da infância efetivamente transmite jogos e rimas de um século para o outro. Assim fazem também os irmãos e companheiros “ensinando” um ao outro como desenhar, bem como o *quê* desenhar. Tivemos apenas de observar a quantidade de

casas com telhado desenhadas pela geração atual de moradores de apartamento, ou então, os carros em forma de caixote dos anos 30, produzidos por crianças que andam em carros de linhas sinuosas, para avaliar como as imagens do passado continuam a ser transmitidas. [...] As letras e os cantos das cantigas de roda de hoje são distorções das antigas cantigas de roda transmitidas por sucessivas gerações; portanto, parece provável que muitos dos nossos mais estereotipados signos configuracionais são aqueles que têm sido delineados, de uma forma ou de outra, por nossos avós (WILSON; WILSON, 1974/1997, p. 65).

Quanto à transmissão de lugar a lugar, ela pode ocorrer dentro de uma sala de aula ou de escola a escola, atingindo toda uma região (COX, 1995). Geralmente, ao adentrarmos numa sala de aula, percebemos a difusão espacial dos desenhos escolares, ou seja, percebemos que crianças de uma mesma turma fazem desenhos parecidos. Esta influência coletiva parece aumentar quando as crianças sentam todas juntas em uma grande mesa e podem observar de perto o desenho de seus colegas.

Em determinadas regiões, as crianças podem adotar um estilo de desenho por várias gerações (COX, 1995). Neste caso, a difusão parece pertencer ao primeiro grupo apontado por Claval (2001), ou seja, a difusão de próximo em próximo onde o fator determinante é a distância em relação ao centro. Segundo Cox:

Algumas crianças podem manter e desenvolver seu estilo com pouca influência de outras crianças; outras, ao contrário, talvez copiem o modo como outras desenharam. Essa influência pode se propagar por uma sala de aula ou se tornar ainda mais ampla, de modo que um estilo local se torne perceptível (COX, 1995, p. 67).

Brent Wilson (apud COX, 1995) observou uma determinada forma de desenhar os braços, que atingia um terço dos desenhos de uma escola da Califórnia na década de 1920. Wilson verificou o mesmo estilo nos desenhos de crianças italianas recolhidos por Corrado Ricci na década de 1880. Posteriormente descobriu que a escola havia recebido imigrantes italianos justamente na década de 20, o que parece sustentar a hipótese de que esta forma de desenhar era das crianças italianas e difundiu-se pela escola. Segundo Cox, é difícil dizer porque determinado estilo torna-se aceito. Um fator pode ser a popularidade da criança que o instaura, mas “o estilo em si deve também se mostrar passível de ser adotado por sucessivos grupos de crianças ao longo de vários anos” (COX, 1995, p. 74).

Em 1932, G.W. Paget recolheu mais de 60.000 desenhos de crianças da África e da Ásia e comparou com desenhos de crianças da Europa e América. Percebeu que as últimas têm um

estilo arredondado de desenhar a figura humana, enquanto que as primeiras utilizam formatos angulosos. Brent e Marjorie Wilson (1984) também observaram posteriormente “o típico tronco retangular islâmico” no desenho de crianças do Oriente Médio (apud COX, 1995).

Wilson e Wilson (1982) apontam que na virada do século XIX para o século XX, as crianças desenhavam rostos de perfil apresentando dois olhos. Considerava-se que esta fosse uma etapa do desenho infantil, uma passagem entre o desenho do rosto de frente para o desenho do rosto de perfil. Porém, com o acesso a jornais e o conseqüente surgimento de novos modelos de desenho dados pela mídia, essa forma de desenho desapareceu.

Podemos pensar também numa transmissão hierarquizada do desenho infantil. Por exemplo, quando crianças brasileiras desenhavam no estilo “mangá” (cartuns japoneses difundidos na forma de gibis, games e desenhos de televisão). Ou ainda, como encontramos na presente pesquisa de mestrado - o carro estilo *hot wheels*. Nos dois casos a distância em relação ao centro de inovação não é determinante, pois através da televisão essas imagens atravessam o mundo e influenciam crianças de outros países.

A criança, ao desenhar, interage com diferentes formas gráficas. Nessas relações a criança descobre formas de se comunicar, desenvolvendo uma linguagem através do desenho.

1.2 DESENHO ENQUANTO LINGUAGEM

Segundo Vigotski, o desenho é uma linguagem gráfica que “surge tendo por base a linguagem verbal” (VIGOTSKI, 2007, p. 136). A linguagem gráfica, portanto, está atrelada à linguagem verbal. Ao desenhar, a criança pensa com palavras: “enquanto a criança desenha, pensa no objeto de sua imaginação como se estivesse falando do mesmo”¹ (VIGOTSKI, 2003, p. 96, tradução nossa). Ao relacionar o desenho e a fala, Vigotski cita o pesquisador Buhler²:

¹ “[...] mientras el niño dibuja, piensa en el objeto de su imaginación como si estuviera hablando del mismo”.

² BUHLER, K. *Mental Development of the Child*. New York: Harcourt, Brace, 1930

K. Buhler notou corretamente, que o desenho começa quando a linguagem falada já alcançou grande progresso e já se tornou habitual na criança. Em seguida, diz ele, a fala predomina no geral e modela a maior parte da vida interior, submetendo-a a suas leis. Isso inclui o desenho (VIGOTSKI, 2007, p. 135).

Ao ingressar na linguagem, a criança compreende que cada coisa possui um nome, ou que as palavras significam coisas, e assim apropria-se da cultura ao seu redor. A linguagem verbal se organiza, formando determinados conceitos das coisas. Esse processo é construído gradualmente. Tomemos como exemplo as palavras ou conceitos de FLOR e ROSA. Inicialmente estes conceitos estão justapostos na mente da criança, posteriormente hierarquizam-se em diferentes níveis de generalidade, e então a criança é capaz de compreender que o conceito de FLOR abarca o de ROSA (VIGOTSKI, 2005, p. 116).

A palavra é uma generalização e a verdadeira comunicação é generalizante. “Uma palavra não se refere a um objeto isolado, mas a um grupo ou classe de objetos; portanto, cada palavra já é uma generalização” (VIGOTSKI, 2005, p. 5-6). Desta forma, a palavra ROSA refere-se às rosas de uma maneira geral e não a uma rosa específica. Da mesma forma, segundo Vigotski, os primeiros desenhos infantis são esquemáticos e procuram comunicar aspectos gerais de uma classe de objetos. Tanto o esquema de desenho quanto a compreensão da criança limitam-se a conter os traços essenciais e permanentes do objeto (VIGOTSKI, 2003). É importante esclarecer que esses primeiros desenhos a que o autor se refere não correspondem às garatujas, mas a um momento posterior, “a etapa em que a criança começa a desenhar no pleno sentido da palavra”³ (VIGOTSKI, 2003, p. 94, tradução nossa).

No capítulo “El dibujo en la edad infantil”, o autor segue a classificação de Kersensteiner⁴ e define 4 etapas de desenho, sendo que poucas crianças superam a terceira etapa. Nesse momento nos interessa comentar a 1ª etapa, em que a criança representa objetos de forma esquemática, distante do aspecto real. Como exemplos o autor cita a forma de figura humana “cabeça-pés”, os desenhos com transparência, entre outros. Ainda segundo o autor, “[...] os esquemas que caracterizam os primeiros desenhos infantis lembram conceitos

³ “[...] la etapa en que el niño empieza a dibujar en el pleno sentido de la palabra”.

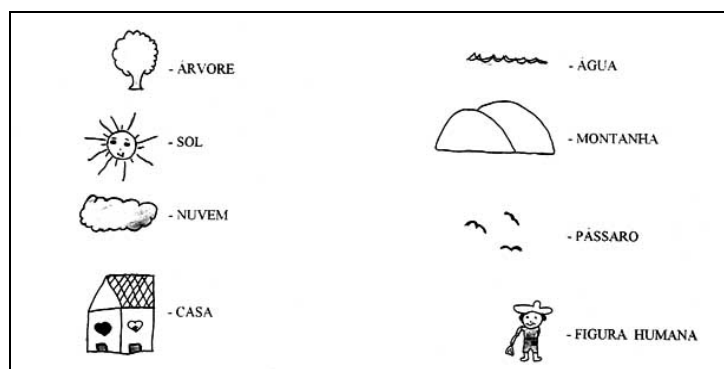
⁴ KERSENSTEINER, G. *El desarrollo de la creación artística de los niños*. Traducido del alemán. Moscú. Tipografía I. D. Sitín, 1914.

verbais que comunicam somente os aspectos essenciais do objeto” (VIGOTSKI, 2007, p. 136).

Duarte (1995), em sua tese, viu forte relação dos “esquemas gráficos” usados pelas crianças com as palavras que denominam conceitos gerais. Segundo Duarte, “esquemas gráficos são, no âmbito do desenho infantil, um recurso de apresentação de uma síntese geral de uma determinada categoria de objetos. São ao mesmo tempo uma simplificação e uma totalidade” (DUARTE, 2004, p. 138). Esta idéia de simplificação e totalidade é coincidente com a teoria da percepção abordada por Arnheim (1986), para quem a percepção visual ocorre de uma forma global, apreendendo um objeto em sua totalidade: "ver significa captar algumas características proeminentes dos objetos - o azul do céu, a curva do pescoço do cisne, a retangularidade do livro, o brilho de um pedaço de metal, a retitude do cigarro" (ARNHEIM, 1986, p. 36). A visão capta o essencial e "assim representa-se a forma de um objeto pelas características espaciais consideradas essenciais" (ARNHEIM, 1986, p. 40).

De uma maneira geral todo desenho infantil é esquemático, pois procura os aspectos essenciais de um objeto antes dos detalhes. Isso é conseguido através da utilização de formas geométricas básicas. Um círculo e duas linhas configuram uma figura humana, e, ainda que a criança os denomine como mamãe, papai, vovó, todos apresentam o mesmo traçado básico que serve para representar o ser humano em geral (DUARTE, 2004).

Em sua pesquisa com desenhos de pré-adolescentes (10 a 13 anos), Duarte observou que alguns desenhos são realizados de forma tão esquemática que é possível estabelecer relação direta entre eles e a palavra que representam. Assim elaborou o seguinte quadro, com esquemas gráficos usuais:



Quadro elaborado por Duarte, 1995. Equivalência da linguagem gráfica e da palavra.

Tomemos o exemplo do conceito de PÁSSARO. Existe a palavra, mas existe também, em nossa cultura, um desenho específico de pássaro, retratado no quadro acima. Este desenho mostra o pássaro voando ao longe, de modo que é impossível defini-lo, dizer que tipo de pássaro é. Ele apenas mostra o essencial a todos os pássaros: tem asas e voa.

Este tipo de desenho tem caráter mais comunicacional que artístico. Ainda segundo Duarte:

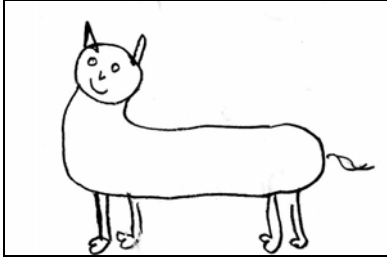
[...] é preciso compreender a existência e produção pela criança (e pelo adulto) de dois tipos de desenho: um desenho comunicacional, plural, simplificado, repetitivo, generalizante, neutro, eficaz; e um desenho artístico que deve ser testemunho da experiência particular dos sujeitos, fruto de um olhar independente capaz de revelar identidades, marcar diferenças (DUARTE, 2005, p. 2).

Estes esquemas estão presentes em nossa cultura e são assimilados pelas crianças. Adultos ou crianças mais velhas ensinam os menores a desenhar dessa forma, pois esta é uma forma convencional de grafar certos elementos em nossa sociedade. Duarte observa que esses esquemas de desenho são de domínio público e que a “repetição do modo convencional de representar graficamente os objetos sugere, em si, uma assimilação, uma internalização, de fórmulas socialmente aceitas” (DUARTE, 1995, p. 112).

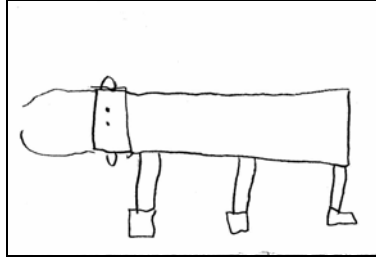
Durante o teste piloto desta pesquisa, realizado com turmas de 2ª e 3ª série de escola urbana e turma de 2ª série de escola rural, observamos a relação entre desenho e palavra, ao solicitar às crianças que desenhassem um boi. Nos dois contextos (urbano e rural), a maioria das crianças relutou diante da solicitação. Perguntaram se poderiam desenhar um cavalo, ou uma vaca. Informamos, então, que o desenho tanto poderia ser de um boi ou de uma vaca. Neste momento elas teriam que mobilizar esforços e trazer à tona a memória da imagem deste animal, procurando lembrar da sua forma e definir suas características mais marcantes. Imaginamos que as crianças do meio rural teriam maior facilidade nesta tarefa por ser algo mais próximo de suas realidades, porém as crianças dos dois contextos pesquisados apresentaram grandes dificuldades.

Uma criança entre 7 a 10 anos provavelmente tem um conceito elaborado do animal BOI, mas isso não quer dizer que seja capaz de desenhá-lo com precisão. Como se desenha um boi? A resposta gráfica das crianças parece ser “um animal com quatro patas, orelha e rabo”, pois estes foram os elementos mais utilizados para identificá-lo. Mas esta poderia ser a resposta para muitos animais como cão, gato, etc. Algumas poucas crianças acrescentaram

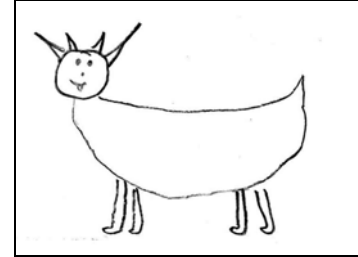
elementos como cascos, chifre, focinho, tetas, manchas, cupim, argolas. Percebemos também a utilização de formas geométricas como círculos, retângulos, ovais, triângulo, na construção do esquema do animal.



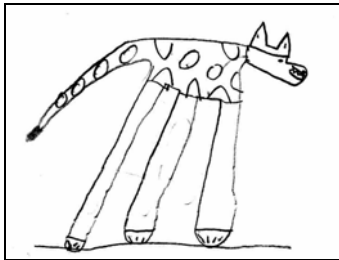
Menino, idade não registrada⁵.
Escola rural, Lapa - PR. 2ª série (desenhos ampliados).



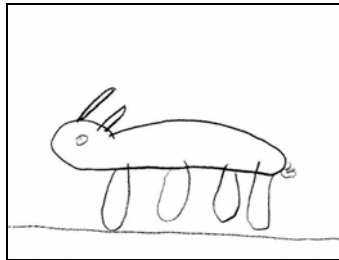
Menino, idade não registrada.



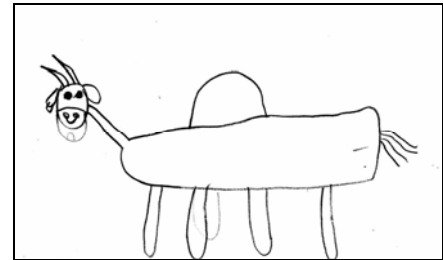
Menina, 7 anos.



Menina, 8 anos.
Escola urbana, Curitiba - PR. 2ª e 3ª séries (desenhos ampliados).



Menino, 10 anos.

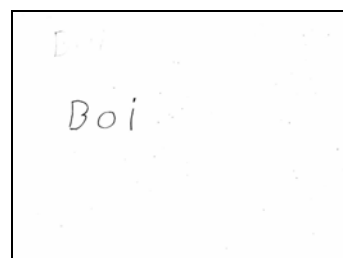


Menino, 9 anos.

Na escola urbana duas crianças desistiram de desenhar e escreveram no papel a palavra BOI, o que mostra a estreita relação entre o desenho e a palavra, e também a necessidade de comunicar-se, de fazer-se entender. Outras crianças associaram a palavra ao desenho, talvez para garantir a comunicação, acreditando que seu desenho não cumprisse esse papel. Este fato ocorreu apenas na turma de 3ª série da escola urbana.



Menina, 8 anos.



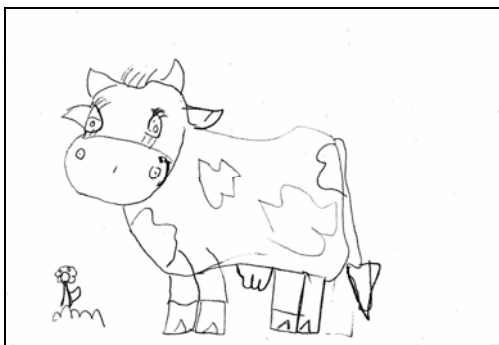
Menina, 10 anos.

A palavra como equivalente do desenho. Escola urbana, Curitiba-PR. 3ª série

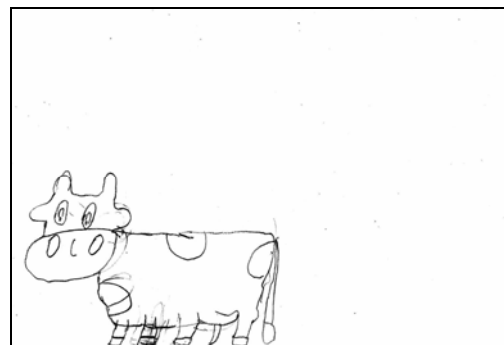
⁵ As crianças que não possuem autorização para divulgação de seus nomes serão identificadas apenas como menino ou menina.

Esta atividade revelou ainda a cópia de desenhos disponíveis às crianças nas paredes da sala de aula. Os desenhos que a criança tem como referência influenciam seu próprio conceito de desenho. Entende-se por conceito de desenho as idéias que a criança possui relativas ao mesmo. Inclui-se aqui desde idéias gerais como "o que é desenho", juízos de valor como "o desenho bonito, o desenho feio", até "como se desenha determinada coisa".

Nas turmas de 2ª série, tanto na escola urbana quanto na escola rural, algumas crianças apoiaram-se em desenhos existentes no mural da sala, por coincidência, um desenho mimeografado de uma vaca (escola rural) e um desenho de uma cabeça de boi (escola urbana). Ora, se a criança está tentando desenhar um boi ou uma vaca, e vê à sua frente um desenho desse animal, então este passa a ser um exemplo que influencia sua maneira de desenhar. O desenho do mural é um desenho validado por alguém, no caso, a professora. Desta forma, a mensagem implícita é: "este é um desenho de uma vaca, assim se desenha uma vaca".



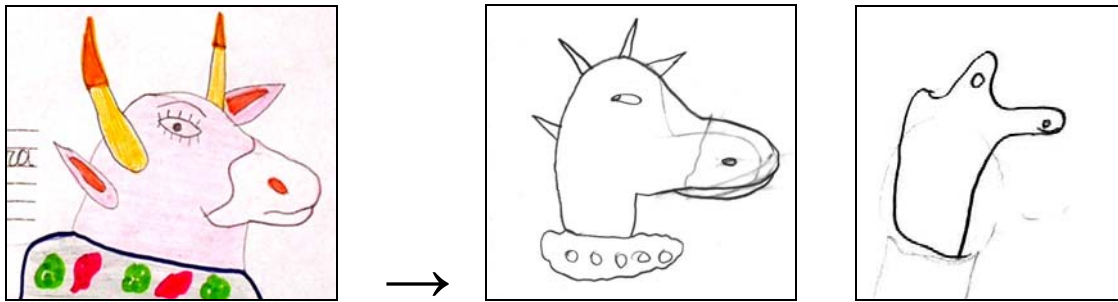
Menina, 7 anos.



Menino, 11 anos.

Exemplos de desenhos copiados do mural da sala. Escola rural, Lapa - PR. 2ª série.

Muitas crianças da escola rural procuraram ainda, ao que parece, combinar o seu esquema de desenho com o desenho da vaca do mural. Já na escola urbana, várias crianças iniciaram o desenho do boi, mas por fim apagaram e copiaram a cabeça de boi. A tarefa foi realizada com maior facilidade ou dificuldade dependendo do aluno, como percebemos nos desenhos abaixo:



Menina, 8 anos.

Menino, 8 anos.

Foto do desenho original encontrado no mural da sala e exemplos das respectivas cópias (ampliadas) do mesmo desenho. Escola urbana, Curitiba, PR. 2ª série.

Além do desenho do boi, solicitamos às crianças que desenhassem: uma casa, uma árvore, um peixe e um pássaro. Todos esses desenhos foram realizados com facilidade, pois são esquemas mais comuns, já internalizados e automatizados pelas crianças.

Imaginação, realidade e desenho infantil

Vigotski, no livro *La imaginación y el arte en la infancia*, examina o mecanismo da imaginação, discorre sobre a relação entre imaginação e realidade, a imaginação do jovem e da criança e sobre o desenvolvimento da criança na área da literatura, teatro, e desenho. Procuraremos aqui fazer um breve resumo de suas idéias, ocupando-nos mais especificamente da atividade combinadora da imaginação, e da relação entre imaginação e realidade.

Segundo Vigotski, o homem possui dois tipos básicos de impulso. O primeiro é reprodutor ou ligado a memória. Neste caso não há criação, como quando alguém se recorda da casa em que passou a infância, está apenas ressuscitando antigas impressões. O segundo é função criadora ou combinadora. Quando pensamos no futuro, por exemplo, ou num passado longínquo (como na pré-história), temos que imaginar, formar uma idéia, uma imagem.

Toda a cultura é baseada na imaginação por ser fruto da criação humana. Segundo Ribaud⁶ (citado por VIGOTSKI, 2003), todos os objetos da vida cotidiana foram criados, e antes de

⁶ RIBAUD, T. *La imaginación creadora*. Traducida del francés. Tipografía Y. N. Erlich. 1901.

serem confeccionados, foram imaginados. Desta forma, configuram-se como “*fantasia cristalizada*”.

Nos jogos e brincadeiras infantis a criança reproduz muito do que vê através da imitação. Mas a criança não se limita a reproduzir a realidade e sim reelabora-a criativamente, combinando as experiências entre si e criando novas realidades. A imaginação tem uma atividade combinada, combina o antigo com o novo (VIGOTSKI, 2003). A criação artística também ocorre desta forma, o autor cita, por exemplo, um escritor que descreve uma cabana com pés de galinha. Esta cabana, irreal, é a combinação das idéias reais de uma casa e patas de galinha.

A imaginação está ligada à realidade, é um erro pensar que existe uma fronteira impenetrável entre elas. Compreendendo-se esta ligação, percebe-se que a imaginação não é um divertimento caprichoso do cérebro, mas uma função vitalmente necessária. A fantasia vincula-se à realidade, pois “toda elocubração compõe-se sempre de elementos tomados da realidade extraídos da experiência anterior do homem”⁷ (VIGOTSKI, 2003, p. 16, tradução nossa). Combinando elementos da realidade, um escritor pode, por exemplo, criar um conto fantástico. Portanto, a imaginação não surge do nada, pelo contrário, está associada às experiências do homem. Nesse sentido, a imaginação de um adulto é mais rica que a da criança:

[...] a atividade criadora da imaginação encontra-se em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, porque esta experiência é o material com o qual a fantasia constrói seus edifícios. Quanto mais rica for a experiência humana, tanto maior será o material que a imaginação dispõe. Por isso, a imaginação da criança é mais pobre que a do adulto, por ser menor sua experiência⁸ (VIGOTSKI, 2003, p. 17, tradução nossa).

A implicação pedagógica disto é que, para que a criança possa criar, ela deve ampliar suas experiências: “quanto mais veja, escute e experimente, quanto mais aprenda e assimile,

⁷ “[...] toda elucubración se compone siempre de elementos tomados de la realidad extraídos de la experiencia anterior del hombre”.

⁸ “[...] la actividad creadora de la imaginación se encuentra en relación directa con la riqueza y la variedad de la experiencia acumulada por el hombre, porque esta experiencia es el material con el que erige sus edificios la fantasía. Cuanto más rica sea la experiencia humana, tanto mayor será el material del que dispone esa imaginación. Por eso, la imaginación del niño es más pobre que la del adulto, por ser menor su experiencia.

quanto mais elementos reais disponha em sua experiência, tanto mais considerável e produtiva será [...] a atividade de sua imaginação”⁹ (VIGOTSKI, 2003, p. 18, tradução nossa).

Ao relacionarmos estas observações com o desenho infantil, podemos sugerir que quanto mais experiências de desenho a criança tiver, quanto mais coisas conhecer e desenhar, tanto maior será o repertório a partir do qual poderá criar. É justamente neste sentido que Brent e Marjorie Wilson, pesquisadores norte-americanos, apontam o lado positivo da cópia no desenho infantil, pois, ao copiar, a criança pode aprender diversas coisas: domínio de técnicas, novos pontos de vista, detalhes, etc. O desenho copiado torna-se uma experiência vivida, e essa experiência é base para novas criações.

Wilson e Wilson (1982) sugerem que a criança faça uma coleção de imagens (fotografias, desenhos, pinturas, ilustrações, etc.) podendo usá-las como base para seus desenhos. Estas imagens podem ser recombinadas em novas criações: “O que artistas e crianças fazem é pegar imagens culturais existentes e ampliá-las, alterá-las, recombiná-las, colocá-las em novos contextos e usá-las de novas maneiras”¹⁰ (WILSON; WILSON, 1982, p. 77). Nesse apontamento encontramos a concepção, dada por Vigotski, de criação como atividade combinadora de elementos antigos e novos.

Segundo Vigotski, a fantasia possui um enlace emocional que a liga à realidade. Se uma criança, numa noite escura, imagina um bandido entrando em sua casa, podemos dizer que a imagem do ladrão é irreal, mas o medo que a criança sente é real e concreto. É por este enlace da emoção com a imaginação que somos capazes de nos emocionar com obras de ficção. Ao ler um livro, ou ver uma cena de teatro, mesmo sabendo tratar-se de uma história fantasiosa, somos capazes de nos emocionar profundamente e essas emoções são reais (VIGOTSKI, 2003). Acreditamos igualmente que as imagens com as quais as crianças convivem despertam nelas sentimentos e emoções reais. Por exemplo, uma das crianças por nós entrevistadas nesta pesquisa de mestrado, afirmou que, quando era menor, tinha medo de um quadro do quarto da sua mãe.

A imaginação e a realidade estão entrelaçadas, pois as criações humanas, que um dia foram imaginadas, tornam-se reais, “cristalizam-se”. E “[...] ao se materializar cobram tanta

⁹ Quanto más vea, oiga y experimente, cuanto más aprenda y asimile, cuantos más elementos reales disponga en su experiencia, tanto más considerable y productiva será [...] la actividad de su imaginación.

¹⁰ “What artists and children do is to take existing cultural images and extend them, recombine them, place them in new contexts, and use them in new ways”.

realidade como os demais objetos e exercem sua influência no universo real que nos rodeia”¹¹ (VIGOTSKI, 2003, p. 24, tradução nossa).

Segundo Vigotski, a imaginação converte-se num meio de ampliar a experiência do ser humano, pois somos capazes de imaginar coisas que não vivenciamos pessoalmente, experiências de outras pessoas, tempos e lugares longínquos.

1.3 OS TEMAS DO DESENHO INFANTIL

Paul Duncum (1997), pesquisador australiano, elencou os principais temas desenhados por meninos e meninas segundo estudos de diversos autores. A maior parte dos estudos foi feita na virada do século XIX para século XX, e embora alguns assuntos específicos tenham sido substituídos, de uma maneira geral, os temas são semelhantes aos encontrados em pesquisas mais recentes. Duncum afirma que os temas dos desenhos infantis há tempos têm relação com contos de fadas, mitos e lendas. Atualmente eles têm, também, relação com os meios de comunicação de massa, de onde comumente derivam.

Segundo Duncum, “todas as pesquisas indicam que o interesse das crianças está tanto na vida comum como em fantasias bem como em cenas pacíficas e em fortes ações físicas [...]”¹² (DUNCUM, 1997, p.107-108, tradução nossa). Mesmo desenhos feitos por crianças em um campo de concentração da II Guerra Mundial, trazem temas da vida real e de fantasias (VOLAVKOVÁ, 1978, apud DUNCUM, 1997). As meninas desenhavam flores, borboletas, bailarinas e cabanas com jardins floridos. Os meninos desenhavam a paisagem montanhosa local com navios de guerra, histórias de detetives, batalhas, festividades e aventuras. Desenhavam também homens da polícia nazista, guardas de gueto, execuções brutais (DUNCUM, 1997).

¹¹ “[...] al materializarse cobran tanta realidad como los demás objetos y ejercen su influencia en el universo real que nos rodea”.

¹² “All surveys indicate children’s interest is in both ordinary life and fantasy as well as in peaceful scenes and in strong physical action”.

Pesquisas mais recentes sobre desenhos espontâneos infantis mostram que meninos apreciam desenhar veículos, máquinas imaginárias, cenas de batalhas e esportes, enquanto meninas têm preferência por casas e cavalos (DUNCUM, 1997).

Viktor Lowenfeld (1977) aponta na idade dos 9 aos 12 anos a preferência de meninas por cavalos e de meninos por veículos. Wilson e Wilson (1982) também procuram explicar as diferenças dos desenhos de meninos e meninas e apontam o gosto das meninas pela imagem do cavalo. Porém, é curioso constatar que esta preferência não parece se aplicar à cultura brasileira, parece ser especificamente norte-americana. Ao menos na pesquisa de Duarte (1995) não há referências a esse animal, e nesta pesquisa, os poucos desenhos que contêm cavalos, foram feitos por meninos moradores da zona rural que utilizam o animal como meio de transporte.

Duarte pesquisou o desenho de pré-adolescentes de 10 a 13 anos. Os desenhos foram divididos em quatro tipos, levando em consideração tanto critérios verbais quanto formais: desenho de objeto, desenho de personagem, desenho de cenário, desenho de narrativa. O desenho de cenário é o tipo mais freqüente, feito em sua maior parte por meninas. Nos de narrativa aparecem diferenças de gênero: as ações dos meninos são vigorosas, mostrando jogos, esportes e trabalho, enquanto “as meninas desenhavam personagens contemplativos, casais apaixonados, brincadeiras de pular corda, andar de balanço” (DUARTE, 1995, p. 82).

Segundo Duncum, em relação à figura humana, nos desenhos de meninos, ela aparece na forma de super-heróis, *pop-stars*, ou às vezes com características estranhas e engraçadas. Já as meninas desenhavam mocinhas em roupas da moda. Este dado é compatível com os resultados obtidos por Duarte, ao tratar do chamado “Desenho de Personagem”:

As meninas desenhavam mais freqüentemente mulheres elegantes, noivas, rainhas, debutantes [...]. Os meninos desenhavam super-heróis ou assimilados, guerreiros, lutadores ou personagens mitológicos poderosos como o Netuno. Surgem também figuras “pops” ou “punks” [...]. Nesse tipo de desenho e principalmente na produção dos meninos, torna-se evidente a adoção de heróis de Histórias em Quadrinhos e Desenhos Animados de televisão como modelo (DUARTE, 1995, p. 74).

“Onde os meninos tendem a desenhar feras selvagens, as meninas tendem a desenhar animais de estimação”¹³ (DUNCUM, 1997, p. 109, tradução nossa). De acordo com o autor, essas diferenças nas preferências temáticas ocorrem porque a criança procura adequar-se

¹³ “Where boys tend to draw wild beasts, girls tend to draw pet animals”.

ao estereótipo social relativo ao seu sexo: “Geralmente, sem estarem conscientes, crianças escolhem seus temas de desenhos de acordo com o que elas entendem ser apropriado para seu sexo e, conseqüentemente, sentem-se recompensadas por sua escolha”¹⁴ (DUNCUM, 1997, p. 109, tradução nossa).

Segundo Duncum, no último século, vários autores (Lindstrom, 1957, Lark-Horovitz, Lewis e Luca, 1974) perceberam mudanças nas preferências temáticas das crianças, como: ao invés de vulcões, os meninos passaram a desenhar explosões de bombas; e ao invés de trens, surgem foguetes. Mas embora as figuras desenhadas passem por uma atualização, o interesse por trás desses assuntos é o mesmo: ação e poder. “O interesse em vulcões, e lançamentos de foguetes parecem compatíveis com o interesse em uma ação violenta repentina. Trens, navios e foguetes são meios de transporte e, como objetos mecânicos podem ser interpretados como ícones de poder”¹⁵ (DUNCUM, 1997, p. 110, tradução nossa).

Assuntos diferentes podem ter o mesmo interesse subjacente. “Por exemplo, tanto esportes quanto batalhas envolvem vitória, ação física, trabalho em equipe e estabelecimento de regras”¹⁶, explica Feinburg, 1978, citado por Duncum (1997, p. 110, tradução nossa). Vários autores procuraram estabelecer relação entre o assunto desenhado e o interesse da criança. Ao discutir esta questão, Duncum cita seu próprio trabalho anterior, além do trabalho de outros autores:

Duncum (1986), por exemplo, apontou a possibilidade de associação entre o tema de cavalos com o interesse de crianças com o ato de prover cuidado, procriação e poder. De maneira similar, Hildreth (1941) indicou uma possível associação entre o tema trens e assuntos gerais como aventuras, mistério e virilidade, enquanto Feinburg (1973) sugeriu a associação entre batalhas e esportes com movimentos, deslocamento de energia, ação física, interação social, comportamento regrado e senso de eficiência e poder pessoal¹⁷ (DUNCUM, 1997, p. 110, tradução nossa).

¹⁴ “Usually without being consciously aware, children select their subjects in accord with what they conceive to be appropriate subjects for their gender, and consequently they find these rewarding.”

¹⁵ “An interest in volcanoes and rocket launchings seems compatible with an interest in sudden, violent action. Trains, ships, and rockets are all methods of transport and, as mechanical objects, can be thought of as icons of power”.

¹⁶ “For example, sports and battles both involve winning, physical action, teamwork, and rule-making”.

¹⁷ Duncum (1986), for example, pointed to the possibility of an association of the subject matter of horses with children's interest in nurturance, procreation and power. Similarly, Hildreth (1941) indicated a possible association with the subject matter of trains and general themes of adventure, mystery, and virility, while Feinburg (1973) suggested the association of battle and sport with motion, a displacement of energy, physical action, social interaction, rule governed behavior, and a sense of efficacy and personal power.

Mas algumas associações são exclusivas do gênero masculino ou feminino. Por exemplo, a relação entre cavalos e proteção e procriação parece pertencer ao universo feminino, e quando meninos desenhavam cavalos, parece ser pelo mesmo motivo que desenhavam veículos, batalhas e esportes, ou seja, sugerindo interesse em poder, virilidade e fortes ações físicas. Desta forma, meninos e meninas podem desenhar os mesmos temas por diferentes razões.

Para Duncum, os temas demonstram estarem relacionados com as preocupações da média infância. Diversos autores (Piaget, Gardner, Erikson, Freud) localizam a média infância como um momento de socialização, aquisição de regras, desenvolvimento do senso de auto-eficiência (DUNCUM, 1997). Para Duncum, nesta faixa etária existem temas gerais que preocupam tanto meninos, quanto meninas. São eles: poder, competência, regras e relações sociais. Desta forma, o conteúdo temático dos desenhos dos meninos e das meninas pode variar, mas a preocupação geral é a mesma.

Na média-infância, os temas gerais como poder, competência, regras e relações sociais são nitidamente comuns a meninos e meninas. É possível concluir que, enquanto o conteúdo temático de desenhos varia em alguma extensão de acordo com o sexo, o tema geral explorado em imagens desenhadas por crianças obedece à preocupação maior das fases da vida destes jovens¹⁸ (DUNCUM, 1997, p. 113, tradução nossa).

Ao nosso ver, as preocupações da média infância de fato se refletem no desenho, como já foi discutido anteriormente, mas talvez essa relação não seja tão explícita. Além desses fatores, pensamos que um tema pode ser escolhido pela sua facilidade de execução, por hábito, por influência de uma fonte de imagem (um desenho pronto). A busca de fontes de imagem ocorrida neste período é por si só um reflexo da socialização da criança, pois indica a necessidade desta de se apropriar dos modelos existentes ao seu redor.

Segundo Wilson & Wilson (1982), os desenhos de crianças menores não demonstram diferenças temáticas em relação ao gênero. À medida que crescem, porém, os desenhos de meninos e meninas diferenciam-se. É difícil dizer se essas diferenças são determinadas pela genética, mas é fácil apontar fatores culturais que encorajam diferentes tipos de desenho (WILSON; WILSON, 1982).

¹⁸ For middle-childhood, the broad themes of power, competence, rules, and social relations are clearly common to both girls and boys. It is possible to conclude that while the thematic content of drawings varies to some extent along the gender lines, the general themes explored in children's imagery conform to the major preoccupations of life phases of these youngsters.

Nos Estados Unidos, por exemplo, desenhos de meninos contêm abundância de violência, de vilões e veículos; desenhos de meninas são repletos de animais inofensivos, borboletas e flores. Desenhos de meninos parecem ocorrer como resultado de narrativas de ação da mídia, figuras e memórias de automóveis e outros veículos, espaçonaves de ficção científica, bem como do verdadeiro programa espacial – ainda quase exclusivamente domínio masculino¹⁹ (WILSON; WILSON, 1982, p. 163, tradução nossa).

Os autores observaram que os meninos geralmente são mais influenciados pela mídia e produzem mais desenhos espontâneos que as meninas. Desenho espontâneo para Wilson e Wilson é o desenho produzido espontaneamente pela criança, sem a sugestão de adultos, muitas vezes feito nas últimas páginas dos cadernos das crianças. O desenho espontâneo é fortemente influenciado pela mídia e muitas vezes copiado de revistas e gibis. Justamente por esta razão têm um teor narrativo e apresentam figuras em movimento e ação. “Esses desenhos espontâneos, como já dissemos, têm forte teor de narrativa – freqüentemente servindo para contar uma história ou ao menos parte dela”²⁰ (WILSON; WILSON, 1982, p. 163, tradução nossa). Em suas pesquisas, os autores surpreendentemente encontraram crianças de 5 ou 6 anos capazes de desenhar figuras correndo, voando, movendo-se de diferentes formas. Essas eram crianças que modelavam seus desenhos a partir de imagens vistas em ilustrações, gibis e na televisão. É um fenômeno cultural, pois diz respeito à realidade norte-americana, povoada por gibis de super-heróis caracterizados por extrema ação. “Mostrar grande quantidade de ação extrema é basicamente um fenômeno cultural, em que as imagens da cultura fornecem os modelos”²¹ (WILSON; WILSON, 1982, p. 70, tradução nossa).

As observações feitas pelos autores em relação ao fato dos meninos mostrarem em seus desenhos maior influência da mídia é compatível com os dados encontrados na presente pesquisa, e também na pesquisa de Duarte. Conseqüentemente surge a pergunta: por que os meninos são mais influenciados pela mídia? Wilson e Wilson sugerem que os modelos gráficos são feitos para meninos, o que acaba por estimulá-los mais do que às meninas.

¹⁹ In the United States, for example, boys' drawings contain a profusion of violence, of villainy, and vehicles; girls' drawings are full of benign animals, bugs, and blooms. The boys' drawings seem to stem from media action narratives, pictures, and memories of automobiles and other vehicles, space-oriented science fiction, as well as the actual space program – still almost exclusively male domains.

²⁰ “These spontaneous drawings, as we have already said, have a strong narrative flavor-often serving to tell a story or at least a part of a story”.

²¹ “Showing lots of extreme action is basically a cultural phenomenon, wherein images from the culture provide the models”.

Segundo Wilson & Wilson, mesmo os quadrinhos de super-heroínas são feitos por e para meninos. Ao consumir quadrinhos, os meninos acabam influenciados pelos mesmos no momento de desenhar, e seus desenhos apresentam mais detalhes e dinamismo que os desenhos das meninas.

Os modelos de narrativa gráfica cultural, tais como revistas em quadrinhos – mesmo aquelas com mulheres no papel de super-heroínas – são direcionados, consumidos e finalmente modelados por meninos. Em outras palavras, parece-nos que as narrativas para meninos, altamente estimulantes, repletas de ações e grafismos incentivam mais meninos do que meninas a produzir desenhos. Foi notado por Brian Sutton-Smith que histórias contadas por meninos também estão sujeitas a sofrer mais influências da televisão do que as histórias contadas por meninas. Como meninos são mais influenciados pela mídia, as realidades que eles reinventam são com frequência mais detalhadas, complexas e dinâmicas do que aquelas das meninas²² (WILSON; WILSON, 1982, p. 163, tradução nossa).

Por outro lado, sabemos que existem personagens direcionadas exclusivamente às meninas, como *Barbie*, *Hello Kitty*, *Mel*, etc. Esses desenhos podem ser encontrados na televisão, nas capas de caderno, mochilas, adesivos, embalagens de alimentos, produtos de higiene, enfim, produtos diversos consumidos pelas crianças. Em recente visita (fevereiro 2008) a um shopping-center na cidade de Curitiba, encontramos duas atrações distintas para o divertimento das crianças: 1) para os meninos, um espaço com várias pistas de carrinho *Hot Wheels* e 2) para meninas, uma tenda da *Barbie* onde as meninas podiam se maquiar, colocar acessórios e desfilar. Outro exemplo é encontrado na rede de lanchonetes *Mac Donalds*, que geralmente oferece um brinde para os meninos e outro para as meninas, deixando essa separação bem clara nas suas propagandas televisivas.

Nesta seção procuramos mostrar as pesquisas feitas em torno dos temas do desenho infantil, a partir das considerações de Duncum e outros autores. Em síntese, para Duncum, meninos e meninas desenhavam coisas diferentes porque as crianças procuram se adequar ao estereótipo social relativo ao seu sexo. Segundo o autor, os temas dos desenhos infantis refletem as preocupações da média infância: competência, regras e relações sociais. Em

²² The cultural graphic narrative models such as comic books, however- even with female superheroes-are directed toward, consumed, and finally modeled by boys. In other words, it seems to us that male-oriented, highly stimulating, action-filled graphic narratives encourage more boys than girls to produce drawings. It has been noted by Brian Sutton-Smith that boy's verbal stories, as well, are subject to more influence from television than are girl stories. Because boys are more influenced by the media, the realities that they reinvent are often richer, more complex, and more dynamic than are those of girls.

nossa opinião, além desses fatores, pensamos que um tema pode ser escolhido pela sua facilidade de execução, por hábito ou automatismo, por influência de uma imagem, por alguma circunstância externa. O que leva a criança a desenhar determinada coisa é o que Luquet (1969) procura responder ao tratar da intenção nos desenhos infantis.

A intenção segundo Luquet

Segundo Luquet, ao se pôr a desenhar determinada coisa, a criança tem uma intenção. Para este autor, existem três fatores principais que podem provocar a intenção de um desenho: circunstâncias exteriores, associação de idéias e automatismo gráfico. É necessário sublinhar que esses três fatores não ocorrem de forma estritamente isolada, eles podem ocorrer simultaneamente.

1) Circunstâncias exteriores

Como circunstâncias exteriores, Luquet inicialmente pensa nas imagens que a criança vê, que denomina objetos sugestivos. Segundo o autor “esses objetos podem ser de duas espécies: objetos propriamente ditos e motivos, ou modelos, quer dizer, desenhos já executados anteriormente, quer pela própria criança quer por outras pessoas, vistos em álbuns, livros ou catálogos” (LUQUET, 1969, p. 24). As crianças podem desenhar a partir da percepção de algum objeto real, inspiradas por circunstâncias imediatas ou acontecidas há pouco. Luquet cita o exemplo da menina que desenha cavalos porque acabou de vê-los na rua, desenha selos após divertir-se vendo um álbum de selos, desenha um homem fazendo bolhas de sabão após o irmão ter sugerido a ela brincar com bolhas de sabão. Com a proximidade das férias, a criança desenha paisagens, praia, mar. Ao fim do mês de dezembro as crianças desenhavam Papai Noel (LUQUET, 1969). Esta relação foi presenciada nesta pesquisa. Quando estávamos próximos de datas comemorativas, algumas crianças desenhavam temas relacionados às festas. Nos desenhos das crianças surgiram referências à Páscoa, Dia do Índio, Dia dos Namorados e Dia do Exército.

Segundo Luquet, as crianças freqüentemente reproduzem os motivos feitos pelos seus pais, irmãos ou colegas. A intenção, portanto, pode ser provocada por objetos reais ou por desenhos. Luquet afirma: "parece-nos arbitrário dar a um ou outro um papel preponderante" (LUQUET, 1969, p. 27). O autor critica a suposição de que desenhar a partir de um desenho é mais fácil já que a transposição do tri para o bidimensional está feita. Segundo o autor, isso é uma preocupação do adulto e não da criança, pois a criança não se preocupa com a perspectiva:

A criança, tanto nos desenhos copiados e inspirados na natureza como nos desenhos de memória, não se preocupa com a perspectiva, que substitui por um outro modo de representação: a mudança do ponto de vista. É portanto um erro dar-lhe, por uma concepção de adulto estranha à mentalidade infantil, a intenção de utilizar os desenhos dos outros como modelos no sentido completo da palavra, quer dizer, não encontrar neles simplesmente uma fonte de inspiração, mas para facilitar a execução do desenho, o seu modo de representação gráfica dos objectos reais (LUQUET, 1969, p. 28).

Para Luquet, a atitude de copiar desenhos de adultos ou de pessoas mais velhas é apenas como uma fonte de inspiração ou ainda algo feito para se igualar aos mais velhos, e não ocorre pela facilidade de execução. Porém, ao afirmar que a criança não se preocupa com a perspectiva, fica evidente que o autor refere-se ao estágio do Realismo Intelectual, pois no Realismo Visual a perspectiva já é uma preocupação da criança. No caso das crianças da presente pesquisa, acreditamos que elas estão ingressando em um modo de desenhar onde a preocupação com a perspectiva é crescente e, neste caso, o desenho pode sim ser escolhido pela sua facilidade de execução, como sustentaremos adiante com base nas pesquisas de B. e M. Wilson sobre as fontes de imagens nos desenhos infantis.

2) Associação de idéias

Na associação de idéias um desenho lembra outro, por exemplo, um cavalo lembra um chicote, o desenho da mamãe lembra o do papai, o desenho do rio lembra os peixes, e assim por diante. A analogia pode ocorrer também pela forma do desenho, neste caso os temas não têm exatamente ligação, mas a forma é semelhante, o que Luquet denomina analogia morfológica. Por exemplo, o desenho de um cachimbo associa-se ao de uma bota, o número 8 associa-se a uma bobina, e assim por diante.

3) Automatismo gráfico

O terceiro fator da intenção é o automatismo gráfico, que ocorre quando "o desenho evocador é reproduzido maquinalmente em vários exemplares" (LUQUET, 1969, p. 32). O automatismo gráfico pode ser imediato ou contínuo. Como automatismo imediato o autor cita exemplos de crianças de 3 anos, como o menino que passa uma hora e meia desenhando linhas onduladas, ou a menina que preenche várias folhas com pequenos círculos. Já o automatismo contínuo consiste em repetir o mesmo desenho com algum tempo de intervalo, como a menina que passa um tempo desenhando casas, depois dedica-se a outros motivos e após três meses volta a desenhar uma casa.

Poderíamos situar os esquemas gráficos como desenhos que decorrem de um automatismo gráfico, e que, como veremos no próximo capítulo, são ocasionados pela memória de procedimentos (memória motora) mais do que pela memória visual.

1.4 O DESENHO INFANTIL DOS 8 AOS 10 ANOS

Os desenhos infantis na faixa etária de 8 a 10 anos sofrem uma mudança significativa tornando-se mais detalhados e elaborados e sem a espontaneidade vista anteriormente. É comum a criança apresentar hesitação, apagar várias vezes o desenho, pedir para usar régua. Ao final deste período, a partir dos 10 anos, a criança pode até perder o interesse pelo desenho e preferir outras atividades, alegando que não sabe mais desenhar. É o "período de crise" do desenho infantil, que divide opiniões sobre como proceder e sobre sua origem (LUQUET, 1927/1969; VIGOTSKI 1930/2003; COX, 1995; IAVELBERG, 2006).

Durante a coleta de desenhos para esta pesquisa, na escola de Curitiba, pudemos observar uma experiência típica desse período. Um aluno de 10 anos queria fazer o símbolo de seu time de futebol e disse que precisava de algo para fazer um círculo. Começamos a procurar pela sala algo que lhe pudesse servir de molde, achando apenas uma garrafa PET de refrigerante cortada, em cima da mesa da professora. O menino tentou contornar, mas como o plástico não oferecia resistência suficiente, o círculo não ficou perfeito. Na entrevista, o

aluno apontou este desenho como o que menos gostou dentre todos os que havia feito dizendo: “*eu não usei uma régua, daí ficou feio*”.

Com o intuito de refletir sobre o ocorrido, recorreremos à psicologia partindo das contribuições de Helen Bee e Erik Erikson em seus estudos sobre os aspectos físicos, mentais e sociais da criança. Posteriormente, abordamos o desenho infantil numa perspectiva cultural a partir de autores como Brent Wilson e Rosa Iavelberg. Então abordamos o “*período de crise*”, que é citado desde o século XIX, quando iniciaram-se os estudos do desenho infantil. Autores como Luquet (1927), Vygotsky (1930) e mais recentemente Maureen Cox (1995) e Iavelberg (2006) posicionam-se pedagogicamente em relação a ele. Finalmente, retomamos alguns pontos procurando compreender como os aspectos não apenas mentais, mas também culturais são determinantes do desenho infantil nesse período.

1.4.1 A criança de 8 a 10 anos e seu desenho

Segundo Helen Bee (1984), dos 6 aos 12 anos a criança tem um crescimento lento se comparado com o primeiro ano de vida ou com a puberdade. A coordenação motora continua a aprimorar-se, e, em torno dos 7 anos, é alcançada a acuidade visual e auditiva que proporciona à criança a capacidade de focalizar sua atenção. Com esta idade, a criança já é capaz de realizar algumas operações mais abstratas e seu raciocínio torna-se cada vez mais lógico. Consegue fixar a atenção por um tempo maior que no período anterior.

Neste período a tônica é a socialização e as crianças formam grupos divididos conforme o sexo. “Também estabelecem-se lideranças e a popularidade torna-se importante neste período (e são difíceis de mudar posteriormente), bem como a aprendizagem do papel sexual” (BEE, 1984, p. 393).

Dentro das “oito idades do homem”, Erik Erikson denomina esta fase de “*indústria versus inferioridade*”. Erikson não apresenta claramente a faixa etária deste período, mas Helen Bee, ao comentar o trabalho de Erikson, situa este momento entre os 6 e 12 anos. Esta fase é marcada pelo ingresso na vida escolar. “Nesta etapa, as crianças de todas as culturas recebem alguma instrução sistemática” (ERICKSON, 1976, p. 238). Em algumas culturas a

criança vai à escola, em outras, aprende conhecimentos com as pessoas mais velhas. A criança, mesmo com uma grande imaginação, começa a se subordinar a regras e leis. O termo “indústria”, que outros livros traduzem como “diligência” (HALL, 2000) ou “produtividade” (BEE, 1984) indica que a criança agora ingressa num modo de vida técnico. “Ela está pronta e disposta a conhecer e a usar os instrumentos, as máquinas e os métodos preparatórios para o trabalho adulto” (HALL, p. 172). Segundo Erikson, a criança:

Desenvolve um sentido de indústria, isto é, ajusta-se às leis inorgânicas do mundo das ferramentas. Pode –se tornar uma unidade viva e integrada de uma unidade produtiva (...) O princípio de trabalho (Ives Hendrik) lhe ensina o prazer da completação do trabalho com atenção fixa e empenho perseverante (ERICKSON, 1976, p. 238).

Neste período a criança socializa-se com seus pares, pois a indústria pressupõe um trabalho coletivo. Surge um primeiro juízo a respeito da divisão de trabalho. É a fase do grupo, dividido entre meninos e meninas. O principal conflito desta fase diz respeito a sentir-se inferior, a sentir-se fora do grupo. Considerando-se que esta é a idade em que as crianças vivem a experiência do grupo, o desenho também reflete essas preocupações. Desta forma, as crianças gostam de sentar juntas para desenhar e observar como cada uma desenha, fazendo comentários sobre quem ‘desenha bem’ e procurando aprender formas de desenhar.

Uma característica dos desenhos desta fase é que são orientados por uma linha de base, geralmente a própria base da folha de papel. O espaço agora é visto como espaço realista, fotográfico, orientado por ‘cima’ e ‘baixo’, demonstrando o pensamento cada vez mais lógico da criança. Seu desenho já não tem tão presente a marca da espontaneidade vista nos momentos anteriores. Procura fazer um desenho bem elaborado e detalhado. Paulatinamente a criança passa a preocupar-se com proporções, cores fiéis à realidade e o uso da perspectiva, estranhando os recursos de rebatimento utilizados há pouco. As pessoas desenhadas agora aparecem vestidas e são diferenciadas sexualmente através da roupa e dos cabelos. Este é um período limite, que muitos autores localizam como o “bloqueio” para desenhar, pois a criança torna-se cada vez mais crítica em relação aos seus próprios desenhos.

Brent e Marjorie Wilson (1982) afirmam que, após os 8 - 9 anos, as crianças têm uma tendência maior a se apropriar das imagens à sua volta, procurando imitar ou copiar

desenhos. Este processo de aquisição de convenções artísticas é, segundo os autores, a base do desenvolvimento em arte.

Seguindo os momentos conceituais definidos por Iavelberg, encontramos geralmente a criança de 8 a 10 anos nos momentos “Imaginação” e “Apropriação”. O período “Imaginação” foi assim denominado porque, “nesse momento, ocorrem muitas imagens do universo simbólico da criança” (1995, p. 14). No momento “Imaginação” a criança pode desenhar coisas que existem e que não existem (bruxa, dragão, etc), mas já não confunde a realidade com a fantasia como no momento anterior. Na solução de problemas espaciais, a criança utiliza o rebatimento e a transparência. Já no momento da “Apropriação” os artifícios de desenho usados anteriormente não satisfazem mais a criança, que percebe a existência de outras soluções:

A criança descobre depois disso que pode deixar de desenhar partes dos objetos reais ou irreais para representá-los, porque percebe que essas formas de desenho existem em seu ambiente cultural e, com base em modelos de desenhos que observa, agora já é capaz de querer fazê-los (IAVELBERG, 2006, p. 66).

As casas, por exemplo, agora não têm mais as paredes “transparentes”, mas apenas a janela deixa entrever o interior. Esta é uma descoberta importante: os objetos desenhados podem ter algumas partes cobertas por outros objetos. É a aprendizagem da perspectiva, onde um plano se sobrepõe a outro, como neste detalhe de um desenho de Marcello (Curitiba), em que a nuvem cobre o sol. Interessante perceber, porém, que embora Marcello não tenha pintado a nuvem, ainda vemos o risco traçado da semi-circunferência do sol, um indicativo, talvez, desta fase de transição em que a criança deixa a transparência para descobrir os planos.



Marcello, 8 anos, escola urbana, Curitiba - PR.
Detalhe de desenho.

O termo “Apropriação” diz respeito ao fato de que os alunos percebem mais claramente o ambiente em que estão inseridos e querem se apropriar das formas de desenho existentes em seu convívio. “Tal intensidade do momento do desenho de apropriação revela um

aprendiz interessado nos modelos de desenho da cultura, copiando-os ativamente para “saber como se faz”, incorporando seus segredos à própria prática desenhista [...] “ (IAVELBERG, 2003, p. 97). As crianças percebem neste momento, que a sociedade valoriza um modo de desenhar e querem aprender a fazê-lo. Por esta razão, neste momento a intervenção do professor é muito importante.

Embora o fator cultural esteja presente desde cedo, nesse momento ele é mais marcante. Segundo Iavelberg, “a criança deste nível quer aprender e dominar o sistema de convenções dos desenhos com os quais convive em sua cultura [...]” (1995, p. 25). Por isso a criança procura copiar ou decalcar imagens de revistas em quadrinhos, das mídias, desenhos de moda. Nesta fase, costumam pedir ajuda aos amigos para desenhar coisas que não conseguem.

1.4.2 O período de transição e as implicações pedagógicas

A criança de tenra idade geralmente aprecia desenhar e sua produção gráfica é marcada por gestos largos e confiantes. Mas existe um momento em que os desenhos parecem nunca estar bons e a criança começa a afirmar que não sabe desenhar. A faixa etária em que isso ocorre varia de autor para autor, abrangendo desde os 8 até os 15 anos. Desta forma, os desenhos de adultos quase não se diferenciam dos desenhos das crianças dessa faixa etária, pois pararam de desenhar nesse período. Poucos são os que continuam a desenhar, geralmente aqueles que têm uma certa aptidão para o desenho.

O chamado período de crise ou do bloqueio para desenhar é bastante discutido, sempre mencionado pelos autores, gerando muitas divergências e dúvidas. Por que as crianças param de desenhar? Será este um fato natural ou criado pela sociedade? A hipótese mais difundida é a de que, nesta fase, a criança desenvolve um espírito crítico em relação aos seus desenhos por querer uma representação realista e não conseguir. Para Wilson e Wilson, os padrões maturacionais da criança e seus desejos pessoais, bem como sua cultura, ditam que ele desenhe de forma cada vez mais realista (1982, p. 77). Mas outras hipóteses também são aventadas. Segundo Vigotski (2003), muitos pesquisadores citam o

despertar sexual no qual as crianças mudam o foco de seus interesses. Já segundo Bideaud (2004), até os 8 - 9 anos o desenho inscreve-se na atividade lúdica, mas com a puberdade ele não tem mais esta significação.

Importa salientar que, na virada do século XIX para o XX, este crítico momento acontecia mais tarde (na adolescência) e ultimamente vem ocorrendo cada vez mais precocemente, sendo situado por vários autores por volta dos 8 aos 10 anos. Em 1896, quando Lukens publicou seus estudos sobre desenho infantil, identificou o momento em que a criança tornava-se mais crítica em relação à sua produção e perdia o interesse pelo desenho, situando-o entre os 10 e 15 anos de idade. Sir Cyril Burt estabeleceu, em 1922, sete etapas para o desenvolvimento do grafismo infantil e, dentre estas, o período da “repressão” por volta dos 13 anos de idade, o que era visto pelo autor como uma etapa natural do desenvolvimento (READ, 1963).

A forma como vemos este período de “crise” do desenho traz implicações pedagógicas: Como o professor deve proceder nesse momento? A criança deve ou não ser incentivada a desenhar? De que maneira?

Luquet (1969) localiza o desinteresse pelo desenho por volta dos 11 anos e meio, pelo mesmo motivo citado por Lukens. Luquet afirma que o desenho infantil propriamente dito desaparece nessa idade, pois agora a criança quer desenhar como o adulto. Escreve o autor:

O desinteresse da criança pelo desenho produz-se na idade em que chegou à concepção do realismo visual com a sua consequência fundamental – a perspectiva; os desenhos que executava anteriormente de acordo com o realismo intelectual já não satisfazem o seu espírito crítico desenvolvido, e sente-se incapaz de fazer desenhos como quereria fazer (LUQUET, 1969, p. 234).

Luquet sugere então, que neste momento em que a criança deseja “conformar os seus desenhos com a aparência visual” (1969, p. 235), que lhes sejam ensinadas as leis da perspectiva e do desenho de observação, com maior fidelidade à forma e proporção.

Vigotski denomina este momento como “período de transição”. Segundo o autor o desenho é uma atividade muito apreciada pelas crianças e que vai gradualmente sendo substituída pela linguagem escrita. A escola também enfatiza esse papel. “Nesses anos o desenho é ocupação predileta das crianças, mas ao começar a idade escolar, começa a decair sua

afeição por desenho e, em muitos, inclusive na maioria, desaparece por completo por não ser estimulada”²³ (VIGOTSKI, 2003, p. 53, tradução nossa).

Para Vigotski, os estímulos externos são importantes para a continuidade do hábito de desenhar na vida da criança. A maioria das crianças necessita desse estímulo para chegar a uma nova escala de desenho, a menos que possua ‘dotes extraordinários’ para tal.

Esse esfriamento das crianças perante o desenho vem, em essência, encobrir o passo do desenho a uma nova escala superior de desenvolvimento, que é acessível às crianças com estímulos externos favoráveis como, por exemplo, se recebem aulas de desenho na escola, se encontram em casa modelos artísticos, ou se possuem dotes extraordinários para este tipo de arte ²⁴ (VIGOTSKI, 2003, p. 94, tradução nossa).

Em relação ao período de transição, Vigotski pergunta:

Como se deve focar a criação artística no período de transição? É acaso uma rara exceção, seria conveniente estimulá-la, valorizá-la, cultivá-la nos adolescentes ou se deve considerar que este tipo de arte perece de morte natural na fronteira da idade de transição? ²⁵ (VIGOTSKI, 2003, p. 102/103, tradução nossa).

O autor conclui que o adolescente deve ter aulas de arte, mas pondera que aí instala-se um problema muito complexo: por um lado, o adolescente deve ser incentivado a criar, e por outro lado deve aprender as técnicas que serão o meio pelo qual ele expressará suas criações. Esta afirmação, nos dias de hoje, nada tem de espantosa ou complexa, mas deve-se pensar na época em que foi escrita. A Europa dos anos 30 do século passado estava embalada pelos ideais da “Escola Nova”, onde a criatividade e a espontaneidade rivalizavam com o aprendizado rigoroso da técnica.

Já Maureen Cox (1995), situa o momento da crise no desenho bem mais cedo, por volta dos 8 a 10 anos. “É aí que as crianças começam a ficar insatisfeitas com seu trabalho e

²³ En esos años el dibujo es ocupación predilecta de los niños, pero al comenzar la edad escolar, empieza a decaer su afición al dibujo y, en muchos, incluso en su mayoría, desaparece por completo de no ser estimulada.

²⁴ Este enfriamiento de los niños hacia el dibujo, viene en esencia a encubrir el paso del dibujo a un nuevo escalón superior de desarrollo, que es accesible a los niños con estímulos externos favorables como, por ejemplo, si reciben clases de dibujo en la escuela, si encuentran en la casa modelos artísticos, o si poseen dotes extraordinarias para este tipo de arte.

²⁵ ¿Cómo se debe focar la creación artística es el período de transición? ¿Es acaso una rara excepción, convendría estimularla, valorizarla, cultivarla en los adolescentes o se debe considerar que este tipo de arte perece de muerte natural en la frontera de la edad de transición?

substituem suas antigas tentativas ousadas e mais cheias de confiança por desenhos um tanto detalhados e meticulosos” (COX, 1995, p. 238). Nesta fase, as crianças usam bastante a régua e a borracha, toda a espontaneidade vista nos anos anteriores é substituída por um desenho detalhado e preocupado em parecer-se com a realidade visual.

Segundo Cox, o desenhar em estilo realista não é uma etapa natural do desenvolvimento gráfico, caso contrário todos desenhariam desta forma, mas algo que se conquista através da prática e do domínio de determinadas técnicas. Para a autora, o desenho deveria ser ensinado nesse período, já que “na falta de ensino específico de desenho algumas crianças mais velhas aumentam seu repertório de esquemas adotando o estilo de cartum, com freqüência copiando de revistas em quadrinhos ou de figuras de desenho animado” (COX, 1995, p. 10). Tal afirmação demonstra a busca de modelos de desenho existente nesse período dos 8 a 10 anos.

As pesquisas do Harvard Projeto Zero situam a idade dos 8 -11 anos como um período de estagnação do desenho infantil, onde não há desenvolvimento. De acordo com os pesquisadores, a criança pequena (5 anos) possui habilidade de construir significado com símbolos gráficos. Tais habilidades são perdidas posteriormente, o que os levou a denominar os 5 anos como “a idade de ouro da criatividade”. Chega-se então a um gráfico ou curva em forma de U, no qual a criança de 5 anos encontra-se no topo desse U. Na sua base encontramos a criança de 8 - 11 anos juntamente com os adolescentes e adultos não artistas. A pessoa pode superar esse período e continuar a desenvolver-se, tornando-se um artista, ou continuar um adulto no período de estabilidade, neste caso o U transforma-se em um L.

Segundo Davis (1997), pesquisadora do Projeto Zero, existe um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que a produção artística da criança está decaindo, a sua percepção estética esta aumentando. Este fenômeno, porém, é “mais explanatório do que discrepante”²⁶ (DAVIS, 1997, p. 51), já que a consciência do potencial estético faz com que a criança se desaponte com seu próprio trabalho.

A pesquisa realizada por Davis compara adultos, adolescentes e crianças. Tal pesquisa envolveu crianças de 5, 8 e 11 anos, adolescentes que se consideravam artistas, adolescentes que não se consideravam artistas, adultos não artistas e artistas profissionais.

²⁶ [...] more explanatory than discrepant.

Todos foram solicitados a desenhar, da forma que quisessem, as seguintes emoções: alegria, tristeza e raiva. Os desenhos foram classificados de acordo com critérios estéticos, tais como: expressão, balanço / equilíbrio, uso da linha e composição, e ainda se a emoção alvo foi expressa. Ao final, Davis localiza a criança de 5 anos e os artistas profissionais no mesmo patamar, enquanto os outros estão abaixo.

A curva em forma de U tem sido criticada (PARISER, 1997; WILSON, 1997b; KINDLER et al, 2003) por ser produto de um olhar modernista, o olhar do pesquisador que vê no desenho da criança de 5 anos características como expressão, composição e emoção equivalentes ao de um adulto artista. A própria solicitação da pesquisadora é condicionante do resultado do teste. Sem dúvida, em termos de emoção, o desenho da criança de 5 anos é mais comunicativo que das crianças maiores ou dos adolescentes e adultos não artistas. Se a solicitação do desenho, porém, fosse outra, tal como o desenho de um objeto, por exemplo, os critérios de julgamento e o resultado também seriam outros. Wilson (1997b) mostra que, com o passar do tempo, os desenhos das crianças podem perder um pouco da habilidade relacionada à expressão de emoção, mas ganhar outras habilidades como, por exemplo, representação do espaço e capacidade de desenhar figura humana em ação. A pesquisa de Kindler et al (2003) mostra que a maioria dos entrevistados privilegia um estilo de arte tradicional / naturalista. Neste caso certamente os desenhos de uma criança de 5 anos não estariam no topo do ranking.

Davis (1997) afirma que, para os pesquisadores do Projeto Zero, entre os 8 e 11 anos a plenitude do desenho infantil está no declínio. Acreditamos que essa afirmação deve ser relativizada, já que depende do ponto de vista do qual este fato está sendo observado. Como afirma Parsons: “se nós olharmos para a arte da criança pequena com critérios modernistas, ou seja, critérios expressivos e formais, nós acharemos que elas fazem razoavelmente bem” (PARSONS, 1998). Em nossa opinião, é necessário ver o período dos 8 -11 anos como um novo modo de desenhar, não como um declínio, mas como uma mudança, tal como propõe Rosa Iavelberg, pesquisadora brasileira. Para esta autora, o período de crise necessita ser visto por outro ângulo, ser ressignificado. Não existe exatamente um bloqueio para desenhar, existe sim a necessidade de instrumentalizar a criança em seu desenho nesse período, o que não vêm ocorrendo devido à crença modernista de que a criança deve criar espontaneamente (IAVELBERG, 2006b). Portanto, não existe um período de crise do

desenho, o que existe são crianças que querem aprender a desenhar e escolas que não querem ou não sabem como ensinar.

A falta de orientação didática adequada é que gera o bloqueio e não a influência da estética adulta, como se acreditava na escola renovada. Muitos alunos nesse momento afirmam que não sabem desenhar, os professores costumam acreditar que estão bloqueados por insegurança ou submissão a padrões adultos. Mas o aluno está querendo nos dizer: eu não sei desenhar e gostaria que alguém me ensinasse. Resta saber se sabemos orientá-lo nessa tarefa (IAVELBERG, 2006 a, p. 67).

Vigotsky sugere o ensino de técnicas de desenho e pintura para que o adolescente possa criar, e também para Luquet e para Cox o desenho deve ser ensinado. Importante salientar que o estilo de desenho proposto pelos dois últimos autores é o realista²⁷, tradicional, que inclui o uso da perspectiva. Já Iavelberg propõe exercícios de descondicionamento das idéias tradicionais de desenho, já que, em sua opinião, “a busca de representação realista muitas vezes é um fator inibidor que precisa ser relaxado nas propostas de desenho” (2006a, p. 71). Sugere estudar a história do desenho, conhecer desenhos de diferentes épocas e diferentes culturas, e o desenho na contemporaneidade.

Em nossa opinião, tanto práticas realistas quanto outras propostas podem ser incentivadas. Acreditamos no ensino do desenho de observação, entretanto esta prática, nos dias atuais, não deve estar carregada do rigor renascentista. Em paralelo a isto, as crianças devem também conhecer outros modelos de desenho. A perspectiva com ponto de fuga não é um fenômeno universal (GEERTZ, 1997), assim como o desenho realista também não o é. A arte moderna e a arte “primitiva”²⁸ trazem outras possibilidades. E na arte contemporânea o desenho expande-se mais ainda, ocupando inclusive o espaço tridimensional. O desenho contemporâneo, porém, pode também abrigar a técnica realista, que surge ressignificada pelo novo contexto.

Neste momento a criança poderia experimentar o desenho de observação, como um exercício de transposição do tridimensional para o bidimensional. Compreender a perspectiva uma vez que este é seu desejo, tendo clareza, porém, do fato de que o desenho

²⁷ Utiliza-se aqui o termo “realista” como é entendido para Cox e Iavelberg, para Luquet o termo seria coincidente com “realismo visual”. Entende-se por realista o desenho que busca a semelhança fotográfica com a realidade através do uso da perspectiva, luz e sombra, e ponto de vista único.

²⁸ Na falta de um termo mais apropriado, utilizamos a palavra primitiva entre aspas, já que o termo hoje não é mais utilizado por pressupor uma desqualificação destas culturas.

realista é o estilo usual das sociedades ocidentais (COX, 1995), mas não o único possível. Portanto, é importante explorar diversas formas de desenhar.

A insatisfação da criança com seu desenho é visível, mas o chamado “período de crise” deve ser relativizado. Observando sob um aspecto positivo, esta não é a época do “eu não sei desenhar”, mas do “eu quero aprender a desenhar”. Este é um período em que a criança está bastante interessada em aprender a desenhar. Algumas crianças buscam ativamente desenvolver seus desenhos e para isso pedem ajuda aos colegas, copiam desenhos de gibis, repetem exaustivamente um mesmo desenho, modificando-o até chegar a um resultado satisfatório.

Nas interações entre as crianças, observamos que a tentativa de aprender com o colega ocorre de várias formas: 1) a criança copia o desenho do colega, 2) a criança pede ao colega que a ensine, ou 3) a criança pede que o colega faça uma parte do seu desenho. Neste período, a criança busca também se apropriar dos modelos visuais existentes em seu ambiente, e copia desenhos de gibis, da televisão, das paredes da sala de aula, do livro didático, do estojo, da mochila, da camiseta, etc. Enfim, a criança está buscando modelos, está buscando o que Wilson (1982) chama de aquisição de convenções artísticas.

Este período não deve ser visto como algo negativo, como estagnação ou declínio. Ele pode ser encarado como um novo modo de desenhar, como uma mudança extremamente fértil do ponto de vista do desejo do aluno em aprender a desenhar. Esse aprendizado pode ocorrer através da intervenção de um professor, dos pais, ou mesmo de alguém mais experiente do seu próprio grupo.

CAPÍTULO 2

AS IMAGENS DO COTIDIANO EM DIÁLOGO COM O DESENHO INFANTIL

Neste capítulo procuramos refletir sobre como o desenho da criança dialoga com as imagens existentes ao seu redor. Por imagem entendemos não apenas as figuras bidimensionais, mas também os objetos físicos, ou seja, tudo o que é visível e está aberto à nossa percepção: imagens veiculadas na mídia, desenhos feitos por familiares e colegas, elementos visuais da paisagem habitada. Entretanto, dedicamos maior atenção às imagens bidimensionais por entender que elas desempenham um papel mais incisivo no processo de desenhar da criança.

O capítulo desenvolve-se em quatro seções. Inicialmente, trazemos o conceito de fonte de imagem de Brent e Marjorie Wilson, delineado no artigo *Uma visão iconoclasta das fontes de imagem nos desenhos de crianças*, escrito originalmente em 1974 e publicado no Brasil em 1997. Utilizamos esse artigo extensamente por entender que as proposições ali colocadas são essenciais para o nosso trabalho. Os autores mostram como o desenho da criança pode ter origem em uma fonte gráfica previamente existente (desenho de colega, imagens tomadas de quadrinhos, etc.) e como, a partir dos 8 - 9 anos, a criança deseja adquirir certas convenções artísticas para desenhar de forma mais realista.

Logo depois procuramos discutir o ato de desenhar como um complexo que envolve percepção, memória visual e memória procedural. Diferentes desenhos utilizam diferentes tipos de memória, por exemplo, desenhar um esquema gráfico automatizado é processo diverso de desenhar procurando lembrar características de um objeto. Já nesta seção, observamos que o desenho infantil pode dar-se a partir do mundo físico, de imagens concretas de objetos tridimensionais, ou partir de ilustrações bidimensionais.

Posteriormente abordamos a paisagem urbana e a paisagem rural. Inicialmente traçamos um breve histórico da relação entre o meio urbano e meio rural no Brasil, definimos o conceito de paisagem, para então destacar o aspecto físico da paisagem - o que se vê, já que uma paisagem urbana tem informação visual bastante diferente de uma paisagem rural. É importante destacar ainda que as fontes de imagens encontradas em cada ambiente não são exatamente as mesmas.

Ao final deste capítulo tratamos da interação, apropriação e cópia no desenho infantil, definindo cada um destes conceitos. Ao desenhar, a criança pode interagir com algo ou alguém: com outra pessoa, com um livro ou gibi, com a televisão, com a decoração da sala, por exemplo. Quando interage, é comum que a criança copie ou se aproprie (copie fazendo modificações) de algumas imagens observadas. Em síntese, neste segundo capítulo estamos buscando compreender como a criança apreende as imagens à sua volta e as transpõem para seus desenhos.

2.1 FONTES DE IMAGENS DOS DESENHOS INFANTIS

Brent e Marjorie Wilson iniciaram, na década de 70, pesquisas voltadas para influências culturais no desenvolvimento artístico das crianças. O interesse dos autores pela relação entre desenho infantil e cultura levou-os a pesquisar o desenho de crianças americanas e egípcias, entre outros estudos comparativos de crianças de diferentes nacionalidades.

Em *Uma visão iconoclasta das fontes de imagem nos desenhos de crianças*, os autores mostram a influência de fontes externas nos desenhos infantis e o papel da imitação na aprendizagem do desenho. Os autores iniciam o artigo com uma observação sobre o ensino da arte e a crença de que a criança é criativa por natureza, basta deixar aflorar suas potencialidades sem interferência adulta. É o momento da livre expressão, de romper com os padrões acadêmicos e da rigidez da cópia de desenhos propostos por professores. Tal crença influenciou o ensino da arte por longo período. Mas "todos nós, inclusive as crianças, sofremos influências externas, fazendo imitações quando desenhamos" (WILSON e WILSON, 1997, p. 58).

Segundo os autores, "a arte²⁹ da criança de dois a oito anos realmente parece ser espontânea, florescendo de fontes interiores de criatividade e contendo símbolos universais" (WILSON e WILSON, 1997, p. 58). A partir dos oito ou nove anos a criança inicia o processo de aquisição de convenções artísticas, processo este muito importante porque permanece por toda a vida.

Durante vários anos, Wilson e Wilson observaram que "as crianças mais bem dotadas e produtivas em arte desenhavam primariamente a partir de imagens derivadas das *médias* populares e de ilustrações - este empréstimo e o trabalho em cima de imagens preexistentes em alguns casos começou antes dos seis anos" (WILSON e WILSON, 1997, p. 59). Os autores observaram que as crianças que trabalhavam a partir dessas fontes tinham habilidade de construir idéias visuais, e trabalhar com esboço, perspectiva e ação nos desenhos. Então, os autores passaram a observar como o desenho é influenciado por fontes externas, qual o papel da imitação na aprendizagem do desenho e como as crianças adotam, desenvolvem e modificam as imagens.

De acordo com Dale Harris (1963) e Arnheim (1974), citados por Wilson e Wilson (1997, p. 59), os desenhos são representações da realidade. Ao desenhar, as pessoas transformam suas percepções dos objetos reais numa configuração bidimensional. Nessas teorias o desenho é visto como representação de objetos reais. Para Wilson e Wilson, o verdadeiro processo de desenhar não ocorre dessa forma. Segundo os autores, o desenho não é uma representação, mas um signo. Wilson e Wilson utilizam o conceito de categorias de signos de Morse Peckam, segundo o qual uma nuvem, por exemplo, é um signo natural enquanto o desenho de nuvem e a palavra "nuvem" são signos artificiais. Já os desenhos de objetos seriam signos configuracionais. O signo natural, a nuvem, precede o signo artificial ou a palavra "nuvem". Porém, no processo de aprendizagem da palavra nuvem, não se estabelece uma relação direta com a nuvem em si. A criança aprende a falar a palavra nuvem ouvindo o som da palavra dita por outras pessoas, provavelmente ao mesmo tempo em que se aponta para uma nuvem.

Aprender a fazer signos configuracionais é um processo semelhante ao aprendizado de signos verbais. Wilson e Wilson apresentam sua concepção de aprendizado de desenho, em

²⁹ Esta é uma tradução do termo inglês "Child Art". Embora nesta pesquisa tratemos o desenho infantil como uma linguagem e não necessariamente como arte, mantemos aqui o termo utilizado pelos autores.

nossa opinião um tanto radical: para os autores a criança aprende a fazer signos configuracionais através da observação deste comportamento em outras pessoas e não há relação entre o desenho e o objeto real. "Não será por meio de nenhum tipo de exame das nuvens que a pessoa aprenderá a desenhá-las" (WILSON e WILSON, 1997, p. 61). Aqui neste trabalho sustentamos que, embora esse comportamento pareça ser menos usual, o desenho pode ser uma representação de um objeto real. Por exemplo, Gabriel às vezes observa seus brinquedos para desenhar: "*Quando eu tento desenhar perfeito, eu olho. Eu pego meus carrinhos [...] Vou copiando o que eu acho mais bonito, eu pego, cada dia eu tento copiar um [...] Tenho uns cinqüenta, tudo da Hot Wheels, daqueles pequenininhos*" (Gabriel, 10 anos, Curitiba, PR).

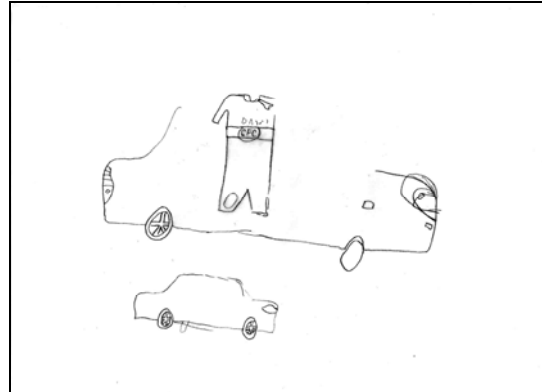
Posteriormente os autores consideram o ato de desenhar como um programa. A mente é concebida como um programador enquanto o cérebro seria um computador. A mente contém informações sobre como um determinado desenho deve parecer. Ao executar um programa de desenho, a mente-programadora envia sinais para o cérebro-computador ordenando que algo seja desenhado. Neste momento, a configuração da figura a ser desenhada é lembrada e então transposta para o papel, enquanto "um comparador registra as discrepâncias entre as formas delineadas e a configuração recordada" (WILSON e WILSON, 1997, p. 63). Se o desenho surge de uma forma diferente daquela idealizada mentalmente, a pessoa sente que errou o desenho. Ao errar pode-se tentar corrigir, de forma a deixar o desenho o mais próximo possível da configuração lembrada. Quando o erro é percebido de forma drástica, o programa pode ser abortado por inteiro, ou pode-se iniciar uma nova tentativa. Este fato foi observado na presente pesquisa. Durante a coleta de desenhos notamos como algumas crianças apagavam e tentavam reconstruir o desenho.

No desenho de Gabriel percebemos que diversos programas foram abortados por completo: dois carros e um uniforme. Por fim ele desenha o símbolo de um time de futebol, ainda assim a estrela possui um traçado vacilante, composto de linhas tracejadas, trêmulas, o que demonstra indecisão no momento de desenhar. No momento da entrevista o garoto tem dificuldade para se lembrar deste desenho. Por fim observa-o e declara "*eu ia fazer um carrinho, mas não deu... tentei um uniforme do Coxa mas não deu também...*" Segundo Wilson e Wilson, "os programas que são "mal instalados" caracterizam-se por memórias vagas de configurações gráficas, vacilando entre movimentos e transições, poucas

seqüências estabelecidas com as quais flui e ainda indecisão em cada ponto que exige decisão" (WILSON e WILSON, 1997, p. 69).

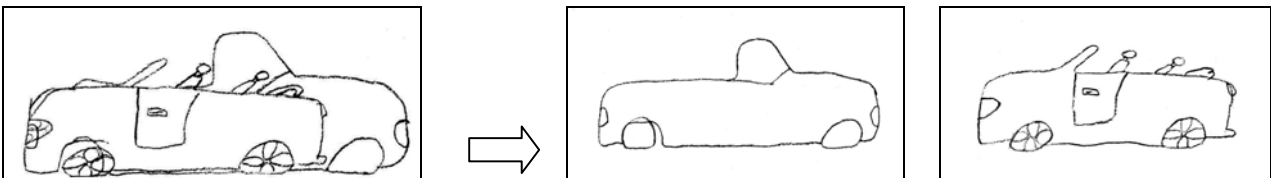


Gabriel, 10 anos, Curitiba.



Reconstituição das figuras apagadas no desenho.

Já no desenho de Raul, a reconstituição da figura apagada mostra que o menino procurou insistir na utilização do programa de desenhar carro, fazendo modificações na estrutura do desenho. O corpo do carro foi utilizado para desenhar uma caminhonete e também um conversível. Mesmo após tentar modificar o desenho por duas vezes, o garoto acabou abortando o programa por completo e iniciou outro desenho, no qual se inspirou em uma fotografia de um livro didático.



Raul, 8 anos, Curitiba. A reconstituição desta figura apagada mostra que o menino tentou modificar o carro por duas vezes.

Com base nas proposições colocadas anteriormente, Wilson e Wilson fizeram uma pesquisa com 147 estudantes de Ensino Fundamental e Médio. Inicialmente os alunos foram entrevistados sobre seus desenhos de infância, e alguns desses desenhos foram analisados. Posteriormente os pesquisadores solicitaram às crianças para desenhar diversas coisas de memória: pessoas, animais, móveis, máquinas, plantas, etc. Após terem feito os desenhos, os pesquisadores procuravam conversar, saber a opinião do estudante sobre seu desenho,

se o desenho havia sido inventado por ele, se era cópia de algo, se alguém havia ensinado, entre outras perguntas. Após a realização dessa pesquisa os autores chegaram a algumas considerações. A primeira refere-se ao fato de que as imagens desenhadas foram, em sua maioria, tomadas de outras fontes, e não criadas pela criança. Desta forma, os autores buscaram seguir a imagem até sua origem e chegaram a “uma fonte gráfica previamente existente” (WILSON e WILSON, 1997, p. 64). As fontes eram bastante diversificadas, como desenhos feitos por colegas e familiares, ilustrações, fotografias, imagens da televisão, mas não imagens derivadas da Arte.

Essas fontes eram, entretanto, extremamente variáveis. Elas variavam de imagens tomadas de desenhos que tinham sido feitos pelos pais, irmãos mais velhos, colegas, até imagens dos meios de comunicação populares, especialmente revistas em quadrinhos e televisão, mas também ilustrações e fotografias. Foi surpreendente o fato de que as Belas Artes representassem um papel mínimo; só ocasionalmente essas imagens tiveram como fonte as representações das Belas Artes e mesmo assim apenas aquelas dos livros do tipo “Como desenhar” (WILSON e WILSON, 1997, p. 64).

Os autores observaram que a criança pode aprender a desenhar com outras crianças, como irmãos mais velhos, por exemplo. Desta forma o desenho é transmitido por gerações. Os irmãos ensinam não apenas *o quê*, mas também *como* desenhar. Os autores mostram que toda e qualquer imagem pode servir de base para o desenho, tornando-se assim uma fonte de imagem. A pergunta que se segue é: por que as crianças utilizam estas imagens ao invés de criarem as suas próprias? “Pensamos que a resposta reside na natureza da percepção e no fato de que os programas que usamos para as tarefas diárias de viver no mundo não são facilmente convertidos em programas para a produção de desenhos” (WILSON e WILSON, 1997, p. 65). As percepções diárias nos fornecem imagens vagas, complexas, tridimensionais e em movimento:

O que conhecemos sobre a figura humana, por exemplo, vem da nossa atual percepção da figura humana junto com, literalmente, milhões de percepções anteriores desta figura captadas em inúmeras posições [...] e em formas incontáveis [...]. Está obviamente acima de nossas habilidades de memória a recordação de todas as nossas lembranças a respeito da figura humana, e nem estas lembranças são muito específicas. Frequentemente elas são meramente generalizadas [...] (WILSON e WILSON, 1997, p. 65/66).

Por isso, segundo os autores, crianças e adultos preferem copiar um desenho já feito, neste caso a transposição do tridimensional para o bidimensional já foi feita. Além disso, a imagem é estática, imobilizada em uma única posição. “São estas características que garantem uma

rememoração mais fácil da percepção de configurações gráficas do que aquela possibilitada pela percepção de objetos reais" (WILSON e WILSON, 1997, p. 66). Portanto, desenhar a partir de uma imagem bidimensional exige um esforço mental muito menor do que partir da percepção de objetos reais, por isso, no momento de desenhar, evoca-se uma configuração mental gráfica já armazenada: "[...] configurações estas que exigem pouca transformação mental adicional antes de serem colocadas como desenhos" (WILSON e WILSON, 1997, p. 66).

A segunda observação dos autores questiona a suposição de que, ao realizar um desenho de observação, a pessoa se baseia na percepção atual que tem do objeto e não em suas lembranças mentais do mesmo. Para os autores, ainda nesse caso, baseamos-nos em um programa de desenho, o que fazemos são pequenas modificações nesse programa:

O que observamos foi que quando os indivíduos desenharam a partir de objetos reais, primeiro eles pareciam selecionar uma configuração geral aceitável, tirada de seu repertório - se eles de fato tinham mais de uma configuração disponível. Esta configuração geral então, parecia ser mentalmente alterada antes de qualquer linha ser desenhada, adicionando, com efeito, à configuração geral, algo da informação específica observada através do estudo do modelo (WILSON e WILSON, 1997, p. 67).

Os autores observaram ainda que os estudantes tinham um número pequeno de configurações mentais disponíveis e para suprir esta carência seria necessário o aprendizado de técnicas ou convenções de desenho.

A terceira observação foi que as pessoas utilizam um programa de desenho específico para cada figura representada. As crianças podem ter facilidade para desenhar determinadas coisas e apresentar grandes dificuldades em outras. Desta forma, um programa está em uso e funcionando bem, outro é pouco utilizado e funciona com dificuldades. A partir dessa constatação, os autores questionam as fases do desenho estabelecidas por Lowenfeld (1977), pois as crianças transitam entre as mesmas dependendo do objeto a ser desenhado. Ao ser solicitada a desenhar algo que não domina, a criança tem a tendência de utilizar um programa em uso. Os autores citam como exemplo uma menina que desenha figuras humanas muito bem e ao desenhar um cavalo, este ficou parecendo um homem. Aqui neste trabalho sustentamos a existência de fases do desenho como uma referência possível, que varia segundo influências externas, e não como algo absoluto. De fato, as crianças podem

desenhar determinadas coisas e ter dificuldade em outras, mas, ainda assim, características de uma seqüência diferenciada do desenho infantil podem ser observadas.

Por fim os autores observaram que algumas pessoas são capazes de empregar vários programas de desenho: "Através de um processo de combinação, extensão e balanceamento entre seus programas atuais, eles podem gerar um número aparentemente infundável de novos programas, com grande flexibilidade" (WILSON e WILSON, 1997, p. 70). Os autores citam o caso de um menino que desenha super heróis em inúmeras posições. Quando os pesquisadores solicitavam que ele desenhasse uma nova posição, ele parecia combinar mentalmente as configurações conhecidas para criar uma nova, visualizando-a rapidamente. Por outro lado, alguns indivíduos podem não ter programa algum para usar. São pessoas que desenharam pouco, possuem uma percepção negativa sobre seus próprios desenhos, e, como consequência, param de desenhar e não desenvolvem novos programas.

Como última observação os autores indicam que as fontes de imagens dos estudantes investigados raramente remontam à escola ou à aula de arte. Os autores concluem que não há nada de errado com o comportamento de cópia das crianças, ou com a influência das imagens sobre elas, o mal é que "haja tão pouco para influenciar os estudantes em suas aulas de arte, pois estas influências derivam muito mais de assuntos fora do campo de Belas Artes" (WILSON e WILSON, 1997, p. 73). Por fim os autores salientam a necessidade de instrumentalizar a criança, a partir dos 8 - 9 anos, a adquirir o maior número possível de programas de desenho.

2.2 DESENHO INFANTIL, MEMÓRIA E PERCEPÇÃO

Nesta seção partimos de indagações iniciadas na disciplina *Desenho infantil, memória e significação*³⁰, na qual se procura pensar a relação entre memória e desenho. Tudo o que é desenhado passa antes por uma idéia, uma imagem mental, a não ser em crianças na fase da rabiscação, onde o gesto gráfico é feito sem prévia intenção de configurar algo. Devido a

³⁰ 1 – *Desenho infantil, memória e significação* foi disciplina ministrada por Maria Lúcia Batezat Duarte, em 2006, no PPG-AV, Mestrado em Artes Visuais – UDESC, na qual foram estudados e relacionados a grande maioria dos textos e autores citados.

essa intrínseca relação entre imagem mental e desenho, para compreender o desenho infantil, consideramos necessário o entendimento de questões relativas à memória, pois compreendemos o ato de desenhar como uma transposição mental.

O desenho começa com as garatujas ou rabiscos, avançando para formas iniciais de círculos e linhas retas, que combinadas formarão uma infinidade de símbolos, como os sóis ou a figura humana inicial (denominada por vários autores como “girino”). Com o passar do tempo, a criança procura representar as coisas do mundo em que vive: a casa, a família, as coisas que vê na televisão, os desenhos que vê a sua volta e que aprende a fazer.

Piaget e Inhelder, em *A representação do espaço na criança*, retomam os estágios estabelecidos por G. H. Luquet em 1927. Piaget procura explicar o seguinte exemplo dado por Luquet:

Um menino de 3, 6 anos (...) desenha um homem sob a forma de uma grande cabeça à qual acrescentou duas linhas (os braços), duas outras linhas (as pernas) e um pequeno tronco sem relação com os membros. A cabeça contém dois olhos, um nariz e uma boca, mas esta acima daquele (PIAGET, 1993, p. 63).

Luquet sugere que as crianças desenhavam dessa forma devido à falta de coordenação motora e ao caráter descontínuo da atenção infantil, entretanto Piaget afirma que existem outros aspectos envolvidos no ato de desenhar. Para este autor, a representação do espaço se inicia com relações topológicas (relacionadas à vizinhança, separação, ordem, envolvimento e continuidade) para chegar posteriormente às relações projetivas e euclidianas. Neste período, denominado por Luquet de Realismo Falhado, as relações topológicas estão apenas esboçadas e embora a criança saiba que a boca se situa abaixo do nariz, na hora de desenhar ela pode inverter a relação de ordem acima/abaixo.

Segundo Montoya (2005), para Piaget "o desenho é uma representação e como tal corresponde à construção de uma imagem, bem distinta da percepção, e nada prova que as relações espaciais de que a imagem é feita sejam do mesmo nível das relações que a percepção correspondente testemunha" (MONTROYA, 2005, p. 94).

Em outras palavras, perceber o mundo faz parte de uma operação, desenhar o que foi percebido é uma operação diversa que exige a transposição da imagem mental para um gesto gráfico. Segundo Piaget, existe um intervalo de tempo de alguns anos entre a

percepção e a transposição desta para o desenho. Portanto, o desenho não pode ser confundido como um simples reflexo da percepção da realidade, ele depende sim da percepção do mundo, mas existem, no ato de desenhar, operações complexas que lhe são próprias, e que se referem à tradução de imagens complexas e tridimensionais em imagens simples e bidimensionais.

Pesquisadores do desenho indígena relataram um fato que parece exemplificar esta situação. Segundo Costa (1998), os vegetais têm enorme importância para os índios do Alto Xingu, mas raramente aparecem em seus desenhos espontâneos, sendo que figuras humanas e animais aparecem com frequência. Tal fato intrigou os pesquisadores, que passaram a buscar respostas para a questão, e a resposta parece residir na complexidade própria do tema:

Uma explicação provável da quase ausência no desenho espontâneo de vegetais como se apresentam na natureza é a dificuldade em descrever no papel formas pouco definidas, suscetíveis de modificação ao sabor do vento, por exemplo, ou reunidas em conjuntos de cor semelhantes, confundindo-se os elementos individuais na aparente uniformidade da vegetação em floresta ou campo (COSTA, 1998, p. 32).

Isso não quer dizer que o indígena não perceba a floresta. Percebe e conhece-a muito bem, provavelmente é capaz de diferenciar cascas de árvores, tipos de folhas e saber qual a utilidade de cada árvore. A questão aqui é outra: Como representar a floresta num desenho? Quantas árvores colocar? Qual ponto de vista escolher? Quantas linhas usar? Como fazer as folhas de uma árvore?

2.2.1 Memória procedural e memória visual

O conceito de "esquema gráfico", termo utilizado por Duarte (1995) já apresentado no capítulo 1, pode ser relacionado ao conceito de "iconotipo", cunhado por Bernard Darras (1996). As pesquisas deste último autor mostram que diferentes formas de desenho utilizam diferentes memórias. Os esquemas de desenhos que se repetem (muitas vezes por toda a vida) são chamados por Darras de iconotipos. "Iconotipos são os esquemas do nível de base

que se distinguem por sua precocidade, sua centralidade (prototípicas), seu vigor, a frequência de sua utilização, e sua resistência de duração” (DARRAS, 2003, p. 13).

A repetição destes esquemas através da infância leva a uma “memória procedural” (de procedimento) responsável pela automatização da produção dos iconotipos. O adulto, portanto, tem uma memória gráfica-motora armazenada, que foi constituída na infância. Darras mostra que na produção do iconotipo, o pensamento visual não é ativado. O que é ativado no momento em que se faz um iconotipo é uma memória de procedimento, mais do que uma memória visual. Quando um adulto é convidado a desenhar, ele automaticamente repete seus iconotipos infantis. “Quando uma atividade gráfica é solicitada, [...] é um resumo cognitivo dotado de seu automatismo procedural que serve de resposta, para grande surpresa do adulto” (p. 13-14). A memória de procedimentos explica o conceito de automatismo gráfico de Luquet, delineado no capítulo 1.

Segundo Darras "o registro gráfico depende: das redes ativadas na arquitetura cerebral; da dimensão pragmática (a qual fim servir, a tal ou qual registro genérico ou específico); da valorização (ou desvalorização) social e cultural que pesa sobre os registros de representação" (DARRAS, 2003, p. 9). Em uma dimensão prática, o esquema gráfico funciona como um registro geral, um registro qualquer. Darras explica que a forma como se solicita o desenho determina o seu resultado, pois sem nenhuma determinação específica a criança (ou o adulto) permanece em seu “nível de base” e reproduz os iconotipos adquiridos na infância. Poderíamos dizer que este é o “desenho livre” por excelência, o que mais ocorre quando crianças (e adultos) desenharam sem nenhuma orientação, como foi no caso desta pesquisa de mestrado.

Em termos de valorização ou desvalorização social, nossa sociedade aceita o iconotipo para uso infantil, mas não para adulto, embora 95 % da população adulta o utilize (DARRAS, 1996 / 2003). Neste sentido, o iconotipo apóia-se em três dispositivos de memória:

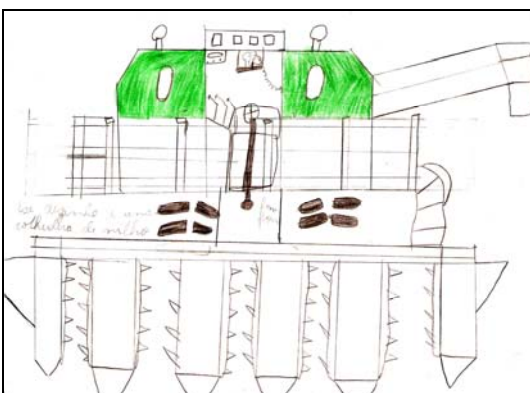
- No nível semântico, seus atributos e seus programas de montagem pertencem aos resumos cognitivos muito sólidos elaborados muito cedo na infância.
- No nível de ato gráfico, a repetição da mesma seqüência gestual é provavelmente registrada na memória procedural. (O que reforça o fenômeno de tipagem).
- No nível do meio ambiente e das interações sociais, é na convivência entre crianças e entre crianças e adultos que se constitui a memória coletiva da produção infantil (DARRAS, 2003, p. 13).

O modo com que um desenho é solicitado pode determinar seu resultado. Darras realizou testes em que pedia a uma criança de 7 anos para desenhar determinadas coisas (sem referências exteriores). Os resultados imediatos corresponderam a desenhos do tipo “iconotipo”. Alguns dias após, ele propôs à mesma criança que procurasse visualizar mentalmente os objetos para só depois desenhar. “Feche os olhos e tente ver uma borboleta, assim que a vejas na cabeça, olha bem como ela é feita. Em seguida desenhe-a” (DARRAS, 1996, p. 106). Foi possível observar uma diferença considerável nos dois desenhos. O primeiro, de linhas simples e poucos detalhes, pode ser considerado um iconotipo; o segundo era um desenho mais elaborado com características representativas dos objetos. Enquanto o primeiro utiliza a memória gráfico-motora (procedural), o segundo estimula a recordação visual do objeto, ou seja, usa a memória visual.

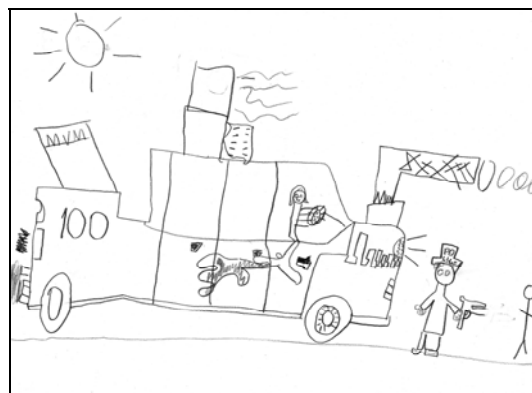
Nesse sentido podemos distinguir dois tipos de memórias usadas para desenhar: a memória procedural gráfica-motora, que resulta de um automatismo gráfico, isto é, da repetição constante de um mesmo desenho; e a memória visual, que ativa imagens mentais do objeto real.

2.2.1.1. Desenhos a partir de uma memória visual

Observemos estes dois desenhos realizados por um menino de 10 e um menino de 8 anos, pertencentes à escola rural e à escola urbana respectivamente.



Menino, 10 anos, escola rural.



Menino, 8 anos, escola urbana.

Os dois meninos desenharam veículos, o que Duncum (1997) explica como uma característica da média infância, este desejo por veículos, que implica no desejo de ação e aventura. O primeiro é uma colheitadeira de milho, como o próprio menino escreveu, o segundo é um carro todo equipado, o desenho traz ainda uma cena, um policial devidamente apresentado com o quepe onde se lê POLÍCIA, armado, e outra figura humana, além de um personagem que dirige o carro. Porém, vamos nos ater apenas ao desenho dos veículos. A colheitadeira faz parte do universo da criança moradora do meio rural, portanto, pode sugerir que no momento de realizar o desenho, o menino usa a memória visual, pois traz a tona sua lembrança visual do objeto.

O desenho, neste caso é uma transposição do tridimensional para o bidimensional, que exige grande transformação mental. Mas como transformar esta enorme máquina numas poucas linhas sobre o papel? Nesse processo de transposição, diversas decisões devem ser tomadas. Quais os detalhes mais importantes, qual o melhor tamanho em relação ao espaço do papel, qual (is) ponto (s) de vista, etc. A colheitadeira parece estar representada através de múltiplos pontos de vista, e essa solução permite que o garoto mostre no desenho os componentes essenciais para esse tipo de máquina agrícola. O grande número de detalhes presente neste desenho, além de evidenciar uma característica própria da idade, mostra também familiaridade com o objeto desenhado.

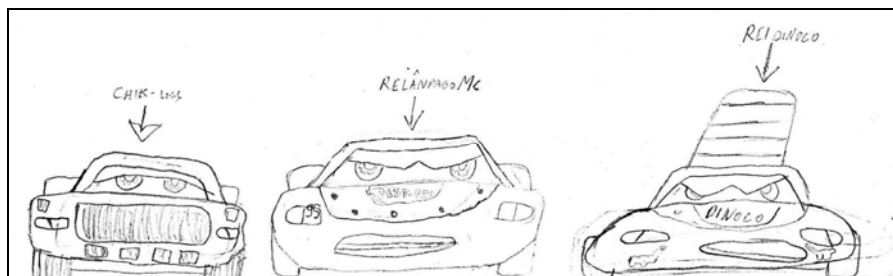
Em relação ao desenho do carro decorado, posteriormente obteve-se a informação que estes carros são inspirados no desenho *Hot Wheels* (marca de carrinhos de brinquedo e desenho de televisão, utilizado como material de consumo em diversos locais como lancherias, estojos, mochilas, etc). O carro foi desenhado de lado, como é usual nos desenhos de veículos e animais (LUQUET, 1969). Neste caso, a fonte de imagem está explícita. O desenho veio de outro desenho, da imagem bidimensional para a imagem bidimensional. Como já foi dito anteriormente, desenhar a partir de uma imagem bidimensional exige um esforço mental muito menor do que partir da percepção de objetos reais. Exige pouca transformação mental. Ainda assim, houve uma evocação desta imagem mental visual, ou, no termo de Wilson, de uma configuração gráfica. Poderíamos dizer que houve um exercício de memória visual.

Além da facilidade de execução, é inegável também o fascínio psicológico que as imagens midiáticas exercem sobre as crianças, pois são direcionadas exclusivamente para elas, têm

cores fortes e são de fácil memorização. Como afirma Gomes: "o olho da criança, mais do que o nosso, ainda é mais suscetível à emblemática do consumo, cujas formas simples e lineares, assim como as cores planificadas, facilitam a apreensão visual, a memorização e o reconhecimento posterior" (GOMES, 2002, p. 37).

2.2.1.2. Desenhos a partir de uma memória procedural

O caso a seguir é curioso, pois uma imagem foi desenhada tantas vezes que foi "decorada" pelo garoto. Este foi, segundo suas palavras, um desenho fácil de fazer. O ato de repetição do desenho deu origem a uma memória procedural. A memória de procedimentos está extremamente vinculada à motricidade, às ações que envolvem o ato mesmo de executar o desenho. O desenho, segundo afirmação obtida do próprio autor, foi copiado de um álbum de figuras do desenho animado *Carros*. O garoto realizou este desenho na sala de aula, porém antes o copiou mais de dez vezes em casa, a ponto de conseguir realizá-lo sem a fonte de imagem, no caso o álbum. Percebe-se que foi apagado diversas vezes, demonstrando, como sugere Wilson, discrepâncias entre a configuração recordada e as linhas desenhadas.



Raul, 8 anos, escola urbana.

De acordo com as colocações acima, podemos presumir que a memória visual pode se formar a partir de objetos reais ou a partir de ilustrações, fotografias, desenhos, etc. O repertório de imagens (ou a memória visual) de uma criança forma-se no contato com as coisas que a cercam. Ela está cercada tanto de objetos tridimensionais quanto de imagens bidimensionais. Luquet já observou este fato, dizendo que os motivos do desenho podem ser: "objetos propriamente ditos e motivos, ou modelos, quer dizer, desenhos já executados anteriormente, quer pela própria criança, quer por outras pessoas, vistos em álbuns, livros ou

catálogos" (LUQUET, 1969, p. 24). Disso concluímos que a memória visual pode ser formada a partir de objetos tridimensionais ou de imagens bidimensionais.

Para Wilson e Wilson, o repertório de imagens forma-se a partir de imagens bidimensionais: "Quando se trata de desenhar, o conhecido é, seguramente, todos os desenhos que o indivíduo já viu - tanto desenhos de outra pessoa quanto os seus próprios. Essas imagens, defendemos, fornecem a base para as configurações mentais, a partir das quais um indivíduo desenha" (WILSON e WILSON, p. 67). Pensamos que o mais fácil e mais comum é realmente desenhar a partir de imagens prontas, como já explicaram Wilson e Wilson. Mas o desenho pode se relacionar também com o mundo visível, com o tridimensional, com a paisagem habitada, como veremos a seguir.

2.3 INTERAÇÃO, APROPRIAÇÃO E CÓPIA NO DESENHO INFANTIL

Nesta pesquisa destacamos o fato de como as crianças se inspiram em fontes externas para desenhar. Percebemos que as crianças copiam imagens, decalcam, combinam imagens copiadas, enfim, utilizam diversas táticas. O copiado pode ainda ser internalizado, decorado, e repetido sem a fonte da imagem. Em todos os casos a criança interage com algo ou alguém. É o que estamos chamando de interação no desenho infantil.



Interação criança-criança e interação criança-livro. Escola rural, Lapa-PR.

A interação, isto é, o inter-agir, pode ocorrer com outra pessoa, com um livro ou gibi, com a televisão, com a decoração da sala. Quando a criança interage com seu colega, muitas vezes os desenhos ficam parecidos, pois as crianças se apropriam dos desenhos umas das outras. No exemplo abaixo, trazemos dois desenhos semelhantes. No dia da feitura dos desenhos, estes dois meninos se isolaram do restante da turma e sentaram bem ao fundo da sala.



Desenhos realizados por meninos que sentaram juntos: Erick, 9 anos; menino, 8 anos.
Dia 01/06/07. Escola rural, Lapa, PR.

O desenho foi originalmente feito por Erick (desenho à esquerda), que já havia nos mostrado um outro desenho seu praticamente igual a esse, realizado em casa com lápis de escrever. Nesse momento Erick afirmou rapidamente que havia copiado de um livro. O desenho traz um escravo sendo castigado, e, muito provavelmente, a fonte de imagem original é uma ilustração de livro didático. No dia 01/06/07, o desenho é feito sem a fonte de imagem. O desenho de Erick é ambientado com chuva e um raio cai sobre o carrasco, um castigo de Deus, segundo ele conta na entrevista. Ainda na entrevista, o menino procura nos convencer de que não copiou o desenho de livro algum, que ele inventou.

As afirmações abaixo, obtidas em entrevistas com as crianças, nos fornecem exemplos de diversas formas de interação. Ao interagir a criança pode copiar ou se apropriar de imagens de colegas ou outras fontes. Pode ainda simplesmente decalcar imagens de livros, cadernos, etc.

Eu vivo lendo gibi, daí eu aprendo a fazer desenhos. Por exemplo, eu vou pegar o gibi e ponho debaixo do meu caderno pra copiar. Eu copio, copio, até que um dia fica bonito (Marcello, 8 anos, Curitiba, PR).

Esse daí meu irmão me ajudou a fazer. [...] Ele tira das revistas que tem (Leandro, 8 anos, Lapa-PR).

Eu assisti um programa. [...] Art Attack. Daí eu consegui fazer o nariz (Maria Eugênia, 8 anos, Curitiba, PR).

(o desenho) é de um cartaz que tem dentro da sala (Andressa, 8 anos, Lapa, PR).

Eu copiei do alfabeto que tem aqui na sala, o sapinho, daí o fundo fui eu que inventei (Sílvia, 9 anos, Curitiba, PR).

Neste ponto, é necessário diferenciar apropriação, cópia e decalque. Podemos dizer que a criança copia quando observa um desenho e tenta fazer igual, mantendo-se bastante fiel ao desenho original. Já o decalque é realizado com folhas transparentes, como papel de seda. Neste caso a folha é colocada por cima do desenho e a imagem é traçada por cima da original. Não foi permitida a realização de decalques em sala, até onde se pode observar. A criança se apropria quando realiza algum acréscimo ao desenho original, alguma modificação. Segundo Ana Amália Barbosa: "[...] quando me aproprio da imagem, ela está contida em meu trabalho, inteira ou desconstruída, mas está presente" (BARBOSA, 2005, p. 145). A apropriação diferencia-se da cópia, pois tem algum trabalho posterior: "[...] tiro a imagem do seu local de origem e a utilizo para construir *outra* imagem" (BARBOSA, 2005, p. 145, grifo nosso). Wilson e Wilson (1982, 1997) utilizam o termo "emprestar" imagens. O termo empréstimo parece ser utilizado tanto para o que denominamos cópias quanto para apropriações.

A cópia de desenhos no campo do ensino da arte é uma prática controversa. Na pedagogia tradicional a cópia era muito valorizada, o professor apresentava modelos e a criança deveria copiar, exercitando a técnica, adaptando-se a regras e cânones presentes. "Nas aulas de Arte das escolas brasileiras, a tendência tradicional está presente desde o século XIX, quando predominava uma teoria estética mimética, isto é, mais ligada às cópias do natural e com a apresentação de modelos para os alunos imitarem" (FERRAZ e FUSARI, 1993a, p. 23). Os alunos de escolas públicas recebiam aulas de desenho geométrico e desenho linear, como um preparo para mão de obra de trabalho em fábricas. Já os alunos mais abastados, que freqüentavam escolas particulares, recebiam aulas de desenho geométrico, perspectiva linear e copiavam reproduções de obras famosas. Entre os anos 30 e 70, as escolas de

desenho exercitavam: desenho de observação, desenho decorativo, desenho geométrico e desenho pedagógico (FERRAZ e FUSARI, 1993a).

A Pedagogia nova busca romper com esse rígido padrão de ensino, e então toda cópia passa a ser condenada. A criança deveria agora criar livremente, bastava deixar aflorar suas potencialidades. O adulto não deveria interferir com seus modelos de arte, e a criança deveria se manter afastada da interferência adulta. Era o momento da livre expressão, de romper com os padrões acadêmicos e da rigidez da cópia de desenhos propostos por professores. Tal crença influenciou o ensino da arte por longo período, e está presente até os dias de hoje. Brent e Marjorie Wilson afirmam que a não interferência do mundo adulto é impossível, pois a todo o momento o adulto está presente e relacionando-se com o desenho da criança. A criança tem diversos modelos à sua volta – a percepção de desenho dos adultos, desenhos de outras crianças, ilustrações em livros e revistas, a arte dos museus - de modo que é impossível mantê-la apartada de tudo isso (WILSON e WILSON, 1982).

A observação de atitudes de cópia no desenho infantil levou os autores a inúmeras reflexões, com as quais concordamos. Em *Teaching children to draw* (1982), os autores apresentam prós e contras do ato de copiar. Observamos que, para estes autores, a cópia em si pode ser um obstáculo, já a apropriação pode ser de grande ajuda no processo de desenho da criança. Segundo os autores, a cópia é positiva quando a criança é também capaz de criar, de modificar os esquemas assimilados - o que denominamos apropriação. É pela cópia que se aprendem técnicas e se ganha confiança. Os autores observaram algumas crianças que praticavam cópias e tinham habilidades bem desenvolvidas em esboço, perspectiva e ação, além de melhorar a percepção de detalhes. Algumas crianças, porém, podem se fixar na cópia, sendo incapazes de sair dela, neste caso a cópia torna-se "um esquema congelado e inflexível que a criança não consegue utilizar de maneira diferente da imagem original"³¹ (WILSON e WILSON, 1982, p. 76, tradução nossa). A afirmação de uma criança entrevistada em nossa pesquisa parece revelar essa posição: *“Eu gosto bastante de copiar porque não podendo copiar eu não sei daonde tirar idéia. Às vezes fica até meio esquisito o desenho”* (Sílvia, 9 anos, Curitiba-PR). Ainda segundo os autores, outro problema é que as imagens copiadas geralmente são derivadas da cultura de massa, desta forma não contribuem para desenvolver novos olhares em relação ao desenho.

³¹ [...] the copy often becomes a frozen and inflexible schema which the child is unable to employ in ways other than of the original image.

Os autores defendem que a criança não pode produzir desenhos sem as informações necessárias sobre os objetos, lugares e ações que pretende desenhar. Isso é especialmente válido para crianças maiores (a partir dos 8 - 9 anos), que têm necessidade de desenhar com maior acuidade e complexidade. Sem esse subsídio, a criança tende a se desinteressar e inclusive cessar suas atividades gráficas. "Para que as crianças continuem a desenhar, a informação que elas requerem deveria estar disponível e acessível³²" (WILSON e WILSON, 1982, p. 77, tradução nossa). Quando a informação necessária não é dada à criança, ela procurará descobrir sozinha, através de revistas, gibis, etc. Esse fato sugere que, por medo de parecer tradicional, os professores de arte passaram a omitir informações em relação ao ensino do desenho.

Segundo Wilson e Wilson, as crianças deveriam ser alimentadas com muitas imagens para desenhar, formando, por exemplo, com o suporte do professor, uma coleção de fotos, pinturas, desenhos e ilustrações variadas. Os autores deixam claro que adquirir convenções artísticas é importante, mas que a criança deve se mover da simples convenção para a invenção. Por isso sugerem que sejam propostas às crianças, atividades de invenção, para que ela consiga criar em seu trabalho e não utilizar a cópia como única forma de desenho. Desenvolvendo o desenho, a criança fará melhor uso da cópia e de toda fonte de imagem com que vier a ter contato. Os autores sugerem jogos para aumentar o número e a variedade de coisas para desenhar, incrementar as expressões faciais, tentar desenhar figuras em ação, etc. (WILSON e WILSON, 1982).

Wilson e Wilson, portanto, defendem não a cópia, mas a reinterpretação de uma imagem, atitude inerente ao processo criativo, comum aos artistas. De maneira semelhante, Vigotski (2003) explica muito bem a atividade combinadora da imaginação, de utilizar elementos conhecidos e combiná-los de uma forma nova.

Wilson e Wilson sustentam que o desenho é um signo configuracional e que a criança aprende a desenhar observando esta atitude em outras pessoas. Então, ao ver desenhos, a criança forma um conceito de desenho, uma idéia sobre como deve ser determinado o desenho, além também da facilidade de execução. A lei básica da percepção visual é que algo será visto da forma mais simples possível: "qualquer padrão de estímulo tende a ser visto de tal modo que a estrutura resultante é tão simples quanto as condições dadas

³² In order for children to continue to draw, the information they require should be available and accessible.

permitam" (ARNHEIM, 1986, p. 47), essa é a lei da simplicidade, que talvez pudéssemos aplicar também ao desenho. Uma coisa tende a ser desenhada da forma mais simples quanto as condições dadas permitam.

2.4 PAISAGEM URBANA, PAISAGEM RURAL

Nesta seção, com o propósito de situar os locais investigados, faremos uma breve passagem histórica da relação entre meio rural e meio urbano no Brasil. As relações entre o meio rural e urbano nem sempre são as mesmas, elas mudam conforme o local ou período histórico vivido. É necessário compreender, porém, que o meio urbano e o meio rural são interligados e fazem parte de uma mesma sociedade global.

[...] o meio rural não pode nunca ser estudado em si mesmo, mas deve ser encarado como parte de um conjunto social mais amplo, do qual faz parte juntamente com a cidade. Do mesmo modo, toda Sociologia Urbana não pode deixar de englobar também o aspecto rural ao formular seus problemas, pois a cidade está sempre implantada no campo, tendo para com este relações de variada forma, desempenhando funções diferentes em relação a ele, conforme o caso. Se damos a uma disciplina o qualitativo de "rural" e a outra o de "urbana", é somente para fins didáticos e de pesquisa (QUEIROZ, 1978, p. 51).

É pelo processo de industrialização e urbanização que se diferencia o meio urbano e meio rural (porque só existe o "rural" se existe o "urbano"). Em cidades muito pobres ou muito pequenas, a diferenciação urbano-rural é quase imperceptível (QUEIROZ, 1978).

No Brasil, até o século XIX, as pessoas habitavam mais o campo que a cidade. Segundo Queiroz (1978), houve duas mudanças importantes relacionadas ao modo de viver no Brasil. A primeira delas ocorreu entre 1820 e 1830, quando se instalou no Rio de Janeiro, vindo da Europa, "o gênero de vida burguês ocidental, que é eminentemente citadino" (QUEIROZ, 1978, p. 57). Não havia, portanto, uma verdadeira industrialização responsável pelo crescimento das cidades, mas começou a difundir-se o modo de viver na cidade quando ricos fazendeiros mudaram suas residências do campo para a cidade. "O novo gênero de vida diferencia a população urbana não apenas segundo níveis econômicos, porém, muito mais ainda culturalmente, sendo que as camadas superiores adotam como sinal distintivo o requinte e um arremedo de cultura intelectual" (QUEIROZ, 1978, p. 57). Inicia-se uma

diferenciação urbano-rural em qualquer classe social, nunca vista até então. É neste momento que os habitantes da cidade começam a se sentir superiores em relação aos do campo, mesmo que estes últimos tenham um nível econômico maior. O campo passou a ser visto como um local atrasado, inferior. Esta visão pôde ser observada durante a pesquisa de campo realizada neste trabalho, quando uma criança da escola urbana referiu-se às crianças do meio rural como “caipiras que não sabem escrever”.

A segunda mudança determinante relacionada ao modo de viver no Brasil ocorre a partir da década de 1940, quando inicia-se o processo de industrialização e o conseqüente crescimento das cidades. Quando a cidade cresce, muda a sua relação com o campo: se antes o abastecimento de uma cidade provinha de suas redondezas, hoje já não é mais assim. O abastecimento agora já não é suprido por pequenos agricultores, mas por grandes fazendas capazes de fornecer abastecimento maciço, que utilizam maquinário moderno e que estão geralmente distantes das cidades que abastecem. Todo o entorno rural imediato de uma grande cidade tende a entrar em estagnação ou decadência, e seus moradores se vêem obrigados a procurar novas formas de sobreviver, mudando o ramo de suas atividades. Segundo Serpa (2002), nas últimas décadas vem ocorrendo um acentuado processo de urbanização no Brasil, e as periferias estão submetidas à transformação de áreas rurais em áreas urbanas.

Partindo da possibilidade da criança se apropriar, em seus desenhos, de elementos da paisagem em que está inserida, elaboramos uma reflexão em torno do conceito de paisagem. O termo “paisagem” surge no Renascimento imbuído de um pensamento de racionalização e organização do espaço natural. Nesta época, “o espaço terrestre estava sendo mapeado racionalmente nas quadrículas de sofisticadas projeções de mapas, enquanto paisagens humanas racionais estavam sendo construídas nas capitais [...] e sobre a vastidão de territórios coloniais além-mar” (COSCROVE, 1998, p. 98-99).

A pintura de paisagem, que no Renascimento existia apenas como fundo de uma figura, passa a ocupar cada vez mais espaço, principalmente no Romantismo. Hoje a paisagem como gênero de pintura é algo bastante comum. É curioso constatar que três das quatro casas visitadas nesta pesquisa possuíam ao menos um quadro de paisagem.

Ao longo do tempo o conceito de paisagem foi sofrendo alterações. Gerhard Hard (apud GOMES, 2001) compilou-os em quatro grandes conjuntos. Paisagem, portanto, pode significar:

1. O que se vê.
2. Ecossistemas que envolvem relevo, clima, solo e vegetação.
3. Espaço natural.
4. Paisagem cultural.

Paisagem cultural envolve a relação entre homem, sociedade e natureza (GOMES, 2001). O homem molda a paisagem ao mesmo tempo em que é moldado por ela. O conceito de paisagem cultural está presente no momento em que observamos os desenhos de paisagens das crianças.

A paisagem cultural refere-se ao conteúdo geográfico de uma determinada área ou a um complexo geográfico de um certo tipo, no qual são manifestas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural. [...] Então, a paisagem cultural é um produto concreto e característico da interação complicada entre uma determinada comunidade humana, abrangendo certas preferências e potências culturais, e um conjunto particular de circunstâncias naturais. É uma herança de um longo período de evolução natural e de muitas gerações de esforço humano (WAGNER; MIKESSEL, 2003, p. 36).

Tanto o bairro Água Verde, da cidade de Curitiba, quanto o distrito rural dos Alves Cardosos, do Município da Lapa, são paisagens culturais. Em ambos percebemos as mudanças realizadas pelos homens. Obviamente, na cidade ocupada por largas avenidas e grandes edifícios, a presença do homem é mais marcante, mas os campos dos Alves Cardosos também foram moldados pela presença humana. Mesmo as paisagens rurais são culturais, pois, encontramos aí “não apenas uma mudança radical na cobertura vegetal, mas também a presença de elementos claramente artificiais: pomares, jardins, campos arados, muros e cercas, caminhos e estradas, celeiros, estábulos, habitações [...]” (WAGNER; MIKESSEL, 2003, p. 37).

Devemos destacar agora o aspecto físico da paisagem - o que se vê. "Vejo um objeto. Vejo o mundo a meu redor" (ARNHEIM, 1986, p. 35). Como a criança apreende as imagens à sua volta e as transpõem para seus desenhos? A criança representa em seus desenhos elementos da paisagem onde mora?

No teste piloto realizamos duas atividades (uma em escola rural e outra em escola urbana) com o objetivo de verificar a percepção da paisagem pela criança utilizando diferentes comandos. A primeira atividade foi realizada na escola rural e consistiu em uma conversa sobre o lugar em que vivem. Perguntamos às crianças se elas gostavam de morar ali, o que tinha de bom e de ruim, que animais existiam na região... E se aparecesse alguém importante pelas redondezas, onde iriam levar aquela pessoa passear. Citamos um jogador famoso de futebol, e a resposta foi então que levariam ao campo de futebol. Enquanto as crianças falavam, anotávamos no quadro. Ao final pedimos que fizessem um desenho sobre algum dos aspectos comentados. O que observamos foi que as crianças olharam tudo o que estava escrito e procuraram fazer o desenho do que era mais fácil. Não houve mudança no modo de desenhar. Dessa forma surgiram vários desenhos de paisagens com esquemas gráficos usuais, e vários desenhos de campos de futebol, desenhados como um retângulo com algumas marcações. Então a criança pode refletir sobre muitas coisas, mas desenha o que é mais fácil, o que já está processado em sua memória visual ou procedural. O desenho será realizado da forma mais fácil quanto a situação permitir.

Tendo percebido isso, no teste piloto na escola urbana, procuramos propor o desenhar de modo diferente: "desenhe o lugar onde você vive". Diante da dúvida das crianças, acrescentamos umas poucas informações: pode ser a cidade, o bairro, pode fazer um mapa como se estivesse do alto. Pode ser a casa? - perguntaram. Respondemos que sim. De uma maneira geral os desenhos sofreram uma alteração, tornaram-se mais elaborados - e trouxeram indicações da paisagem ao redor: ruas, prédios, placas ou alguns locais como igreja ou mercado. Nove crianças fizeram desenhos como mapas, uns mais elaborados, outros menos.

Segundo Luquet "O repertório gráfico da criança, assim como sua experiência visual, está condicionado pelo meio onde ela vive" (1969, p. 23). As imagens a seguir, tiradas do entorno das escolas visitadas nesta pesquisa, podem dar uma idéia do aspecto visual encontrado pelas crianças diariamente. A paisagem campestre estende-se horizontalmente, em espaços largos, amplos, ocupados por plantações e pastos. Já a paisagem urbana verticaliza-se por causa dos prédios, se enche de informações. As paisagens são ainda compostas por diferentes elementos, como carros, prédios, letreiros, plantações, animais, matas.



Fotos tomadas nas redondezas das escolas visitadas.

Nesta pesquisa pensamos nas diferenças visuais existentes nas paisagens. Procuramos um ambiente urbano, com muita informação visual midiática, bidimensional, e um ambiente rural, mais próximo à natureza, com informação visual concreta e tridimensional. Gomes (2002) considera que a criança do meio urbano tem mais contato com reproduções da mídia do que com as coisas em si:

Salvo as exceções afastadas dos grandes e médios centros urbanos, uma criança pequena vê muito mais as reproduções da mídia visual do que as coisas em si. Vê sóis, luas e estrelas desenhados, mas pouco olha para o céu. Vê reproduções de animais, de vegetação, de cidades, de pessoas, coisas que aprende a olhar pelo mundo quadrado do monitor de televisão ou pelas páginas dos livros, mas poucas vezes é estimulada ou possui a oportunidade de ver as coisas com seus próprios olhos, experimentando os elementos naturais em seu estado bruto (GOMES, 2002, p. 38).

Uma colocação muito semelhante é feita por Wilson e Wilson: “Provavelmente, a primeira experiência visual da criança com cavalo ou vaca ou até mesmo com cachorrinho e gatinho é através de ilustrações - desenhos e fotografias em livros ilustrados e revistas ou imagens da televisão³³” (WILSON e WILSON, 1982, p. 64, tradução nossa). Os autores destacam, ainda, que as influências gráficas estão presentes mesmo antes da criança começar a rabiscar. Essa colocação, porém, parece referir-se a um meio urbano e pode ser diferente no meio rural, onde o contato com animais é maior. Será que a criança com menos informações visuais bidimensionais, ao desenhar, tomaria como referências visuais os elementos tridimensionais presentes na paisagem?

A criança do meio urbano tem maior facilidade de acesso a imagens e reproduções da mídia. A criança do meio rural tem maior contato com as coisas em estado concreto, real. Não queremos dizer que moradores do meio rural estejam isolados das reproduções da mídia visual, o que acontece é que estas informações chegam a eles em menor quantidade, e talvez em um tempo mais longo.

Segundo Claval (2001, p. 163), uma informação tende a difundir-se primeiro na zona urbana “onde as informações originais chegam mais rapidamente através do testemunho daqueles que viajam, da imprensa e da mídia”. O acesso a fontes de imagem, portanto, não acontece

³³ Perhaps the child's first visual experience with horse or cow or even puppy and kitty are through illustrations - drawings and photographs in picture books and in magazines or images on television.

da mesma forma na zona urbana e na zona rural. A própria distância geográfica é um fator que dificulta o acesso a uma série de informações que estão disponíveis na cidade.

A maior parte da população de pequenos municípios tem acesso à televisão, e esta pode funcionar como fonte de imagem. "Não há dúvida de que a televisão seja o veículo mais eficaz no que concerne à formação de imaginário, mas outros meios também contribuem efetivamente na propagação de determinadas figuras" (GOMES, 2002, p. 34). Os dados do censo de 2000 mostram que 74,2 % da população de municípios com até 20.000 habitantes possuem televisão, ou seja, quase três quartos dos moradores.

Quanto aos bens duráveis, as diferenças entre os municípios maiores e menores também são grandes, até mesmo para os bens mais populares, como rádio, televisão e geladeira. Nos municípios com até 20 mil habitantes, 81,4% dos domicílios tinham rádio, 74,2% tinham televisão e 67,1%, geladeira. Já nos municípios com mais de 500 mil habitantes, as proporções de domicílios com esses bens eram de 92,8%, 96% e 94,9%, respectivamente (IBGE, 2000).

É possível que no meio rural a mídia impressa (imagens de revistas, jornais, quadrinhos, livros, etc) esteja menos presente devido à dificuldade de acesso à mesma. Considera-se aqui o acesso físico (distância geográfica em relação aos locais de compra de revistas) e financeiro (alto custo de revistas de qualidade). No centro urbano, a criança tem contato muito maior com imagens da mídia. Além da televisão, existem *outdoors*, cartazes e ao menos o acesso geográfico a revistas e gibis está facilitado pela proximidade das bancas de jornal. No caso dos alunos estudados na presente pesquisa de mestrado, verificamos uma acentuada diferença de recursos visuais (livros, revistas, gibis, filmes) entre os entrevistados da zona rural e da zona urbana.

O ambiente de informações visuais da mídia é algo muito presente nos moradores de grandes cidades e menos presente na região rural observada. Na cidade, afirma Gomes (2002), estas imagens nos são impostas, estão sempre em nosso raio de visão, basta uma visita ao supermercado para observar. Praticamente todos os produtos infantis possuem alguma imagem decorativa, geralmente de personagens, de modo que "a falta de opção na compra de produtos impossibilita que façamos escolhas, e os ícones produzidos pelas fábricas de imaginário inevitavelmente penetram em nosso cotidiano e passam a fazer parte da vida de nossos alunos e filhos" (GOMES, 2002, p. 35).



Florzinhas copiadas do relevo do papel higiênico. Desenho do caderno da mãe da aluna Aline.

No meio rural observamos algumas estratégias interessantes de utilização de fontes de imagens. Por exemplo, após a Páscoa, algumas crianças encaparam seus cadernos com o papel laminado de embrulho dos ovos. Uma senhora afirmou ter copiado desenhos da toalha de mesa. Até mesmo o desenho em relevo presente num rolo de papel higiênico pode ser tomado como uma fonte de imagem, como pudemos observar durante a visita realizada na residência de uma aluna do bairro rural. Uma caixa de sapatos, se contiver uma imagem interessante, pode se transformar em um pôster decorativo para a casa.

CAPÍTULO 3

PESQUISA DE CAMPO E ANÁLISE GERAL DOS DESENHOS DA TURMA

Este capítulo trata da pesquisa de campo realizada e traz a análise geral dos desenhos das turmas. Inicialmente apresentamos o método utilizado - estudo de caso múltiplo delineado por Yin (2005). O estudo de caso faz parte da abordagem qualitativa. Após a apresentação do método, explicitamos a seleção dos locais investigados, e fazemos uma breve caracterização das escolas onde desenvolvemos a pesquisa. Posteriormente descrevemos como se deu o encaminhamento da pesquisa de campo: as idéias iniciais, o material utilizado, a opção por desenho livre, fatos que ocorreram no desenvolver da pesquisa, entre outros. Na seqüência deste capítulo apresentamos os temas encontrados, a saber: paisagem, veículos, personagem, símbolos, desenhos copiados, lutas, animais, casa e outros. Ao final, fazemos a análise geral dos desenhos das turmas, traçamos um paralelo entre as mesmas, observando os temas mais desenhados e características que se destacaram de um modo geral.

3.1 O ESTUDO DE CASO MULTIPLO COMO ESTRATEGIA DE PESQUISA

Neste trabalho, realizamos uma reflexão teórica sobre o desenho infantil por meio de uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo utilizando o método de estudo de caso. Segundo Yin (2005, p. 19), o estudo de caso é um método qualitativo, utilizado em pesquisas nas áreas das Ciências Sociais e da Educação, dentre outras. O estudo de caso é indicado nas perguntas do tipo como e porquê. Perguntas deste tipo dificilmente podem ser

respondidas com outros métodos. Geralmente o estudo de caso concentra-se numa pequena unidade de análise – um indivíduo, uma escola - e leva a uma reflexão aprofundada de determinado assunto. Embora qualitativo, o estudo de caso pode incluir dados quantitativos (YIN, 2005).

O pesquisador é quem define a unidade de análise do seu estudo: se uma pessoa, uma instituição, ou ainda determinada situação presente na instituição. A partir de então, define se é um estudo de caso único ou múltiplo (YIN, 2005). Esta pesquisa define-se como estudo de caso múltiplo, visto não apenas como método de coleta de dados, mas como uma estratégia de pesquisa tal como propõe Yin (2005, p.33):

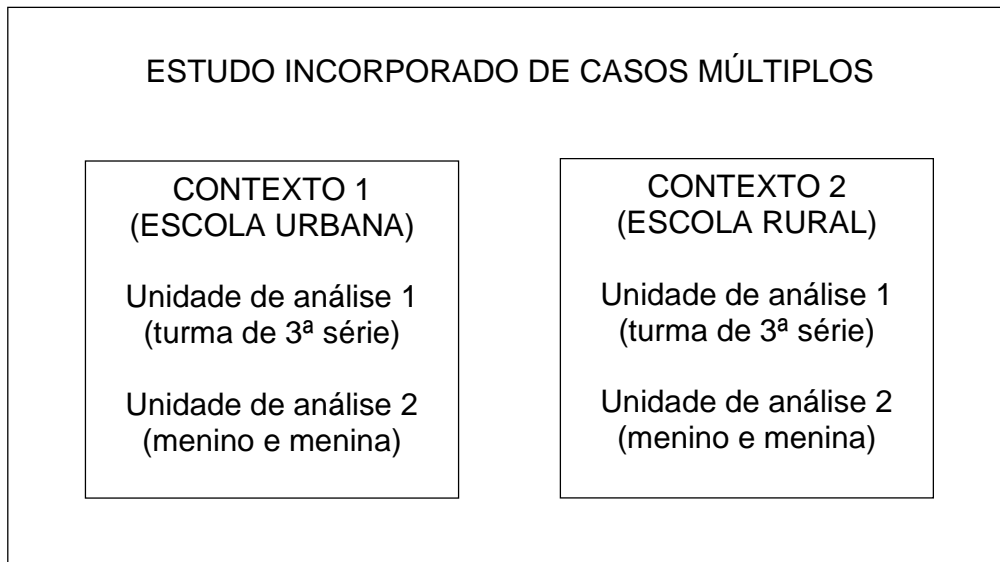
[...] o estudo de caso como estratégia de pesquisa compreende um método que abrange tudo - tratando da lógica de planejamento, das técnicas de coleta de dados e das abordagens específicas à análise dos mesmos. Nesse sentido, o estudo de caso não é nem uma tática para a coleta de dados nem meramente uma característica do planejamento em si (Stoecker, 1991), mas uma estratégia de pesquisa abrangente. (Yin, 2005, p.33).

O estudo de caso múltiplo é visto em algumas áreas como um método diferente de um estudo de caso único, como, por exemplo, na antropologia ou ciência política onde é chamado de estudo comparativo. Porém, para Yin (2005, p. 68), estas são apenas variantes da mesma estrutura metodológica.

Os estudos comparativos freqüentemente possuem uma abordagem positivista, fazem uma análise superficial dos dados sem levar em conta o contexto onde se originam. As comparações baseiam-se em estatísticas e procuram relações de causa-efeito. O próprio fato de comparar pode pressupor um juízo de valor nessa conduta. Não é este o olhar que buscamos aqui. Portanto, este trabalho não se caracteriza como método comparativo, embora façamos sim cruzamento das informações dos casos analisados. Nosso objetivo não é levantar estatísticas, ou procurar relações de causa-efeito. Se relacionamos os dois locais, é porque tentamos ver as riquezas, as facetas, as múltiplas formas e funções que pode assumir o desenho infantil em relação ao ambiente em que está inserido.

Esta pesquisa caracteriza-se como projeto incorporado de casos múltiplos, de acordo com a denominação estabelecida por Yin (2005). Por observarmos dois contextos (uma escola urbana e uma escola rural) temos um caso múltiplo. Por utilizarmos duas unidades de análise

(a turma e a criança) temos um projeto incorporado. Fazemos uma análise geral dos desenhos das turmas, porém dedicamos maior atenção à análise dos desenhos de quatro crianças, um menino e uma menina de cada contexto. Assim, nosso estudo pode ser esquematizado da seguinte maneira:



Autores como BOGDAN e BIKLEN (1994) e YIN (2005) afirmam que o estudo de casos múltiplos apresenta dificuldades maiores em relação ao estudo de caso único. A maior dificuldade é a grande quantidade de informações para analisar. Além disso, em um estudo de caso com múltiplas unidades de análise é preciso tomar cuidado para não perder o foco da pesquisa.

A presente pesquisa possui uma abordagem qualitativa, embora tenhamos alguns dados quantitativos, como a contagem dos desenhos das turmas. O estudo de caso, dentro de uma abordagem qualitativa apresenta o elemento de adaptatividade e flexibilidade definido por Yin. Trata-se da tendência de analisar os dados de forma indutiva como propõem Bogdan e Biklen (1994). As questões surgem na medida em que os dados vão sendo recolhidos e agrupados. Nesta pesquisa, o elemento que nos chamou a atenção durante a coleta e análise dos dados foi a apropriação e cópia de imagens bem como as interações pessoais realizadas no momento de desenhar, que demonstram a busca de fontes de imagem por parte das crianças investigadas.

3.2 AS ESCOLAS INVESTIGADAS

A escolha das escolas deu-se por três critérios de seleção: 1) escolas municipais com turmas de 3ª série; 2) escolas com diferentes paisagens culturais, sendo uma rural e outra urbana; 3) acessibilidade.



Mapa localizando a cidade de Curitiba e a cidade da Lapa.
Fonte: Google Earth.

A escola urbana fica na cidade de Curitiba, onde reside a pesquisadora e a escola rural, fica na cidade da Lapa, onde a pesquisadora trabalha. Curitiba está a apenas uma hora e meia da cidade da Lapa, sendo que existe um intercâmbio entre as duas localidades.

Nosso desejo inicial era visitar uma escola localizada no centro da cidade de Curitiba, pois como já foi mencionado, precisávamos de um lugar com muita

informação visual. Esta escola não permitiu a realização da pesquisa, e passamos então ao bairro Água Verde, por ser um bairro bastante habitado, próximo do centro. A pesquisa foi realizada em turmas de 3ª série, na Escola Municipal São Luiz do município de Curitiba -PR, e na Escola Rural Municipal Dr. Aloísio Leoni, distrito rural Alves Cardosos do município da Lapa- PR.

A Escola São Luiz oferece ensino de 1ª a 4ª série e a Escola Aloísio Leoni oferece Ensino Fundamental e Médio. Em ambos os casos, os alunos são moradores dos arredores. O bairro da Água Verde é bastante urbanizado, com prédios, vias rápidas, shopping-center, hipermercados. O distrito Alves Cardosos é rural, e sua paisagem é caracterizada por pequenas e médias propriedades que vivem da agricultura em maior ou menor escala. Ao tratarmos nesta pesquisa dos meios urbano e rural, deparamo-nos com uma questão social não prevista inicialmente. Embora ambas as escolas sejam públicas, há grande diferença de classe social entre os moradores do distrito rural Alves Cardosos e do bairro Água Verde.

Um ponto a ser destacado é que nas séries iniciais das escolas rurais os alunos não recebem aulas de arte com professora específica. A professora da turma, que segue apostilas didáticas, eventualmente aplica alguma atividade encontrada neste material, mas sem qualquer frequência ou obrigação. Já na escola urbana as crianças recebem semanalmente aulas de arte, exploram diferentes materiais, visitam museus, têm contato com obras de vários artistas (dados obtidos através de entrevista informal com a professora de Arte e observações das atividades). Isto acaba por refletir-se no enriquecimento do vocabulário específico da arte e na habilidade de descrever e analisar desenhos como mostram as entrevistas realizadas. Muitas crianças da zona rural tiveram dificuldade em expressar-se verbalmente sobre os desenhos, provavelmente por não terem familiaridade com conteúdos da linguagem visual.

A Escola São Luiz, no ano de 2007, possuía três turmas de 3ª série. Realizamos a pesquisa na 3ª C, que é uma classe com 23 alunos. A Escola Rural Dr. Aloísio Leoni, possuía apenas uma turma de 3ª série que contava com 21 alunos.

3.3 ENCAMINHAMENTO DA PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo ocorreu entre os meses de março e setembro de 2007. Após coletas prévias de desenho livre e alguns desenhos direcionados, realizamos um teste piloto. Estes pré-testes forneceram-nos 643 desenhos, obtidos nas próprias escolas investigadas em turmas de 2ª série, e em duas outras escolas: Escola Municipal Ana Hella, Curitiba- PR (2ª e 3ª séries) e Escola Rural Irmã Santa Rita, Lapa- PR (1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries). Na coleta oficial obtivemos 318 desenhos, o que corresponde a um total de 961 desenhos.

Inicialmente pensávamos em trabalhar com as crianças com desenhos bem dirigidos, espécies de testes nos quais pediríamos que determinadas coisas fossem desenhadas. Mas durante o correr do teste piloto percebemos que o desenho livre poderia revelar mais sobre o processo do desenhar infantil.

Realizamos 4 visitas em cada turma, na qual solicitamos um desenho livre. Essas visitas foram intercaladas com desenhos realizados em casa, de tema também livre. Entendemos

que o termo desenho livre deveria vir sempre entre aspas, pois o desenho solicitado na escola, por e para uma professora não pode ser considerado como livre.

A diferença entre o desenho realizado entre amigos e o desenho realizado para professora pode ser observada no exemplo dado por SILVEIRA (2005), em sua pesquisa sobre desenho infantil. As crianças desenhavam animadamente enquanto a professora preparava o material da aula. Alguns meninos faziam desenhos de carros muito elaborados. Observando a riqueza do momento, a professora resolveu formalizar a atividade e pediu que todas as crianças fizessem um desenho. Ao invés de continuar o desenho que estavam fazendo, os alunos interromperam o desenho, pegaram novas folhas e iniciaram novos trabalhos. Um dos meninos que estava bastante envolvido em seu desenho de carro, pegou uma folha e desenhou um sol atrás das montanhas.

Em nosso primeiro encontro, apresentamo-nos à turma explicando brevemente a pesquisa. Falamos que o estudo estava se realizando igualmente em outra escola, em outra cidade e conversamos um pouco sobre estas cidades. No primeiro encontro, ocorrido na escola rural, além do desenho realizado, solicitamos às crianças que escrevessem uma pequena carta se apresentando para um amigo da escola urbana, escrevendo seu nome, onde moravam, o que gostavam de fazer, entre outras informações que quisessem. As crianças realizaram a tarefa de formas variadas, algumas incluíram desenhos nas cartas, algumas criaram envelopes, outras apenas dobraram o papel. Estas cartas foram entregues no primeiro encontro da escola urbana logo após a realização do desenho, e nesta ocasião as crianças escreveram uma resposta às cartas recebidas. Após as crianças da escola rural terem recebido suas respostas, finalizamos o intercâmbio.

As datas e locais das coletas de desenhos foram as seguintes: 30/03/07 (Lapa, PR); 12/04/07 (Curitiba, PR); 13/04/07 (Lapa, PR); 19/04/07 (Curitiba, PR); 31/05/07 (Curitiba, PR); 01/06/07 (Lapa, PR); 11/06/07 (Lapa, PR); 21/06/07 (Curitiba, PR). A coleta de desenhos ocorreu em duas etapas similares, assim estruturadas:

- 1) Desenho da escola - Desenho de casa – Desenho da escola
- 2) Desenho da escola - Desenho de casa – Desenho da escola

Na primeira etapa de visitas, utilizamos como material folha de papel sulfite tamanho A4, lápis 4B e borracha, material este levado por nós. As crianças ficaram livres para utilizar régua se assim o desejassem. Não permitimos o uso de lápis de cor nestes primeiros encontros. Algumas crianças, porém, fizeram mais de um desenho e então permitimos que estes últimos fossem coloridos. A princípio, estes desenhos não seriam analisados, mas logo percebemos a riqueza do elemento que tínhamos em mãos. Já na segunda etapa de coleta permitimos que as crianças utilizassem cor em seus desenhos se assim o desejassem.

Solicitamos também desenhos feitos em casa com a intenção de observar como o desenho se dá no ambiente doméstico. Para esse desenho não oferecemos nenhum material, pois justamente interessava-nos conhecer os materiais que a criança tinha em casa: lápis, canetas, tipos e tamanhos de papéis - se eram refugos de papéis usados por seus pais, se foram retirados de seus cadernos, etc. Procurando nos ajudar, na primeira solicitação de desenho a ser feito em casa, a professora da escola rural distribuiu folhas de papel sulfite e solicitou às crianças que pintassem seus desenhos, por considerar que, assim, o trabalho ficaria mais bonito (este fato ocorreu apenas na primeira etapa de desenho de casa).

Como julho é mês de férias escolares, as entrevistas e visitas domiciliares ocorreram em agosto e setembro. Desta forma, houve um longo período de tempo entre a primeira produção das crianças (em março ou abril) e a última (no momento da entrevista, em agosto ou setembro). Esse fato possibilitou que víssemos diferenças entre esses dois momentos do desenho, enriquecendo a pesquisa: algumas crianças mudaram o modo de desenhar ou aprenderam novas coisas enquanto outras continuaram desenhando da mesma forma, outras ainda mudaram os temas de seus desenhos. Segundo Luquet (1969, p.22), a criança pode preferir determinado motivo por um certo período de tempo. Observamos esse fato nesta pesquisa. Um menino de Curitiba, por exemplo, passou um mês desenhando apenas personagens de lutas espaciais (tanto na escola quanto em casa) e depois passou a desenhar carros.

Devido ao longo tempo transcorrido durante a pesquisa de campo, muitas crianças não mais se lembravam de seus desenhos, o que dificultou o diálogo sobre os mesmos, principalmente na escola rural, onde realizamos as primeiras entrevistas e não tínhamos clareza sobre esse fato.

Durante a coleta dos desenhos permitimos toda interação surgida entre as crianças: movimentação pela sala, sentar junto com o amigo, conversas entre colegas, observação dos desenhos umas das outras, troca de materiais (lápiz, régua, estojo, etc).

Durante a realização dos desenhos, percebemos que as crianças copiavam imagens da decoração da sala de aula ou do material escolar (mochila, estojo, caderno, livro didático, entre outros). A cópia de imagens chamou nossa atenção e passamos a observá-la com maior atenção. Curiosamente esta atitude crescia a cada encontro (ou seria isso uma percepção induzida?) e chegamos a pensar se já não éramos tidos como “a professora que deixa copiar”. Nossa postura foi ver até que ponto as crianças iriam copiar ou se apropriar de imagens. Embora permitíssemos toda e qualquer cópia ou apropriação, não permitimos a realização de decalques na sala de aula. Em casa, porém, sem a minha presença, algumas crianças decalcaram imagens.

Este comportamento das crianças se repetiu em todos os encontros, com exceção do último, onde procuramos minimizar as trocas de informações entre as crianças para ver os desdobramentos em seus desenhos. Neste momento, a reação dos alunos, nos dois contextos pesquisados, foi de decepção. Neste último dia, pedimos aos alunos que não copiassem de nenhum lugar e que procurassem ficar sentados em seus lugares sem levantar. Entretanto, as conversas e interferências (como olhar o desenho do outro, por exemplo) entre colegas não foram eliminadas completamente, nem da turma urbana, nem da rural.

Frente aos 318 desenhos das duas turmas, a primeira pergunta que surgiu foi: o que as crianças desenharam? Em outras palavras, qual o tema desses desenhos? Após uma primeira análise dos temas, outras perguntas surgiram como: o que levou a criança a desenhar esse tema? Existirá alguma imagem do cotidiano em diálogo com esse desenho?

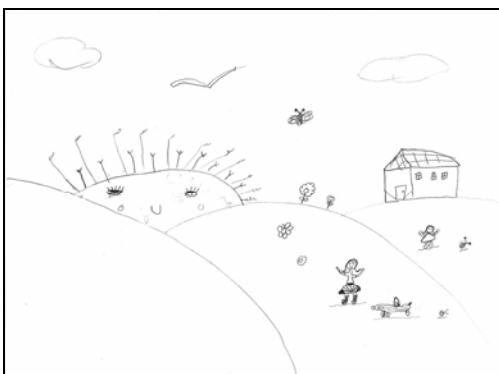
3.4 O PRIMEIRO OLHAR: TEMAS ENCONTRADOS

Após a observação dos desenhos das duas turmas, estabelecemos a seguinte classificação temática: paisagem, veículos, personagem, símbolos, desenhos copiados, lutas, animais, casa e outros. Chegar a esta classificação não foi uma tarefa fácil, já que muitos desenhos encaixam-se em mais de uma categoria, e podem ser vistos de diferentes maneiras. A seguir

apresentamos brevemente os temas, para depois lançar um olhar geral sobre os desenhos das turmas.

3.4.1 Paisagem

Considera-se paisagem todo desenho em que aparecem espaços amplos, abertos, numa vista geral de vários elementos: árvores, casas, pessoas, carros, etc. A definição de paisagem cultural, delimitada no capítulo 2, pode nos ajudar a compreender este conceito de desenho de paisagem, que compreende uma interação entre homem, sociedade e natureza. As paisagens geralmente são configuradas através de esquemas gráficos usuais como árvore, casa, nuvem, etc. Em alguns desenhos, principalmente do meio rural, percebem-se referências ao cotidiano da criança. É o tema mais comum tanto no meio urbano quanto rural. Embora seja praticada por meninos e meninas, o número de meninas produtoras deste tipo de desenho é maior.



Menina, 8 anos, escola urbana.

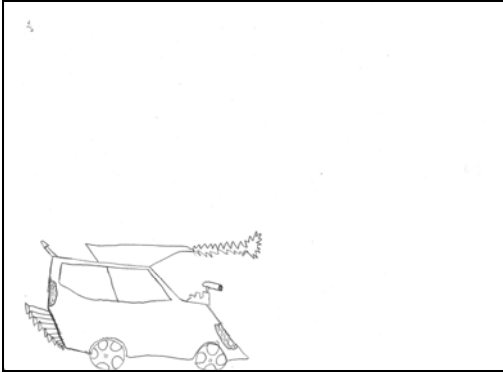


Menino, 9 anos, escola rural.

3.4.2 Veículos

Considera-se desenho de veículo todos aqueles que o tenham como elemento principal, ainda que representados com mais alguns elementos de paisagem. É o tema preferido dos meninos do meio urbano, e aparece em segundo lugar entre meninos do meio rural. Nos desenhos de veículo feitos pelos sujeitos desta pesquisa (todos meninos) encontramos carro, moto, ônibus, caminhão, barco, trator e balão. Embora os meninos dos dois contextos apreciem desenhar veículo, percebemos uma grande diferença nos desenhos deste tema em cada local pesquisado. No meio urbano os veículos são quase sempre carros enquanto no meio rural aparecem igualmente carros e caminhões. Ainda entre os carros, percebemos

diferença entre os retratados no meio urbano e no meio rural: na cidade praticamente todos os meninos fizeram carros decorados, enquanto no campo apenas dois meninos utilizam esta técnica. Os meios de transporte mais diferenciados como barco e balão foram produzidos na escola rural.



Menino, 9 anos, escola urbana.



Menino, 8 anos, escola rural.



Menina, 9 anos, escola urbana.

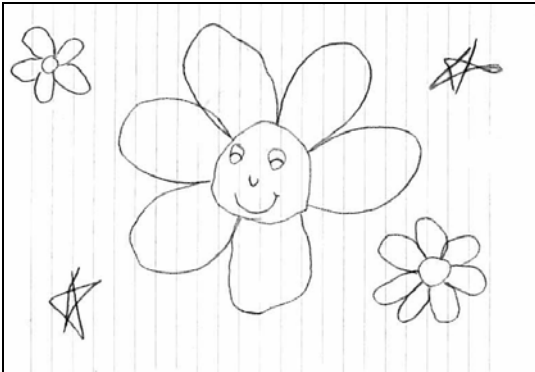
3.4.3 Personagem

Incluimos na categoria personagem os desenhos em que a figura humana aparece sozinha ou ocupa papel central, desenhos de rostos e ainda os desenhos de personagens de ficção tais como fada, alienígena, guerreiro espacial, etc. É o terceiro tema mais freqüente no meio urbano, tanto entre meninos quanto entre meninas. Algumas meninas do meio urbano desenharam personagens femininas sensuais com roupas e acessórios da moda. Curiosamente, no meio rural, consta apenas um desenho de personagem, feito por menino. Este é, portanto, mais um ponto onde encontramos diferenças nos dois contextos.

3.4.4 Símbolos

Na categoria símbolos, incluimos os elementos de uso preferencialmente feminino como coração, flor, borboleta, estrela, etc. É o segundo tema mais freqüente entre as meninas, tanto na turma urbana quanto na rural. As meninas costumam desenhar estes símbolos de forma isolada na folha de papel, e muitas vezes o coração, a flor ou a borboleta apresentam

rosto humanizado, pernas e braços. Apenas um menino do meio urbano desenhou logomarcas de empresas automobilísticas e emblemas de times de futebol, de modo que esses desenhos foram tidos como símbolos.



Menina, 9 anos, escola urbana.



Menina, 8 anos, escola rural.

3.4.5 Desenhos copiados

Nesta categoria selecionamos os desenhos em que a fonte da imagem está claramente reconhecível, com pouca ou nenhuma modificações adicional. Decalques também estão incluídos aqui, ou seja, quando a criança usa folhas transparentes e passa o lápis exatamente por cima da imagem. São desenhos originalmente feitos por adultos (um ilustrador ou cartunista no caso dos desenhos da mídia, ou professor no caso da decoração da sala). copiados da decoração da sala ou de locais como livros, cadernos, estojos, mochilas, etc. Grande parte dos desenhos feitos em casa pertencem a essa classificação e embora não estivéssemos presentes no momento de sua feitura, reconhecemos sem dúvida a fonte da imagem.



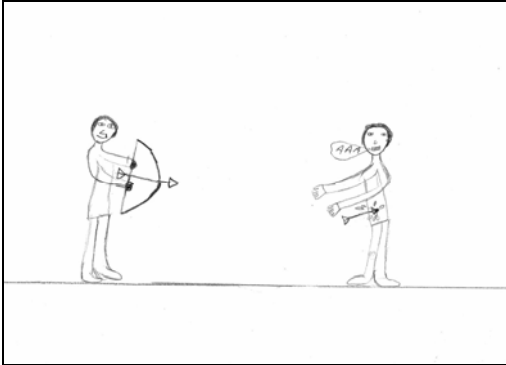
Menino, 8 anos, escola urbana.



Menina, 9 anos, escola rural.

3.4.6 Lutas

A luta, categoria predominantemente masculina, envolve confrontos entre piratas, lutas com espada, etc. Encontramos poucos desenhos com este tema, sendo cinco na escola urbana e dois na escola rural.



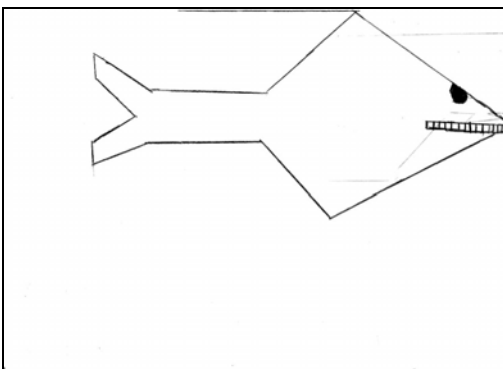
Menino, idade não registrada, escola urbana.



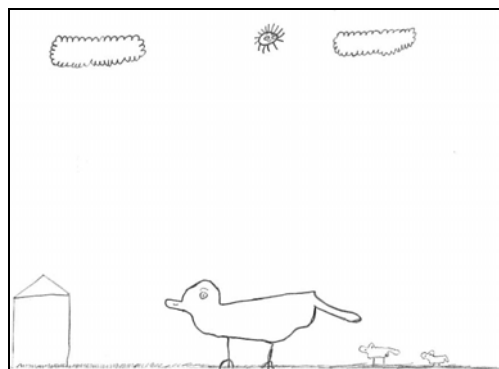
Erick, 9 anos, escola rural.

3.4.7 Animais

Desenhos em que aparece algum animal claramente destacado como pato, tartaruga, pingüim, etc. Apenas meninos fizeram desenhos de animais, e em maior número na turma da escola urbana. Encontramos poucos desenhos com este tema, sendo cinco na escola urbana e apenas um na escola rural.



Menino, 8 anos, escola urbana.



Menino, 8 anos, escola rural.

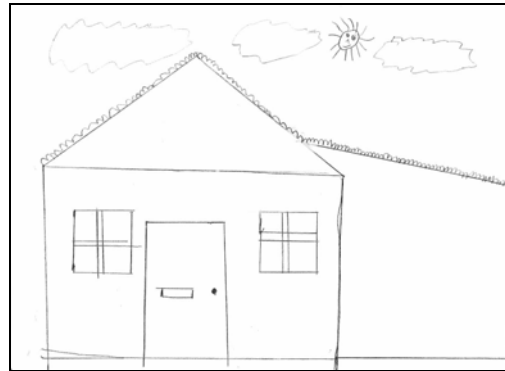
3.4.8 Casa

Desenho onde a casa aparece sozinha ou em clara posição de destaque na paisagem. Duncum (1997) aponta a casa como tema feminino, porém aqui foi feita em número

significativo por meninos do meio rural, sendo o terceiro tema mais freqüente entre eles. Encontramos na escola rural quinze desenhos com este tema (sendo treze feitos por meninos) e na escola urbana apenas um desenho feito por menina.



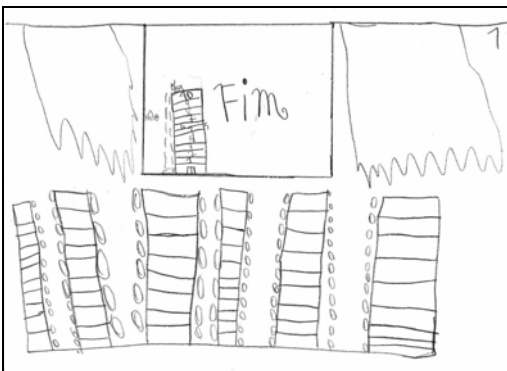
Sílvia, 9 anos, escola urbana.



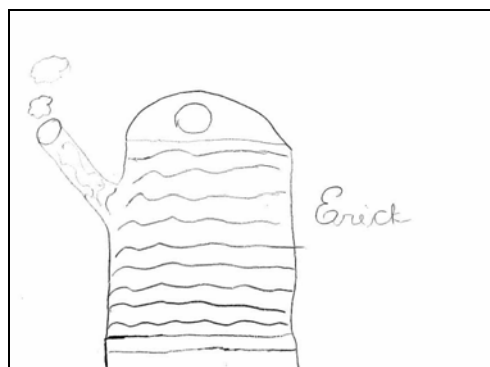
Menino, 8 anos, escola rural.

3.4.9 Outros

Incluimos nesta categoria os desenhos não identificados e desenhos de objetos variados tais como bolo de aniversário, chaleira, taça, arco e flecha. Um único desenho com tema esportivo também foi incluído nesta categoria.



Menina, 9 anos, escola urbana.



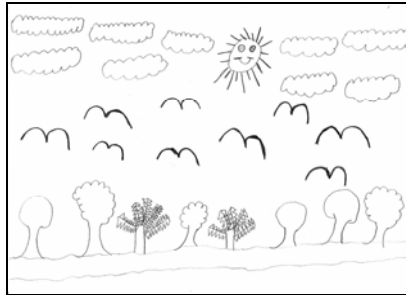
Erick, 9 anos, escola rural.

Trazemos a seguir exemplos que permitem uma melhor visualização dos desenhos de cada turma.

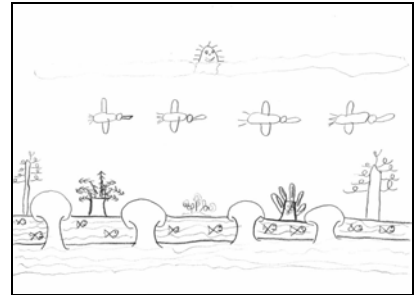
Desenhos da turma: Escola Rural Municipal Dr. Aloísio Leoni - Lapa, PR.



Menina, 8 anos.



Menino, 8 anos.



Menino, 8 anos.

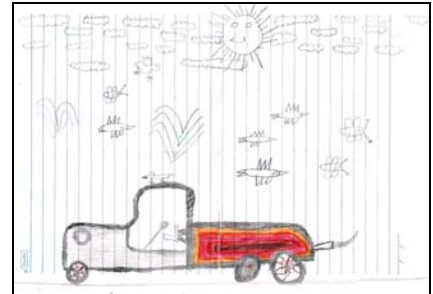
Exemplos de paisagem, onde destacamos a repetição de elementos formando interessantes padrões compositivos.



Menino, 9 anos.

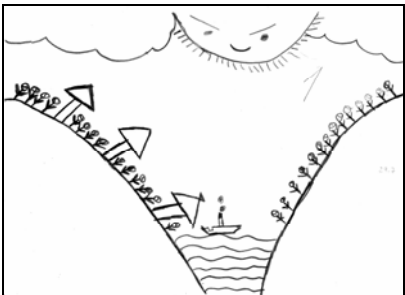


Mário, 8 anos.



Menino, 8 anos.

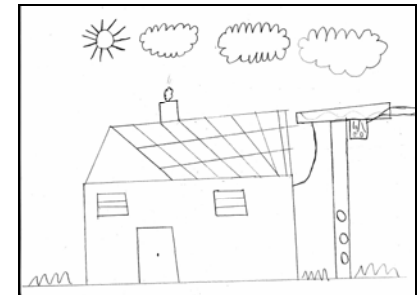
Exemplos de veículos, alguns com chuva.



Erick, 9 anos.

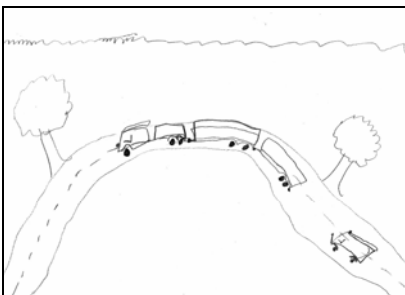


Menino, 8 anos.



Mário, 8 anos.

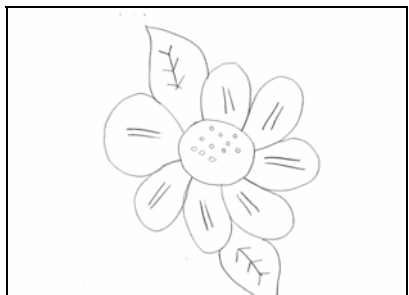
Exemplo de paisagem em forma de vale, comum na turma, e exemplos de casas onde destacamos a presença da chuva e do poste de luz.



Menino, 8 anos.



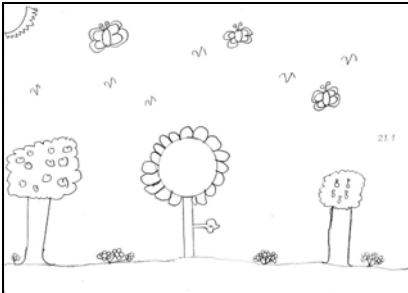
Menina, 8 anos.



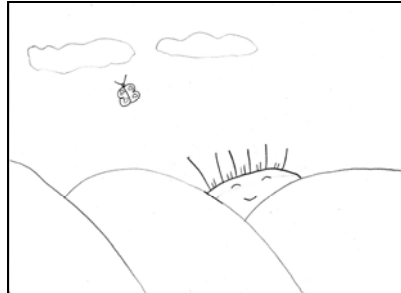
Menina, 9 anos.

Exemplo de paisagem com estrada e caminhão, exemplos de símbolos de coração e flor.

Desenhos da turma: Escola Municipal São Luiz - Curitiba, PR.



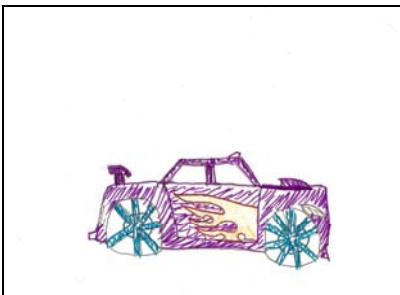
Menina, 8 anos.
Exemplos de paisagem.



Menina, 8 anos.



Menina, 9 anos.



Menino, 10 anos.

Exemplos de veículos decorados, onde destacamos a influência do tuning de carros e da mídia.



Raul, 9 anos.



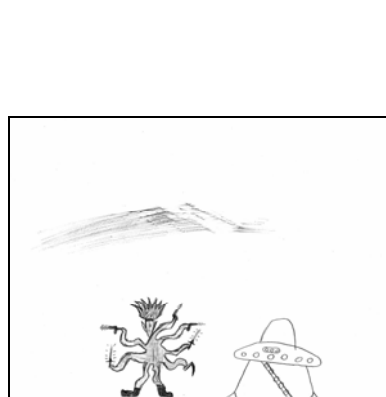
Menino, 10 anos.



Menino, 8 anos.



Menina, 8 anos.

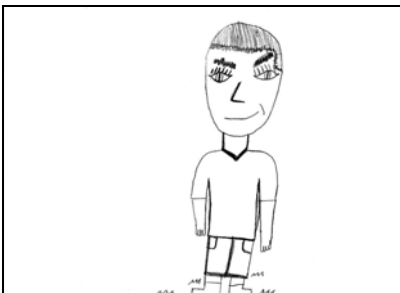


Raul, 9 anos.



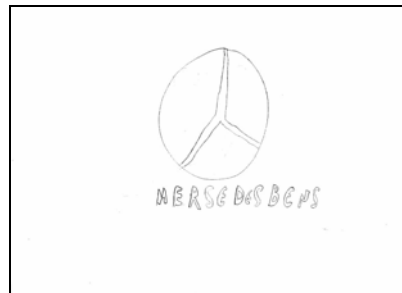
Menina, 9 anos.

Exemplos de personagens fictícios: guerreiro espacial, fada, alienígena. Desenho copiado ou decalcado realizado em casa.

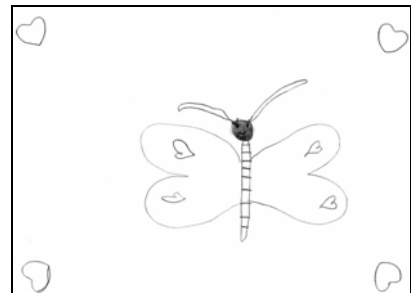


Menino, 10 anos.

Exemplo de figura humana e símbolos.



Gabriel, 10 anos.



Menina, 8 anos.

3.6 PARALELO ENTRE AS TURMAS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Após observar todos os desenhos de uma maneira geral, procuramos separá-los por temas para assim facilitar nosso olhar sobre a turma. Assim pudemos perceber semelhanças e diferenças entre os desenhos dos dois locais.

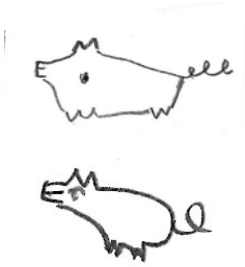
O desenho de paisagem com o largo uso de esquemas gráficos é o tema mais freqüente nas duas turmas. Na turma rural, a paisagem ocupa 60% dos desenhos enquanto na urbana 40%. As meninas são as maiores produtoras desse tipo de desenho, principalmente na turma da escola rural. A paisagem, porém, muito raramente remete a paisagem habitada, ela é antes uma paisagem geral, não identificável, uma síntese geral do conceito de paisagem. Apenas em poucas ocasiões identificamos claramente a paisagem real: Em Curitiba, uma menina desenhou um clube visitado no fim de semana. Na zona rural, um menino desenhou seu passeio pela cidade da Lapa e outro desenhou as formações rochosas vistas em Vila Velha, PR. Nos três casos as crianças desenharam uma situação vivida, e, curiosamente um passeio em outra paisagem que não a habitual. O que é habitual não é percebido com destaque, mas o passeio traz o frescor de um novo olhar sobre algo.

Embora de um modo geral as paisagens sejam semelhantes, algumas características podem ser destacadas como elementos e formas de desenhar específicos da turma. Na turma rural, dentre os desenhos de paisagem nos chamou a atenção uma espécie de vale, um desenho repetido por várias crianças desta turma. O vale geralmente é configurado com a folha na posição horizontal, e representa duas montanhas com uma porção de água ao centro e uma embarcação (navio ou barco). Até onde se pode localizar, a região da escola (distrito Alves Cardosos, área rural da Lapa) não apresenta paisagem semelhante em suas proximidades, portanto este desenho não parece ser oriundo da observação do relevo local.³⁴

Estes desenhos de vale mostram como um modo de desenhar pode se difundir numa sala de aula, ou seja, mostra a difusão espacial dos desenhos infantis. Inúmeras perguntas decorrem

³⁴ Observando os desenhos da coleção de Mário de Andrade, catalogados por Coutinho (2002) encontramos algumas composições semelhantes. Os desenhos foram realizados em 1937, e guardam semelhanças com estes realizados 70 anos depois pelos alunos da Escola Aloísio Leoni. Os desenhos da década de 30, além das montanhas e da embarcação, trazem esquemas gráficos de casa, sol e árvore que são muito semelhantes aos encontrados atualmente. São esquemas já solidificados em nossa cultura, repetidos através de gerações.

desta constatação: Quem começou a fazer este desenho? Seria possível localizar sua origem? Será que o desenho ocorre apenas nesta turma ou em toda escola? Há quanto tempo vem sendo repetido? Não nos é possível aqui responder a todas essas perguntas, que demandariam estudos específicos.



Exemplos de porcos desenhados por um menino e uma menina. Escola rural, Lapa, PR.

Observamos ainda a presença de alguns elementos repetidos por algumas crianças dessa turma. Algumas crianças desenharam um esquema de porco, que, segundo informação oral obtida informalmente, é ensinado pelo personagem Chaves do programa de televisão. Em determinado episódio, Chaves ensina como desenhar o porco, composto por várias letras: 'E' para o focinho, 'M' para as orelhas, duas letras 'W' para as patas e um 'e' manuscrito minúsculo para o rabo. Encontramos também um desenho semelhante a uma antena, mas que na realidade é uma forma vegetal. Perguntamos à turma o que significava aquela

figura e as crianças responderam: árvore, pinheiro, antena.

Após alguns encontros, as crianças da escola rural passaram a explorar o lápis 4B oferecido a elas. O lápis foi utilizado para colorir, contornar, ou mesmo para cobrir um desenho de canetinha. Em determinado momento várias crianças começaram a fazer linhas bem grossas, repassando o lápis várias vezes com bastante pressão até conseguir um tom bem escuro, quase preto. Enfim, os alunos exploraram diversas formas de utilizar esse material. Ainda sobre os desenhos dessa turma, destacamos que algumas crianças trabalham com bastante simetria e repetição de padrões.

Nas duas escolas, o segundo tema mais representado foi o desenho de veículos, que ocupa 20% do total dos desenhos no meio urbano e 15% no meio rural. Esta é uma categoria exclusivamente masculina em ambas as escolas. Embora os meninos dos dois contextos apreciem desenhar veículos, em cada local o desenho se apresenta de uma forma. No meio urbano a grande maioria desses desenhos é constituída por carros bastante decorados, com adesivos, caixas de som, aerofólios salientes, etc. Na escola rural encontramos o mesmo número de carros e caminhões, além de veículos como caminhonete, trator, ônibus, navio e balão. Os carros realizados na turma rural são em sua maioria sem decoração, apenas três

meninos da turma utilizaram essa técnica em algum momento, enquanto na escola urbana apenas um menino não desenha dessa maneira.

Os meninos da cidade desenhavam carros “envenenados” ou “tunados” demonstrando influência de desenhos de televisão, revistas de carro e do próprio tuning (do inglês *tooning*) de carro. Tunar o carro significa modificá-lo, o carro recebe pintura decorativa, calotas ornamentais, novos tipos de luzes, pode ser rebaixado ou erguido, enfim, recebe uma infinidade de acessórios. Já os meninos do campo desenhavam carros e caminhões presentes em seu dia-dia, pois o caminhão é um meio de transporte e de trabalho comum no meio rural. Percebe-se, portanto, que as diferenças nos desenhos ocorre devido a influência maior ou menor da mídia.

O terceiro tema mais realizado na escola de Curitiba foi o desenho de personagem, que representa 15% do total dos desenhos coletados. Incluímos na categoria personagem os desenhos de figura humana ou personagens de ficção. Meninos e meninas igualmente desenhavam personagens. Algumas meninas desenhavam figuras femininas bastante sensuais com roupas e acessórios da moda, como jóias, *piercing*, botas de salto alto, *top* aparecendo a barriga. Essa feminilidade já havia sido observada em desenhos do teste piloto, em meninas também de escola urbana. Nesse ponto, é importante observarmos que os meios de comunicação em massa “não só transmitem informações, não só apregoam mensagens. Eles também difundem maneiras de se comportar, propõem estilos de vida, modos de organizar a vida cotidiana, arrumar a casa, de se vestir, maneiras de falar e de escrever” (SANTOS, 1994, p. 69).

Curiosamente, no meio rural, consta apenas um desenho de personagem, um palhaço todo feito de círculos, realizado por um menino. Uma das alunas da Lapa afirma que não desenha pessoas porque faz “*de um tipo que fica feio*”. Este é, portanto, mais um ponto onde encontramos diferenças nos dois contextos. Inevitavelmente surge a pergunta: por que as crianças do campo não desenhavam figuras humanas ou personagens? Pensamos que a resposta novamente está relacionada às diferenças de acesso a imagens. As crianças de Curitiba recebem aulas de arte semanais (com professora específica), e tem acesso a fontes de imagens diferentes através da internet, TV a cabo, DVDs, realidade esta ainda distante do meio rural em que a pesquisa foi realizada. Dessa forma têm um maior contato com desenhos de personagens através de filmes, desenhos animados, ilustrações. Algumas

crianças afirmaram aprender a forma do nariz, ou dos olhos no programa *Art Attack* da TV fechada.

O terceiro tema mais realizado na escola da Lapa foi o desenho de casa, que representa quase 20% do total dos desenhos coletados. Encontramos na escola rural quinze desenhos com este tema, sendo treze feitos por meninos, e na escola urbana apenas um desenho feito por uma menina. Duncum (1997) aponta a casa como tema feminino, porém na escola rural foi feita praticamente apenas por meninos. Outra característica marcante desses desenhos dos meninos da Lapa, é que a casa geralmente é desenhada em tamanho muito grande, ocupando toda a folha de papel, sem deixar espaço para paisagem entorno. Esta forma de desenhar casas enormes também foi observada no teste piloto, realizado em outra escola rural do município. Poderíamos perguntar por que os meninos desenhavam casa. Novamente teríamos apenas suposições, que ficarão abertas em forma de pergunta. Será que na falta de maiores repertórios gráficos, a casa surge por ser um esquema gráfico básico, muito consolidado tanto na memória individual quanto coletiva? Ou seria o fato de que numa paisagem rural, com grandes espaços ocupados por plantações e pastos, a casa torna-se um elemento de destaque? Não podemos responder a essas perguntas, que demandam maiores pesquisas e diálogo com os autores dos desenhos.

Tanto na escola urbana quanto na escola rural, os temas mais desenhados pelas meninas foram os mesmos: paisagem e símbolos. Os símbolos mais freqüentemente encontrados são coração, flor, borboleta, estrela, entre outros. Os meninos também costumam utilizar corações, flores, borboletas, mas como elementos decorativos em uma paisagem, como detalhes e não como tema principal. Já as meninas costumam desenhar estes símbolos de forma destacada, bem grande na folha de papel.

Percebemos nesta pesquisa que a proximidade das datas comemorativas estimula alguns desenhos das crianças com esses temas. Segundo Luquet (1969), circunstâncias imediatas podem servir de temas para o desenho das crianças. A criança pode desenhar coisas que estão presentes naquele momento ou que aconteceram há pouco. Esta situação foi presenciada nesta pesquisa em ambas as turmas, pois quando estávamos próximos de datas comemorativas, surgiam alguns desenhos: Páscoa, Dia do Índio, Dia dos Namorados, Dia do Exército.

Em relação ao desenho feito em casa, observamos nas duas escolas a ajuda de outras pessoas, geralmente pais e irmãos mais velhos. Este fato mostra como a criança interage com pessoas mais experientes de seu grupo enquanto desenha. Ou mostra ainda a preocupação de fazer um desenho "caprichado" para uma professora. Os desenhos realizados em casa, nas duas turmas, apresentaram um maior número de cópias e decalques. Desta forma, em casa a criança interage também com as fontes de imagens que tem disponível no ambiente: livros, cadernos, entre outros. Entre as meninas do meio rural, observamos um estilo de desenhar flores, bastante próximo à tradicional pintura de pano de prato, porém não conversamos com as crianças sobre a possível fonte de imagem por trás desses desenhos. Os materiais utilizados em casa são lápis de escrever, lápis de cor, canetinha; e os papéis são os mais variados como folhas sulfites, folhas de diversos tamanhos retiradas de cadernos pautados, folhas reutilizada que continham coisas escritas no verso.

Após observar a turma de uma maneira geral, definimos a escolha de quatro crianças para uma análise mais aprofundada.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DESENHOS DAS CRIANÇAS

Neste capítulo fazemos a análise dos desenhos de quatro crianças, duas da escola urbana e duas da escola rural. O capítulo está dividido em seis seções. Na primeira seção explicamos como se deu a escolha das crianças e apresentamos a amostragem proposital definida por Patton (1990). Dentro dos tipos de amostragem proposital, escolhemos a amostragem por intensidade, na qual se escolhe casos que manifestam o fenômeno de interesse intensamente. Posteriormente, nas quatro seções seguintes, fazemos a análise dos desenhos das crianças, à luz dos teóricos estudados, apresentando os desenhos em ordem cronológica. Ao final deste capítulo, na sexta seção, discutimos as imagens do cotidiano observadas no desenho das crianças investigadas. Ressaltamos especialmente como as crianças copiam e se apropriam de imagens bidimensionais, presentes na decoração da sala, no material escolar, ou mesmo no desenho do colega. Destacamos também as cópias e decalques encontrados nos desenhos feitos em casa.

4.1 A ESCOLHA DAS CRIANÇAS

Após realizar a coleta de desenhos das duas turmas, tínhamos que escolher quatro crianças, um menino e uma menina de cada local. Para isso usamos como critérios de seleção a amostragem proposital definida por Patton (1990). De acordo com este teórico, na pesquisa qualitativa as amostras não são selecionadas aleatoriamente e sim propositalmente:

A lógica e a força da amostragem proposital está em selecionar *casos com informações ricas* para estudar em profundidade. Casos com informações ricas são aqueles a partir dos quais se pode aprender bastante sobre questões de importância central para o propósito da pesquisa, daí o termo amostragem *proposital*. [...] O propósito da amostragem proposital é selecionar casos específicos cujo estudo iluminará as perguntas sob investigação³⁵ (PATTON, 1990, p. 169, tradução nossa).

O autor define dez tipos de amostragem proposital, e nesta pesquisa optamos por utilizar a amostragem por intensidade (*intensity sampling*). "Uma amostra por intensidade consiste em casos com informações ricas que manifestam o fenômeno de interesse intensamente (mas não extremamente)" (PATTON, 1990, p. 171).

Portanto, selecionamos crianças que têm uma relação intensa com o desenho, ou seja, crianças que apreciam desenhar. É curioso observar que esta relação intensa pode se apresentar de diferentes maneira. Algumas crianças fazem rapidamente diversos desenhos, outras se concentram atentamente em apenas um, levando bastante tempo para concluí-lo. Nesta pesquisa, demos preferência às crianças que apresentaram grande produção de desenhos. Procuramos ainda as crianças que percorrem diversos temas e que possuem um repertório amplo de imagens, por entender que estas também podem ser características de uma relação intensa com o desenho.

Por fim, algumas mudanças tiveram que ser feitas. Na turma da escola rural encontramos dificuldade em localizar uma menina que possuísse uma relação intensa com o desenho. Todas as meninas pareciam desenhar de forma similar. Apenas uma menina desenhava vagarosamente, colocando muitos detalhes em seus desenhos, ocupando o espaço gráfico de forma diferenciada. Porém, esta aluna escolhida originalmente não obteve autorização dos pais para ingressar na pesquisa. Como não havia na turma nenhuma outra menina que mostrasse uma relação intensa com o desenho, optamos por realizar um sorteio.

Em síntese, nossa pesquisa seguiu os seguintes passos até chegar aos quatro selecionados:

1) Um menino e uma menina de cada escola;

³⁵ The logic and power of purposeful sampling lies in selecting *information-rich cases* for study in depth. Information-rich cases are those from which one can learn a great deal about issues of central importance to the purpose of the research, thus the term *purposeful* sampling. [...] The purpose of purposeful sampling is to select information-rich cases whose study will illuminate the questions under study.

2) Crianças que possuem relação intensa com o desenho;

3) Acessibilidade (autorização dos pais).

Realizamos uma visita à residência dessas quatro crianças com o objetivo de observar mais proximamente as imagens de seu cotidiano. Nesta ocasião conversamos com os pais dos alunos e pudemos observar melhor com o que eles brincam, qual a decoração da casa, se têm acesso a livros, games, gibis, etc. Devemos sublinhar que cada visita desenvolveu-se de modo particular e de acordo com o tempo disponível de cada família.

Além das quatro crianças visitadas, outras nove foram entrevistadas, e o critério de seleção novamente deu-se por acessibilidade, já que algumas crianças não obtiveram a autorização dos pais ou não estavam presentes na escola no dia da entrevista. As entrevistas ocorreram nas próprias escolas, em salas que se encontravam disponíveis, nos dias 14 de agosto (Lapa, PR) e 6 de setembro de 2007 (Curitiba, PR).

É importante destacar as diferenças ocorridas nesses dois momentos de entrevista e que irão repercutir na análise dos desenhos das crianças. Durante as entrevistas na escola rural, as crianças se mostraram tímidas e inseguras, responderam com monossílabos, não conseguimos estabelecer uma comunicação satisfatória. Acreditamos que tal comportamento tenha sido gerado devido ao fato das crianças não se lembrarem mais dos seus desenhos, daí a dificuldade de falar sobre eles. Naquele momento não havíamos pensado nesta possibilidade. Porém, durante as entrevistas com os alunos da escola urbana, esta questão foi abordada claramente. Desta forma, as crianças se sentiram à vontade para comentar os seus desenhos. Devido a este fato, as crianças acabaram por nos fornecer mais dados para a análise de seus desenhos. Por isso as análises dos desenhos das crianças da escola urbana são significativamente mais extensas que as das crianças do meio rural.

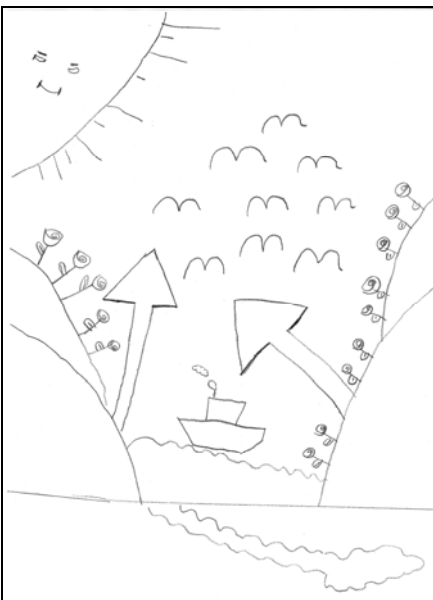
4.2 ANÁLISE DOS DESENHOS DE ALISSON - ESCOLA RURAL



Alisson, 8 anos,
na chácara onde mora.

Alisson tem 8 anos e mora com os pais numa chácara próxima à cidade da Lapa. Os pais são os chacreiros da propriedade, e o pai, além deste ofício, trabalha ainda como vigia noturno de uma loja. Alisson gosta de desenhar e considera-se feliz com seu desenho (dados obtidos na entrevista).

Alisson percorre uma variedade de assuntos em seus desenhos: cenas do meio rural em que habita, carros e motos, paisagens convencionais. Perguntamos se existe algo que ele acha difícil desenhar e ele respondeu que não. Costuma brincar de bicicleta e de carrinho, gosta de assistir o programa infantil “Bom Dia e Companhia” (em exibição no SBT, canal 4). Não possui vídeo game, mas diz que tem dois DVDS, “um de dinossauro e um que tem três filmes”. Durante a visita na casa de Alisson não tivemos acesso ao seu quarto, mas na entrevista ele afirmou possuir, ao que parece, um livro e disse não possuir gibis.



Desenho realizado na escola no dia
30/03/07. Alisson, 8 anos.

No primeiro dia da coleta dos desenhos (30 de março de 2007), Alisson faz um desenho típico de sua turma: uma paisagem com montanhas formando uma espécie de vale e árvores semelhantes a setas. Este é um esquema gráfico típico desta turma, um desenho que é repetido por várias crianças, meninos e meninas. Conforme o combinado na época, o primeiro desenho feito em sala deveria ser sem cores, apenas traçado a lápis. Porém, os desenhos subsequentes ou o desenho de casa poderiam ser coloridos com os materiais que a criança tivesse disponível.

Alisson aponta este como um dos desenhos que mais gosta. Perguntamos por que e ele responde: *“Eu achei bonito, sabe? Tá cheio de rosa, pássaro, sol, um barco...”* Dessa resposta podemos depreender que esses elementos decorativos remetem a um local apazível, de beleza, paz e repouso. Essa resposta assemelha-se à de alguns dos

colegas entrevistados, que geralmente associam a beleza do desenho ao elemento representado, como mostram os trechos das entrevistas abaixo:

Pesquisadora- *O que você acha que deixa um desenho bonito?*

Beatriz- *O sol.*

Pesquisadora- *O que esse desenho tem que ele é o mais bonito?*

Aline- *As flores, esse aqui que eu fiz...*

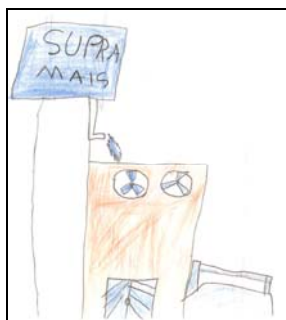
Pesquisadora- *O que você acha que deixa o desenho bonito?*

Mario- *(demora na resposta) Acho que...uma casa.*

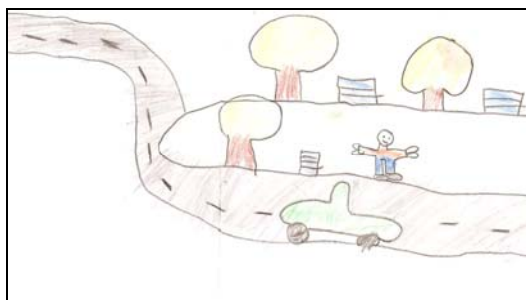


Desenho realizado em casa. Alisson, 8 anos.

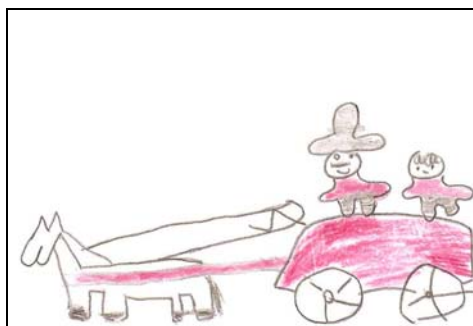
No segundo encontro, dia 13 de abril de 2007, os desenhos de Alisson apresentaram uma temática completamente diferente. Em casa, o garoto desenhou uma cena de seu cotidiano, o dia em que foi com o pai, de carroça, até a cidade para comprar verduras para os animais de criação da chácara. Este desenho tem forte caráter narrativo, pois trata-se de um acontecimento vivenciado. Neste desenho podemos perceber que alguns elementos foram claramente observados na paisagem, como mostra o esquema a seguir, relacionando o desenho com fotos do local de origem.



O mercado "Supra Mais" na cidade da Lapa – PR.



Avenida central, Lapa – PR.



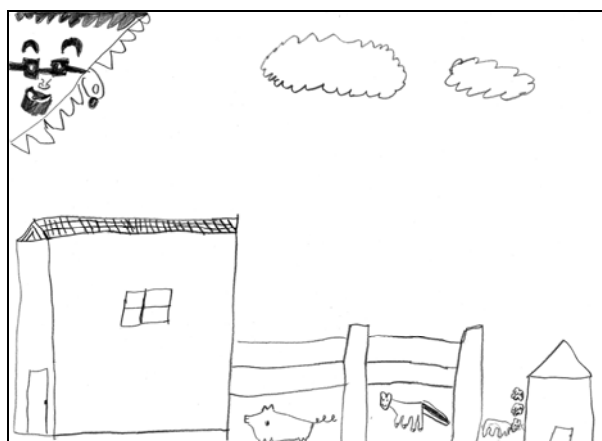
Alisson na carroça que utiliza.

Alisson desenhou a alta torre do mercado, com a placa onde lemos "Supra Mais". O mercado aparece ainda com suas cores reais - laranja e azul. Na parte superior do desenho percebemos a avenida central, tal como é, com um largo canteiro central com árvores e bancos. As árvores, porém, aparecem simplificadas da forma em que é comum na turma, com a copa em forma de círculo. O sol é grafado da forma padrão, utilizada pela maioria das crianças. No canto inferior direito aparecem Alisson e seu pai na carroça, o pai de bigode e chapéu como costuma estar. Poderíamos dizer que, neste desenho, Alisson conjuga os dois tipos de memórias usadas para desenhar: a memória de procedimento que resulta de um automatismo gráfico, isto é, da repetição constante de um mesmo desenho; e a memória

visual que ativa imagens mentais do objeto real. Ainda que o desenho em si seja esquemático no sentido definido por Duarte, por usar formas geométricas simples e por procurar os aspectos essenciais de um objeto antes dos detalhes, percebemos um esforço em ativar a memória visual quando ele desenha, por exemplo, a alta torre do mercado, a carroça, ou o canteiro da avenida com bancos.

Neste primeiro desenho de casa, a professora da turma forneceu folhas sulfite e pediu que as crianças “caprichassem bastante” no desenho³⁶. Ela pediu que fizessem bem colorido e inclusive lembrou às crianças que esta tarefa de casa deveria ser trazida na próxima semana.

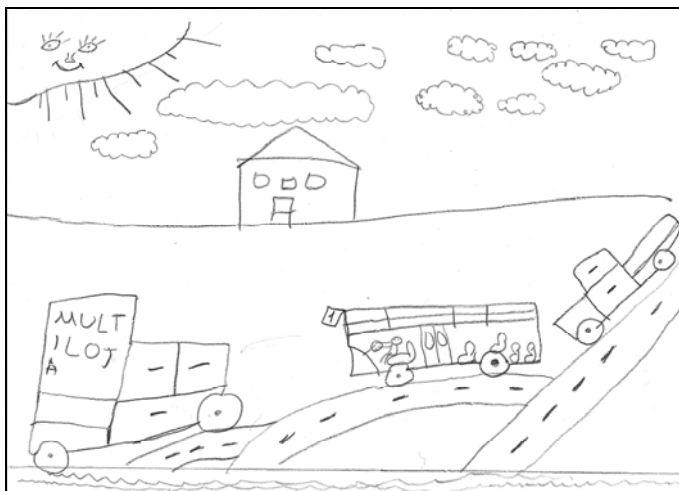
Já na escola, no dia 13/04, Alisson fez uma cena do cotidiano rural e um sol com acessórios da moda como óculos escuros e brincos. Perguntamos se ali havia uma história ao que ele respondeu “*Aqui é uma fazenda que eu desenhei...ó onde tá os cavalo, o galpão...*”. Este desenho mostra os afazeres cotidianos do campo de um modo geral, e não se referem a um momento específico como o anterior. Perguntado sobre o sol, Alisson diz que inventou. Um colega de classe copiou esse sol. No desenho do colega também transparece o meio rural com os animais no cercado (destacamos a o porco ensinado por Chaves).



Desenho realizado por Alisson no dia 13/04/07. Desenho do colega, com o sol copiado de Alisson.

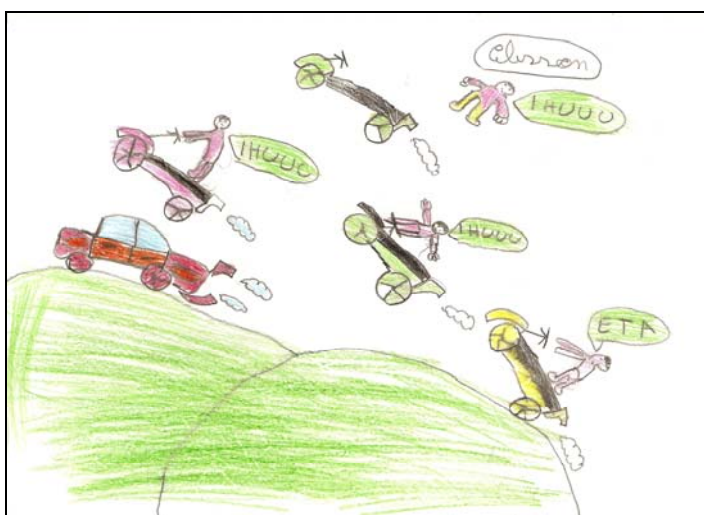
³⁶ Informação obtida em conversa informal com a professora.

Retornamos à escola um mês e meio depois. No dia 01/06, Alisson fez dois desenhos. A temática do primeiro desenho novamente deriva do dia-a-dia. Pedimos para ele falar do desenho: “Aqui é uma cidade, tem um ônibus, um carro, e um caminhão da Multiloja foi levar móveis.”



Primeiro desenho realizado no dia 01/06/07. Alisson, 8 anos. Caminhão da “Multiloja”, na cidade da Lapa - PR.

Novamente percebemos elementos do cotidiano como as ruas, o caminhão de uma loja conhecida, o ônibus e a caminhonete que é um veículo bastante utilizado em cidades pequenas que dependem da agricultura. Observando os três últimos desenhos, podemos depreender que, nessa época, a intenção de desenhar é sugerida por vivências do cotidiano.



Segundo desenho realizado na escola no dia 01/06/07. Alisson, 8 anos.

O segundo desenho que Alisson fez neste dia traz vários motoqueiros pulando um obstáculo. Novamente o desenho tem teor narrativo, como uma história contada através de uma cena. O desenho apresenta ainda balões com os dizeres “Ihuuu” e “Eta”, que reforçam o caráter dinâmico da cena. Este desenho foi apontado como um dos que mais gostou. Perguntado o porquê, ele respondeu: “Eu achei engraçado que

os homem tão caindo das moto...". É de fato um desenho divertido, dinâmico e com bastante ação. Os personagens apresentam quatro posições diferentes, o que sugere que cada um se encontra em um tempo da ação: um parece segurar o guidão da moto, outro parece que acaba de soltá-lo (o que diz "Eta"), outro (o personagem que está mais ao centro) está caindo para trás, e outro (o que está mais acima) já está bem longe da moto.

Segundo a classificação de Luquet (1927/1969), este desenho seria como uma narrativa do tipo simbólico, que representa a cena mais significativa de uma história. Se esta fosse uma história de corrida de motos, este seria o momento mais emocionante: os motoqueiros pulam um obstáculo tão alto que chegam a cair das motos. São quatro homens, a própria fala de Alisson não deixa dúvidas. Mas pelo desenho podemos entrever a seguinte ação seqüencial de um único tombo:

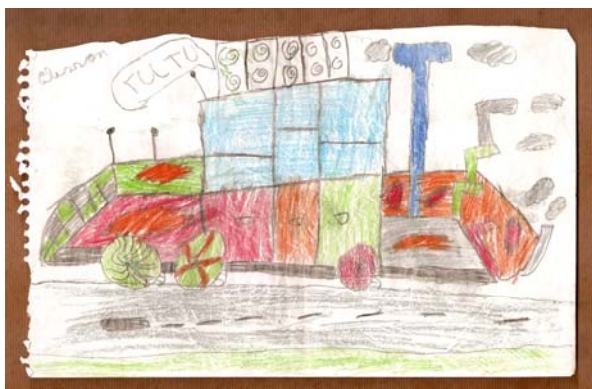


Seqüência de movimentos possíveis a partir do desenho de Alisson.

Este desenho é próprio dos meninos, uma cena de movimento, de esporte radical. Encontramos ainda abaixo das motos, do lado esquerdo, um carro com pintura decorativa. Segundo Brent e Marjorie Wilson (1982), os meninos costumam fazer mais desenhos de narrativa e os autores vêem nisso uma influência da televisão e dos quadrinhos, que são desenhos que contêm ação. O uso de balões típicos dos quadrinhos sustenta esta hipótese.

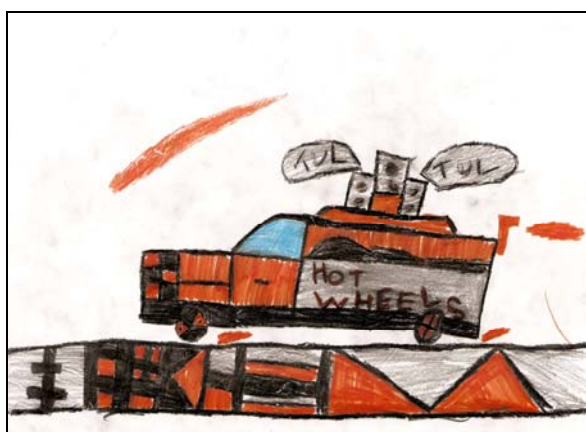
A partir desse momento, carros passam a ser o tema preferido de Alisson. Conforme Luquet (1969), as crianças podem passar determinado período de tempo com uma preferência por um tema, e isso pode ser visto nos desenhos de Alisson. Dez dias se passaram até o nosso próximo encontro, quando Alisson trouxe de casa o desenho de um carro todo decorado. Alisson nos explicou que escreveu "TUL TU" para simbolizar o som alto, e a forma desenhada acima do carro parece ser de caixas de som. O carro é todo decorado, colorido, com canos de escape aparentes e aerofólios salientes. É o típico carro "tunado" que está na moda entre meninos. Desta vez a professora da turma não forneceu folhas. O desenho foi

feito numa folha simples, arrancada de caderno, de baixa gramatura. A folha chegou em nossas mãos bastante amassada e com a borda superior levemente rasgada. A imagem foi escaneada sobre um fundo escuro para melhor demonstrar as bordas. No verso desse desenho encontramos mais um carro.



Desenho realizado em casa. Verso do mesmo desenho. Alisson, 8 anos

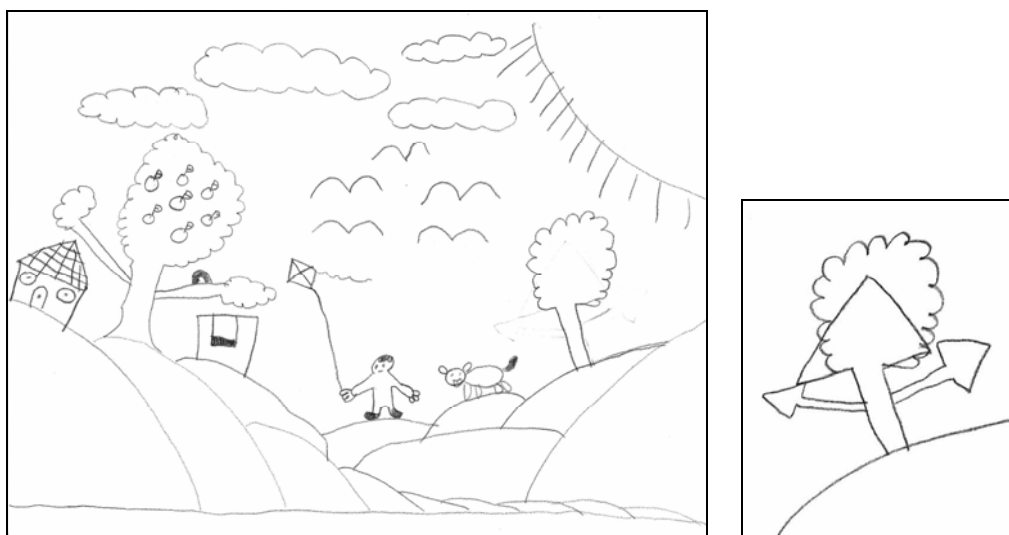
No próximo encontro, dia 11/06, Alisson novamente faz um carro com caixas de som e agora desenha dois balões escritos "TUL". No momento da execução deste desenho ele nos pergunta como se escreve *Hot Wheels*. Um fato curioso é que na coleta prévia de desenhos desta pesquisa, na Escola Aloísio Leoni, encontramos um desenho de carro onde estava escrito *Hot Wilson*. Provavelmente esta era a compreensão que o autor do desenho tinha da palavra ouvida.



Desenho realizado na escola no dia 11/06/07. Alisson, 8 anos.

Neste desenho, o chão todo decorado chama a atenção. Na entrevista perguntamos o que são aqueles desenhos na pista e ele diz apenas que “é *invenção*”. Este modo de desenhar pista de carros também foi observado em um desenho de menino da cidade Lapa, filho de uma aluna da pesquisadora.

Finalmente, no dia da entrevista o garoto faz um desenho de paisagem. É uma paisagem alegre, tranqüila. Reparamos que Alisson faz uma árvore em forma de seta, como aquela feita no primeiro desenho, mas logo apaga, substituindo-a pela árvore usada convencionalmente pela maioria das crianças. Perguntamos por que ele apagou e ele diz que achou feio. O desenho ainda guarda a marca do traço apagado, ao lado direito da folha.



Desenho realizado durante entrevista no dia 14/08/07. Alisson, 8 anos. Reconstituição da figura apagada - árvore usual desenhada por cima da árvore em forma de seta.

Achamos curiosa também a forma das montanhas que sugerem uma perspectiva, pois as maiores estão na frente e as menores atrás. Observando o primeiro desenho realizado pelo garoto (dia 30.03.07) e este, podemos perceber uma certa semelhança. Este desenho também sugere uma depressão no terreno, porém menos profunda que a encontrada no primeiro desenho.

No dia 18 de agosto de 2007, realizamos uma visita na casa de Alisson e fomos recebidos por sua mãe. O pai repousava após ter trabalhado à noite. Por esse motivo não entramos no quarto, onde poderíamos conhecer um pouco mais do universo de Alisson. A chácara situa-se num local alto e tem uma bela vista da cidade.

A mãe de Alisson conta que o filho mais velho (com idade de 14 anos) costumava desenhar, mas agora desenha muito pouco, porque se interessa por outras coisas. Alisson afirma que desenha em casa *“de vez em quando, quando não tem nada pra fazer”*. A mãe afirma que hoje não desenha mais: *“Hoje não... às vezes até que eu tento, mas não sai nada que preste...eu não dou pra desenho de jeito nenhum”*. Mesmo quando criança preferia pintar desenhos prontos, como os que vinham ilustrando as provas em sua época de escola. Perguntamos o que ela considera um desenho bonito e ela responde: *Ah, quando fica bem feito... bem determinado, assim bem esclarecido o que é... bem pintado também as cores que é pra ser, né?*

A resposta da mãe aproxima-se à de uma aluna entrevistada, da turma de Alisson, que diz que desenho bonito é aquele *“bem desenhadinho, bem pintadinho.”* (Andressa, 8 anos e 7 meses, distrito Alves Cardosos). Ambas utilizam várias vezes a palavra “bem” em suas respostas. Deduzimos que, para elas, o desenho deve ser algo “bem feito”. Percebemos que a mãe do garoto aprecia um desenho claro, que não deixa dúvidas (*“bem determinado, assim bem esclarecido o que é”*). Aprecia o desenho como algo próximo da realidade, que deve possuir as cores certas (*“as cores que é pra ser”*).

Por fim, observamos as referências estéticas visuais da residência de Alisson, composta por pôsteres. Um dos pôsteres traz uma fotografia de uma banda de música, outro é uma face de uma caixa de sapato com a foto da cantora Sandy, um pôster do Padre Marcelo Rossi composto de sua foto em frente à figura de uma santa, e um calendário com um pequeno quadrinho de paisagem em cima.



Pôster com banda de música, pôster do Padre Marcelo Rossi, imagem da cantora Sandy (encontrada em caixa de sapatos, agora transfigurada em pôster), calendário com cavalos e quadrinho com paisagem.

Podemos observar que todas as imagens decorativas da residência são reproduções e a maior parte composta por fotografias. As únicas pinturas estão presentes na figura da santa no pôster do Padre Marcelo, e em uma pequena imagem religiosa em cima da geladeira. As pinturas possuem estilo realista. É a perspectiva renascentista presente em nossa cultura, mencionada por Cox (1995). Estas referências fotográficas têm relação direta com o conceito de desenho da mãe de Alisson, que deve ser fiel à realidade.

Podemos observar que todas as imagens decorativas da residência são reproduções e a maior parte composta por fotografias. As únicas pinturas estão presentes na figura da santa no pôster do Padre Marcelo, e em uma pequena imagem religiosa em cima da geladeira. As pinturas possuem estilo realista. É a perspectiva renascentista presente em nossa cultura, mencionada por Cox (1995). Estas referências fotográficas têm relação direta com o conceito de desenho da mãe de Alisson, que deve ser fiel à realidade

4.3 ANÁLISE DOS DESENHOS DE ALINE - ESCOLA RURAL

A aluna Aline foi escolhida por sorteio em substituição à aluna escolhida originalmente, já que esta não obteve autorização dos responsáveis para ingressar na pesquisa. Optamos por realizar um sorteio, pois não havia na turma nenhuma outra menina que mostrasse uma relação intensa com o desenho. Aline desenha da forma típica da maioria das meninas da sua turma e não apresentou grande produção: em nossos encontros, a menina sempre fez apenas um trabalho.

Aline tem 8 anos e mora com sua mãe em um sítio localizado cerca de 10 quilômetros adiante da escola. Mora bastante distante da cidade, diferentemente de Alisson. No sítio existem várias casas como a da avó, da tia e outros parentes. As terras são propriedade da família e todos trabalham na lavoura.

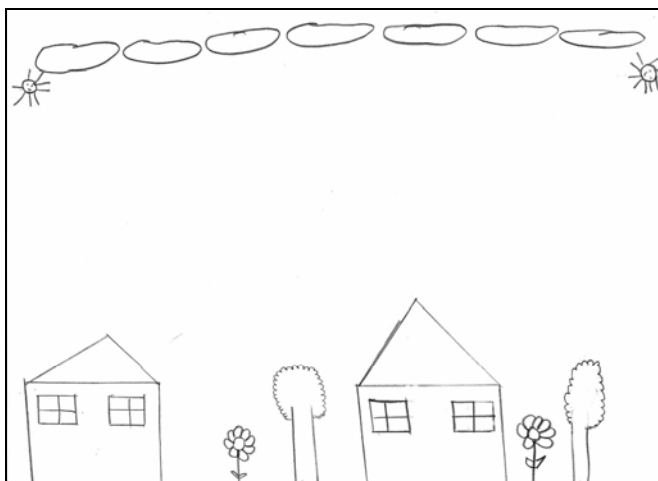
Timidamente, Aline afirma que gosta de desenhar e se considera uma boa desenhista, porém se pudesse, gostaria de desenhar como a Cláudia, colega de sua turma (dados obtidos durante a entrevista). Afirma também que a mãe e o tio desenhavam bem, a mãe "*desenha super bem*". Gosta de brincar de boneca e de assistir desenhos animados na TV, principalmente o desenho do *Baby Looney Tunes* que passa no canal SBT. Tem um livro infantil em casa, mas não gosta das ilustrações contidas no mesmo.

Aline, como a maioria das meninas de sua turma, repete com frequência o mesmo tema em seus desenhos. Não costuma fazer pessoas porque faz “*de um tipo que fica feio*” (afirmação obtida na entrevista). Acha fácil desenhar flor, casa e árvore. Gostaria de desenhar um “tipo de passarinho”, feito por sua prima, mas não consegue.

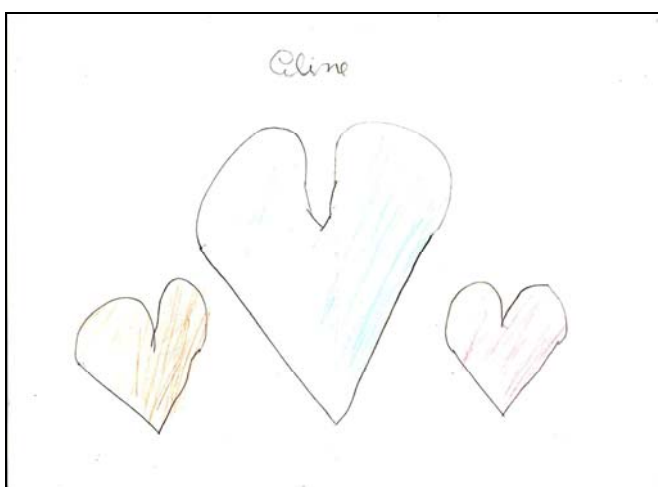
No primeiro encontro Aline desenhou uma paisagem. Neste desenho percebemos a utilização de esquemas gráficos bastante usuais, como casa, árvore, flores, sol e nuvens. A casa de Aline, assim como de várias outras crianças de sua turma, possui apenas uma face, e o telhado em forma de triângulo. As nuvens estão alinhadas formando o que Lowenfeld (1997) chama de “linha do céu”. Não foi traçada nenhuma linha de base, pois a própria base

da folha é utilizada como marca para o chão. Aline coloca dois sóis em seu desenho. Usa régua na confecção da casa e do tronco da árvore e, olhando mais detidamente, percebemos que ela apagou e refez uma janela e uma das árvores.

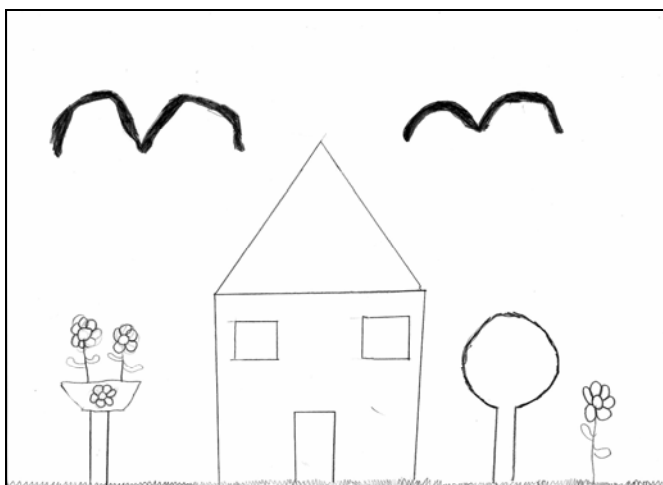
Em casa Aline faz três corações. Na entrevista, ela afirma ter visto esse desenho em um papel de presente que sua mãe ganhou. Este primeiro desenho feito em casa foi realizado em folha sulfite que a professora da turma distribuiu aos alunos. Observamos aqui a presença da simetria, uma constante em seus trabalhos - um grande coração ao centro ladeado por dois corações menores - e até sua assinatura está centralizada. A menina usou régua na parte inferior do coração, percebemos a descontinuidade do traçado na junção da parte inferior (reta) com a superior (curva). Este



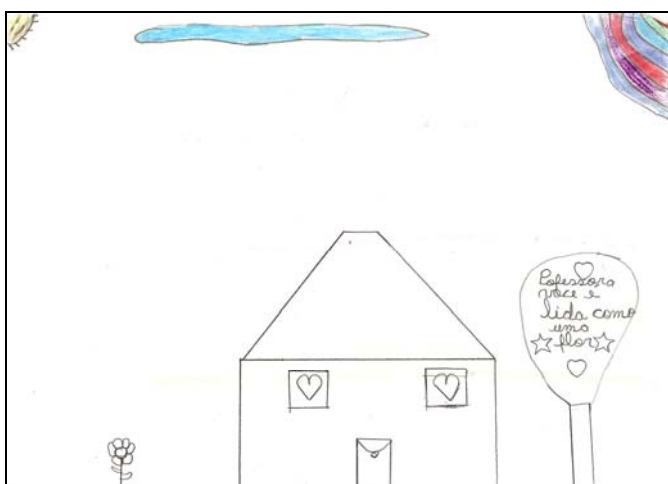
Desenho realizado na escola no dia 30/03/07.
Aline, 8 anos.



Desenho realizado em casa. Aline, 8 anos.



Desenho realizado na escola no dia 13/04/07. Aline, 8 anos



Desenho realizado na escola no dia 01/06/07. Aline, 8 anos.

desenho é apontado por Aline como o que menos gostou dentre todos.

No segundo encontro, dia 13/04/07, Aline realiza um desenho bastante semelhante ao primeiro. Novamente percebemos a utilização de esquemas gráficos usuais, como a casa, árvore, flores, e agora dois pássaros no céu. Uma linha de chão texturizada como grama foi traçada. Novamente percebemos a simetria, o equilíbrio buscado: Aline coloca a casa ao centro e preocupa-se em preencher igualmente os espaços laterais. Neste dia, alguns alunos começaram a explorar o lápis 6B, usando-o para contornar ou mesmo pintar. Aline usa este procedimento ao pintar os pássaros com o lápis.

O quarto desenho de Aline, realizado no dia 01/06/07, traz o mesmo tema. Novamente a menina traça a linha do céu, percebemos isso através da nuvem alongada e da posição do sol e do arco-íris, alinhados com a nuvem. Aline usou régua na confecção da casa, nos caules da árvore e da flor, e na decoração da árvore com estrelas e corações. A simetria novamente está presente, porém já não é tão visível, pois os elementos dispostos do lado direito da folha são maiores.

A mãe de Aline declara na entrevista que a menina costuma escrever cartas e fazer desenhos para dar para as amigas. Este desenho traz uma mensagem para professora, porém não fica claro para qual professora o desenho é dirigido, se para nós ou para professora da turma. Afirmamos isso, pois alguns alunos colocaram mensagens para a

A mãe de Aline declara na entrevista que a menina costuma escrever cartas e fazer desenhos para dar para as amigas. Este desenho traz uma mensagem para professora, porém não fica claro para qual professora o desenho é dirigido, se para nós ou para professora da turma. Afirmamos isso, pois alguns alunos colocaram mensagens para a

professora da turma no verso dos desenhos coletados. A mensagem "*Professora, você é linda como uma flor*" vem reforçar o caráter comunicacional do esquema gráfico, e a relação desenho-palavra.

Neste dia, várias meninas da turma começaram a desenhar para colegas, numa mistura de desenho e carta. Desenhando para interagir, uma agitação tomou conta das meninas, mesmo as mais quietas da turma. Neste momento, o desenho já não era feito para a pesquisadora e sim para as amigas. É curioso destacar que uma das meninas, sempre muito quieta e que desenhava apenas paisagens com casas, bem detalhadas e demoradas, realiza neste dia um desenho rápido de um coração. As meninas chegam a dobrar seus desenhos como se fossem cartas para suas amigas, mas nós acabamos por recolhê-los.



Desenho realizado em casa. Aline, 8 anos.

O segundo desenho realizado em casa mostra a ajuda da mãe. Aline afirma que a mãe desenhou a árvore, o passarinho e as nuvens. Neste desenho, a casa difere um pouco do seu esquema característico, apresentando a face frontal e lateral. No lado direito da folha há uma montanha com água embaixo. Olhando atentamente, percebemos que Aline procurou fazer aqui o esquema do vale, característico de sua turma. A linha que sai do telhado da casa é, na

verdade, uma das montanhas que compõem o vale. O desenho foi feito numa pequena folha pautada retirada de caderno e é o único que apresenta uma composição mais assimétrica.

Em nosso último encontro, dia 11/06/07, Aline traz novamente o tema da paisagem, porém agora sem a casa. Aline usou neste desenho lápis de cor, lápis 6B e assinou seu nome com caneta azul. Este último desenho é apontado pela garota como seu preferido. Perguntamos por que e ela diz: "*porque ele é o mais bonito de todos*". Não satisfeitas com a resposta, perguntamos: "*Por que ele é mais bonito? O que ele tem que é mais bonito?*"



Desenho realizado na escola no dia 11/06/07. Aline, 8 anos.



Elemento copiado, (detalhe do desenho de Aline) e desenho de um menino da turma.

A garota então responde apontando elementos como as flores e a forma desenhada ao lado. Observando os desenhos de Aline, vemos que todos, com exceção do coração, apresentam flores, então por que este é considerado mais bonito? Acreditamos que este desenho destaca-se entre os demais devido ao traçado forte e uso de cores mais vibrantes, além do mais, está colorido em sua totalidade, enquanto os outros estão coloridos parcialmente. As flores estão maiores, mais coloridas e a flor à esquerda apresenta uma ligeira variação esquemática, uma combinação de formas diferentes de pétalas, o que representa uma novidade em seus desenhos.

Neste desenho, o elemento localizado entre as flores e a árvore assemelha-se a um vegetal ou a uma antena. A forma de antena é encontrada em várias crianças da turma. Motivadas pela curiosidade, perguntamos à classe o que significava aquela forma e a resposta predominante foi “árvore”, mas alguns meninos a identificaram como “antena”. Aline afirma ter copiado esse elemento sem saber o que é, como demonstra a entrevista:

Aline: Esse daqui (aponta a forma) eu nem sei o que que é...

Pesquisadora: Você não sabe o que é esse daqui?

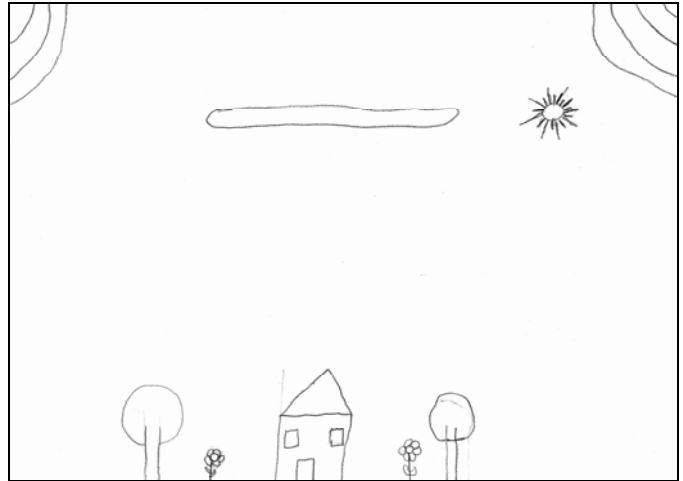
Aline: Eu copiei...

Pesquisadora: Eu ia perguntar isso...por que tem bastante gente na turma que faz esse desenho. O que você acha que é?

Aline: Eu não sei.

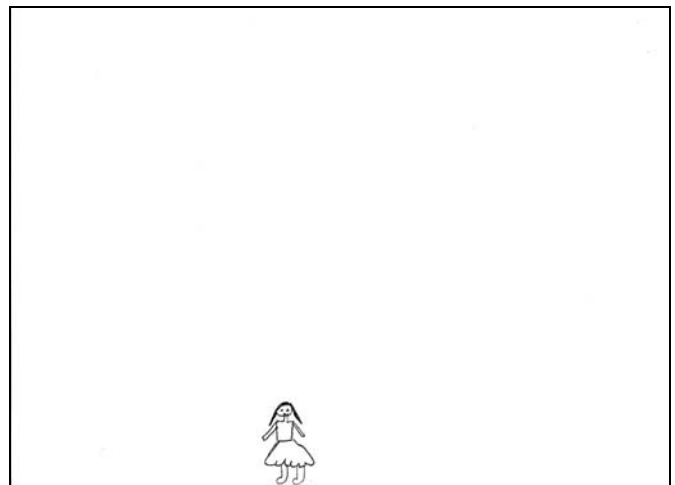
Este fato mostra a aprendizagem do desenho pelo meio social, revela como a criança dessa idade busca se apropriar dos modelos de desenho existentes em seu grupo, mesmo que não compreenda o seu significado.

Por fim, na entrevista, a garota retorna ao desenho da paisagem com casa. Não utiliza régua, porque naquele momento não havia disponível. Os elementos são desenhados em tamanhos pequenos e vários deles foram apagados e redenhados. A simetria presente nesse desenho é bastante elaborada, sendo quebrada apenas pelo sol, pois agora Aline desenha exatamente os mesmos elementos em cada lado da folha: árvore, flor e arco-íris.



Desenho realizado durante entrevista no dia 14/08/07.
Aline, 8 anos.

Aline mostrou-se bastante quieta na entrevista, respondendo muitas perguntas apenas com o movimento da cabeça, e utilizando um tom de voz muito baixo. Podemos depreender então, que ela provavelmente não se sentia confortável naquele momento, talvez por não se lembrar dos desenhos, ou pelo uso do gravador, ou ainda por nos encontrarmos sozinhas em uma sala que não lhe era habitual. Durante a entrevista, Aline afirma que não desenha pessoas porque acha que fica feio. Pedimos pra ela mostrar seu desenho de figura humana, e ela faz o desenho ao lado.



Desenho realizado durante entrevista no dia 14/08/07
Aline, 8 anos



Detalhe ampliado do mesmo desenho.

Percebemos que ela desenha ocupando um espaço pequeno da folha de papel. Perguntamos por que ela acha que está feio, ao que ela responde: "*porque vai fazer o vestido assim, erra e daí fica borrado...*". Esta declaração da garota mostra características da idade de transição do grafismo como a valoração em feio / bonito e a sensação de que seu desenho não está como gostaria que fosse. Como não gosta do seu desenho de pessoas, Aline simplesmente deixa de fazê-lo, e desenha apenas paisagens sem figuras humanas.

Em suma, percebemos que o repertório gráfico de Aline é composto basicamente por esquemas gráficos. Ao longo de quatro meses, ela apresentou a manutenção do mesmo tema e da mesma forma de desenhar, tendo feito algo mais diferenciado apenas no dia 11/06, o dia em que fez o desenho que mais gosta. Aline parece trabalhar dentro da memória procedural gráfica-motora que resulta de um automatismo gráfico, isto é, da repetição constante de um mesmo desenho.

Dias após a entrevista, visitamos a casa de Aline. A menina encontrava-se um pouco adoentada nessa ocasião. Estavam presentes nesse dia sua mãe, sua tia, e o tio citado na entrevista como uma pessoa que desenha bem.

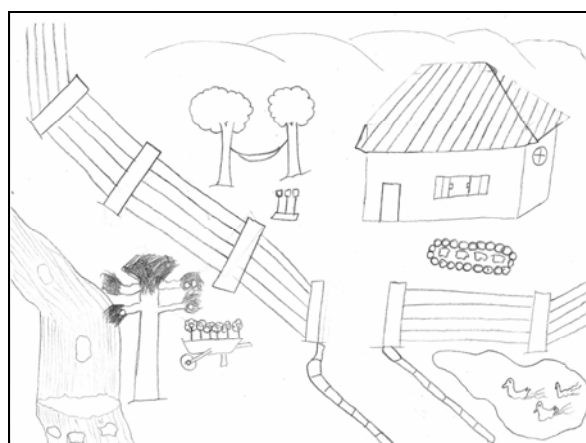
A mãe da aluna aprecia desenhar e possui um caderno especificamente para esse fim. Ela desenha "*quando é dia que chove, que dá vontade...*". Observar esse caderno nos dá idéia das fontes de imagem existentes nesse meio rural. Os desenhos originam-se das mais diversas fontes: ilustrações trazidas da escola pela filha, desenho animado da televisão, imagem de calendário, ou ainda desenhos tomados da realidade ou criados por ela. Os desenhos caracterizam-se por ter uma linha de contorno bem definida, traçado típico de ilustração ou de desenhos escolares mimeografados.

Após observar o caderno da mãe, pedimos que ela e o tio façam um desenho. Eles levam bastante tempo para realizar a tarefa, tempo esse que usamos para passear pela chácara. Os dois fazem composições bastante semelhantes e o mesmo tema: uma paisagem campestre com casa.



Caderno de desenhos da mãe da aluna. Florzinhas copiadas do papel higiênico. Palhaço copiado de desenho escolar da filha. A menina caçando borboletas foi retirada de uma imagem de um calendário. O desenho das velas foi "inventado, montado", com o intuito de posteriormente fazer uma toalha bordada com esse motivo.

A mãe desenhou o seu ambiente, a sua paisagem, e descreve o desenho como sendo o seu sítio, com exceção da casa: *"A casa não é igual a minha, mas como se fosse. A casa, a roça, o terreno da minha vó, palmeira, o rio que desce aqui embaixo, o cercado, tem cavalo, tem porco, galinha...tem o tanque, tem peixe, as árvores, aqui árvore que dá fruta. O potreiro, tem carroça pra ir pra roça trabalhar..."* Entendemos que eles foram induzidos a desenhar isso, pois havíamos comentado que um dos objetivos da visita era ver o que a criança desenha do seu cotidiano. Nesse momento, fica bem claro como o pesquisador interfere no andamento de sua pesquisa. Por que a mãe faz para nós um desenho tão diferente dos do seu caderno?



Desenhos da mãe e do tio.

Durante a visita à casa de Aline, solicitamos a observação e registro das referências visuais da criança, tais como livros, gibis, filmes. Aline nos mostrou um livro de colorir, mas disse não gostar das ilustrações (dado obtido na entrevista e em conversa informal). Mostrou também um caderno da *Minie*. A primeira página do caderno traz vários adesivos com

desenhos diferentes, muitos deles já foram copiados por seu tio. A mãe afirmou que havia outros livros na casa da tia.



Aline com um livro cujas ilustrações não aprecia e com caderno escolar.

Por fim, observamos as referências estéticas visuais da residência de Aline. Nas paredes existem alguns quadros (pôsteres com reproduções), flores de plástico em cima da geladeira e também na penteadeira, guardanapo com estampa de flores e frutas em cima do fogão. Um dos quadros traz uma paisagem, é o preferido de Aline, outro traz uma ilustração infantil de um príncipe e princesa em um castelo, e outro ainda, uma versão da última ceia. O pôster do quarto traz a figura de uma linda mulher surgindo das águas, a Iemanjá.



Algumas referências visuais da residência.

Podemos observar que todas essas referências são figurativas, possuem uma técnica de pintura derivada do Renascimento com exceção da ilustração infantil que apresenta outro tratamento. Essas referências visuais não dialogam diretamente com o desenho de Aline e não se constituem como fontes de imagens. As imagens que parecem dialogar com o seu desenho são os esquemas gráficos.

4.4 ANÁLISE DOS DESENHOS DE MARCELLO - ESCOLA URBANA

Marcello tem 8 anos e mora com seus pais e irmã em um apartamento no Bairro Água Verde em Curitiba, PR. O menino chamou atenção por desenhar bastante, de forma rápida e decidida, e pela variedade de temas que percorre: montanhas, paisagens, lutas, esporte, pessoas. Diferentemente de seus colegas, ele não costuma desenhar carros e a maior parte de seus desenhos possui figura humana. Percebe-se que o garoto aprecia desenhar e é altamente produtivo: em todas as sessões fez entre dois e quatro trabalhos, e até mesmo no dia da visita à sua casa pediu para desenhar. Ele tem um caderno específico para esse fim, um caderno pequeno, com pauta, que às vezes também é utilizado por sua irmã menor.

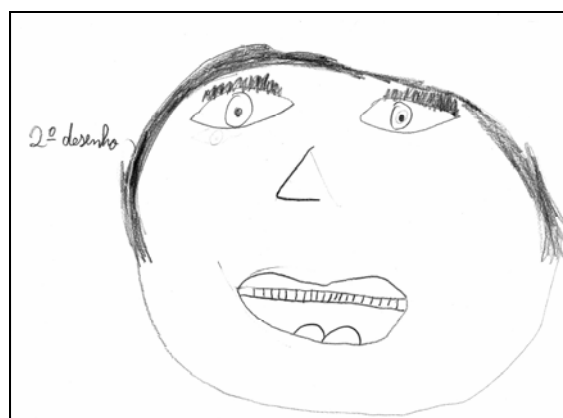


Marcello com seu brinquedo preferido: bonecos do *Power Ranger*, mesmo deteriorados (sem cabeça).

Na entrevista, quando perguntado se gosta de desenhar, Marcello é enfático: “*Gosto. Muito*”. Porém, não se considera um desenhista muito bom, e se pudesse, gostaria de desenhar como um colega de sua turma que o ensina alguns desenhos. O garoto brinca de jogar bola, de videogame, adora ver *Power Rangers* e tem vários bonecos desse personagem. Pedimos para ele nos mostrar seu brinquedo preferido e ele nos mostrou bonecos do *Power Ranger*.

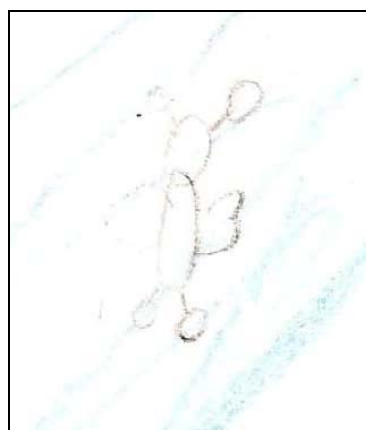
A análise dos desenhos de Marcello mostra uma criança profundamente envolvida com seu desenho. Mostra o desejo de uma criança de desenhar cada vez mais e melhor: Marcello procura ativamente melhorar seus desenhos, aprende com o amigo, copia do gibi, repete seguidamente um desenho, modificando até achar que está bom. Cinco meses se passaram desde nosso primeiro contato até a data da entrevista, e Marcello não se lembrava mais de seus desenhos. Neste período ele também mudou o modo de desenhar alguns elementos. Algumas coisas foram aprendidas com um colega da sala, outras, ao que parece, ele mesmo modificou.

No primeiro dia de visita à escola, Marcello fez três desenhos. O primeiro, “uma montanha de gelo”, como ele mesmo mencionou na ocasião. Ele nos mostrou este desenho afirmando que estava feio. Logo em seguida desenhou um grande rosto.



Primeiro e segundo desenhos realizados na escola, dia 12/04/2007. Marcello, 8 anos.

Percebe-se que Marcello teve o cuidado de numerar seus trabalhos. Neste dia, por fim, o menino desenhava uma montanha. Neste último desenho percebe-se que uma figura foi apagada, uma borboleta do lado esquerdo da folha.



Terceiro desenho realizado na escola, dia 12/04/2007. Detalhe ampliado do mesmo desenho mostrando a figura apagada. Marcello, 8 anos.

Em casa, Marcello desenhava uma cena de luta com espada, feito numa folha de refugo dos pais, a parte de trás da folha traz coisas impressas em computador. Numa paisagem aparentemente tranqüila desenvolve-se uma briga violenta, pois do braço de um homem jorra sangue, devidamente pintado com lápis de cor vermelho. O menino procura fazer diferentes expressões faciais nestas figuras humanas. Na procura de obter uma expressão de terror, o homem que foi ferido foi desenhado com a boca aberta. Ao me entregar este desenho, o garoto comentou rapidamente: “*eu vi num filme*”. Neste momento, não podemos deixar de pensar o quanto a criança está exposta à violência explícita contida em muitos filmes.



Desenho realizado em casa, Marcello, 8 anos. Detalhe ampliado do desenho.

A diferença entre o clima proposto pelas figuras e o ambiente é visível, afinal, como conciliar uma luta sangrenta com uma casa, uma árvore e um pôr-do-sol atrás das montanhas? Talvez Marcello não possua em seu repertório nenhum modo de desenho melhor para ambientar suas lutas, e esta paisagem constituída de esquemas gráficos, por já estar internalizada, automatizada, surge como o fundo da cena. A intenção de desenhar pode ter sido sugerida por um filme de ação, mas a forma gráfica dada ao desenho é a que o menino tem disponível em seu repertório.

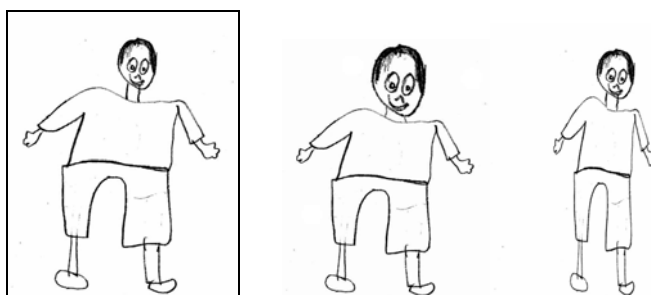


Primeiro desenho, dia 19/04/07. Marcello, 8 anos

No segundo encontro, realizado na escola no dia 19/04/2007, o garoto faz quatro desenhos. Marcello desenha rapidamente, de forma decidida. Ele parece ser uma criança bastante ativa, fala rápido, mudando de um assunto para outro. Seu pensamento voa e seu desenho procura acompanhar o ritmo acelerado do seu pensamento.

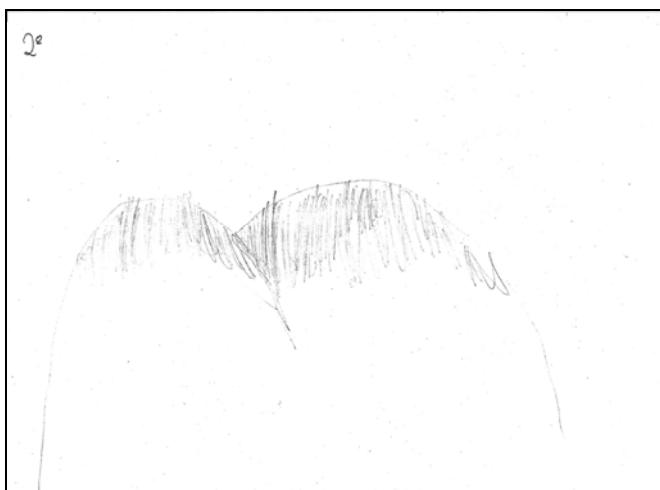
O primeiro desenho realizado neste dia possui os mesmos elementos do desenho realizado em casa (montanha com sol, nuvens, casa e árvore), mas ao invés de uma luta, há apenas uma pessoa. O primeiro e o segundo desenhos feitos nesse dia são apontados como os que menos gosta dentre todos.

Procuro saber por que ele não gostou deste desenho e ele me responde: “*Eu achei o carinha com cabecinha pequena, o corpão grande e a cabeça pequena. E eu precisava pintar pra ficar mais bonito, senão preto e branco...*” Esta afirmação do garoto refere-se à falta de proporção entre a cabeça e o corpo, o que revela uma criança cada vez mais preocupada com um desenho concordante com a aparência visual dos objetos, ou “realista” como já foi definido anteriormente. De fato, manipulando essa imagem em computador, percebemos que para haver a proporção corporal desejada, Marcello teria que aumentar o tamanho da cabeça ou diminuir o tamanho do corpo. As cores também parecem desempenhar papel importante, já que a ausência das mesmas é apontada como um dos motivos que o leva a não gostar deste desenho.



Manipulação da figura humana variando o tamanho da cabeça e do corpo:

1) desenho original de Marcello, 2) corpo original, cabeça aumentada 3) cabeça original, corpo emagrecido.

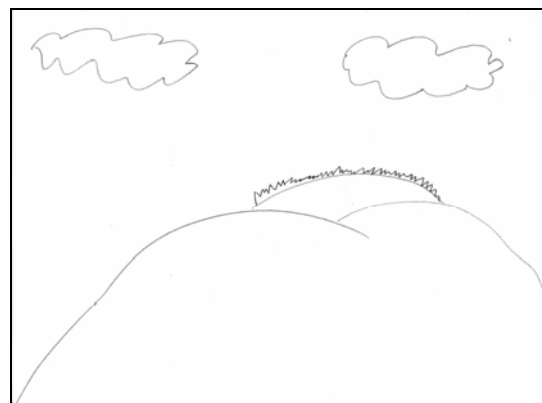
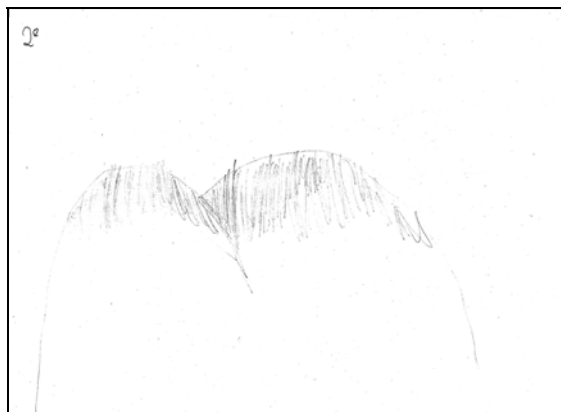


Segundo desenho dia 19/04/07. Marcello, 8 anos.

Já o segundo desenho deste dia é apontado com um dos que menos gosta. Trata-se da mesma figura desenhada na semana anterior - a montanha com gelo. Mas agora Marcello desenha tão suavemente que mal podemos enxergar as linhas no papel, o que talvez demonstre sua indecisão na hora de realizar o desenho, afinal ele havia afirmado que tal desenho era feio. É provável que nessa época, essa maneira

de desenhar montanhas já não estivesse satisfazendo o garoto, pois meses depois, na entrevista, ele olha esses desenhos com reprovação e diz que agora sabe como fazer

montanha, e realiza um desenho para nos mostrar. Abaixo podemos observar os dois desenhos lado a lado.



Desenho da montanha realizado em 19/04/07 e em 06/09/07.



Terceiro desenho dia 19/04/07. Marcello, 8 anos

Como estávamos precisamente no dia 19 de abril, Dia do Índio, o terceiro desenho de Marcello traz este tema. Este é apontado com um dos que mais gosta e é o único desenho que ele afirma se recordar de ter feito. Percebemos nesta pesquisa que a proximidade das datas comemorativas estimula alguns desenhos das crianças com esses temas.

O quarto desenho realizado neste dia é novamente uma luta com espadas, porém agora o ambiente está mais sombrio: está chovendo e um cachorro late. As figuras são desenhadas em tamanhos maiores e estão mais destacadas se comparadas com o desenho anterior de mesmo tema.

Na visita à sua residência, pedimos para Marcello fazer uma pose para uma foto, ele subiu em cima da sua cama e simulou um ataque com espada, o que mostra sua atração por essa arma. A luta, brincadeira comum entre meninos, surge em seu desenho, misturada com os filmes que assiste, os *games* que joga... Os filmes do *Power Rangers*, que ele afirma “amar”

(na entrevista Marcello diz “*eu amo esse desenho*”), caracterizam-se por ter bastante ação, basicamente lutas.



Quarto desenho, dia 19/04/07. Marcello, 8 anos. Marcello em seu quarto, fazendo uma pose.

Embora Marcello procure conferir ação ao desenho, as figuras desenhadas mostram-se estáticas e a expressão facial não traduz o terror da cena, nem nos homens nem no cachorro. Brent e Marjorie Wilson afirmam que os meninos são mais influenciados pela mídia e que, por essa razão, apresentam mais dinamismo e detalhes em seus desenhos: “Como meninos são mais influenciados pela mídia, as realidades que eles reinventam são com frequência mais detalhadas, complexas e dinâmicas do que aquelas das meninas” (WILSON; WILSON, 1982, p. 163, tradução nossa). Marcello afirma copiar desenhos de gibis da *Turma da Mônica*, mas acha bastante difícil. Seu personagem preferido é o Cebolinha:

Pesquisadora: *O que você acha difícil desenhar?*

Marcello: *O...os carinha do gibi, né? Quando eu tento desenhar, eu acho difícil. Eu não consigo fazer do jeito que eu quero, sabe? Eu tento fazer, tento, todo santo dia...*

Pesquisadora: *Qual gibi é esse?*

Marcello: *Da Turma da Mônica. Eu tento... o nome do personagem que eu mais gosto se chama Cebolinha, que tem cabelo espetado. Mas é difícil desenhar, a única coisa que eu sei desenhar é o cabelo dele. [...].*

Pesquisadora: *Tem mais algum desenho que você copia em casa, fora o Cebolinha?*

Marcello: *Às vezes é a Mônica, a Magali, o Cascão.*

Segundo Brent e Marjorie Wilson, as crianças que costumam fazer figuras humanas em ação (correndo, pulando, etc.) geralmente são aquelas que costumam copiar histórias em quadrinhos. Os exemplos fornecidos pelos autores, porém, são de quadrinhos de super-heróis típicos da cultura norte-americana, que possuem uma linguagem gráfica específica: heróis exageradamente musculosos, figuras em ação e pontos de vista diversificados, tais como vistas aéreas, closes, etc. Mas Marcello costuma ler e copiar gibis da *Turma da Mônica* que possuem linguagem gráfica bem diferente dos quadrinhos de heróis norte-americanos. Os quadrinhos de Maurício de Souza dificilmente apresentam vistas aéreas ou closes, os personagens são crianças e não adultos, e a ação não é um elemento de destaque. Estas diferenças podem ser visualizadas nas figuras abaixo:



Homem-Aranha e Cebolinha. Fonte: revistas em quadrinhos.

Portanto, ao copiar gibis, Marcello assimilou alguns elementos, mas não exatamente ação física, porque ali não havia ação para ser assimilada. Como elementos assimilados, poderíamos supor que talvez venha daí o hábito de desenhar figuras humanas, o formato dos pés (típico dos personagens), a tentativa de modificar expressões faciais, os balões de texto, pequenos círculos (bolhas) para indicar que alguém está tonto, como veremos adiante.

Por fim, analisando o conjunto dos quatro desenhos realizados no dia 19/04, poderíamos pensar qual o fator gerador da intenção de desenhar para Marcello neste dia. Conforme vimos no capítulo 1, para Luquet (1969) existem três fatores principais que podem provocar na criança a intenção de desenhar: circunstâncias exteriores, associação de idéias e automatismo gráfico. Seria possível estabelecer a seguinte relação:

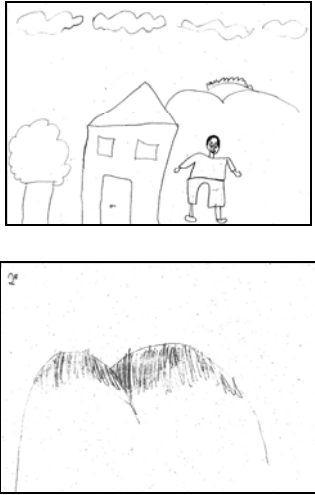


Intenção sugerida por automatismo gráfico	Intenção sugerida por circunstâncias exteriores imediatas - data comemorativa	Intenção sugerida por circunstâncias exteriores imediatas - filme assistido
		

Tabela com seqüência de desenhos realizados por Marcello no dia 19.04.07. Possível sugestão de fatores que levam a criança a escolher determinado tema. Nesta tabela, os desenhos foram escurecidos para melhor visualização.



Primeiro desenho realizado no dia 31/05/07. Marcello, 8 anos.

Outro fato a ser observado é que em todos os encontros o garoto realizou vários desenhos, de modo que existe diferença entre o primeiro e o último de cada sessão. Curiosamente, todos os desenhos que ele afirma não gostar foram realizados no início da sessão. Os primeiros desenhos que ele faz são os que estão automatizados em seu repertório. Posteriormente ele chega a realizar desenhos mais elaborados. Parece que o menino precisa descarregar todo seu repertório de desenhos, ou aquecer a mão, como fazem os artistas.

No dia 31/05/07 Marcello fez dois desenhos. O primeiro deles chamou imediatamente nossa

atenção por trazer a figura humana nua. Nesta idade as crianças costumam desenhar as pessoas vestidas e Marcello efetivamente fez todas as pessoas de seus desenhos com roupas, mesmo quando desenhou um indígena ou um homem no mar. Na ocasião em que este desenho foi feito, não tivemos oportunidade de conversar com Marcello e só viemos a falar do desenho meses depois, na entrevista. Este desenho foi apontado pelo garoto como o que menos gostou dentre todos. Nas suas próprias palavras, ele odiou! “*Eu odiei esse desenho porque ele tá pelado*”, contou-me Marcello, visivelmente encabulado. Procuramos então saber por que a figura está nua, e como ele já havia desenhado um índio, pensamos nessa hipótese:

Pesquisadora: *Por que será que ele tá sem roupa, Marcello?*

Marcello: *Acho que ele tava... sei lá, eu não me lembrei [...]*

Pesquisadora: *Você acha que ele podia ser um índio?*

Marcello: *É, pode ser, eu podia fazer aqui umas modificações pra ficar um índio.*

Pesquisadora: *Você acha que na época que você fez, você quis fazer um índio ou você esqueceu a roupa mesmo?*

Marcello: *É, acho que eu esqueci a roupa mesmo.*

Nesta ocasião aceitamos que Marcello “esqueceu” a roupa, mas ele pode ter, deliberadamente, feito um homem nu, por achar natural. Já o segundo desenho realizado no dia 31/05 mostra um homem com um copo na mão, ao lado de uma mesa cheia de copos. Perguntamos o que ele estava tomando: “*cerveja*”, disse Marcello no dia 31/05 e “*refrigerante*” afirmou ele meses depois. Este desenho, ao lado do desenho do índio, é apontado como seu preferido e também um dos únicos dos quais ele guardava uma



Segundo desenho realizado no dia 31/05/07.
Marcello, 8 anos.

lembrança, ainda que vaga. Marcello explica que as bolhas indicam que alguém está tonto e esta é uma técnica que aprendeu ao copiar gibis da *Turma da Mônica*: [...] *E o cara com as bolinhas, de tão tonto que ele tava, que quando eu leio gibi, eu vivo lendo gibi, daí eu aprendo a fazer desenhos. [...] Daí eu vejo quando toma bastante refrigerante no gibi, fica cheio de bolinha e o cara fica tonto.*



Desenho realizado em casa, Marcello, 8 anos.



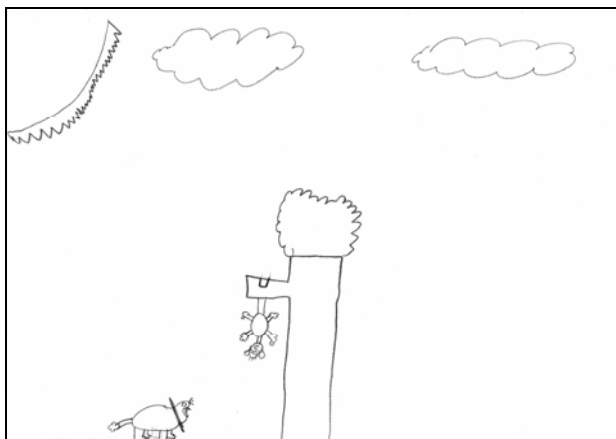
Primeiro desenho realizado no dia 21/06/07. Marcello, 8 anos.



Segundo desenho realizado no dia 21/06/07, Marcello, 8 anos.

Os três últimos desenhos que Marcello realiza são semelhantes. São composições simples, com poucos elementos, onde o sol é a figura central, aparecendo como um semicírculo em tamanho grande. Sobre o desenho realizado em casa, o garoto comenta: *Olha, esse aqui eu quis fazer o pôr-do-sol, mas ficou meio rosa e amarelo, ficou meio estranho*. Posteriormente ele indica que a pintura do fundo está feia, pois percebe-se que o lápis foi manejado em diferentes direções: [...] *porque se você desenhar de uma forma e desenhar de outra fica meio feio. Melhor você desenhar só de uma forma. Tipo assim olha, eu pinto assim, depois pinto assim*.

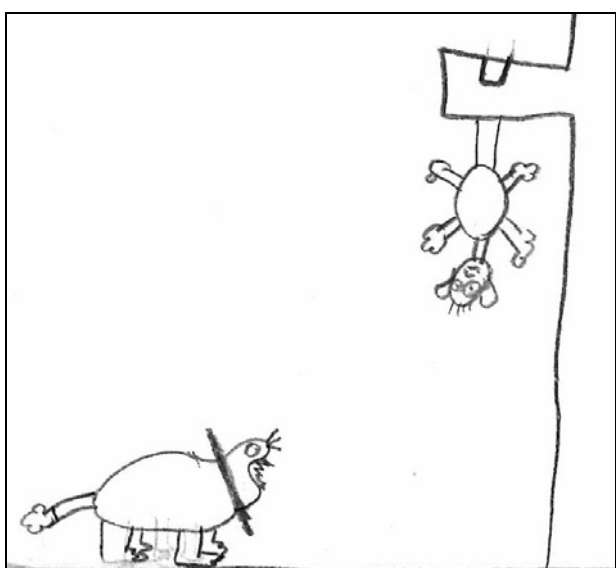
Já no dia 21/06, nosso último encontro, Marcello faz dois desenhos dos quais não se lembrará posteriormente: *Esse daqui eu nem me lembrava que eu fiz um cara numa água e com um sol. Eu não sabia fazer um surfista e acabei fazendo um cara debaixo da água*. Em relação ao segundo desenho, no dia da entrevista, ele olha surpreso: *uma moita!* Novamente percebemos aqui o diálogo do seu desenho com o gibi da *Turma da Mônica*, no qual o desenho de moitas verdes é algo comum. Percebemos que os desenhos estão numerados, como havíamos solicitado.



Desenho realizado durante entrevista, dia 06/09/07.
Marcello, 8 anos.



Desenho feito em seu caderno.
Marcello, 8 anos.



Detalhe ampliado do desenho realizado durante entrevista. Marcello, 8 anos.

No dia da entrevista, Marcello mostra-se pouco à vontade e um tanto inseguro ao desenhar. Ao fazer o desenho, fala: "*não sei fazer o macaco, pode ser do meu jeito*"? Respondemos que pode. Ao desenhar o chão ele solicita uma régua. Recebe a régua e então apaga o chão que havia feito, dizendo que estava torto. Hesita e a todo o momento pára de desenhar e pergunta se está bom. Pedimos para ele contar sobre o desenho que fez:

No primeiro dia, quando eu fui fazer o macaco ficou meio feio, assim, em cima da árvore, ficou meio feio (aponta o rabo do macaco). Daí eu tive que melhorar, demorei algum tempo pra conseguir fazer esse leão, fazia na frente da cara fazia um coração, pensando que era uma juba na frente....e...tô tentando ainda conseguir fazer melhor, o melhor que eu posso pra conseguir fazer os desenhos.

Como se pode observar, este é um desenho que o menino vinha praticando há algum tempo. Dois dias após a entrevista, visitamos a casa de Marcello e pudemos observar seu caderno de desenho, onde ele havia praticado este desenho do leão e do macaco. Este desenho colorido mostra mais uma figura de um animal a subir na árvore. Destaca-se também o cuidado que ele teve ao pintar o fundo, manejando o lápis apenas em uma direção, na diagonal.

As afirmações de Marcello em relação a este desenho mostram o empenho da criança em melhorar o seu desenho, o treino, a prática



Desenho feito em seu caderno. Marcello, 8 anos. Atrás percebe-se um desenho feito pela irmã.

constante, o esforço de fazer "o melhor que pode". Ele conta que primeiro fazia o leão com uma juba em forma de coração, como podemos ver no desenho ao lado, também realizado em seu caderno. Após algum tempo treinando ele chega a uma nova solução gráfica para representar o leão, bastante diferente da anterior onde o animal era mostrado de frente e de pé. Agora o animal é representado de perfil e com as patas apoiadas no chão. Este desenho do leão com juba em forma de coração, feito com lápis, apresenta-se difícil de visualizar,

pois atrás dessa folha há um desenho feito com caneta hidrocor, realizado por sua irmã. Eles parecem compartilhar o caderno de desenho. Perguntamos ainda de onde surgiu a idéia de fazer macaco e leão, e ele responde que veio de filmes: *Ah, é porque eu vejo às vezes filme de macaco pendurado e eu tenho filme de Rei Leão, então eu juntei os dois, misturei.*

Durante a entrevista Marcello conta ainda que um colega de sala está ensinando-o a desenhar. Como sugerem Wilson e Wilson, a busca para adquirir convenções artísticas ocorre nesse período, e se o professor de arte não suprir essa lacuna, a criança procurará aprender por conta própria, copiando imagens da mídia ou buscando aprender com colegas e irmãos mais velhos. O colega ensina-o a desenhar uma perna cobrindo a outra numa figura de perfil: *O Kauê, ele me ensinou como fazer desenhos. Por exemplo, eu fazia só de uma perna...[...] eu faço de lado, eu faço de uma perna só. Ele me ensinou a fazer de duas assim mostrando. Faz assim, assim. O Kauê me ensinou a fazer desse jeito.*



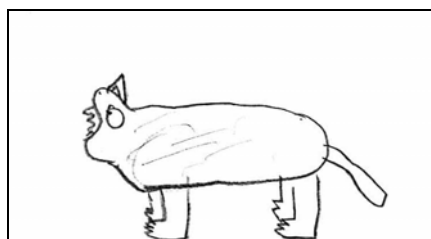
Desenho realizado durante a entrevista, mostrando as técnicas ensinadas pelo colega. Marcello, 8 anos.

Durante nosso encontros, Marcello desenhou onze vezes a figura humana masculina, todas de frente. Este pequeno desenho realizado na entrevista é o primeiro que apresenta uma figura de lado. Nota-se toda uma nova estrutura na figura humana: rosto de perfil, braços direcionados para um lado do corpo, o calção reduz-se a um retângulo, e uma perna cobre a outra. Finalmente, Marcello caminha em direção à tão desejada ação em seus desenhos. Em 5 meses o desenho do garoto mudou bastante. Na data da entrevista, dia 06 de setembro de 2007, ele surpreende-se ao ver o cachorro e também as montanhas que havia feito no

mês de abril. Mostra, então, como é o cachorro que faz agora, com orelha, patas em perspectiva e boca com dentes. Ao ver o seu cachorro antigo, ele se surpreende: "olha, um pé de gente". Afinal a solução gráfica utilizada era a mesma para "pés" de gente (típico do personagem Cebolinha, de Maurício de Souza) e de animais. Agora ele faz patas e as coloca em perspectiva, como o colega o ensinou.



Cachorro realizado no dia 19/04/07.

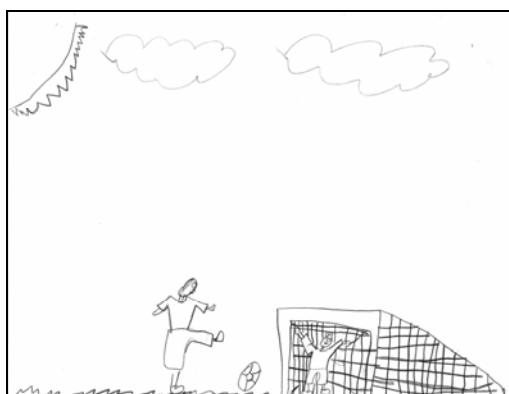


Cachorro realizado no dia 06/09/07.

No dia 8 de setembro visitamos a casa de Marcello. Os pais dizem que o garoto desenha bastante em casa, no seu quarto. Nas palavras de sua mãe: "*ele vive desenhando*". Ele e a mãe contam que seus temas em casa são: macaco, leão, morro, pessoas na escola, o personagem Cebolinha e o Menino Maluquinho. O pai desenha às vezes com o filho, mas cada um faz seus desenhos separadamente. A mãe incentiva os desenhos dos filhos, mas não desenha com eles. O pai desenha até hoje por lazer, em estilo de *cartoon*, e quando era criança fazia histórias em quadrinhos e consumia livros que ensinam como desenhá-lo. O pai de Marcello conta que em visita à casa de seus pais remexeu algumas gavetas e encontrou um desenho seu de quando tinha cerca de 5 anos, era uma história em quadrinhos. Pedimos para ele fazer um desenho e ele faz três figuras que parecem personagens de quadrinhos. A mãe também faz um desenho e nesse momento Marcello e a irmã pedem para desenhá-lo. O desenho da mãe e da filha podem ser vistos no primeiro capítulo desta dissertação, na página 18. O desenho do pai e do filho estão abaixo:



Desenho realizado pelo pai de Marcello.



Desenho realizado na visita domiciliar. Marcello, 8 anos.



Detalhe do desenho realizado na visita domiciliar, 08/09/07. Marcello, 8 anos.

O desenho de Marcello agora traz um novo tema: um jogo de futebol. O pai diz que o menino costuma jogar videogame de futebol e que efetivamente costumava jogar futebol. Destaca-se nesse desenho a ação conferida aos personagens: um jogador chuta a bola, ele tem a perna erguida e está de perfil; e o goleiro procura defender com os braços erguidos.

As figuras já não se apresentam estáticas, em uma única posição frontal, como nos desenhos anteriores. Neste desenho, o braço do jogador foi desenhado sem a preocupação de desenhar as mãos. Já o goleiro, que precisa ter as mãos atentas à espera da bola, foi desenhado com algumas indicações de dedos nas mãos. Observando todos os desenhos de figura humana de Marcello, percebemos que ele, assim como a maior parte das crianças de sua idade, demonstra dificuldade no desenho das mãos. Marcello emprega diferentes soluções gráficas para este membro, variando entre 2 a 5 dedos.

O pai confirma que Marcello costuma desenhar a partir de filmes que vê, como o Rei Leão, que é um filme que possui o personagem leão e o macaco. Marcello possui TV e videogame no seu quarto, e também diversas coleções: uma gaveta cheia de livros, outra apenas para gibis, possui também várias fitas cassetes, DVDs e games.



Fitas cassetes, alguns exemplares de livros e gibis do Cebolinha do quarto de Marcello.

Os filmes, gibis e games alimentam diretamente seu desenho. Essas são algumas das fontes de imagens dos seus desenhos, são imagens que povoam seu cotidiano e formarão a base de seu repertório, os componentes de sua imaginação. Para Vigotski (2003), não existe uma

fronteira definida entre a realidade e a imaginação, em nossa mente e em nossas emoções elas se interpenetram. Como podemos perceber por essas fotos, e mesmo pelos seus desenhos, a realidade de Marcello é bastante ilustrada e perpassada por todas essas imagens.



Decoração do quarto de Marcello (quadrinhos com motivos masculinos),

Na residência de Marcello existem diversos objetos decorativos, peças antigas, ikebana, e muitas imagens nas paredes, desde trabalhos abstratos até figurativos. Alguns são originais, outros são reproduções. O seu quarto também traz decorações com motivos direcionados aos meninos. Os quadrinhos apresentam boné, pipa, skate e bola. Na parede encontramos ainda um cabide em forma de palhaço e outros elementos feitos em madeira bem direcionados a meninos, como

se vê em um coração azul escrito "Ele". Embora seu quarto possua imagens nas paredes, elas não foram tomadas como fontes, ao menos nos desenhos observados nesta pesquisa.



Quadro presente na sala (original de uma artista curitibana), quadro presente no corredor (reprodução de Steve Strickland), quadro presente no quarto dos pais (reprodução de Michelangelo).

Embora ele possua em seu ambiente diversas referências visuais (as paredes do apartamento são decoradas com vários estilos de quadros, figurativos e abstratos), elas não dialogam diretamente com seu desenho e não se constituem como fontes de imagens. O que dialoga é o que ele copia e apropria dos gibis, os filmes que vê. Estes, sim, são fontes de imagens e fatores geradores da intenção de desenhar.

4.5 ANÁLISE DOS DESENHOS DE MARIA EUGÊNIA - ESCOLA URBANA

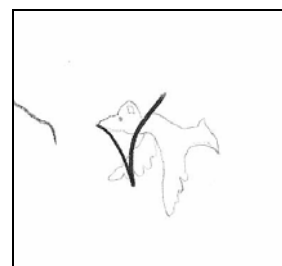
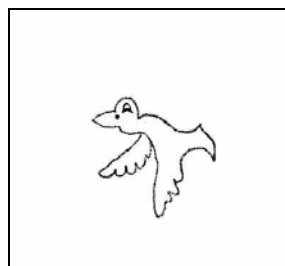
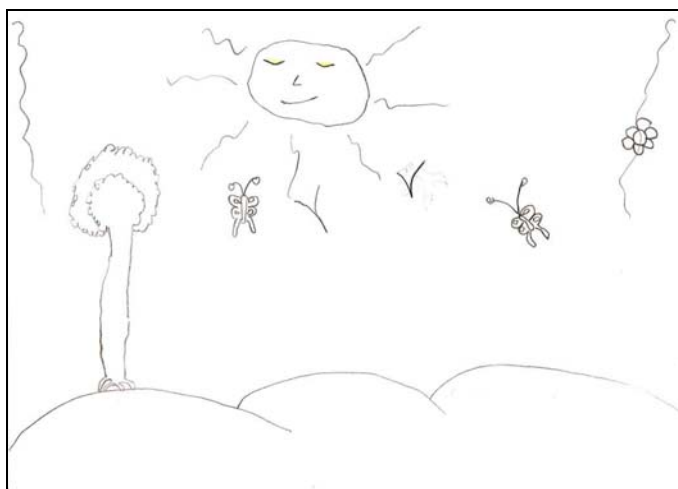
Maria Eugênia tem 8 anos e mora com os pais em um apartamento próximo à escola, na cidade de Curitiba. O pai trabalha no Correio e a mãe em um hospital. A menina chamou nossa atenção durante as coletas de desenho por apresentar uma variação temática e por demonstrar apreciar desenhar. Eugênia desenha paisagens comuns e fictícias, e também personagens. A maior parte de seus desenhos contém figuras humanas, embora ela afirme ter dificuldade para desenhar as mãos. Construindo seu processo de aprendizagem de desenho, Eugênia copia figuras de livro, assiste às lições do programa *Art Attack*, da TV fechada, procura desenhar exercitando a memória visual.

A menina *adora* desenhar e considera-se feliz com seu desenho. Acredita que desenha algumas coisas bem e outras nem tanto. Afirma que quando está com pressa não consegue desenhar. Aprecia os desenhos de um colega de sua turma e de seu avô. Eugênia gosta de brincar de boneca, de casinha e de fazer experiências no sítio em que costuma passear, misturando água, terra e areia. A família possui TV fechada e seu programa preferido é o *Art Attack*, gosta também de *Chiquititas* do canal SBT, e de assistir DVDs. Tem livros em casa, mas afirma que não costuma lê-los, o seu livro preferido possui dobraduras em relevo.

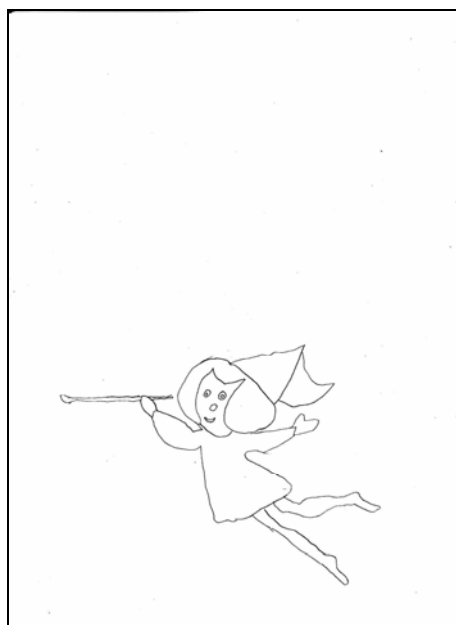
Durante a entrevista, surpreendemo-nos com o linguajar da garota, que demonstra percepção estética e familiaridade com elementos da linguagem visual ao se referir aos seus desenhos. Quando perguntamos, por exemplo, o que deixa um desenho bonito, ela respondeu: *as características do desenho, tipo fazer detalhes para que pareça vivo o desenho*. A intenção para Eugênia desenhar decorre de vários fatores sugestivos: automatismo gráfico, circunstâncias exteriores, influência de fonte de imagem, proximidade de data comemorativa, etc.

Em nosso primeiro encontro, Eugênia, assim como a maioria das garotas de sua turma, desenha uma paisagem. A paisagem é composta por esquemas de árvore, sol, pássaros, flor e borboletas. A árvore diferencia-se um pouco do esquema gráfico usual por possuir raízes e duas copas. Um pássaro foi apagado, dando lugar ao esquema usual, o pássaro semelhante à letra V, como se pode observar nas ilustrações a seguir. É curioso observar que o pássaro realizado anteriormente é mais detalhado e elaborado, mas por algum motivo a

garota quis trocá-lo pela representação usual: talvez para dar maior destaque ao desenho das borboletas, talvez por achar que essa é a forma "certa" ou talvez mesmo por apreciar este desenho. Não obtivemos essa informação da autora, de modo que podemos apenas fazer suposições.



Desenho realizado na escola no dia 12/04/07. Maria Eugênia, 8 anos. Reconstituição do pássaro apagado. Detalhe ampliado do desenho.

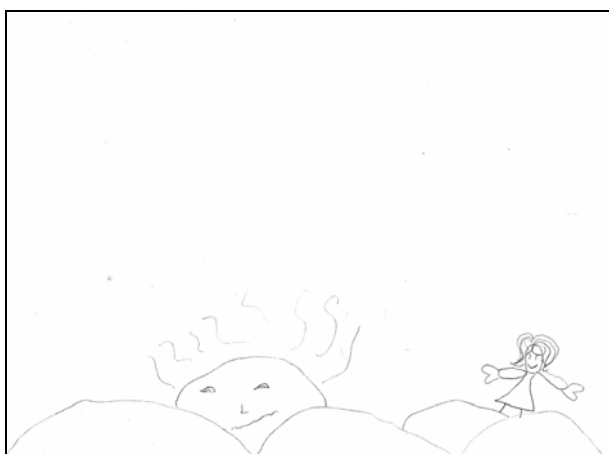


Desenho realizado em casa.
Maria Eugênia, 8 anos.

No desenho realizado em casa, Eugênia copia a figura de uma fada de um livro, emprestado da biblioteca da escola. Percebemos que a solução gráfica das mãos da fada é utilizada pela garota em suas figuras humanas nesse período. Já os últimos desenhos coletados, realizados meses depois, apresentam outra forma de desenhar as mãos - com dedos. As mãos da fada parecem vestir uma luva com apenas duas separações, uma para o polegar e outra para o restante dos dedos. Pensamos que essa solução gráfica para desenhar mãos poderia ser uma estratégia própria da menina, mas ela afirma que a fada do livro efetivamente possuía as mãos e os pés desta

forma. Eugênia e muitas outras crianças irão buscar fontes de imagens em casa e nesta pesquisa percebemos que o número de desenhos apropriados ou copiados aumenta em casa.

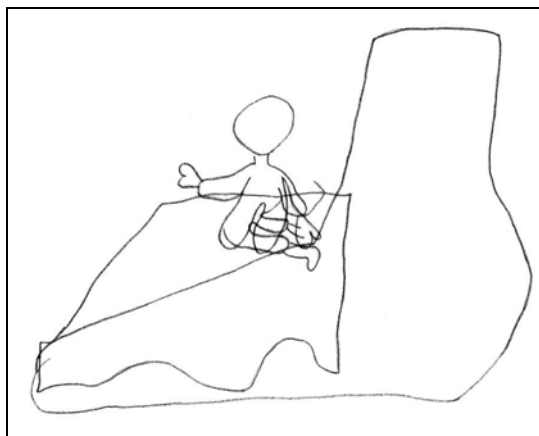
Em nosso segundo encontro, no dia 19/04, Eugênia faz dois desenhos. O primeiro é novamente uma paisagem, desta vez, com uma figura humana. A forma da mão, semelhante a uma luva, se parece com a mão da fada copiada do livro. Meses depois, na entrevista, Eugênia não irá se lembrar de que fez esse desenho. O segundo desenho realizado nesse dia é uma paisagem com carro e avião que parecem inspirados em desenhos animados ou filmes de ficção. Percebemos que as figuras desenhadas são femininas. No dia em que faz o desenho, Eugênia afirma que é uma cidade e uma limusine vermelha (a menina possui bonecas da marca Polly, com carro e limusine). No dia da entrevista perguntamos novamente sobre o desenho, e ela responde que é a vista da sua casa. É bastante provável que Eugênia esteja influenciada nesse momento, pois, no momento final da pesquisa, havíamos comentado que gostaríamos de conhecer o ambiente doméstico da criança, observar se existiriam aspectos da paisagem refletidos em seu desenho. Assim, a loja onde se lê DOCES, Eugênia agora afirma que é, na verdade, a sorveteria que existe em frente ao seu prédio.



Desenhos realizados na escola no dia 19/04/07. Maria Eugênia, 8 anos.

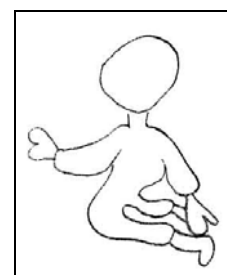
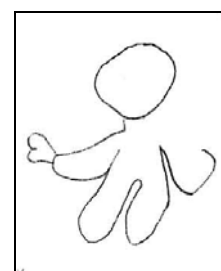
Já no dia 31/05, Eugênia faz apenas um trabalho. Ela desenha planetas, um foguete e uma astronauta. O desenho possui partes bem detalhadas como o escapamento do foguete, o

fogo é justamente o local por onde o desenho começou a ser pintado. Na figura humana desenhada percebemos que os braços são maiores que as pernas. Ao nos aproximarmos de Eugênia, ela esconde seu trabalho com vergonha. Podemos notar algumas figuras apagadas nesse trabalho, o que mostra como o desenho vai se transformando por tentativas, erros e acertos. Ela percebe erros em seus programas de desenho, tenta modificá-los, mas acaba por abortá-los. A autora nos explica como aconteceu o processo do desenho: "*Eu não sabia o que fazer, eu tava fazendo um avião, só que daí não deu certo. [...] Eu tava fazendo um avião só que daí fez um carro. [...] Daí surgiu o foguete, daí eu fiz um sol aqui... e ela está na lua*".

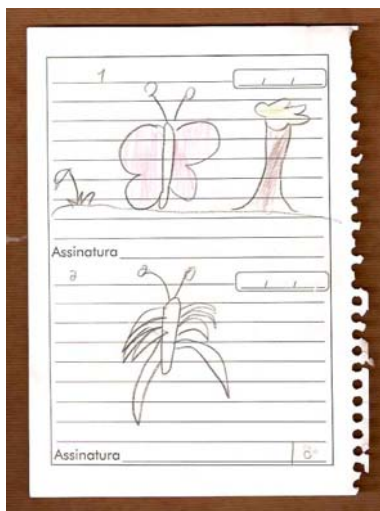


Desenho realizado na escola no dia 31/05/07. Maria Eugênia, 8 anos. Reconstituição das figuras apagadas no desenho.

Eugênia inicialmente queria fazer um avião, mas "*não deu certo*". Era um avião, mas "*fez um carro*". Havia desenhado uma menina e na reconstituição percebemos que esta figura também passou por modificações, principalmente nas pernas. Ela procura manter o programa de desenho da menina, modificando e corrigindo as pernas. Então aborta o programa, apaga tudo e faz um novo desenho: um foguete, um sol e uma lua. Pensamos que essas constatações são bastante reveladoras do processo de desenhar: muitas vezes crianças e adultos iniciam um trabalho sem saber como vai terminar. Iniciamos um desenho, mas ele não cabe na folha ou não fica da forma como esperávamos.



Reconstituição de figuras apagadas. Detalhe.



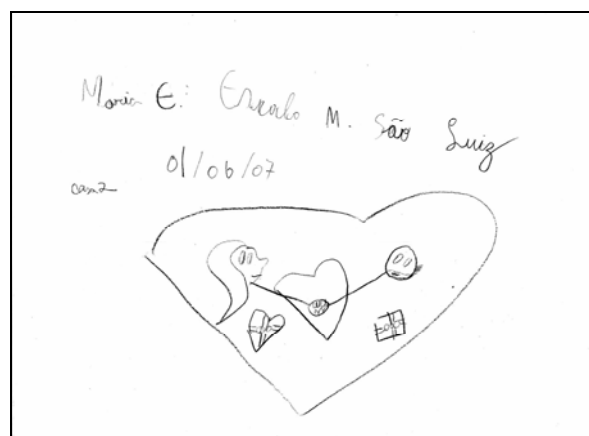
Desenho realizado na escola, em lugar do desenho de casa.

Neste dia combinamos com as crianças que recolheríamos o desenho de casa cerca de duas semanas depois. Um longo tempo se passa, portanto, e quando retornamos à escola, constatamos que nenhuma criança havia se lembrado da tarefa. Silvia e Eugênia tentam nos alegrar. Silvia retira de sua pasta um desenho pronto e pergunta se pode entregá-lo. Eugênia, ao que tudo indica, realiza rapidamente um desenho na sua agenda escolar e nos entrega. Aceitamos os desenhos das meninas, mas combinamos com a turma uma nova data para recolher os desenhos de casa.

Na data combinada, Eugênia traz o desenho efetivamente realizado em casa - um retrato dos seus pais. Curiosamente, nesta mesma data, outras duas crianças (um menino e uma menina) trouxeram de casa um desenho de seus pais. O desenho do menino traz uma cena romântica, na qual aparece um casal de mão dadas (com os dizeres MÃE e PAI acima deles), um grande sol e um coração enlaçando -os. Pensamos que talvez a intenção desses desenhos tenha sido sugerida pela proximidade do Dia dos Namorados, pois estávamos no início do mês de junho.



Desenho realizado em casa. Maria Eugênia, 8 anos. Verso do mesmo desenho.



Eugênia desenha o rosto de seus pais com detalhes, procurando ser o mais fiel possível à realidade: o pai é representado calvo, com cavanhaque e tom de pele mais escuro, enquanto

a mãe apresenta cabelos compridos, óculos e bochechas rosadas com sardas. Ao conhecermos os pais de Eugênia pessoalmente, constatamos que essas características correspondem às suas aparências. Eugênia se empenha em colocar detalhes nesse desenho, como correntes no pescoço. Na corrente do pai podemos ler JESUS. Ela caracteriza os pais com seus uniformes de trabalho. No uniforme do pai podemos ler CORREIO, ENVIAR e um pequeno envelope. No uniforme da mãe, podemos ler HOSPITAL, e observamos algo que parece ser o símbolo de proibido fumar.

Dentre todos os desenhos realizados este foi apontado como o preferido da menina, ela declara: *"eu acho que eu fiz melhor de todos"*. Não satisfeita, perguntamos por que ele é o melhor, e Eugênia então afirma: *"eu fiz não olhando nos meus pais e consegui fazer certo"*. Percebemos que, mesmo sem observar os pais no momento da feitura do desenho, ela consegue obter a semelhança desejada, e isso é considerado um êxito. Perguntamos quem a ensinou fazer aquela forma de nariz e ela responde que assistiu no Programa *Art Attack*, não apenas o nariz, mas também *"o olho, a boca e o cabelo, a barba, o cavanhaque, e só"*.

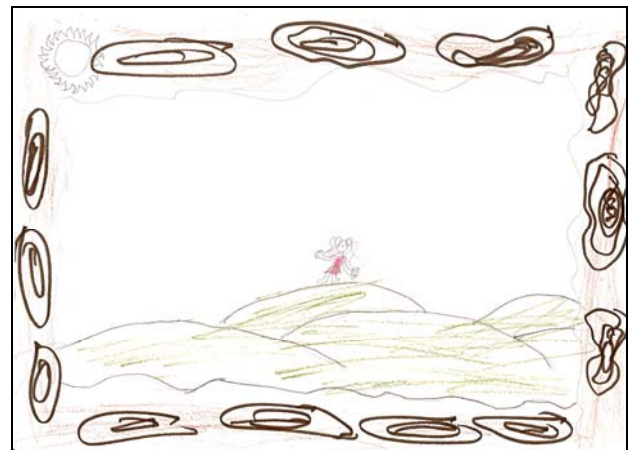
Ao mesmo tempo em que é apontado como o desenho preferido, este também foi considerado o mais difícil de fazer. Notamos que a confecção deste desenho demandou vários esforços em conjunto. A primeira dificuldade apontada foi em relação a obter um formato de rosto adequado: *"Difícil é os pais, que eu fiz o rosto, assim meio difícil, porque às vezes a gente faz oval, redondo, não faz da maneira que a gente quer..."* Eugênia não olhou seus pais no momento de desenhar, portanto esforçou-se na utilização de uma memória visual, tentando se lembrar de características físicas dos mesmos. Ao mesmo tempo, ela se utiliza de uma solução gráfica dada pelo programa de TV. Um outro esforço considerável é que a menina teve que fazer vários desenhos até chegar a um resultado satisfatório: *"[...] eu fiz várias tentativas só que... ficaram... meio esquisitas, depois eu fiz essa e essa ficou parecida"*.

O verso desse desenho traz outro, no qual aparecem seus pais de mãos dadas, circundados por dois corações e com presentes embaixo deles. O coração e os presentes novamente nos remetem ao Dia dos Namorados. No dia da visita à residência de Eugênia, mostramos esse desenho aos seus pais, que ficaram surpresos e satisfeitos com o desenho da filha.

Em nosso último encontro Eugênia faz dois desenhos de paisagem. Um detalhe comum a estes dois desenhos é que agora as mãos das figuras apresentam dedos, e não mais a forma

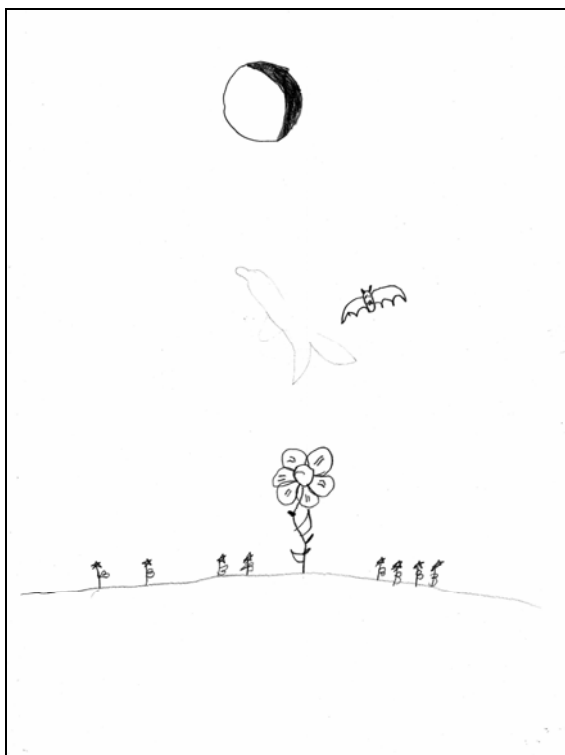
semelhante à luva. A garota descreve o primeiro trabalho como sendo o seu pai a pescar no mar. Ela comenta que esse desenho foi fácil de fazer. Trata-se de um desenho fácil por ser um esquema gráfico já automatizado, ou seja, é um tipo de desenho que não demanda muitos esforços, pois é algo que a criança já sabe fazer, apenas repete.

O último desenho é mencionado como o que menos gosta porque ela faz "*correndo*" e faz "*muito forte*". Eugênia faz com canetinha uma espécie de moldura para seu trabalho, o elemento a que provavelmente se refere como muito forte. Não conversamos sobre esse detalhe, mas esta parece ser uma técnica aprendida em algum lugar. O chão é pintado com poucas linhas na cor verde, demonstrando a pressa comentada. A figura desenhada tem braços longos, assim como a astronauta desenhada no dia 31/05. No canto superior esquerdo há um sol, que acabou parcialmente encoberto pela moldura.



Desenho realizado na escola no dia 21/06/07. Maria Eugênia, 8 anos.

Por fim, o último desenho de Eugênia foi realizado no momento da nossa entrevista. Nesta ocasião, a menina mostra-se muito à vontade, desenha sem hesitar, responde tranquilamente às perguntas. Ela desenha um eclipse lunar: "*Eu fiz uma eclipse lunar... era pra ser flores, só que como é de noite eu fiz estrelas no lugar de flores. E uma flor rainha e um morcego. Porque se fosse passarinho, né... não ia dar por causa que é no dia*". Percebemos que ela havia desenhado um golfinho, mas o desenho foi apagado, perguntamos por quê: *porque eu não consegui fazer direito*. Este desenho, ainda que composto de elementos gráficos simples, mostra uma capacidade imaginativa acentuada, de modo que poderíamos chamá-lo desenho imaginativo. Segundo Vigotski (2003), a



Desenho realizado no momento da entrevista, dia 06.09.08.

imaginação pode ser definida como uma atividade que combina elementos conhecidos para assim criar algo novo. Desta forma estrelas e flores, elementos já conhecidos, combinam-se para formar o novo: uma flor-estrela. Para compor a cena noturna, a menina traz elementos associados à noite: lua, estrelas e morcego. Uma flor maior é associada a uma rainha e transforma-se na flor-rainha. O fato de Eugênia desenhar um eclipse, e não simplesmente uma lua, remete a um momento especial, raro, talvez até mágico.

Segundo Vigotski (2003), o fantástico é uma combinação de elementos conhecidos, tomados da realidade. Existem verdadeiramente no mundo estrelas, flores e

rainhas, mas a combinação destes elementos é fantasiosa. "Deste modo a fantasia constrói sempre com materiais tomados do mundo real³⁷" (VIGOTSKI, 2003, p. 17, tradução nossa). Vigotski afirma ainda que a atividade da imaginação será tão mais produtiva quanto maior for a experiência real da criança (2003, p. 18).

No dia da visita domiciliar, comentamos com os pais de Eugênia que sua filha nos parece ser imaginativa, pois experimenta diferentes formas de desenho. A mãe declara que efetivamente a filha vive imaginando coisas: *"imagine se isso, imagine se aquilo"*. Neste momento, Eugênia toma parte da conversa e cita um exemplo do que gosta de imaginar: *"Imagine se eu fosse dona do supermercado, dona da loja de brinquedo do shopping..."*. Os pais observam que a menina tem acesso a muitas coisas: televisão, Internet, viagens pelo Brasil e contato com elementos da natureza no sítio. *"Ela tem muito contato com as coisas, ela tem acesso à televisão, tem acesso à Internet, a gente viaja bastante"*, conta-nos a mãe. Ao viajar a família procura visitar museus e feiras populares locais. Posteriormente a mãe comenta sobre o programa preferido da menina: *"A Maria Eugênia é muito fã de Art Attack,*

³⁷ De este modo, la fantasía construye siempre con materiales tomados del mundo real.

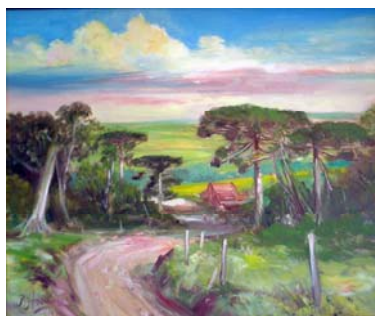
ela conhece o Neil [...] Ele faz aquelas artes tridimensionais, ela gosta muito daquele rapaz. [...] Ela presta muita atenção no que eles fazem no Art Attack". Os pais ainda comentam que Eugênia costuma fazer experiências no sítio, brincando com lama e com plantas. O pai anota que ela pega cascas de árvores e mistura pra fazer tinta.

Eugênia costuma desenhar bastante em casa e seus temas são paisagens, crianças, a família. Os pais participam dando idéias e até sugerindo pontos para melhorar, mas não desenham junto com a filha. Os avós sim desenham com a neta, tanto o avô quanto a avó. A mãe de Eugênia ultimamente tem se dedicado a práticas artesanais, como tapeçaria e pintura de moldes de gesso.

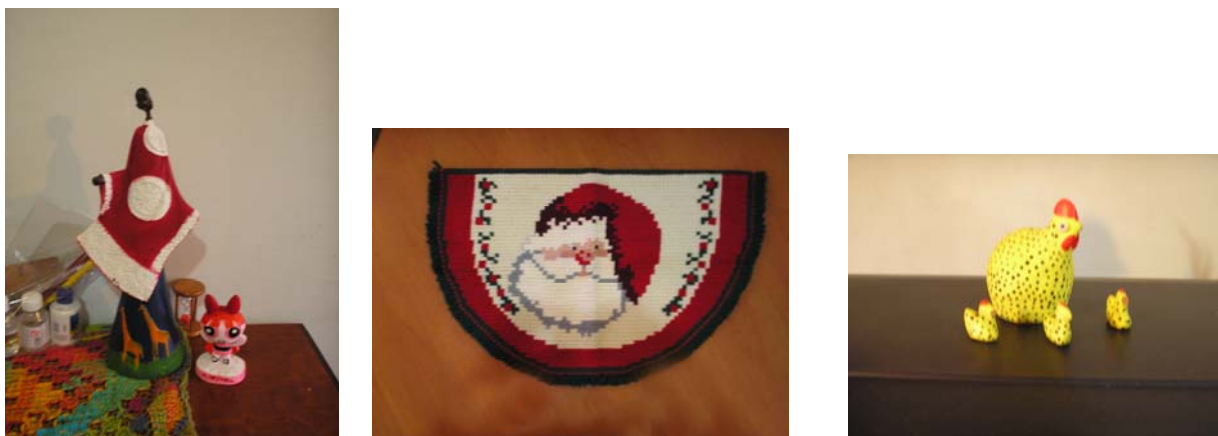
No momento de nossa visita, Maria Eugênia nos mostrou alguns exemplares de sua coleção de livros, filmes e seus brinquedos preferidos: carro e limusine da boneca Polly. Conhecemos também algumas referências visuais da residência.



Eugênia com seu livro preferido (livro com dobraduras), exemplares de DVDs, e o brinquedo preferido.



As duas primeiras paisagens foram pintadas pela tia de Maria Eugênia. Quadro presente no quarto dos pais do qual Eugênia tinha medo quando era criança.



Artesanatos realizados pela mãe: pintura em gesso e tapeçaria. Artesanato presente na casa: galinha com filhotes.

Existem vários quadros na parede, alguns foram pintados pela tia de Eugênia. Os quadros são em sua maioria paisagens, apenas um traz como tema um vaso de flor. Os quadros localizados acima da cama do casal são escuros, e a garota conta que quando era menor tinha medo deles. Todas as imagens que decoram a casa são figurativas, e a maioria tem um estilo de pintura solto, gestual. Da mesma forma que Marcello, embora Eugênia possua diversas imagens em sua casa, elas não dialogam diretamente com seu desenho, pois o que ela utiliza como fonte de imagem é o livro infantil que empresta na escola.

Em síntese, a análise dos desenhos de Eugênia nos mostra que a intenção para desenhar pode decorrer de vários fatores sugestivos: automatismo gráfico, circunstâncias exteriores como influência de fonte de imagem, proximidade de data comemorativa, etc. Luquet afirma que os fatores que sugerem a intenção de um desenho não acontecem separadamente, eles podem surgir combinados. O desenho que Eugênia faz de seus pais, por exemplo, possivelmente é sugerido pela proximidade do Dia dos Namorados. Ela toma como objeto sugestivo a imagem real de seus pais, e procura se lembrar de suas características mais marcantes. Porém, a solução gráfica para fazer os olhos, o nariz e a boca é dada por um programa de TV que ensina técnicas artísticas variadas. Destacamos ainda que Eugênia realiza um desenho que chamaríamos de imaginativo, que utiliza esquemas gráficos comuns e traz uma idéia criativa ao combinar elementos conhecidos em uma nova posição.

4.6 IMAGENS DO COTIDIANO NO DESENHO INFANTIL

Nesta seção procuramos destacar a presença de imagens do cotidiano no desenho das crianças investigadas. Como já foi delineado, encontramos grande presença de imagens bidimensionais, geralmente imagens da mídia ou da decoração da sala nos desenhos, e raramente a presença da paisagem ou de objetos tridimensionais. Podemos apontar algumas das poucas vezes em que encontramos imagens tridimensionais ou representações de uma paisagem em diálogo com o desenho: Eugenia desenha seus pais, Alisson, Milena e David desenharam locais visitados, Gabriel afirma copiar seus carrinhos de brinquedo.

Destacaremos, portanto, as imagens bidimensionais, que são as que dialogam mais diretamente com os desenhos infantis. No embate entre as imagens reais e as imagens desenhadas, a imagem desenhada tende a prevalecer, porque sua rememoração é mais simples e também porque a imagem está de certa forma validada, consolidada, cristalizada. O caminho já foi aberto. Por mais que vejamos árvores diariamente, no momento de desenhar, se a situação permitir, ou seja, se houver um desenho de árvore ao alcance, a criança tende a observá-la no momento de desenhar. Desta forma, a árvore do cartaz é tão real quanto a árvore que existe na rua. Em termos de desenho, talvez até mais real, pois ela se comunica diretamente com o desenho. Segundo Vigotski (2003), o que é criado interfere à sua volta. Ao criar algo, este algo se torna real. Desta forma, cristaliza-se, incorpora-se. E



Cartaz presente na sala de aula, escola urbana, Curitiba-PR.

influencia as coisas ao seu redor: "[...] ao receber forma nova, ao tomar nova encarnação material, esta imagem 'cristalizada', convertida em objeto, começa a existir realmente no mundo e a exercer influência sobre os demais objetos" (VIGOTSKI, 2003, p. 24). Vigotski nos mostra como a imaginação tem um vínculo com a realidade e dessa forma acreditamos que as imagens bidimensionais com as quais a criança convive são, para ela, bastante reais.

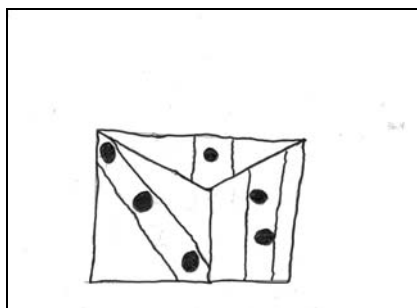
O cartaz ao lado, presente na sala de aula da Escola São Luiz, mostra as palavras ANDORINHA, AMBULÂNCIA e ÁRVORE, com respectivos desenhos. No ambiente escolar, povoado de

regras, o cartaz mostra como se escreve corretamente cada palavra, e ao trazer o desenho consigo, implicitamente comunica que aquela é a forma correta de desenhar cada objeto.

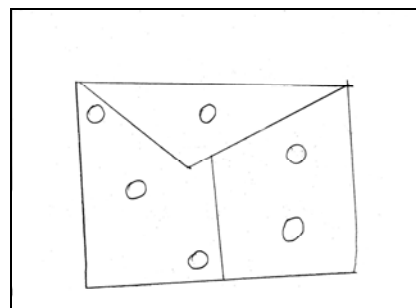
Nesta pesquisa observamos que a decoração da sala traz inúmeras fontes de imagens para as crianças. Um exemplo interessante ocorreu na Escola Aloísio Leoni: uma menina copiou o dado da letra D do alfabeto presente na sala, acrescentou algumas linhas a esse dado. Sua amiga observou e copiou o seu desenho. Este último desenho é uma cópia da cópia, mas também o dado do alfabeto provavelmente foi copiado pela professora de algum local e desta forma afastamo-nos cada vez mais da imagem original. Assim o desenho se propaga.



Alfabeto da sala.



Andressa, 8 anos.



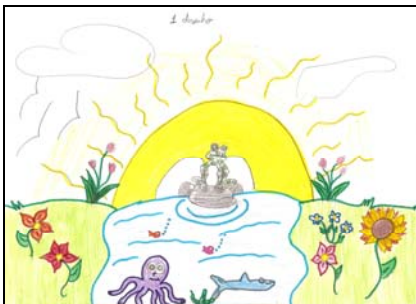
Beatriz, 8 anos.

Cópia do desenho do alfabeto e cópia do desenho copiado. Escola rural, Lapa-PR.

Também na escola urbana existe um alfabeto em cima do quadro negro que foi tomado como fonte de imagem, mas desta vez houve algum acréscimo ao desenho, de modo que poderíamos chamar de apropriação. O sapo foi copiado do alfabeto, em cima da pedra, tal como se vê no cartaz, mas a paisagem em torno foi elaborada pela criança. Esta menina teve e idéia inicial de se apropriar do desenho do sapo e sua colega, observando-a, também resolve se apropriar do mesmo desenho.



Alfabeto da sala.



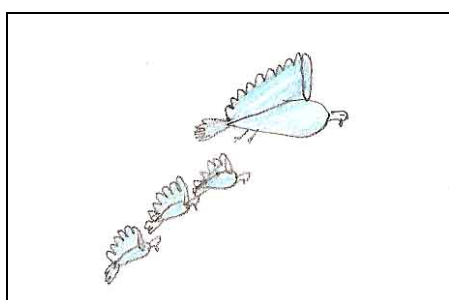
Sílvia, 9 anos.



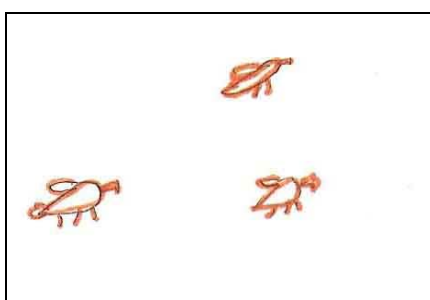
Menina, 8 anos.

Apropriações do desenho do alfabeto. Escola urbana, Curitiba-PR.

As crianças também podem copiar desenhos umas das outras, tomá-los como fontes de imagem. As figuras seguintes são detalhes ampliados de desenhos coletados durante o teste piloto em uma turma de 4ª série de uma escola da zona rural da Lapa - PR. Os desenhos eram bastante semelhantes e traziam no céu alguns pássaros. Podemos ver a transformação destes pássaros, enquanto vai sendo passado de colega a colega. O terceiro já está bastante distante do primeiro e assemelha-se mais a um inseto que a um pássaro.



Menino, idade não registrada.



Menino, idade não registrada.



Menino, idade não registrada.

Apropriação e transmissão de desenhos entre colegas (detalhes ampliados). Escola rural, Lapa - PR.

Como podemos observar na foto adiante, o material didático e o material escolar da criança são ricamente ilustrados, de modo que também funcionam como fonte de imagem. A foto abaixo mostra o material escolar de uma menina, que foi deixado em cima da mesa no momento em que as crianças estavam no recreio. O caderno traz uma ilustração da Minie, o estojo traz a figura da personagem Mel, e o livro traz, na página em que se encontrava aberto, um quadrinho do Chico Bento. Percebemos que o cotidiano infantil é povoado por imagens comerciais. Assim, destaca Gomes:

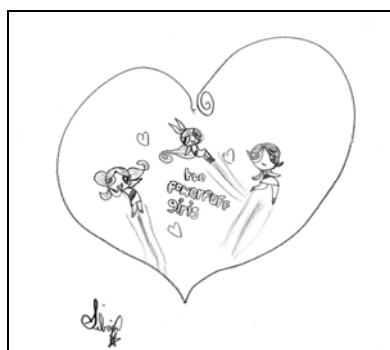
São personagens dos desenhos animados ou de histórias em quadrinhos das grandes corporações que, além de serem veiculados amplamente na televisão e em filmes, também são propagados por uma infinidade de produtos industriais. O material escolar, por exemplo, é produzido com figuras extraídas da mídia: lancheiras, cadernos, estojos, pastas e mochilas, quase sempre apresentando os consagrados personagens acima mencionados, personagens de desenhos japoneses, fotos de atores, a boneca Barbie, entre outros. Produtos de higiene, vestimentas, acessórios, embalagens de alimentos, qualquer produto pode servir como base para a veiculação desses ícones. Além dos produtos industrializados, essas figuras aparecem manufaturadas como decoração de creches e festas infantis, em folhas mimeografadas que muitas vezes as crianças recebem para colorir, em camisetas pintadas e nos mais variados tipos de produtos artesanais (GOMES, 2002, p. 35).

O desenho abaixo foi realizado por Sílvia em nosso primeiro encontro. Na entrevista a garota conta como o fez: "*Foi que eu peguei emprestado uma agendinha da minha amiga, daí eu copiei*".



Material escolar de menina.

O material escolar como fonte de imagem. Escola urbana, Curitiba - PR.



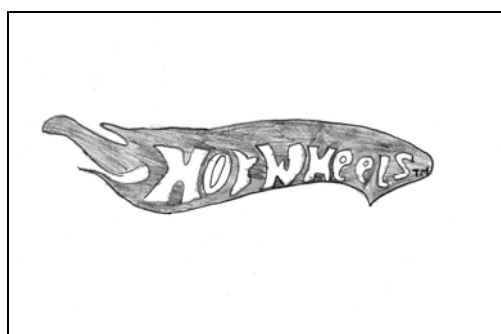
Sílvia, 9 anos (desenho ampliado).

Um desenho da escola urbana que chamou nossa atenção foi o realizado por um menino de 8 anos. Aqui o que se destaca é que o garoto não copia exatamente uma imagem, mas apenas a logomarca *Hot Wheels*. Não observamos de onde foi tomada a imagem, se foi uma cópia ou um decalque. A foto abaixo foi realizada posteriormente, a partir de uma caixa de pista de carros, para que se pudesse estabelecer uma comparação entre as imagens. Parece que o menino já percebe a marca como sinal de *status*.



Símbolo da Hot Wheels.

Cópia de logotipo. Escola urbana, Curitiba, PR.



Menino, 8 anos.

Os desenhos de casa, de um modo geral, nas duas escolas, apresentam maiores interações, tanto entre pessoas, quanto entre pessoa e objeto. Os desenhos, em sua maioria, apresentam a ajuda dos pais ou de irmão mais velhos, e apresentam características de

cópias. Abaixo, podemos observar vários desenhos das duas turmas. O primeiro, da escola rural, foi realizado por uma menina e as flores parecem ter sido copiadas de toalha de mesa ou pano de prato. Em outra ocasião uma pessoa da região nos contou que copiou desenhos da toalha de mesa. Os desenhos de relógio foram feitos por meninas diferentes, procuramos nos informar e elas afirmaram que copiaram do livro escolar. Curiosamente, as duas copiaram o mesmo desenho no mesmo período, tendo mudado apenas a posição dos ponteiros. O desenho de carro foi trazido por um menino, que posteriormente confirmou ter sido feito por seu irmão mais velho, que copia de revistas.



Menina, 9 anos.
Desenhos realizados em casa. Escola rural, Lapa, PR.



Menina, 9 anos.



Menina, 8 anos.

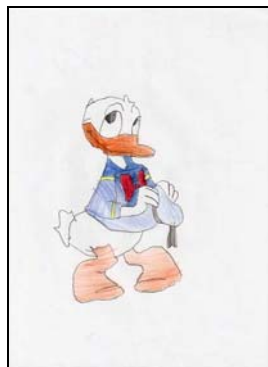


Leandro, 8 anos.

Observemos agora os desenhos da escola urbana. O primeiro é uma cópia da personagem Margarida. Este desenho foi trazido de casa e posteriormente a menina afirmou, um tanto sem jeito, que ela não fez exatamente para aquela ocasião, que ele já estava pronto, era a capa de uma pasta. Posteriormente, afirmou ainda que foi sua mãe que o fez. O pato Donald foi trazido por um menino, o gato e a personagem Moranguinho por meninas. Nesta pesquisa as crianças se inspiraram em diversas fontes externas, porém não permitimos o decalque de imagens em sala de aula. Entretanto, essa prática ocorreu em casa, sem a nossa presença. O último desenho tem uma estratégia para decalque de imagem: foi passado óleo na folha, que deste modo fica transparente.



Menina, 9 anos.



Menino, 9 anos.



Menina, 9 anos.



Menina, 9 anos.

Desenhos realizados em casa. Escola urbana, Curitiba, PR.

Sintetizando esta seção, aqui procuramos destacar algumas das fontes de imagens usadas pelas crianças. De maneira geral, percebemos que as fontes são as imagens da cultura de massa presentes em livros e materiais de consumo diversos. Tal como Wilson e Wilson (1997a), não localizamos nenhuma fonte de imagem que remontasse à aula de arte da escola, ao menos essa informação não foi obtida nas conversas com as crianças de forma direta. Apenas nos casos das crianças que fazem aula de desenho externamente, essas sim fizeram desenhos e disseram ter aprendido com os professores (um menino e uma menina da escola urbana). Como podemos observar, a criança de 8 a 10 anos efetivamente busca fontes de imagens e estas, portanto, dialogam diretamente com o desenho infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa observou as imagens do cotidiano em diálogo com o desenho infantil em ambientes com informações visuais diferentes: meio urbano e meio rural. Desta forma, investigamos o desenho de crianças de 8 a 10 anos pertencentes a uma escola urbana da cidade de Curitiba – PR, e uma escola rural da cidade da Lapa - PR.

Iniciamos estas considerações finais com comentários sobre os desenhos das turmas de um modo geral, observando especialmente os temas encontrados. Partimos então para uma síntese das análises dos desenhos das quatro crianças investigadas. Ao final abordamos a questão da interação e da cópia no desenho infantil, para refletir sobre como as imagens do cotidiano dialogam com o desenho.

De maneira geral, no estudo realizado não foram encontradas diferenças significativas entre os desenhos da escola urbana e da escola rural. Percebemos que em ambos os locais pesquisados as crianças utilizam largamente os esquemas gráficos solidificados em nossa cultura, preocupam-se em fazer um desenho "bonito", "certo", apreciam usar régua, copiar desenhos. Gostam de interagir ao desenhar, sentar com colegas, observar os desenhos dos outros e conversar. Quando possível, pedem ajuda aos familiares ou aos amigos para desenhar. Nesta pesquisa pudemos observar que as crianças desenhavam determinadas coisas quando estão interagindo entre elas e outras coisas quando o desenho é solicitado pela professora, ainda que essa solicitação seja por um desenho de tema livre.

Os temas dos desenhos feitos pelas crianças das duas turmas são semelhantes, com pequenas variações. As diferenças aparecem em momentos pontuais, quando olhamos mais detidamente para os desenhos. A variação dos temas está relacionada ao repertório construído, e este mantém relação direta com as imagens com as quais a criança convive. Na escola urbana, os temas mais frequentes na turma foram: 1) paisagem, 2) veículos, 3) personagem e 4) símbolos. Na escola rural encontramos: 1) paisagem, 2) veículos, 3) casa e 4) símbolos.

A paisagem, com forte presença de esquemas gráficos, é o tema de desenho mais realizado nas duas localidades, feita em sua maioria por meninas. A paisagem desenhada não traz consistentemente elementos da paisagem real habitada, ou seja, é antes determinada por um automatismo gráfico do que pela transposição de elementos reais.

Os desenhos de paisagens obtidos no meio rural muitas vezes trazem, ao lado dos esquemas, algumas referências ao ambiente, como estradas e caminhões, por exemplo. Já a paisagem do meio urbano é composta basicamente por esquemas gráficos, sintetizando o conceito geral de uma paisagem qualquer, representada geralmente por árvores, sol, nuvens, montanhas, casa.

B. Darras (1996, 2003) explica que o modo como se solicita um desenho determina seu resultado. Ora, ao solicitarmos um desenho livre, na maior parte das vezes o que surge é o desenho automatizado, o esquema gráfico ou iconotipo, pois é o que está solidificado na memória infantil. Sem proposta específica a criança tende a repetir o esquema gráfico por ser o que demanda menor esforço cognitivo. Isso é bastante revelador, e nos mostra que para desenvolver o desenho, temos que trabalhar propostas específicas, pois o desenho livre não parece suficiente.

A representação da paisagem real no desenho infantil poderá ocorrer através da mudança na solicitação do desenho. No teste piloto fizemos duas tentativas de observar a paisagem com propostas mais direcionadas, uma funcionou satisfatoriamente, a outra não. Através da solicitação "desenhe o local onde você vive", realizado em uma escola urbana de Curitiba, obtivemos desenhos que efetivamente trazem referências da cidade ou do bairro, como escola, mercado, prédios, ruas, carros, etc. A referência a uma paisagem real surge pouquíssimas vezes de forma espontânea, apenas dois meninos da Lapa e uma menina de Curitiba desenharam paisagens visitadas. Curiosamente, nos três casos o desenho foi sobre um passeio realizado em outra paisagem que não a habitual.

Portanto, podemos concluir que a presença maciça de paisagens compostas por esquemas gráficos é primeiramente o resultado da solicitação por um desenho livre. Observamos também que o desenho de paisagem é um desenho muito comum, aceito socialmente, o que demonstra a aprendizagem social do desenho.

O segundo tema mais praticado nas duas turmas foi o desenho de veículos feito por meninos. Na escola urbana, a quase totalidade dos veículos desenhados foi carro em estilo tunado, e na escola rural, os meninos desenhavam igualmente carros e caminhões, além de caminhonete, ônibus, navio e balão. Na escola urbana, os meninos desenhavam carros decorados, denotando influência de desenhos animados, brinquedos, e o próprio tuning (do inglês *tooning*) de carro. O termo tunar refere-se a infindáveis modificações que podem ser feitas em um carro: pintura decorativa, rebaixamento, instalação de diversos acessórios. Nos desenhos dos meninos da Escola São Luiz, o carro aparece sempre modificado, com adesivos, calotas decorativas, etc, e na escola rural, raramente encontramos desenhos com esse estilo. Na escola rural encontramos a presença do caminhão, e conforme algumas professoras comentaram conosco (informação obtida informalmente durante a coleta dos dados), muitos meninos sonham em ter caminhões.

O terceiro tema mais desenhado na escola urbana é praticamente inexistente na escola rural: o desenho de personagens. Os personagens parecem ser derivados de filmes (guerreiro espacial, alienígena) ou livros (fadas). Pensamos que isso pode decorrer do fato de que as crianças de Curitiba têm um maior contato com desenhos de personagens através de filmes, desenhos animados, ilustrações, enfim, através da mídia. Somos levados a refletir sobre como a criança da cidade vive uma realidade ilustrada, dos livros e filmes que povoam sua realidade e, por conseqüência, sua imaginação. Vivem a realidade da mídia que as insere logo cedo no mundo dos adultos e no mundo do consumo. Isso pode ser observado quando as meninas desenhavam figuras femininas, sensuais, em roupas da moda e cheias de acessórios. Ou quando um garoto desenha uma luta de espadas com sangue vermelho saindo do braço de um dos personagens, e comenta que viu em um filme. Ou ainda quando perguntamos a um garoto do que ele gosta de brincar, e após elencar suas brincadeiras favoritas, ele complementa: "*e a melhor coisa que eu gosto de fazer é comprar*". Também foi apenas na escola urbana que encontramos desenhos de logomarcas de empresas automobilísticas e de empresas de brinquedos. Podemos observar que a exposição à mídia sugere valores como consumo, beleza física, moda, além de consolidar a violência.

Na escola rural, o terceiro tema mais desenhado foi casa, enquanto na escola urbana encontramos apenas um desenho com este tema. Incluímos nessa categoria os desenhos onde a casa aparece sozinha ou em posição de destaque na paisagem. Autores como

Duncum (1997) apontam o desenho de casa geralmente como tema feminino, porém aqui foi feita praticamente apenas por meninos. Nesses desenhos dos meninos da Lapa, a casa geralmente é desenhada em tamanho muito grande, ocupando toda a folha de papel. Esta forma de desenhar casas enormes também foi observada no teste piloto, realizado em outra escola rural do município.

Entre as meninas, os temas mais desenhados foram os mesmos, tanto na escola urbana quanto na escola rural: paisagem e símbolos. Designamos símbolos os elementos tais como coração, flor, borboleta, estrela, entre outros. Os meninos também costumam utilizar esses símbolos, mas como detalhes e não como tema principal. Já as meninas costumam desenhá-los de forma destacada, bem grande na folha de papel. Devemos notar que esses são desenhos esquemáticos e simplificados, e têm um apelo feminino.

Nesta pesquisa observamos que a proximidade das datas comemorativas pode ser um fator gerador da intenção de desenhar. Em ambas as turmas, quando estávamos próximos de datas comemorativas, surgiam alguns desenhos relacionados às mesmas, como Páscoa, Dia do Índio, Dia dos Namorados, Dia do Exército.

Em relação ao desenho feito em casa, observamos que nas duas escolas a criança busca ajuda de outras pessoas, geralmente pais e irmãos mais velhos, ou seja, interage com pessoas mais experientes de seu grupo enquanto desenha. Entre os desenhos realizados em casa, nas duas turmas, encontramos também grande número de cópias e decalques de imagens, mesmo em crianças que em sala não apresentaram esse comportamento. Dessa forma, concluímos que o ambiente doméstico é mais propício às cópias, pois ali a criança sente-se à vontade para interagir com as fontes de imagens disponíveis.

Após observar os desenhos das turmas de uma maneira geral, dedicamo-nos mais atentamente à análise do desenho de quatro crianças, um menino e uma menina de cada escola. Alisson e Aline pertencem à escola rural, Marcello e Maria Eugênia à escola urbana.

Alisson (Lapa, PR) tem 8 anos, gosta de desenhar e considera-se feliz com seu desenho. Em casa, o menino desenha de vez quando, "*quando não tem nada pra fazer*". Alisson percorre uma variedade de assuntos em seus desenhos: paisagens, cenas do meio rural em que habita, carros e motos. Perguntamos se existe algo que ele acha difícil desenhar e ele responde que não.

Ao longo dos meses em que pudemos observar seus desenhos, percebemos que o garoto passa um certo período desenhando um mesmo tema. Nos primeiros encontros, o menino desenha o cotidiano do campo, fazendas, tratores, galpões, cavalos, estradas, etc. Um desenho em especial nos chamou a atenção - o dia em que foi com seu pai até a cidade, de carroça, para fazer compras. Este desenho traz vários elementos da paisagem real - o supermercado, a avenida central da cidade com árvores e bancos, ele e seu pai na carroça. Algum tempo depois, Alisson passa a desenhar motos e carros. Ele desenha carros decorados, tunados, assim como os meninos da cidade. Coloca canos de escape, caixas de som, escreve TUL-TUL para simbolizar o barulho muito alto. Em síntese, ao longo do tempo, Alisson explora diversos temas e formas de desenhar. A intenção decorre de fatores variados como automatismo gráfico, situações vividas, entre outros.

Aline (Lapa, PR) também tem 8 anos e desenha da forma típica da maioria das meninas da sua turma. Gosta de desenhar e considera que desenha bem, porém, se pudesse, gostaria de desenhar como a Cláudia, colega de sua turma. Declara também que a mãe e o tio desenhavam bem, a mãe "*desenha super bem*". Acha fácil desenhar flor, casa e árvore. Gostaria de desenhar um passarinho, feito por sua prima, mas não consegue. Segundo sua mãe, em casa ela desenha pouco.

Aline costuma desenhar paisagens e não desenha pessoas, porque segundo suas palavras "*faz de um tipo que fica feio*". Uma única vez Aline desenhou uma figura humana a nosso pedido. A figura foi feita muito pequena na folha de papel. Os braços terminam com uma linha reta, sem as mãos.

Em cinco meses Aline manteve o mesmo tema e a mesma forma de desenhar. Na escola, desenhava apenas paisagens, sempre orientadas por uma linha de base única com a folha de papel na horizontal. Nesta paisagem encontramos esquemas gráficos de casa, árvore, flor, sol, nuvem e pássaro. Observando os desenhos de Aline, destacamos que sua intenção de desenhar é orientada sempre pelo automatismo gráfico, o que ocasiona a manutenção do mesmo desenho.

A mãe de Aline aprecia desenhar e possui um caderno especificamente para esse fim. Os desenhos são feitos com caneta hidrocor e caracterizam-se por ter uma linha de contorno bem definida, traçado típico de ilustração ou de desenhos escolares mimeografados. Ao observar esse caderno podemos ter uma idéia das fontes de imagem encontradas nesse

meio rural. Os desenhos originam-se das mais diversas fontes: ilustrações trazidas da escola pela filha, desenho animado da televisão, imagem de calendário, imagens em relevo presentes no papel higiênico, desenhos tomados da realidade ou criados por ela.

Marcello (Curitiba, PR), 8 anos, é o exemplo típico de uma relação intensa com o desenho. Em nossos encontros o garoto sempre desenhou muito, fazendo de dois a quatro trabalhos por sessão. O menino percorre vários temas, e a intenção de desenhar decorre de diversos fatores como automatismo gráfico e circunstâncias exteriores variadas.

Marcello é uma criança que, como tantas outras nessa idade, quer aprender a desenhar, quer melhorar seu desenho e efetivamente busca fazê-lo. Em cinco meses, o garoto mudou a forma de desenhar várias coisas, olhando seus antigos desenhos com reprovação. Entre suas táticas para aprender a desenhar, observamos que ele treina o mesmo desenho por um período, aprende com o colega da sala, copia imagens de gibi. Em síntese, Marcello busca fontes de imagens para adquirir convenções artísticas. Suas fontes são gibis do Cebolinha, filmes, desenhos que aprende com o colega da classe.

Suas declarações são significativas e mostram o desejo de uma criança de desenhar cada vez mais e melhor. Mostram ainda um olhar crítico sobre sua própria produção e o empenho em treinar até obter resultado satisfatório. Em suma, o que mais se destaca na análise dos desenhos de Marcello é a ânsia de aprender a desenhar.

Maria Eugênia (Curitiba, PR) tem 8 anos, "*adora*" desenhar e considera-se feliz com seu desenho. Declara que acha difícil desenhar mãos e que quando está com pressa não consegue desenhar. Aprecia os desenhos de um colega de sua turma (o mesmo menino que ensina Marcello a desenhar) e de seu avô. A intenção de desenhar, para Eugênia, decorre de diversos fatores: automatismo gráfico, influência de fonte de imagem, imaginação.

A menina percorre temas variados, desenha paisagens, temas espaciais, figuras humanas. Em casa, copiou a figura de uma fada de um livro, outra vez desenhou o rosto de seus pais com muitos detalhes. Fez também um desenho que poderíamos chamar de imaginativo por não se referir à realidade e sim tratar de algo ilusório, irreal. Este desenho, ainda que composto por poucos esquemas gráficos, traz uma idéia muito criativa e imaginativa. Trata-se de um eclipse lunar com uma flor-rainha, várias flores-estrelas e um morcego. Segundo Vigotski (2003), a imaginação é uma atividade combinadora, que toma elementos da

realidade e os combina de forma a criar algo fantástico, irreal. É assim que Eugênia combina elementos conhecidos como flor, estrela e rainha para criar a flor-estrela e a flor-rainha.

A análise dos desenhos de Eugênia mostra uma menina imaginativa e bastante envolvida com seu desenho. Construindo seu processo de aprendizagem de desenho, Eugênia copia figuras de livro, assiste às lições do programa *Art Attack*, procura desenhar exercitando a memória visual, repete várias vezes o desenho até achar que está bom. As imagens que dialogam com seu desenho podem ser bidimensionais como no caso da fada copiada do livro, mas também pode ser algo real, no caso, os seus pais.

Tudo que vemos compõe o repertório de nossa memória visual. As imagens que decoram a sala de aula, e também as que decoram os livros didáticos, os cadernos e, principalmente aquelas divulgadas pelas redes de televisão são fontes de imagens para as crianças. Em nossa pesquisa percebemos que o acesso às fontes de imagem não acontece da mesma forma na zona urbana e na zona rural. A própria distância geográfica é um fator que dificulta o acesso a uma série de informações que estão disponíveis na cidade. As crianças da cidade, aqui entrevistadas, têm maior acesso a canais de TV fechada, livros e filmes, além do acesso à Internet.

Enfim, a análise dos desenhos dessas crianças mostra relações diversas com o desenho, mostra a mudança a ou a manutenção do mesmo desenho ao longo dos meses. Em todos os casos, a criança tem um olhar crítico sobre sua própria produção e gostaria de melhorar seu desenho. Pudemos perceber que a criança, nessa faixa etária, nem sempre desenha o que gostaria, ela desenha o que é mais fácil, o que já sabe desenhar. Assim, a criança pode deixar de desenhar coisas que acredita não saber fazer, ou evitar as partes mais difíceis, como as mãos, que podem ser desenhadas para trás, escondidas nos bolsos, ou simplesmente desenhando os braços terminados em uma linha reta.

Destacamos também como a criança dessa faixa etária que aprecia desenhar, busca ativamente desenvolver seu desenho, como declara um garoto entrevistado "*eu gosto de ficar treinando, treinando, treinando...*" As crianças praticam com afinco, repetem desenhos, observam com atenção os desenhos dos colegas, ou buscam imagens para observar como o desenho é feito. Observamos que, efetivamente, a criança de 8 a 10 anos busca fontes de imagens para adquirir convenções artísticas.

As entrevistas realizadas com as crianças em geral revelam o olhar crítico sobre sua produção, e o desejo de aprender a desenhar. Algumas crianças dessa idade efetivamente começam a receber aulas formais, e em Curitiba encontramos duas crianças da turma recebendo aulas extra-classe de desenho. Nesta pesquisa, pudemos observar estratégias utilizadas por algumas crianças que buscam ativamente desenvolver seus desenhos: copiar desenhos; repetir várias vezes um mesmo desenho, modificando-o até chegar a um resultado satisfatório; pedir ajuda aos colegas. Observamos que a tentativa de aprender com o colega ocorre de várias formas: a criança copia o desenho do colega; a criança pede ao colega que a ensine; a criança pede que o colega faça uma parte do seu desenho.

Nesta pesquisa destacamos ainda o fato de como as crianças, nessa idade, procuram interagir para desenhar. Interação com colegas da turma: sentam juntas, formam grupos, movimentam-se pela sala, observam e comentam desenhos. Interação com imagens que estão ao seu alcance naquele momento, presentes no livro didático, estojo, caderno, nas paredes da sala de aula. Ao interagir, é comum que a criança copie ou se aproprie de algumas imagens observadas. Enfim, a criança está buscando modelos, ou a aquisição de convenções artísticas. Disso, poderíamos concluir que, como Brent e Marjorie Wilson sugerem, a criança a partir dos 8 - 9 anos deveria ser orientada na aquisição de algumas convenções de modo a sentir-se satisfeita com seu desenho, pois nesse período é importante que a criança obtenha as informações necessárias sobre os objetos que pretende desenhar. Quando a informação do desenho é negada ao aluno, ele busca por seus próprios meios, copiando imagens ou pedindo ajuda a alguém mais experiente.

Acreditamos ser função do professor ampliar o universo visual das crianças, de modo a estender o repertório gráfico e adquirir maior número de programas de desenho. Podemos, por exemplo, exercitar as diferentes memórias atreladas ao desenhar, propor novas imagens, explorar formas diversas de desenhar. As crianças podem ser orientadas em direção ao tão desejado realismo e, em paralelo a isto, também conhecer outros modelos de desenho, de diferentes épocas e culturas.

A criança está inserida em um ambiente, em um contexto histórico-cultural, e o processo de desenhar acontece embebido nesse meio. Esse fato se reflete no modo de desenhar apreciado em nossa cultura, no desenho considerado "certo", "bonito", nas cópias e apropriações de imagens. Em síntese, observamos que o cotidiano da criança é povoado por

imagens, oriundas em grande parte dos meios de comunicação de massa. Essas imagens dialogam diretamente com o desenho infantil, principalmente a partir dos 8 - 9 anos, quando o aluno passa a observá-las para desenhar. O professor de arte, por sua vez, necessita trabalhar com todas essas questões.

Esta pesquisa aborda o desenho infantil, trabalhando questões como imagem, ensino da arte, escola urbana e escola rural, sendo que alguns destes elementos foram apenas tangenciados. Poderíamos dizer que as questões trabalhadas são como peças de um complexo caleidoscópio. Como um caleidoscópio, um simples movimento e as peças tomam posição diferente. A cada novo prisma, uma nova faceta pode ser observada. Desta forma, podemos perceber que a pesquisa não se esgota aqui, ela traz apenas um olhar entre tantos possíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Frances E. **Approaches to cross-cultural research in art education.** JSTOR: Studies in Art Education, vol 21, nº 1 (1979), p. 17-26.

ARNHEIM, R. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora.** São Paulo: Pioneira, 1986.

BARBOSA, A. A. T. B. Releitura, citação, apropriação ou o quê? In: BARBOSA, A. M. (Org). **Arte / Educação Contemporânea: consonâncias internacionais.** São Paulo: Cortez, 2005, p. 143- 149.

BEE, H. **A criança em desenvolvimento.** São Paulo: Harbra, 1984.

BIDEAUD, J. et al. **L' homme en developpement.** Paris: PUF, 2004, p 298-305. Tradução de Maria Lucia Batezat Duarte.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação.** Porto: Porto Editora, 1994.

CLAVAL, P. **A geografia cultural.** 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, R.L.; ROSENDHAL, Z. (orgs). **Paisagem, tempo e cultura.** EDUERJ: Rio de Janeiro, 1998.

COSTA, M. H. F. **O mundo dos Meniháku e suas representações visuais.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988.

COUTINHO, R. G. **O desenho da criança: reflexões sobre os primeiros estudos.** Anais ANPAP, 1996. Disponível em : <http://www.arte.unb.br/anpap/frame1.htm>. Acesso em: 7 out. 2006.

_____. **A coleção de desenhos infantis do acervo Mário de Andrade.** Tese de Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2002.

COX, M. **Desenho da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DARRAS, B. **Au commencement était l'image- dudessin de l'enfant à la communication de l'adulte.** Paris: ESF éditeur, 1996.

_____. **A modelização semio-cognitiva confrontada com os resultados da neurociência.** Texto publicado em: *Recherches en communication*, Paris, França, n.19, 2003. p 175 –199. Tradução: Maria Lucia Batezat Duarte.

DAVIS, J. The "U" and the Wheel of "C": Development and Devaluation of Graphic Symbolization and the Cognitive Approach at Harvard Project Zero. In: KINDLER, A. (Org). **Child development in Art**. Reston, Virginia: NAEA, 1997.

DUARTE, M. L. B. **O desenho do pré-adolescente: características e tipificação: dos aspectos gráficos à significação no desenho de narrativa**. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 1995.

_____. **O realismo no desenho infantil**. Tuiuti Ciência e Cultura: publicação da Universidade Tuiuti do Paraná, n^o 16, março 2000, p. 189 a 203.

_____. Imagens mentais e esquemas gráficos: ensinando desenho a uma criança cega. In: MEDEIROS, M. B. (Org). **Arte em pesquisa: especificidades**. V.2. Brasília, DF: ANPAP/UNB, 2004, p. 134-141.

_____. Entrevista concedida ao boletim Arte na Escola. Boletim 40. Dez. 2005. Disponível em <http://www.artenaescola.org.br/pdf/boletim40.pdf>. Acesso em 15 dez. 2007.

DUNCUM, P. Subjects and themes in children's unsolicited drawing and gender socialization. In: KINDLER, Anna M. (Ed). **Child development in art**. Virginia (USA): NAEA, 1997.

ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERRAZ, M. H. C. de T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993a.

FERRAZ, M. H. C. de T.; FUSARI, Maria F. de R. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993b.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GOMES, E. T. A. Natureza e cultura- representações na paisagem. In: CORREA, R.L.; ROSENDHAL, Z (orgs). **Paisagem, imaginário e espaço**. EDUERJ: Rio de Janeiro, 2001.

GOMES, P. B. M. B. **A formação de visualidade, imaginário e estereótipos**. Revista da Fundarte: Ano II, Volume II, n^o 04, julho a dezembro/2002, p. 32-40.

HALL, Calvin. S. et al. **Teorias da personalidade**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

IABELBERG, R. O desenho cultivado da criança. In: CAVALCANTI, Z. **Arte na sala de aula**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 3-32.

_____. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**. Porto Alegre: Zouk, 2006 a.

_____. O desenho da criança no diálogo com a cultura. In: MALUF, Maria Irene (Coord). **Aprendizagem: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade**. Petrópolis: Vozes: São Paulo: ABPp, 2006 b.

IBGE, 2000. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/censo/>. Acesso em: 20/02/2008.

KINDLER, A; PARISER, D; VAN DEN BERG, A.; LIU, W C.; DIAS, B. **Blindfolded Visions: The Creeping hegemony of avant garde aesthetics**. International Journal of the Humanities. Volume 1, 2003. Paper presented at the First International Conference on New Directions in the Humanities, Rhodes Greece. July 2-5, 2003.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

LUQUET, G. H. (1927) **O desenho infantil**. Porto: Ed. do Minho, 1969.

MAPA do Paraná. Disponível em <http://maps.google.com.br/maps>. Acesso em 17 dez 2007.

MONTOYA, A. O. D. **Piaget: imagem mental e construção do conhecimento**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

NEWTON, C; KANTNER, L. Cross-cultural research in aesthetic development: a review. In: KINDLER, A. (Org). **Child development in Art**. Reston, Virginia: NAEA, 1997.

PARSONS, M. **Studies in Art Education**, 40 (1), p. 80-91, 1998. Resenha. Tradução de Rejane G. Coutinho.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. 2nd ed. Sage Publications, 1990.

PIAGET, J.; INHELDER, B. (1981). **A representação do espaço na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

QUEIROZ, M. I. P. **Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

READ, H. (1963). **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REGO, T. C. **Vygotsky – uma perspectiva histórico cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SCHERER, R. Paisagem urbanística, urbanização pós- moderna e turismo. In: YÁZIGI, Eduardo. **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

SERPA, A. A paisagem periférica. In: YÁZIGI, E. **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

SILVEIRA, I. O. **O ensino de desenho para crianças de 9 a 10 anos de idade: um estudo comparativo entre escolas públicas e particulares da região central de São Paulo.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: Instituto de Artes -UNESP, 2005.

VIDAL, L. A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté. In: _____ (org). **Grafismo indígena: estudos de antropologia e estética.** São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, Edusp, 2000.

VIGOTSKI, L. S. (1930) **La imaginación y el arte em la infancia.** Espanha: Akal, 2003.

_____. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WAGNER, P. L.; MIKESSEL, M. W. Os temas da geografia cultural. In: CORREA, R.L.; ROSENDHAL, Z (orgs). **Introdução à geografia cultural.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

WILSON, B.; WILSON, M. **Teaching children to draw: a guide for teacher and parents.** New Jersey: Prentice-Hall, 1982.

_____. (1974). Uma visão iconoclasta das fontes de imagem nos desenhos de criança. In: BARBOSA, A. M. **Arte-educação: leitura no subsolo.** São Paulo: Editora Cortez, 1997a.

WILSON, B.; Child art, multiple interpretations and conflicts of interest. In: KINDLER, A. (Org). **Child development in Art.** Reston, Virginia: NAEA, 1997b.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

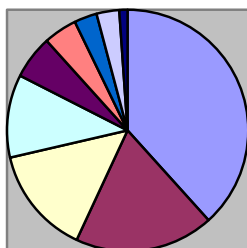
ANEXOS

GRÁFICOS DOS DESENHOS DAS TURMAS.....	161
ESCOLA MUNICIPAL SÃO LUIZ.....	161
ESCOLA RURAL MUNICIPAL DR. ALOÍSIO LEONI.....	162
ENTREVISTAS COM ALUNOS INVESTIGADOS.....	163
ENTREVISTA MARCELLO – CURITIBA, PR.....	163
ENTREVISTA MARIA EUGÊNIA– CURITIBA, PR.....	169
ENTREVISTA ALISSON - LAPA, PR.....	173
ENTREVISTA ALINE - LAPA, PR.....	177
ENTREVISTAS E DESENHOS DE OUTROS ALUNOS DA TURMA.....	181
DESENHOS LEANDRO - LAPA, PR.....	181
ENTREVISTA LEANDRO- LAPA, R.....	183
DESENHOS ANDRESSA - LAPA, PR.....	188
ENTREVISTA ANDRESSA - LAPA, PR.....	190
DESENHOS MÁRIO - LAPA, PR.....	194
ENTREVISTA MÁRIO - LAPA, PR.....	196
DESENHOS RAUL – CURITIBA, PR.....	199
ENTREVISTA RAUL– CURITIBA, PR.....	201
DESENHOS SILVIA – CURITIBA, PR.....	205
ENTREVISTA SÍLVIA– CURITIBA, PR.....	207
DESENHOS GABRIEL – CURITIBA, PR.....	212
ENTREVISTA GABRIEL– CURITIBA, PR.....	214

GRÁFICOS DOS DESENHOS DAS TURMAS

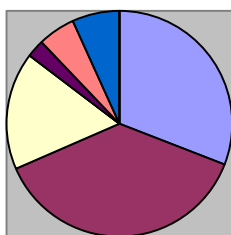
ESCOLA MUNICIPAL SÃO LUIZ

Gráfico da turma



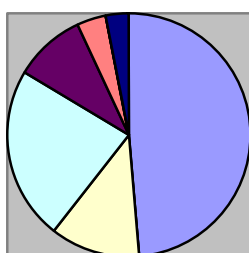
■ paisagem 37,5%
■ veículos 18%
■ personagem 14%
■ símbolos 12%
■ desenhos copiados 6%
■ outros 6%
■ lutas 3%
■ animais 3%
■ casa 1%

Gráfico meninos



■ paisagem 27,5%
■ veículos 33,5 %
■ personagem 15%
■ símbolos 2%
■ desenhos copiados 2%
■ outros 6%
■ lutas 6%
■ animais 6%
■ casa 0 %

Gráfico meninas

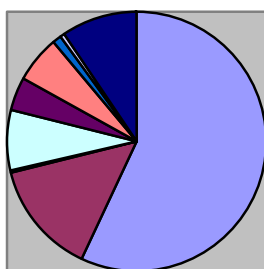


■ paisagem 48,5%
■ veículos 0%
■ personagem 12%
■ símbolos 23%
■ desenhos copiados 9,5%
■ outros 4%
■ lutas 0 %
■ animais 0 %
■ casa 3%

Escola Urbana	1º lugar	2º lugar	3º lugar
Meninos	Veículos 28 desenhos	Paisagem 23 desenhos	Personagem 13 desenhos
Meninas	Paisagem 36 desenhos	Símbolos 17 desenhos	Personagem 9 desenhos

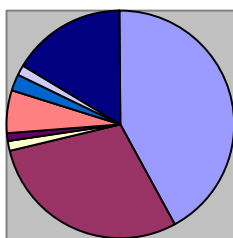
ESCOLA RURAL MUNICIPAL DR. ALOÍSIO LEONI

Gráfico da turma



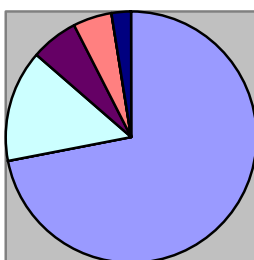
■ paisagem	57%
■ veículos	14%
■ personagem	0,5%
■ símbolos	7,5%
■ desenhos copiados	4%
■ outros	6%
■ lutas	1%
■ animais	0,5 %
■ casa	9,5%

Gráfico meninos



■ paisagem	42%
■ veículos	29%
■ personagem	1,3%
■ símbolos	0%
■ desenhos copiados	1,3%
■ outros	6%
■ lutas	2,5%
■ animais	1,3%
■ casa	16,5%

Gráfico meninas



■ paisagem	72%
■ veículos	0%
■ personagem	0 %
■ símbolos	14,5%
■ desenhos copiados	6%
■ outros	5%
■ lutas	0 %
■ animais	0%
■ casa	2,5%

Escola Rural	1º lugar	2º lugar	3º lugar
Meninos	Paisagem 33 desenhos	Veículos 23 desenhos	Casa 13 desenhos
Meninas	Paisagem 59 desenhos	Símbolos 12 desenhos	Desenhos copiados 5 desenhos

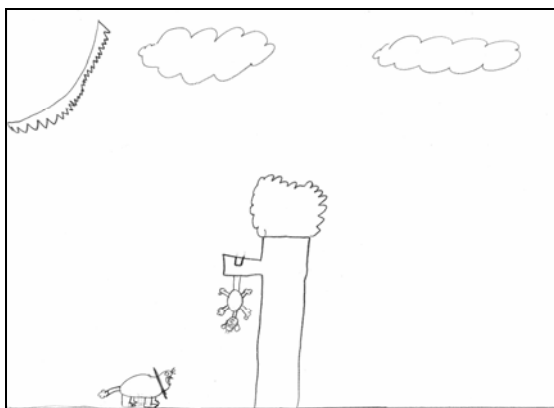
ENTREVISTAS COM ALUNOS INVESTIGADOS

ESCOLA MUNICIPAL SÃO LUIZ
CURITIBA – PR

Dia 06 de setembro de 2007

MARCELLO, 8 anos e 10 meses

(Ao fazer o desenho Marcello fala: "não sei fazer o macaco, pode ser do meu jeito"? Digo que pode. Ao desenhar o chão ele solicita uma régua. Recebe a régua e então apaga o chão que havia feito, dizendo que estava torto. Hesita, a todo momento pára de desenhar e pergunta se está bom).



Fala Marcello, do desenho que você acabou de fazer.

No primeiro dia, quando eu fui fazer o macaco ficou meio feio, assim, em cima da árvore, ficou meio feio (aponta o rabo do macaco). Daí eu tive que melhorar, demorei algum tempo pra conseguir fazer esse leão, fazia na frente da cara fazia um coração, pensando que era uma juba na frente....e...tô tentando ainda conseguir fazer melhor, o melhor que eu posso pra conseguir fazer os desenhos.

E de onde você tirou a idéia pra fazer esse do macaco e do leão?

Ah, é porque eu vejo às vezes filme de macaco pendurado e eu tenho filme de Rei Leão, então eu juntei os dois, misturei.

E você gostou do desenho?

Acho que ficou bonito.

E o chão você pediu a régua, né? Você queria fazer bem retinho?

Mas acabei fazendo sem querer torto.

Você acha que tá torto?

Acho.

Por que você quer fazer bem reto?

Ah, porque eu acho torto muito feio, né? Fica muito feio o torto.

2ª parte da entrevista

Marcello: O Kauê, ele me ensinou como fazer desenhos. Por exemplo, eu fazia só de uma perna...

Espera aí, o Kauê é aquele menino que faz aula de desenho?

É. Ele me ensinou a fazer desenho, por exemplo, eu faço de lado, eu faço de uma perna só. Ele me ensinou a fazer de duas assim mostrando (faz o desenho abaixo). Faz assim, assim. O Kauê me ensinou a fazer desse jeito.



Ah, ele ensinou a colocar mais uma perna, que você só colocava uma...

É, eu fazia que nem o saci pererê.

Vamos ver aqui nos seu desenhos, não tem nenhum de lado, né?

(espalhamos os desenhos e Marcello está eufórico, curioso, não lembra mais dos seus desenhos, passa rapidamente de um a outro sem se concentrar em nenhum)

Marcello: Olha esse aqui (segundo desenho de casa) eu quis fazer o pôr-do-sol, mas ficou meio rosa e amarelo, ficou meio estranho. Esse daqui eu nem me lembrava que eu fiz um cara numa água e com um sol. Eu não sabia fazer um surfista e acabei fazendo um cara debaixo da água. E fiz um cara... (desenho dia 21/06)

Esse daqui eu lembro, quero ver se você lembra.

Foi um monte de copo em cima de uma mesa, e tomou muito e ficou doido.

E o que ele tava tomando?

Cerveja.

Quando você desenhou falou pra mim que era refrigerante, eu me lembro.

Esse aqui eu acho que me lembrei, acho que me lembrei! (aponta o primeiro desenho do dia 31/05)

Me conta, o do menino...

Esse daqui eu quis fazer um cara pelado?

Por que será que ele tá sem roupa, Marcello?

Acho que ele tava... sei lá, eu não me lembrei. Mas da minha árvore, eu nem me lembrava de fazer raízes embaixo...e...eu nem me lembrava desses desenhos. Nem esses...Todos esses desenhos, daonde que eu tirei?

(risos)

Esse daqui eu lembro (terceiro desenho dia 19/04).

O do índio, né?

Tem um nome: Dia do Índio.

Qual você lembra? Que você olha e fala: esse fui eu que fiz?

Esse (o do índio), esse daqui mais ou menos (o do refrigerante)...e... só, acho que era só.

Só? Os outros você não lembra?

Não.

Esse de casa, o primeiro de casa você lembra o que você quis dizer?

Acho que eu quis dizer que um cara, um cara batendo com uma espada no outro e saindo sangue, aqui uma casa e uma árvore...e aqui tem uma montanha, um sol, nuvem...

E o passarinho...eu achava ele feio, hein? (mostra o 3º desenho do primeiro dia).

E... é só. Uma moita! (aponta para moita que fez no segundo desenho do dia 21/06).

Desses que estão espalhados, qual você gosta mais?

Desse daqui, olha. E desse (aponta o do índio e o do refrigerante, desenhos que nós já havíamos comentado).

Tem certeza? Pensa bem.

Tenho, esse daqui é bem mais bonito (o do índio). E esse (do refrigerante). E o cara com as bolinhas, de tão tonto que ele tava, que quando eu leio gibi, eu vivo lendo gibi, daí eu aprendo a fazer desenhos. Por exemplo, eu vou pegar o gibi e ponho debaixo do meu caderno pra copiar. Eu copio, copio, até que um dia fica bonito. Daí eu vejo quando toma bastante refrigerante no gibi, fica cheio de bolinha e o cara fica tonto.

Esse também parece de gibi, esse balão escrito...

Que tá dizendo: "eu vou derrotar vocês".

E olha o cachorrinho...

É, esse cachorro aqui eu não sei que que tá...

Ele tá dizendo au-au.

É, aqui ó, parece que é um pé de gente. Olha!

É...

Eu deveria... eu sei como fazer agora... Chuva!

O que você sabe fazer agora?

O cachorro. Olha, esse daqui tá sem orelha, tá sem o que o Kauê me ensinou...e...

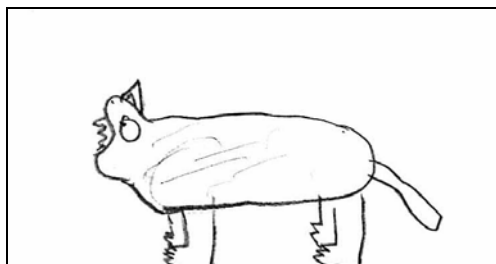
O Kauê te ensinou alguma coisa de cachorro?

Não.

Ah, da perninha, você quer dizer... (Marcello mostra como é o cachorro que faz agora, com orelha, patas com garras em perspectiva e boca com dentes)



cachorro dia 19/04



cachorro dia 06/09

De todos os desenhos, qual que você não gosta? Que você gosta menos?

Esse (com um riso de vergonha, aponta o do menino pelado).

Ah, o do homem nu...Por quê?

Porque ele... eu odiei esse desenho porque ele tá pelado (riso de vergonha). Eu só gostei da árvore, da árvore foi o único desenho aqui que eu gostei.

Você acha que ele podia ser um índio? (fiz esta pergunta porque estávamos próximos do Dia do Índio)

É, pode ser, eu podia fazer aqui umas modificações pra ficar um índio.

Você acha que na época que você fez, você quis fazer um índio ou você esqueceu a roupa mesmo?

É, acho que eu esqueci a roupa mesmo.

Porque aqui você fez um índio e colocou uma tanguinha.

É.

Qual outro você gostou menos?

Esse (segunda montanha de gelo, bem fraquinho). E esse daqui (primeiro desenho do dia 19/04)

Por que você não gostou?

Eu achei o carinha com cabecinha pequeno, o corpão grande e a cabeça pequeno. E eu precisava pintar pra ficar mais bonito, senão preto e branco...

O que você acha fácil de desenhar?

Acho que é...como é que se chama...um leão, acho mais fácil um leão.

E o que você acha difícil?

O...os carinha do gibi, né, quando eu tento desenhar, eu acho difícil. Eu não consigo fazer do jeito que eu quero, sabe? Eu tento fazer, tento, todo santo dia...

Qual gibi é esse?

Da Turma da Mônica. Eu tento... o nome do personagem que eu mais gosto se chama Cebolinha, que tem cabelo espetado. Mas é difícil desenhar, a única coisa que eu sei desenhar é o cabelo dele.

Você gosta de desenhar?

Gosto. Muito.

Você acha que você desenha bem?

Mais ou menos. Alguns desenhos sim, alguns desenhos não.

Depende do desenho...

Depende do desenho, se for fácil ou difícil.

O que você acha que é um desenho legal, que deixa o desenho bonito?

É...colorido. Cores pra pintar fica colorido e fica mais bonito, né?

O que mais?

Ai... a forma de desenhar, assim, porque se você desenhar de uma forma e desenhar de outra fica meio feio. Melhor você desenhar só de uma forma. Tipo assim olha, eu pinto assim, depois pinto assim.

Ah, mudar o sentido da pintura...

É, fica feio.

Você queria desenhar igual alguém, se pudesse fazer uma magia?

Eu queria desenhar igual ao Kauê, porque ele faz desenhos bonitos...eu tô tentando fazer que nem ele, ele tá me ensinando alguns desenhos.

O que você gosta de brincar?

Bola, gosto de jogar bola.

Que mais?

Jogar vídeo-game.

Você brinca sozinho?

Sozinho, porque minha irmã vai no dentista.

Em casa você brinca do quê?

De boneco...No dia do vídeo game, é quarta e sexta.

O que você gosta de ver na televisão?

É... desenho.

Qual desenho?

Power Rangers. Eu amo esse desenho.

Que canal você fica assistindo?

Ah, eu não tenho NET, se eu tivesse NET eu ia ficar assistindo o 56 e o 44, mas como eu não tenho eu fico assistindo o 13 e o 5.

Tem mais algum que desenho que você copia em casa, fora o Cebolinha?

Às vezes é a Mônica, a Magali, o Cascão.

Tem algum outro gibi?

Tem o Menino Maluquinho também, o Pato Donald...

Tem livrinhos em casa?

Tem. Tenho do Leão e o Ratinho, o... como é que se chama...dinossauros, uma coleção de dinossauros, tenho de...um livro, um alfabeto, que na 1ª série e no Pré eu desenhava e tinha um CD também pra aprender.

Tem DVD em casa ou vídeo?

Tem.

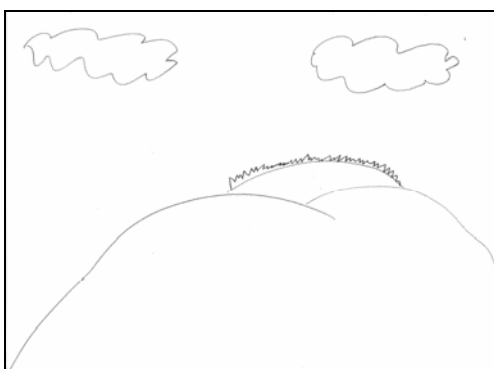
E o que vocês assistem de filme?

Power Rangers, Yu-Gi-Oh, e...tem Harry Potter, Rei Leão 2, de fita tenho o Rei Leão 1, de DVD o rei Leão 3, 101 Dálmatas, 102...

(por fim Marcello mostra como mudou o jeito de fazer montanhas)



montanha dia 12/04

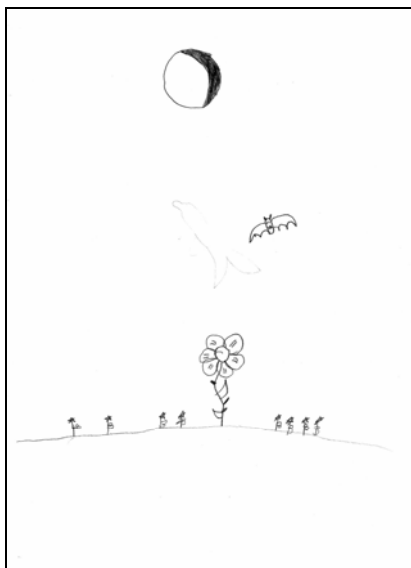


montanha dia 06/09

ESCOLA MUNICIPAL SÃO LUIZ
CURITIBA – PR

Dia 06 de setembro de 2007

MARIA EUGÊNIA, 8 anos e 7 meses



Conta desse desenho, Eugênia.

Eu fiz uma eclipse lunar... era pra ser flores, só que como é de noite eu fiz estrelas no lugar de flores. E uma flor rainha e um morcego. Porque se fosse passarinho, né, não ia dar por causa que é no dia.

Ah, interessante. E o golfinho, por que você desistiu de fazer?
Por que eu não consegui fazer direito.

Gostou do desenho?
Gostei.

2ª parte da entrevista

(Espalho os desenhos. Eugênia não se lembra de todos, fica olhando e pergunta se foi ela mesma quem fez)

Dá uma olhada em todos os desenhos... Qual você gosta mais?
Do meu pai e da minha mãe.

Por quê?
Porque eu acho que eu fiz melhor de todos.

Por que ele está melhor?

Eu fiz não olhando nos meus pais e consegui fazer certo.

Você acha que está parecido, então?

Tá, eu fiz várias tentativas só que... ficaram...meio esquisitas, depois eu fiz essa e ficou parecida.

De todos os desenhos, qual você gosta menos?

O último.

Por quê?

Por que eu fiz correndo e eu fiz muito forte.

Então vamos dar uma olhada um por um. Esse primeiro é uma paisagem, né?

Eu fiz tipo num...jardim assim de uma casa, uma vista.

Esse da fadinha que você fez em casa...?

Eu me inspirei num livro que eu peguei da escola pra eu ler...e tentei desenhar.

Esses outros dois, você lembra o que eram? (desenhos do dia 19/04)

Esse eu me lembro que eu fiz um carro...

O primeiro, o segundo você não lembrava, achou que nem era seu, né?

É. E o de cima eu fiz uma menina vendo o pôr-do-sol.

E o de baixo, você lembra alguma história pra contar o que era?

Tipo uma vista da minha casa porque tem uma sorveteria e uma casa assim.

* (Neste momento tenho a impressão de que Eugênia está sugestionada, porque eu havia comentado que um dos objetivos da pesquisa era ver o que a criança representa da paisagem onde vive. Ela acaba de mudar a interpretação do seu desenho, pois no dia em que o fez ela apenas havia mencionado que era “uma cidade”)

Tem prédios?

Tem. Tem dois.

Você lembra que carro é esse?

Não direito.

Eu lembro quando você fez, você falou pra mim: “é uma limusine”.

Isso, limusine. E aqui em cima um avião.

E esse aqui, esse eu adoro, sabia? (desenho dia 31/05)

Foi uma nave com um astronauta. Eu não sabia o que fazer, eu tava fazendo um avião, só que daí não deu certo.

Ah é, ele tem um apagado, vamos ver o que é...uma menina ajoelhada?

É, ela tava com a corda, e aqui eu tava fazendo um avião só que daí fez um carro.

Ah, era pra menina estar no avião?

Era. Daí surgiu o foguete, daí eu fiz um sol aqui...e ela está na lua.

Com capacete e tudo, né?

É, senão não ia ter ar.

Daí vem o segundo desenho feito em casa, o pai e a mãe que você gostou mais... Quem te ensinou fazer aquele tipo de nariz, de olho...?

Eu assisti um programa, daí eu...

Qual programa?

Art Attack. Daí eu consegui fazer o nariz.

Que mais você lembra que é do Art Attack?

O olho, a boca e o cabelo. A barba, o cavanhaque, e só.

E esses outros dois?(desenhos dia 21/06)

Eu fiz na sala, eu fiz um sol e um homem num barco que no caso é meu pai.

Seu pai vai pescar?

Vai, ele adora pescar.

Legal...

E esse último eu fiz correndo.

O que você acha fácil de desenhar?

O que eu acho fácil de desenhar...aquele penúltimo, um sol, um barquinho e o mar.

E o que você acha difícil?

Difícil é os pais, que eu fiz o rosto, assim meio difícil, porque às vezes a gente faz oval, redondo, não faz da maneira que a gente quer...

De onde você tira as idéias pros seus desenhos?

Eu imagino na minha cabeça uma vista, um lugar. Um foi uma vista de casa, o outro eu olhei nos meus pais...um barquinho eu imaginei meu pai indo pescar no mar, que ele nunca foi né? Só nos rios...E é isso...a fadinha eu me inspirei no livro.

Você gosta de desenhar?

Adoro.

Você acha que você desenha bem?

Eu acho que eu desenho algumas coisas bem, quando eu tô apressada eu não desenho bem, fica meio... até pra fazer lição se tá apressado não fica bem.

O que você acha que deixa um desenho bonito?

As características do desenho, tipo fazer detalhes para que pareça vivo o desenho.

Quem você acha que desenha bem? Alguém da sala ou da tua família...

Da sala, o Kauê que senta ali, e da casa o meu vô.

Se você pudesse fazer uma magia, você queria desenhar igual alguém ou não, do seu jeito mesmo?

Do meu jeito.

Do que você gosta de brincar?

De boneca.

Que mais?

Casinha e de fazer experiência.

Que experiência?

Quando eu tô no sítio eu pego lama, ponho num potinho velho assim que nem minha mãe usa, ponho água, misturo, pego tipo uma farofa, uma areia, daí eu misturo junto e fica mais claro eu finjo que é bolo, que é brigadeiro.

Ah, tá, de fazer comidinha... Você sempre vai pro sítio?

Não, todo dia, não.

O que você gosta de ver na televisão?

O programa que eu te falei que eu me inspirei nos pais, o Art Attack.

E que mais?

E... Chiquititas que passa no SBT.

Vocês tem TV a cabo?

Tem.

Vocês tem vídeo, DVD?

Tem DVD, o vídeo não funciona mais.

O que você gosta de assistir de DVD?

DVD... Os Incríveis.

E de ler, você tem livro em casa, gibi?

Tenho, só que eu não leio muito, mas eu gosto de um que é "O maior relevo que já existiu". Eu não me lembro o nome, mas eu acho ele bem legal.

Você acha difícil desenhar a mão das pessoas?

Eu acho. Eu acho difícil.

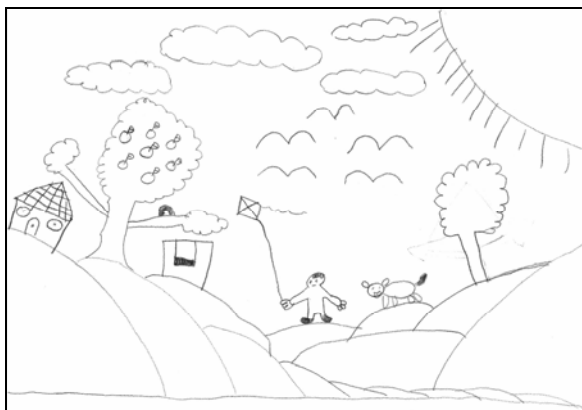
A fadinha tinha mão assim ou você que fez?

Tinha assim, os pés, as mãos...

ESCOLA RURAL MUNICIPAL DR. ALOÍSIO LEONI
ALVES CARDOSOS- LAPA-PR

Dia 14 de agosto de 2007

ALISSON, 8 anos e 11 meses



O que você desenhou, Alisson?

Eu desenhei um menino soltando pipa... uma balança, uma casinha, uns pássaro, um cachorro... umas montanha, uma árvore, um sol...umas nuvem aqui e uns pássaro.

Aqui são várias montanhas, né?

A-hã.

De onde você teve a idéia de fazer essas montanhas, tudo juntinho assim?

Você acha que você viu em algum lugar... foi inventando...?

Eu inventei.

É? E por que você apagou a árvore?

Achei feio.

Essa árvore que você tinha feito é a mesma do primeiro desenho, né? Ó, lembra? Então vamos colocar todos os desenhos agora pela ordem. Fala desse daqui (o primeiro desenho do dia 30/03), o que você acha?

Esse aqui eu gostei.

Qual você gosta mais, Alisson?

Eu gostei dos dois, desse e desse daqui...(desenho do dia 30/03 e segundo desenho do dia 01/06)

O primeiro e o da moto. Porque que você gosta mais desse da moto?

Eu achei engraçado que os homem tão caindo das moto...

E aquele lá, o que você gosta lá daquele primeiro?

Eu achei bonito, sabe? Tá cheio de rosa, pássaro, sol, um barco...

Você acha que ele está, então,... alegre... Mas e estes daqui você não acha que estão bonitos também (mostro os restante dos desenhos)?

Acho mais ou menos.

Mais ou menos?

...Mas tá bonito...

O que você não gosta desses outros?

(sem resposta)

Tem alguma coisa que você não gosta?

Desse daqui eu também gostei (mostra o do carro Hot Wheels que fez no dia 11/06).

Você gosta de todos?

(confirma com a cabeça)

Você gosta de desenhar?

A-hã.

Acha que você desenha bem?

Acho.

Você queria desenhar igual alguém?

(demora na resposta)

Ou não, está feliz do jeito que está?

Assim.

Assim mesmo, né? Quando você desenhou aqui (primeiro desenho de casa) lembra o que você falou pra mim? Você pode falar de novo?

A-hã. Desenhei eu com meu pai indo de carroça no mercado, e daí aqui... a avenida.

Vocês têm carroça?

Tem.

E cavalo?

Tem dois, o pai...e tem mais três acho que na casa lá do meu irmão lá.

Aqui vocês tinham ido vender a verdura, é isso?

Não, pegar a verdura pra trazer pros bicho.

E aqui? (desenho dia 13/04)

(demora na resposta)

Ou aqui não tem assim muita história?

Aqui é uma fazenda que eu desenhei... ó onde tá os cavalo, o galpão...

E esse sol aqui, de onde que você inventou isso?
Eu inventei mesmo.

Você inventou ou copiou de alguém?
Eu inventei.

É? Eu lembro que quando você fez esse desenho, teve... alguém copiou de você então né?
O Daniel.

Ah isso! Eu lembro que ele veio e falou "professora, o sol eu copieei".
E esse aqui (primeiro desenho do dia 01/06)? Você pode falar desse aqui?
Aqui é uma cidade. Tem um ônibus, um carro e um caminhão da Multiloja foi levar móveis.

Isso é na cidade?
É.

Esse ônibus é o ônibus da cidade então.
É.

Não é o ônibus da escola.
Não.

E aqui (desenho do dia 01/06) os motoqueiros caindo, brincando...
Bem louco.

Bem maluco, fazendo bagunça... E esse aqui (dos motoqueiros) de onde você tirou essa idéia?
Eu inventei.

Tão legal... Esse aqui, o segundo de casa, um carro, né? E atrás você tinha feito outro... De onde você tirou essa idéia?
Eu inventei.

E o hot wheels também né?
A-hã.

E aquela estrada ali cheia de desenho, é uma estrada aqui no chão?
É uma pista.

Porque tem tanto desenho na pista?
É invenção.

Legal, ficou bem forte, né? E o TUL TUL é o barulho, né?
É, do som.

Tem alguma coisa que você acha difícil desenhar?

Hum... não.

E alguma coisa que você acha fácil?

Uma árvore.

Quando você acha que o desenho fica bonito?

(demora na resposta)

Que você fica feliz com os seus desenhos...

Quando termina ele, daí vê que tá bonito e depois pinta.

Me conta do que você gosta de brincar.

Andar de bicicleta...

Daí você brinca sozinho ou tem vizinho, amigo...?

Não, sozinho mesmo.

Do que mais você gosta de brincar?

De carrinho.

Qual carrinho você tem?

Eu tenho um monte de carrinho pequenininho, e um grande assim.

E o que você gosta de ver na televisão?

O Bom Dia e Companhia.

Ah eu sei, que passa desenho, brincadeira...

Ganha premio...

Qual prêmio você queria ganhar se você fosse lá?

O Playstation.

Você tem vídeo game?

Não, nenhum.

Você tem celular, uma vez você estava com um celular, né?

A-hã, aquele é meu.

Você gosta de ler, tem livro em casa?

Tem livrinho, livrinho de dinossauro.

E gibi você gosta de ler?

Não tenho...Eu gosto de DVD também, de desenho.

Qual desenho você gosta de DVD?

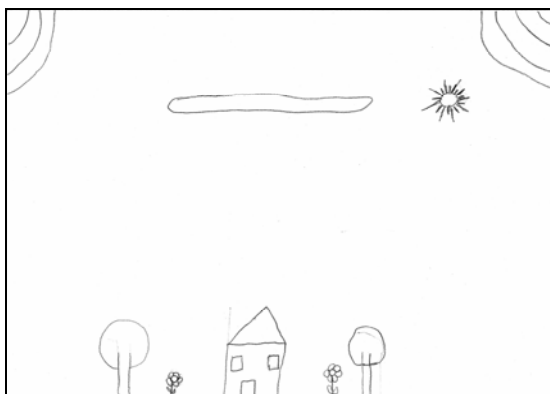
Tem dois DVD, um de dinossauro, e um que tem três filmes.

ESCOLA RURAL MUNICIPAL DR. ALOÍSIO LEONI
ALVES CARDOSOS- LAPA-PR

Dia 14 de agosto de 2007

ALINE, 8 anos e 11 meses

(No começo da conversa, Aline mencionou que uma prima desenha um tipo de passarinho, que ela tenta fazer e não consegue).



(Espalhamos todos os desenhos sobre a mesa).

Qual desenho que você mais gostou?

(aponta com a mão o único desenho colorido, feito no dia 11/06)

Esse? Por quê?

Porque ele é o mais bonito de todos.

E por ele é mais bonito? O que ele tem que é mais bonito?

As flores, esse aqui que eu fiz...

As flores, que mais?

Esse daqui eu nem sei o que que é. (aponta uma forma semelhante a uma antena, comum na turma)

Você não sabe o que é esse daqui?

Eu copieei...

Eu ia perguntar isso...porque tem bastante gente na turma que faz esse desenho. O que você acha que é?

Eu não sei.

*Não dá pra saber direito, né? Tem algum desenho que você não gostou muito?
É desse daqui que eu fiz em casa (aponta o desenho de três corações).*

Como foi que você fez?

O pai dela deu um presente...pra ela... daí eu copieei e achei...

Ah, você copiou o coração de uma caixa de presente?

Ã-hã.

Ah tá, era da tua irmã?

Da minha mãe.

E esse aqui de casa, o segundo de casa, o menorzinho... Alguém te ajudou a fazer?

Eu mandei a mãe... fez esse daqui...daí o resto eu fiz.

A mãe que fez a árvore, né?

Não, a árvore e o passarinho.

A árvore e o passarinho ela fez?

(confirma com a cabeça).

A casinha você fez ou ela?

Eu que fiz.

E a nuvem?Achei a nuvem tão diferente...

Ah, essa é minha mãe, né?

Então o que você fez nesse desenho? A montanhinha...ou não?

A montanha, no dia que eu fui lá na casa da minha tia, tinha uma coisinha, daí tem uma montanha, daí eu copieei. Que é árvore.

Ah é? Você viu essa montanha então?

(confirma com a cabeça)

Na casa da tua tia...

(confirma com a cabeça)

A- hã, muito bem. E eu reparei que você nunca desenha pessoa...

Eu desenho de vez em quando.

Você desenha de vez em quando? Mas aqui nesses não, né Aline?

Eu faço de um tipo que fica feio, daí...

Ah é? Então faz pra eu ver.

(Faz o seguinte desenho, bem pequeno na folha)

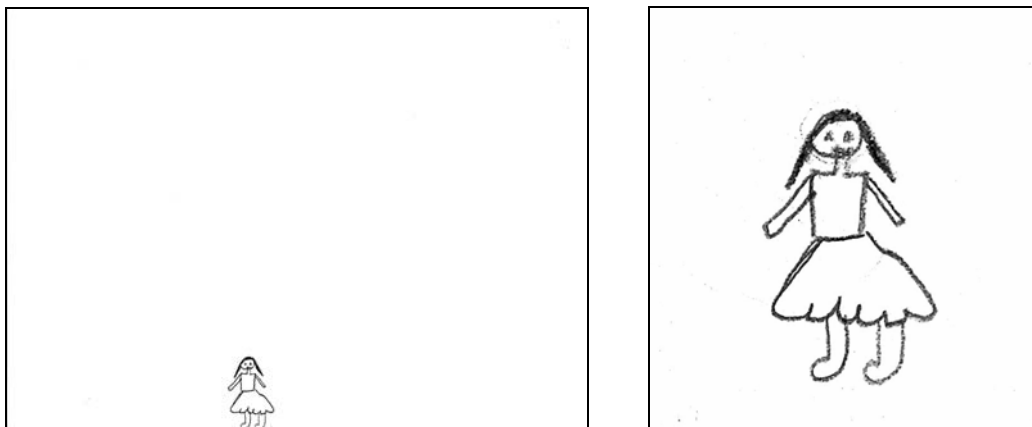


Figura: Desenho da figura humana em relação à folha e figura ampliada. Aline, 8 anos.

Então, Aline... uma mulher, uma menina? O que você desenhou?
 Uma menina.

Uma menina.... Por que você acha que fica feio?
 Ah, porque eu... porque vai fazer o vestido assim, erra e daí fica borrado...

Então tá. E me conta uma coisa, você gosta de desenhar casa?
 (confirma com a cabeça)

Você acha fácil desenhar casa?
 (confirma com a cabeça)

Você gosta de desenhar?
 (confirma com a cabeça)

Fala alguma coisa pra gravar...
 Eu gosto...o que eu mais gosto de desenhar é essas flor, casa, árvore...

Flor, casa, árvore. Tá. Você gostava mais antes...ou não? Igual.
 Antes?

É, quando você era mais nova.
 Antes mais ou menos, né?

Você acha que você desenha bem?
 Eu acho.

E me conta, o que você acha que deixa um desenho bonito?
 As flores.

E tem alguém que você acha que desenha bem? Alguém da sala, alguém de algum lugar...
 Ahhh, o meu tio e minha mãe, ela desenha super bem.

Legal. E tem algum desenho que você acha bonito, de algum lugar que você vê...assim...

(confirma com a cabeça)

Qual?

Tem essas menina que faz as flor, os passarinho...

E o que você acha fácil de desenhar?

Ahhh, flores e árvores.

E o que você acha difícil?

Passarinho.

Me conta do que você gosta de brincar...

De boneca.

De boneca? Que boneca você tem?

Eu tenho uma que... ela diz papai, mamãe...E tem uma que eu ganhei na escola no dia do Papai Noel, não tirei ela da caixa, a mãe não deixa.

E o que você gosta de ver na televisão?

Desenho.

Qual desenho você gosta?

Do Baby Looney Tunes.

Você tem livro em casa, livro de criança?

Tenho, que a minha mãe ganhou na igreja.

Você gosta de ler?

(confirma com a cabeça)

O livro tem desenho legal ou não? Como que é o desenho?

Não...

Não? Não tem desenho? Ou o desenho é feio?

É mais ou menos (faz careta).

Se você pudesse fazer uma mágica, você queria desenhar igual a quem?

A Claudia, aquela da minha sala.

Tem alguma coisa que você queria desenhar mas não consegue?

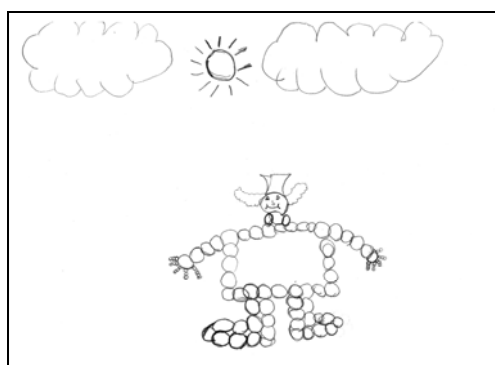
O passarinho.

ENTREVISTAS E DESENHOS DE OUTROS ALUNOS DA TURMA

ESCOLA RURAL MUNICIPAL DR. ALOÍSIO LEONI, ALVES CARDOSOS, LAPA-PR

Leandro- 8 anos e 10 meses

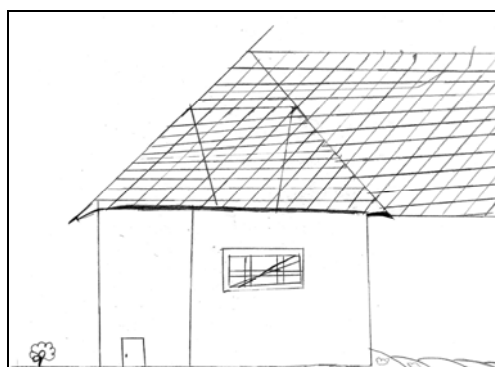
Dia 30/03/07



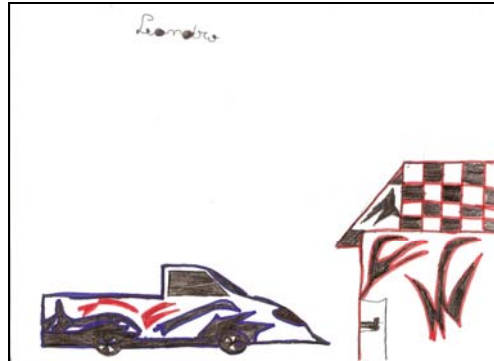
Desenho de casa



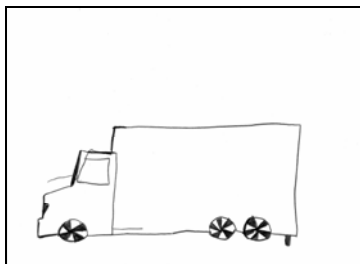
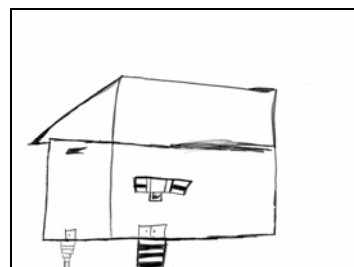
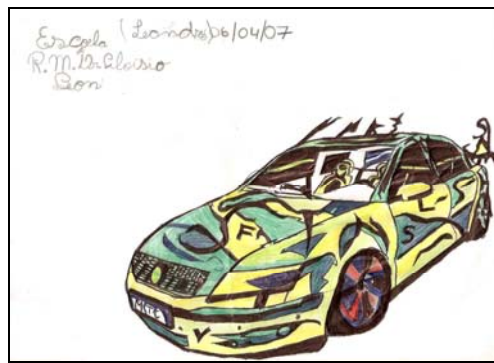
Dia 13/04/07



Dia 01/06/07



Desenho de casa



Dia 11/06/07

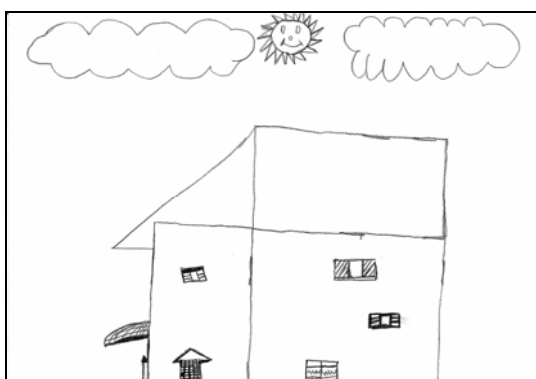
ESCOLA RURAL MUNICIPAL DR. ALOÍSIO LEONI

ALVES CARDOSOS, LAPA-PR

Dia 14 de agosto

Leandro- 8 anos e 10 meses

(Durante a entrevista, Leandro mostrou-se tímido e inseguro, completamente diferente do seu comportamento em sala de aula. O fato de não se lembrar dos desenhos talvez tenha gerado tal comportamento. Nesse momento não havíamos pensado que as crianças poderiam não se lembrar dos desenhos, de modo que a situação ficou um pouco truncada).



Já estamos com os desenhos na mesa, o Leandro vai contar um pouquinho de cada. Esse que você desenhou agora, o que é Leandro?

Uma casa, com sol, porta, janela, nuvem...

Você gostou?

A-hã.

Conseguiu fazer do jeito que você queria?

(confirma com a cabeça)

Você falou que gosta de desenhar. O que você gosta de desenhar?

Carro, casa...

Tem alguma coisa que você acha que é difícil de desenhar?

(nega com a cabeça)

E o que é fácil?

Fácil de desenhar carro, casa...

O primeiro desenho que você fez pra gente foi esse palhaço aqui, né? (desenho do dia 30/03)

(confirma com a cabeça)

De onde você tirou a idéia pra fazer esse palhaço?

Eu vi na televisão, daí eu... daí eu sabia que você ia vim aqui, daí eu fiz.

E...esse aqui você fez em casa. Tem um dragão? (primeiro desenho de casa)

A-hã.

Legal. Aqui é o dragão, e o que é aqui...esses menores?

Esse aqui é um burrinho, esse aqui um...cachorro, aqui uma muié. (Leandro apresenta insegurança e indecisão, demonstra não lembrar dos desenhos)

E esse do dragão, como você inventou?

Eu fiz o cachorro, daí eu...fui fazer esse daqui dai eu vi como é que era...

Esse aqui você fez... o teu irmão te ajudou a fazer? (primeiro desenho de casa)

(nega com a cabeça)

Não? Tá. Você gosta de dragão?

A-hã.

Tem algum brinquedo de dragão?

Tenho.

É vermelho também?

É.

Você já viu um filme de dragão?

Já.

Bom, e depois você fez essa casa, né? (desenho dia 13/04)

A-hã.

E depois esse carro aqui que ficou bem diferente, né?

(confirma com a cabeça)

E esse carro aqui de onde você tirou a idéia?

(demora na resposta) Esse... esse carro eu vi...lá na... parede da escola, daí eu...fiz outro, esse é diferente.

Na sala? Não tem assim na sala, né?

Daí eu fiz diferente.

Ah, você foi mudando. Você botou tipo um desenho nele, né?

A-hã.

E esse aqui de casa? (segundo de casa)

Esse daí meu irmão me ajudou a fazer.

Teu irmão que te ajudou, né? Eu lembro que você falou. O teu irmão gosta de desenhar também?

(confirma com a cabeça)

E ele desenha bastante carro?

A-hã.

E ele fez copiando, colocou por cima ou do lado? Era de uma foto?

Ele tira das revista que tem.

Revista de carro?

A-hã.

É? Vem a foto do carro...?

(confirma com a cabeça)

Daí esse aqui que você fez de carro também, né? (desenho 1 dia 11/06)

Parecido até com o do teu irmão, né?

(confirma com a cabeça)

E essa casa aqui, Leandro? Daí por último você fez uma casa, um caminhão e outra casa?

Me conta dessa casa, fala um pouco. (desenho 2 dia 11/06)

Esse desenho é...de uma casa que tem lá perto da minha casa...do meu tio.

É a casa do teu tio?

(confirma com a cabeça)

Aqui é uma escada ou é...o que é?

É escada.

Um degrauzinho, né? Tá... e o caminhão? (desenho 3 dia 11/06)

O caminhão...eu...fiz.

Você gosta de caminhão?

A-hã.

Conhece alguém que tem caminhão?

Conheço.

Quem?

Meu tio, meu padrinho também tem.

E aquela última lá, achei tão diferente... é uma casa? (desenho 4 dia 11/06)

(nega com a cabeça) Castelo.

É isso que eu tô achando, eu tô achando que é um castelo! Me conta...

(sem resposta)

Que é isso aqui? É a correntinha, é?

A-hã.

E aqui? (apontei pra porta imaginando que fosse uma ponte elevadiça)

Esse daí é os dois lados da porta que tem.

Tem alguma coisa que você acha difícil de desenhar?

(sinal de indiferença)

Não?

(nega com a cabeça)

Qual desenho que você gosta mais desse daqui?

(aponta o carro do irmão)

E tem algum que você não gosta muito, assim? Que você gosta menos.

Que eu gosto menos...não tem.

Não? Você gosta de todos. Você acha que desenha bem?

Não sei.

Não sabe?O que os outros falam?

Fala que eu desenho...bem.

Tá bom. O que você acha que deixa o desenho bonito, assim, quando o desenho fica bonito?

Com adesivo no carro.

Que mais?

Casa com janela, porta...só.

Tem alguém que você acha que desenha bem? Da sala ou alguém que você conhece... ou alguém da televisão... ou algum tipo de desenho...

(demora na resposta) Agora eu não sei...

Alguém da tua família?

Meu irmão.

Se você pudesse fazer uma mágica você queria desenhar igual a quem?

Meu irmão.

E me conta do que você gosta de brincar em casa?

Bola...e de soltar pipa.

E você vê televisão?

A-hã.

Vê de manhã ou de noite?

Os dois.

E o que você gosta de ver?
Desenho.

Qual desenho?
Tom e Jerry, o...Pernalonga..., o Pica-Pau...

Você tem livro em casa, algum livro ou gibi, revistinha...?
Gibizinho eu tenho.

Do qual? Da Mônica?
Do Sítio-do-Pica-Pau-Amarelo.

Ah...E livrinho, você tem algum livrinho?
Tenho.

Do que é?
Três porquinhos.

Vocês tem DVD em casa?
Tem.

DVD ou vídeo?
DVD.

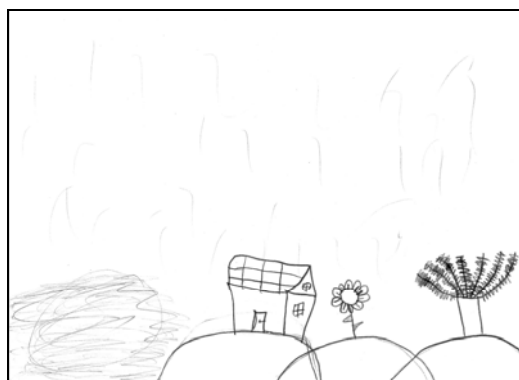
E vocês assistem?
A-hã.

Qual você gosta de assistir, lembra algum?
Do Garfield.

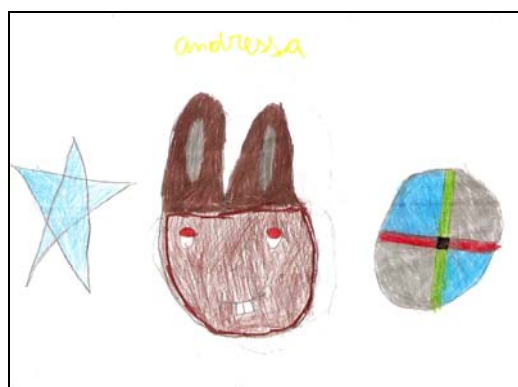
ESCOLA RURAL MUNICIPAL DR. ALOÍSIO LEONI, ALVES CARDOSOS – LAPA, PR

Andressa – 8 anos e 7 meses

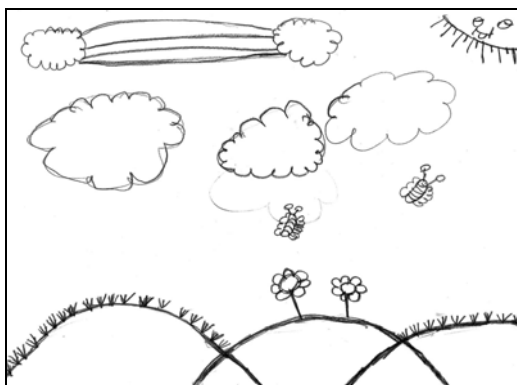
Dia 30/03/07



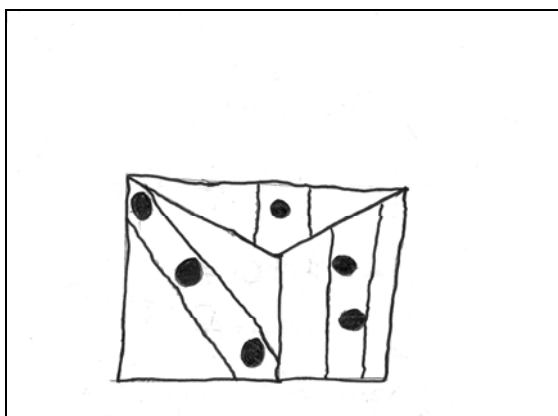
Desenho de casa



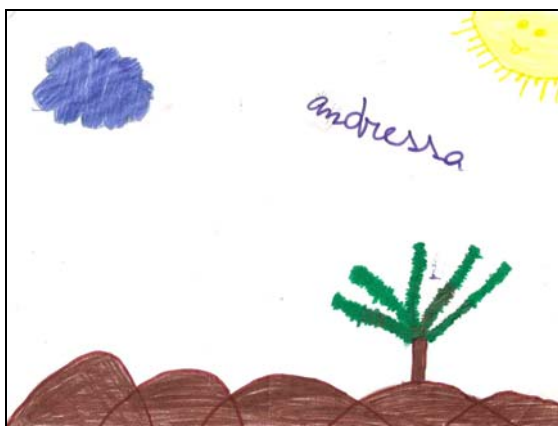
Dia 13/04/07



Dia 01/06/07



Desenho de casa



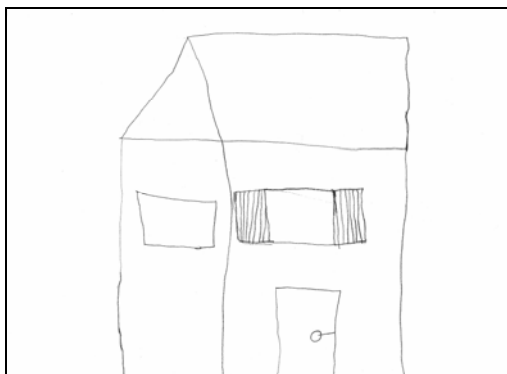


Dia 11/06/07

ESCOLA RURAL MUNICIPAL DR. ALOÍSIO LEONI
ALVES CARDOSOS – LAPA, PR

Dia 14 de agosto

Andressa – 8 anos e 7 meses



Conta desse desenho que você fez.
É...uma casa...pra mostrar o tipo da minha casa, que eu moro.

Você gosta de desenhar?
Gosto.

Você acha que desenha bem?
Eu acho, né? (risos).

Tem alguma coisa que você acha difícil desenhar?
Difícil mesmo é desenhar paisagem.

Paisagem? Que tipo de paisagem?

Flores, folhas... Daí tem...a professora pede pra nós desenhar um desenho pra colocar no mural. Daí nós desenhamo um desenho e daí ela escolhe o mais bonito. Daí ela coloca os mais bonitos que ela achou.

E o seu vai no mural ou não vai?

Muito de vez em quando (risos).

Você fica triste?

Eu não posso ficar triste porque...quase todo mundo fica sem ir no mural, porque...

Quem vai no mural sempre?

Mais é Mayara, Leandro, é...a Tamires, a Aline, o Alisson...

O Mário não?

O Mário vai.

O que você acha fácil de desenhar?

Fácil? Eu acho...é...uma casa, um passarinho...

(espalhamos os desenhos) Qual você acha mais legal?

O dado.

Por que?

Porque ele tem números e eu gosto de fazer números, eu gosto de matemática, né? E daí eu gostei dele por causa que ele tem números.

E você lembra de onde tirou a idéia desse dado?

Lembro. É de um cartaz que tem dentro da sala.

Então vamos ver um por um... o primeiro que você fez lá, é uma casa... chovendo...

(desenho dia 30/03)

É, chovendo e a poça de água.

E esse aqui?(aponto pra árvore existente nesse desenho)

Meu pinheiro (risos).

Um pinheiro? E tem outro parecido aqui, ó...o que é aqui?(aponto todas as formas iguais)

É mesmo.

Depois lá embaixo você fez um coelho...

Um coelho representando a Páscoa que nós tava quase chegando.

E aquele coelho você copiou de algum lugar, você ficou inventando...?

Eu fui inventando, fui fazendo um, fui fazendo outro e até que cheguei nesse.

Ah, você tinha tentado fazer outro antes?

A-hã.

Mas não ficou bom?

É. Daí eu cheguei e escolhi esse.

E esse aqui? O que você acha desse aqui?(desenho dia 13/04)

Esse aí representando a natureza.

Esse desenho você fez bem forte, né? Colocou bastante coisas...Aqui você apagou, né?

Apaguei (risos).

Aí o dado... aí esse de casa...(segundo de casa)

Daqui de casa que eu fiz...que tinha um pinheiro e umas montanhinha, daí eu fiz representando as montanha e o pinheiro.

E aqui? (primeiro desenho do dia 11.06)

Esse daí eu inventei, que eu tinha visto numa revista, um desenho com uma casinha, daí eu me inspirei e fiz.

Certo. E daí depois você fez esse...(segundo desenho do dia 11.06)

Esse pintado a lápis.

Pintou com o lápis de escrever, né? O sol no mesmo lugar, no mesmo cantinho... e hoje mais uma casa.

A-hã.

Tem algum desses desenhos que você não gosta?

Que eu não gosto? Foi esse daqui (o segundo de casa).

Por que você não gosta?

Ele teve muita pouca coisa, como o sol, uma nuvem...só um.

Ele tá muito vazio.

É.

Comparado com esse aqui, com esse segundo da sala, olha que diferença! (comparando com o desenho do dia 13/04)

Ô, esse daqui tá cheio e esse daqui tá vazio.

De onde você tira idéia pra fazer seus desenhos?

A metade dos desenhos eu tiro a idéia da minha casa, porque árvores, flor, né? Sol...

O que você acha que é um desenho bonito?

Quando aquele desenho é bem desenhadinho, bem pintadinho.

Certo. Se você pudesse fazer uma mágica você queria desenhar igual a quem?

Eu? Ai ai ai...

Quem você acha que desenha bem? Alguém que você conhece...ou um estilo de desenho da televisão...

Eu acho minha tia. Minha tia e a minha amiga.

Qual amiga?

Cleodimara.

Da sala, quem você acha que desenha melhor?

Melhor? A Mayara.

E dos meninos?

O Leandro.

E do que você gosta de brincar?

Eu gosto de brincar com as minhas amigas de boneca, de bola... jogar vôlei, né? E daí também gosto de brincar de bicicleta.

E o que você gosta de assistir na TV?

Desenho. Do Pernalonga.

E você tem livrinho em casa pra ler, gibi, livro...?

Tenho!

O que você tem?

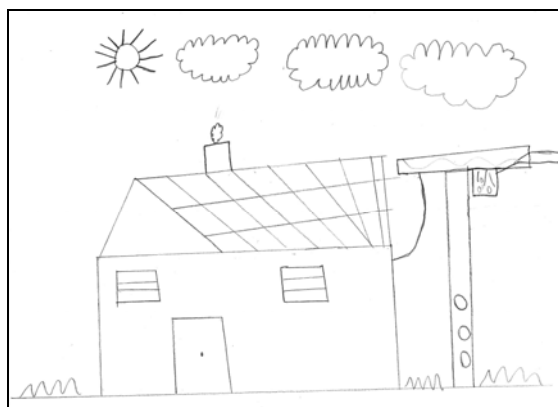
Mais de vinte da turma da Mônica.

Nossa, bastante gibi, né?! E filme de DVD, você tem DVD?

Não. No sítio ali não pega.

ESCOLA RURAL MUNICIPAL DR. ALOÍSIO LEONI, ALVES CARDOSOS – LAPA, PR

Mário 9 anos



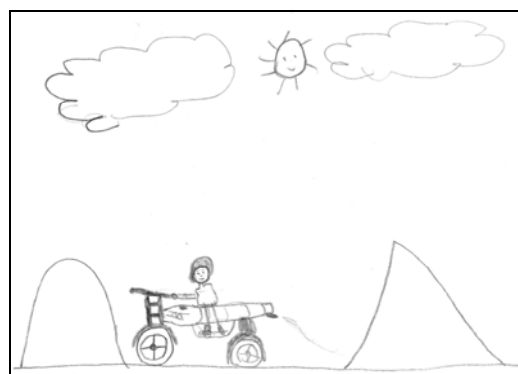
Dia 30/03/07

Desenho de casa



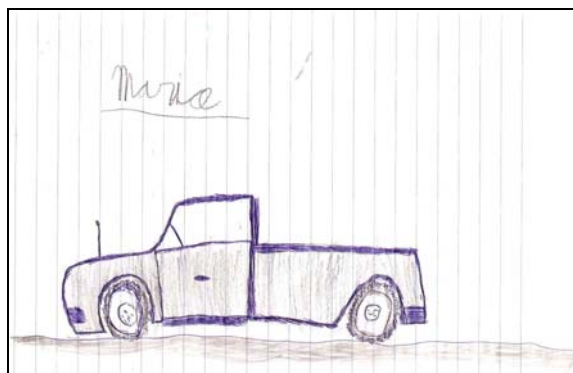
Aluno ausente nesta data

Dia 13/04/07



Dia 01/06/07

Desenho de casa



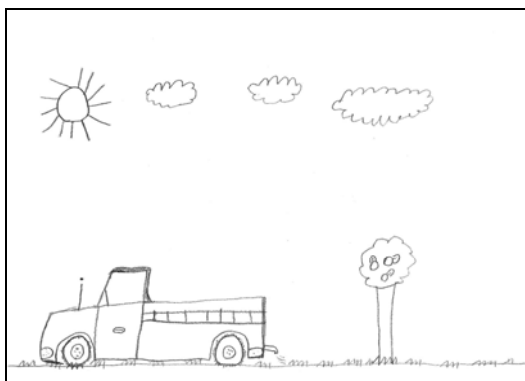
Dia 11/06/07



ESCOLA RURAL MUNICIPAL DR. ALOÍSIO LEONI
ALVES CARDOSOS – LAPA, PR

Dia 14 de agosto

Mário 9 anos



O que você desenhou, Mário?

Uma caminhonete, uma árvore com maçã, desenhei sol, nuvem, capim...

E o que é isso daqui da caminhonete?

Isso daí é uma grade.

Você gosta de desenhar caminhonete né, Mario?

(confirma com a cabeça)

E onde você vê essas caminhonetes?

Tem o meu primo, ele faz caminhonete.

Ele desenha? Ele faz como? Desenhando?

(confirma com a cabeça)

Aaahh, e daí você gosta de ver como ele desenha e desenhar também...

E você conhece alguém que tem caminhonete de verdade?

(nega com a cabeça)

Não? Então tá bom. Então agora Mário, a gente vai colocar todos os desenhos seus e você vai falar um pouquinho, tá? Dá uma olhada então em tudo que você desenhou.

Me conta se você gosta de desenhar?

Gosto.

Que você mais gosta de desenhar?

Caminhonete.

Tem alguma coisa que você acha difícil de desenhar?

Acho... trator.

Trator é difícil? E o que é fácil?

É fácil fazer carro, caminhonete.

Qual você gosta mais destes?

Gostei desse carro (mostra o carro vermelho).

A-hã, tá muito lindo esse carro. E depois qual outro que você gosta?

Esse (mostra o ônibus) e essa caminhonete (mostra a caminhonete pequena de casa)

Tá bem parecida essas três caminhonetes, agora que eu vi...E aqui você desenhou uma moto também, né? Daonde você tirou a idéia da moto?

Eu inventei.

É? Aqui é uma pista?

A-hã.

E aqui? Esse desenho me conta aqui (casa com poste de luz).
Esse daí eu vi o Thiago fazendo, é o meu primo, daí eu fiz igual.

E esse do ônibus, me conta dele...
Eu inventei.

É o ônibus da escola, né? Tá escrito ali: ESCOLA.
A-hã.

Você acha que você tá lá dentro do ônibus?
(confirma com a cabeça).

Então... do carro você gosta bastante, por que você gosta?
Porque eu achei mais bonito.

Tá... tem algum que você gosta menos?
Que eu gosto menos?

Ou gosta de todos igual?
Eu gosto de todos.

Você acha que você desenha bem?
Acho.

O que você acha que deixa o desenho bonito?
(demora na resposta) Acho que...uma casa.

A casa deixa o desenho bonito? E o que mais?
Um carrinho.

Me conta do que você gosta de brincar em casa?
Eu gosto de brincar de bicicleta e chutar bola.

Você gosta de assistir televisão?
Gosto.

O que você gosta de ver na televisão, tem um desenho preferido, algum programa?
Eu gosto dos Dragon Ball Z.

E de ver filme, você vê filme na tua casa?
Eu fui lá num aniversário lá do meu irmão, daí ele tinha um DVD, daí ele ponhô filme.

Você tem algum livrinho em casa ou gibi...?
Tenho.

Tem?

Tenho do Homem Aranha, do Mega Max e do Papai Noel.

Me conta no que o teu pai trabalha?

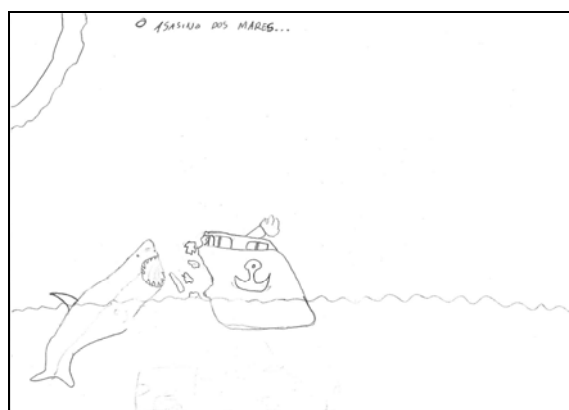
É na roça.

E tua mãe, na roça também?

Em casa.

ESCOLA MUNICIPAL SÃO LUIZ, CURITIBA, PR

Raul, 8 anos e 6 meses

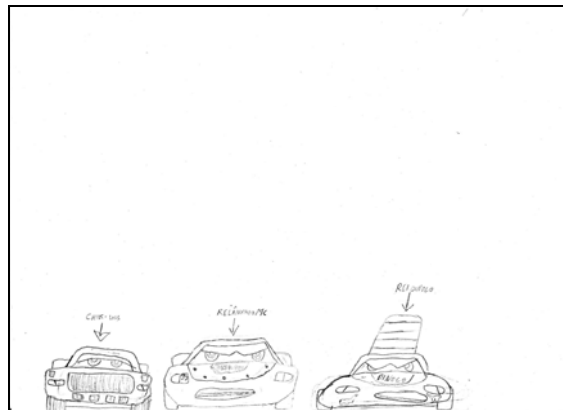


Dia 12/04/07

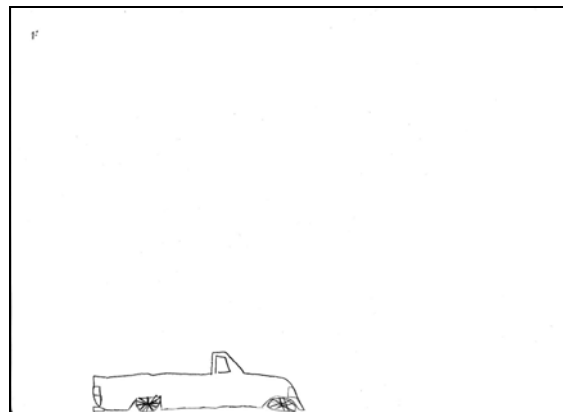
Desenho de casa



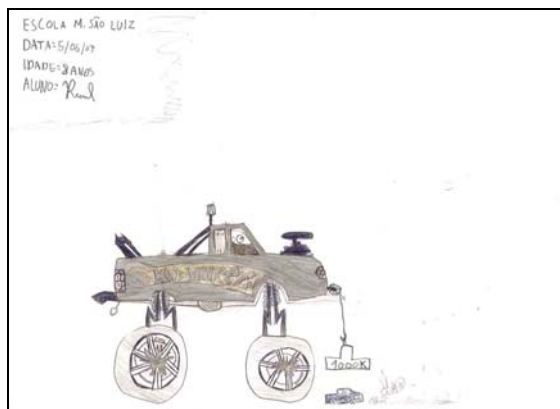
Dia 19/04/07



Dia 31/05/07



Desenho de casa



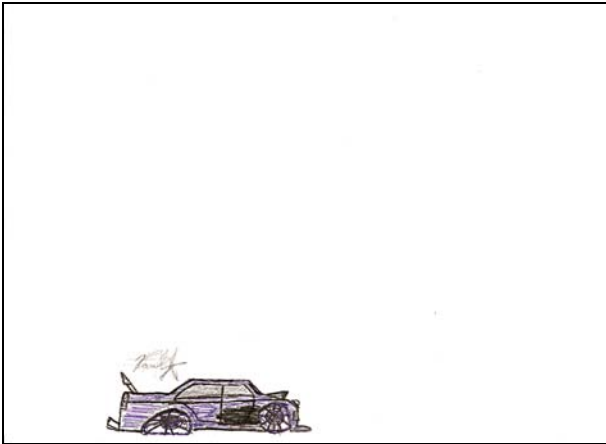
Dia 21/06/07



ESCOLA MUNICIPAL SÃO LUIZ
CURITIBA, PR

Dia 06 de setembro de 2007

Raul, 8 anos e 6 meses



Estamos com todos os desenhos. Me conta qual você gosta mais.
 Esse do Opala, esse jipão aqui que eu fiz (de casa), esse aqui, (dos Carros)
 Mais ou menos esses dois (os dois desenhos do dia 31 de maio).

Gostou de todos então. Em primeiro lugar o Opala. Por quê?
 Ah, porque... assim, eu gosto porque ele ficou mais parecido com os carro, né? E também que eu gosto de desenhar carro.

Como que você fez ele? Copiando?
 Copiando assim, eu usei a folha... a folha de seda e minha mãe me ensinou como passar a limpo.

Você copiou de uma revista de carro?
 É, copiei.

Quem que tem revista de carro?
 Eu.

Quem compra pra você?
 Meu pai, minha mãe também.

E o Hot Wheels de casa, como você fez?
 Esse eu tirei da cabeça também, né? Que aí eu só copiei a marca do carrinho.

O que está desenhado aqui embaixo?
 Ele queria destruir um carrinho assim, daí ele soltou um negócio de 1000 kilos. Essa roda aqui eu vejo nos carro, na revista, que quando pára fica girando ainda.

Aquele do filme dos Carros, você não tinha onde olhar no dia, você fez lembrando...
 É que eu tenho álbum, né? De tanto olhar, olhar, olhar...é que eu tenho revista também, eu já sei quase.

Mas você já tinha feito esse desenho outras vezes?
 Já! Bastante!

Você já fez o mesmo desenho várias vezes pra conseguir lembrar tão certinho.
Já, bastante.

O primeiro desenho, lembra como você fez?
Eu lembro que eu copiei do livro, né? Porque eu tenho livro...mas na verdade não tinha feito assim. Eu botei ele de lado, aí eu tinha feito outro...

Primeiro você tinha feito um carro...
Aí eu não gostei, aí eu tinha feito...que eu já assisti bastante filme, assim. Eu acho que foi um dia antes...um dia depois que eu tinha assistido.

Eu lembro que isso aqui era uma foto do livro...de um tubarão. (Raul utilizou o livro de Ciências)
Que era só essa boca, eu fiz o restinho do corpo.

E o barquinho...
É, no filme o tubarão também come barco lá.

Esse aqui de onde que você se inspirou? (segundo desenho do dia 31 de maio)
Eu invento assim carro, sei lá daonde que eu tiro...mas eu invento assim...

Você acha que é do Hot Wheels?
Não, pode ser da Matchbox. A Matchbox tem uns carrinho bem loquinho lá. Esse aqui nem sei daonde que eu tirei, acho que eu tinha feito com pressa.

A-hã...o da caminhonete. E o do alienígena...
Ah, esse daí eu tirei da cabeça (o do alien). Na verdade eu ia desenhar essas coisinha lutando, um desse e outro, né? Daí tava muito baixinho, eu não ia apagar...aí eu peguei...

Não entendi, o que você ia fazer lutando?
Eu ia desenhar assim: ele e mais um. Aí ficou muito pequenininho e aí eu aproveitei fazer um.

Aqui o que aconteceu?(refiro-me ao rabiscado acima do alien)
Acho que eu que rabisquei mesmo.

E o que mudou no seu desenho? Você tá pondo assinatura agora?
É, eu inventei agora uma.

De onde você tirou a idéia?Alguém da sala?...
É, o João, o Lucas, o Luís, eles fazem comigo, assim...o Gabriel...

Você gosta de desenhar?
Gosto. Bastante.

Acha que você desenha bem?
Não sei.

Queria desenhar melhor?

Queria.

Queria fazer igual alguém?

Sei lá. Como uma pessoa que sabe desenhar.

O que você acha fácil desenhar?

Ah, eu acho bem fácil assim, desenhar tubarão que eu tinha desenhado...esse daqui é bem fácil também (o dos Carros).

Esse você acha fácil??? Quantas vezes você já desenhou?

Deixa ver...uma, duas... acho que umas dez, onze. Bastante... que eu gosto de ficar treinando, treinando, treinando...

O que você acha difícil de desenhar?

É esse Opala que é difícil de copiar, né?

Por que você não gostou da caminhonete?

Eu achei assim que eu fiz muito rápido, ela ficou meio estranha. As lâmpadas assim...não gostei muito, ficou muito estranha.

De onde você tira as idéias pros seus desenhos?

Ó, de tanto eu gostar assim de carro, eu vou pensando, né?: "ah, eu vi aquela roda, eu faço. Ah, eu vi aquela lâmpada, eu faço". Eu vou pensando, voltando...aí eu fiz um motorzão assim...eu tiro de revista, esse daqui eu tirei do Maverick que tinha um motor pra fora, os aerofólios faz tempo que eu faço.

Ah... você vai vendo em revista...na televisão passa também?

Passa também... Eu já fui quando os carro participa assim...

Ah, você já foi? Que legal...é corrida?

Eles dão um desfile, fica andando em cima daquelas pedras, bem legal.

Legal. Tem alguém que te ensina a desenhar?

Olha, isso eu que vou inventando, né? Porque...como eu te disse, né, vou vendo de revista, vou lembrando, né?

Quando você acha que o desenho fica bom?

Quando você se concentra. Fica bom. Quando você tá no silenciosinho...quietinho...

Quem você acha que desenha bem?

Ah, o João, meu amigo...o Lucas...aqueles que eu tinha te dito lá.

Do que você gosta de brincar?

Eu gosto de brincar de...eu tenho um Lego bem legal que eu brinco. De pista com meus carrinho que eu tenho um monte...

E de assistir na TV?

De assistir na TV eu gosto de assistir... Bom Dia e Companhia que passa desenho legal, passa o...o que eu gosto mais de lá é o Baby Looney Tooneys e o...ai, como que é o nome, X- Man, que eu gosto do Wolverine.

Vocês têm TV a cabo ou não?

Não.

Vocês têm DVD?

DVD temos.

Vídeo-game tem?

Antigão, daqueles Nintendo super.

O que você gosta de ver em DVD, assim de filme?

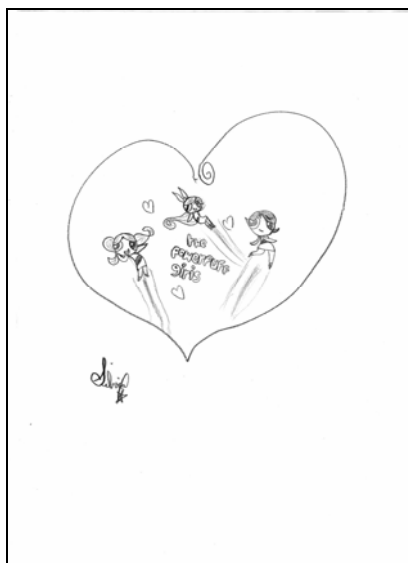
Ah, eu gosto de ver desenho, ação...suspense... já vi até o Chucky com a minha irmã.

E de ler, você tem livro em casa, gibi...?

Tenho, bastante. Eu gosto de ler bastante gibizinho da Mônica, revista de carro...e eu gosto de ler também a Recreio, que eu faço coleção.

ESCOLA MUNICIPAL SÃO LUIZ, CURITIBA, PR

Silvia- 9 anos e 1 mês



Dia 12/04/07

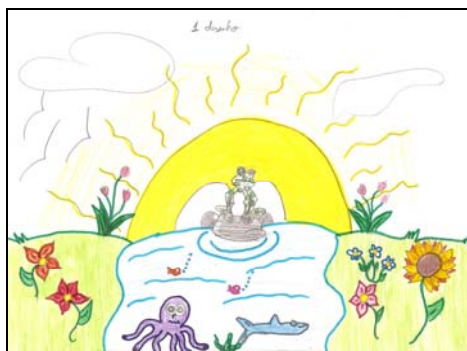
Aluna ausente nesta data

Desenho de casa

Aluna ausente nesta data

Dia 19/04/07

Dia 31/05/07



Desenho de casa



Dia 21/06/07

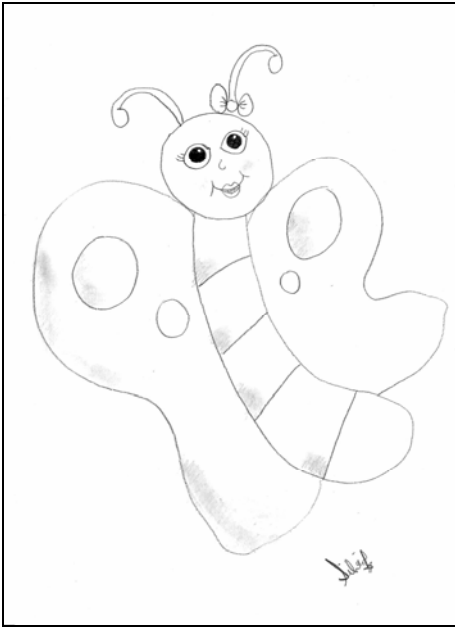


ESCOLA MUNICIPAL SÃO LUIZ

CURITIBA, PR

Dia 06 de setembro de 2007

Silvia- 9 anos e 1 mês



Conta desse desenho que você fez.

Eu fiz esse desenho porque foi a primeira coisa que passou na minha cabeça e eu faço aula de desenho e daí...então eu faço assim.

Aonde você faz aula?

Eu faço na minha igreja, com meu pai e meu irmão que também fazem.

O que a professora te ensinou?

Ah, a gente usa giz pastel, a gente pega o lápis deitado assim e passa o dedo pra fazer uns efeitos...

Pra fazer esfumadinho, né?

A-hã.

Que mais? O brilho do olho ela que ensinou?

A-hã. Na verdade eu não fazia aula de desenho antes, né? Eu acabei de começar, daí foi meu pai que me ensinou a desenhar.

O teu pai desenha bastante?

É, ele desenha muito bem.

E ele te ensina algumas coisas?

A-hã.

O que ele já te ensinou?

Ele já me ensinou planta baixa, já me ensinou...um monte de coisa.

Planta baixa?

É, desenhar vendo de cima, que a gente fez um desenho que a gente quer mudar de casa, daí ele falou pra eu e a minha mãe pra gente fazer um desenho de como a gente quisesse a nossa casa.

E esse olho quem te ensinou a fazer? Esse olho da borboleta?

Fui desenhando, fui vendo, fui melhorando e daí na verdade fui eu que fiz.

2ª parte entrevista

(espalhamos todos os desenhos, e Sílvia se lembra de todos. Ela tem uma produção pequena, mas cada desenho é feito lenta e cuidadosamente)

Você se lembrou de todos os desenhos, né Sílvia?

A –hã.

Nenhum você esqueceu que era teu?

Não.

Então conta como foi que você fez o primeiro (meninas super-poderosas).

Foi que eu peguei emprestado uma agendinha da minha amiga, da Geórgia, daí eu copieei.

E o segundo, do sapinho você lembra?

Eu copieei do alfabeto que tem aqui na sala o sapinho, daí o fundo foi eu que...eu inventei.

Aquele de casa, na verdade você não fez pra mim, né? Você já estava com ele pronto quando eu vim pegar, lembra?

É.

Daí você tirou da sua pasta e me deu. E como você fez esse da sua casa? Foi junto com teu pai...?

Não, eu tava na faculdade da minha mãe com ela, eu tava fazendo minha lição de casa, daí tinha uma figurinha da Lindinha. Tinha só a cabeça. E daí eu peguei e copieei a cabeça dela, o passarinho eu também copieei do caderno, e daí o fundo eu inventei.

No dia desse último da casinha eu falei que não podia copiar de lugar nenhum, lembra?

É.

E daí, como você teve a idéia de fazer?

(demora na resposta) A casinha...muitas vezes sempre é a mesma que eu faço, daí quando eu não tenho idéia eu desenho uma flor, ou uma casa ou uma borboleta.

Aaah, quando você não tem idéia daí você faz essas coisas.

A-hã.

Você gosta de tirar idéias de outros lugares, é isso?

Gosto, eu gosto bastante de copiar porque não podendo copiar eu não sei daonde tirar idéia. Às vezes fica até meio esquisito o desenho.

E de onde que você gosta de copiar?

Eu gosto de copiar de qualquer lugar mas não de uma coisa muito difícil senão fica feio.

Em casa você copia também?

Copio. Quando eu faço lição de casa, daí eu pego às vezes uns livros da aula de desenho e copio.

E na aula de desenho, como a professora faz? Ela fala pra você desenhar o quê?

Às vezes quando a gente copia, ela pede pra eu pegar um desenho, ela faz um desenho...

Ela faz o desenho?

É, daí ela quadricula, e depois ela faz os quadradinho maior e daí eu copio quadradinho por quadradinho e daí fica mais fácil que fica igualzinho.

E o que ela desenha pra você copiar?

Até agora só foi um que ela fez.

O que ela faz pra você copiar?

A borboleta.

Essa borboleta? (pergunto se é a que ela acabou de desenhar)

É, parecida com essa.

Assim, viradinha, parecida?

Só que daí ela fez com as duas asinhas pra trás.



Como é essa asinha pra trás?

É que só aparece uma, daí a outra só fica atrás. (faz o desenho pra mostrar)

Aaah, uma asinha atrás da outra! Ela que te ensinou fazer isso daqui ou você já sabia, a asinha pra trás?

Ela me ensinou. Daí eu faço sempre a bolinha do olho bem grandinha, né, porque eu acho que fica bem fofinho. Olho bem escurinho.

A-hã...faz uma bolinha menor e pinta o resto (neste momento Silvia está fazendo o brilho do olho)

E o narizinho, ela que te ensinou a fazer o narizinho?

Não...Daí os efeitos com o lápis deitado (Silvia deita o lápis e esfumaça com a ponta dos dedos).

Então esse de passar o dedo a professora que te ensinou.

É, que eu não fazia antes. Daí ela faz assim mais ou menos com a sombra, assim, daí ela sempre desenha uma lampadazinha aqui no cantinho.

Aaah, pra saber onde tá a luz, onde tá a sombra...e você entende o que quer dizer isso?

A-hã, é uma lampadazinha que tem, daí a gente faz a sombra.

Você gosta de desenhar?

Eu gosto, eu amo desenhar.

Você acha que desenha bem?

Eu acho.

Você queria desenhar igual alguém, se pudesse fazer uma mágica, ou não?

É se eu pudesse desenhar um pouquinho melhor, tipo igual meu pai, que ele desenha muito, muito bem.

Quem mais você acha que desenha bem? Alguém da sala, da tua família?

Não sei, meu pai. Ele já copiou uma vez uma foto minha, ficou igualzinho.

Que legal. Você queria desenhar igual ele então...Por que o desenho dele é bonito, é bem certinho, que mais?

Ah eu não sei, talvez porque ele começou bem mais cedo a desenhar, né? Ele não fazia aula de desenho, ele mostrou os desenhos dele quando ele era pequenininho que ele fazia, daí era bem bonitinho assim, ele desenhava tipo um homem, aqueles homens cabeçudos que tem músculo bem grandão.

É, ele guardou até hoje?

Ele gostava de desenhar.

Qual dos seus desenhos daqui você gosta mais?

O do sapinho.

Por quê?

Ah, porque eu tô achando ele assim mais colorido, mais...caprichado.

O do sapinho tem bastante flores, né? Essas flores foi alguém que te ensinou a fazer ou você foi inventando?

Não, eu sei fazer vários tipos de flores, daí geralmente eu faço assim uma cor-de-rosa com pétala pontudinha.

Aquela ali no cantinho?

A-hã.

Que cor você mais gosta?

Rosa.

Qual você não gostou muito, ou de todos você gostou?

Ah, o da casinha por eu não ter copiado assim... daí ficou...tá bonito também, mas eu achei o que menos ficou bonito.

O que você acha fácil de desenhar?
(demora na resposta)

Tem coisas que são mais fáceis, outras mais difíceis...

Eu desenho um coraçãozinho com mãozinha, pezinho, rostinho bem bonitinho. Daí eu desenhei uma família de coração assim, o bebezinho eu coloquei com fraldinha, chupetinha, mamadeira na mão...

Que amor. E esses você acha fácil?
Eu acho. Bem facinho.

E você copiou de algum lugar esse?

Não esse eu tirei da minha cabeça mesmo. Passou na minha cabeça e eu passei pro papel.

O que você acha difícil de desenhar?
Eu acho difícil de desenhar pessoa.

Hum...é não tem nenhum que você pôs pessoa, né?

É, só quando às vezes eu copio assim, que tinha aquele da Lindinha.

Me conta do que você gosta de brincar?
Eu gosto de brincar de Barbie.

E de ver na televisão?

Gosto de assistir no canal da Disney Channel.

Você vê o Art Attack?

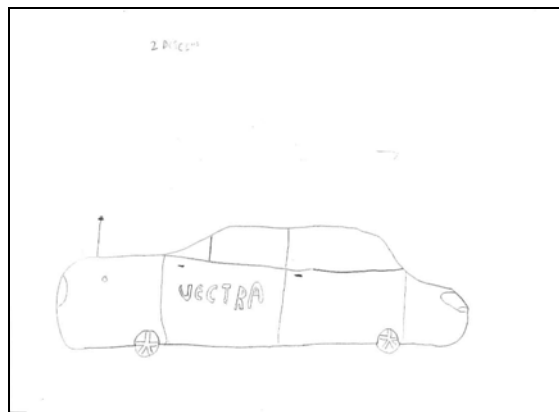
A-hã. Eu falei pro meu pai: "ô pai eu quero comprar aquele desenho". Daí ele falou...daí eu falei pra ele do Art Attack, daí ele ficou mais interessado, assim, que ele também gosta.

Você tem livrinhos em casa, gibi?

Eu tenho, eu não gosto muito de ler, daí os livrinhos que eu ganho é mais pra copiar desenho.

ESCOLA MUNICIPAL SÃO LUIZ, CURITIBA, PR

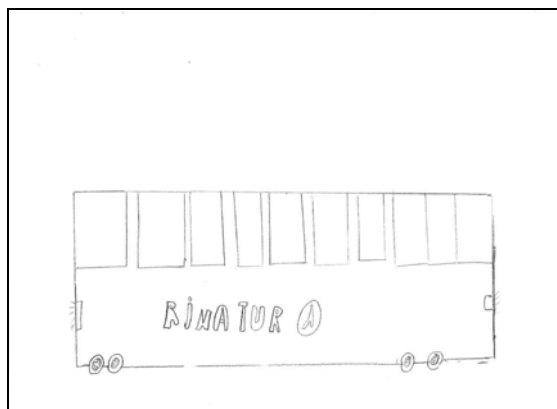
Gabriel - 10 anos



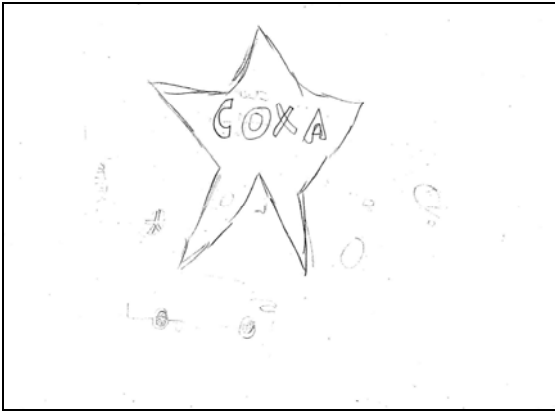
Dia 12/04/07

Não realizou este desenho

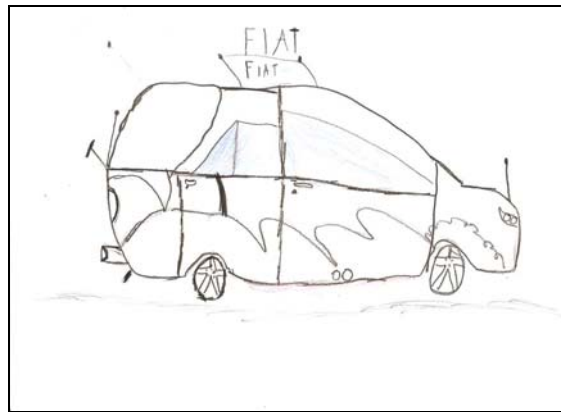
Desenho de casa



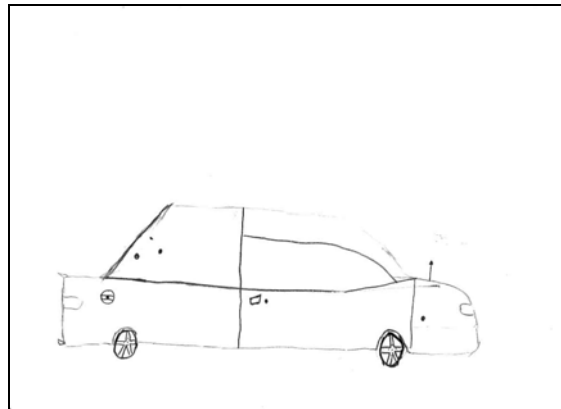
Dia 19/04/07



Dia 31/05/07



Desenho de casa

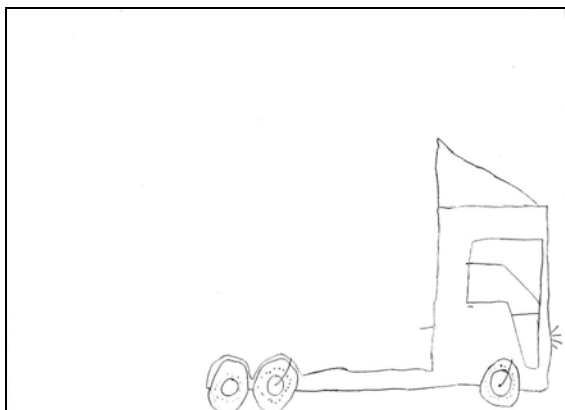


Dia 21/06/07

ESCOLA MUNICIPAL SÃO LUIZ
CURITIBA, PR

Dia 06 de setembro de 2007

Gabriel- 10 anos



Me conta desse desenho que você fez
Ah, o caminhão. O da Ford 260.

Nossa, como você sabe o número dele?
Eu vi no ...na propaganda.

É? Na televisão ou na revista?
Televisão.

Você fez uma luzinha?
Fiz.

E cadê o resto do caminhão?
Eu não sei direito fazer a carreta. Daí eu só faço na frente.

Você gostou do desenho?
A-hã.

Conseguiu fazer do jeito que você queria?
É.

Então agora vou pedir pra você olhar os outros desenhos.
(espalhamos todos os desenhos, Gabriel lembra de alguns, outros não. Ele fala: "tô reconhecendo esses desenhos..." Explico pra ele qual foi feito em cada ocasião.)

2ª parte entrevista

Primeira vez que eu fiz um caminhão.

Ah é? Vamos falar um pouco de cada desenho, o caminhão foi a primeira vez que você fez?
A-hã. Um dia eu tava dormindo daí eu sonhei com caminhão, daí eu peguei e fiz.

O que você mais gosta de desenhar?
Ah, eu gostei mais do caminhão.

Por que?
Porque eu não gosto muito de carro ônibus, essas coisas, eu gosto mais de caminhão.

Tá. Qual desses aqui você gostou menos?
O símbolo da Mercedes, que eu não usei uma régua, daí ficou feio.

Ah... pra fazer o círculo você diz? Onde precisava da régua?
Daquelas, sabe aquelas régua lá de... redonda?

Tá. Uma régua pra fazer o redondo. Pega aquele primeiro fazendo o favor, aquele da estrela do coxa. Veja quantas coisas você tinha desenhado e apagado. Consegue se lembrar?
Ah é, eu ia fazer um carrinho, mas não deu... tentei um uniforme do Coxa mas não deu também...

Dai você desistiu tudo e foi apagando...
Apaguei e fiz isso aqui.

Você torce pro Coxa?
Eu sou fanático do Coxa.

Esse aqui da Mercedes, antes você tinha tentado fazer o quê?
Eu queria fazer o símbolo da Volkswagen. Um W e o V em cima, daí eu ia fazer um carro mas não deu.

E esse daqui parece da Chevrolet, ou será que era um carro?
Não, isso era um carro, eu tentei fazer o carro do meu pai.

Ah, e daí você achou que não ficou legal também?
Não.

Você não desenhava carro antes, por que você apagava os carros?
Porque não dava, eu olhava assim, ficava feio, daí eu apagava.

Aqui nesse segundo desenho, do Vectra, também tem outros desenhos embaixo, o que era?
O símbolo eu queria fazer um carro da Volkswagen, mas daí não deu. Daí eu tentei pôr esse da Chevrolet, mas eu tenho que treinar mais, daí não deu.

Então de todos esses o que você mais gostou?

O caminhão.

E em segundo lugar?

Em segundo lugar eu achei mais legal aquele da Fiat que eu desenhei.

Esse da Fiat como você fez em casa? Fez sem olhar ou olhou alguma revista...?

Não, nada, eu não olho nada pra desenhar. Só às vezes que eu tento desenhar perfeito. Quando eu tento desenhar perfeito, eu olho.

O que você olha em casa?

Eu pego meus carrinhos. Vou copiando o que eu acho mais bonito, eu pego, cada dia eu tento copiar um.

Que carrinho você tem, tem vários?

Tenho uns cinqüenta, tudo da Hot Wheels, daqueles pequenininho'.

E o ônibus? Rimatur, daonde você tirou a idéia?

Ah, todo ano eu vou pro Beto Carrero de excursão, daí o ônibus é Rimatur, daí eu tive a idéia.

Você gosta bastante de carro?

Eu gosto.

Você quer ter um carro quando crescer?

Eu queria ter um carro que eu tô apaixonado.

Qual?

O Bora da Volkswagen.

Você tem revista de carro em casa?

Meu vô traz pra mim ver.

O que você acha fácil de desenhar?

Fácil? Deixa eu ver...

Pode imaginar, não precisa olhar nos desenhos.

Deixa eu me lembrar...Caminhão, aquele caminhão ali, achei facinho.

E o que você acha difícil?

Carro. Fazer certinho assim, às vezes é difícil.

Daonde você tira as idéias pro seu desenho?

Ou revista ou...televisão. Às vezes passa na TV filme que tem carro, programa com carro...

Tem alguém que te ensina a desenhar?

Meu pai. Meu pai me ajuda às vezes.

Você gosta de desenhar?

Gosto. (o tom de voz é de quem não gosta muito)

Acha que desenha bem?

Mais ou menos.

Mas prefere outras coisas? Se tiver que escolher entre desenhando e jogar futebol, por exemplo?

Ah, jogar futebol! Sou fanático por carro e futebol!

O que você acha que é um desenho legal, que deixa o desenho bonito?

Desenho bonito?

É, quando você fala que queria desenhando bem certinho... como que é esse certinho?

Ah, certinho! Tipo um carro ou caminhão assim, numa cidade tipo uma fotografia por cima. Numa cidadezinha assim com um monte de carrinho.

Quem você acha que desenha bem, alguém da sala ou da família...?

O João da minha sala. Ele desenha bem.

O que você gosta de brincar?

Eu gosto de brincar de carro, às vezes meu pai deixa dirigir no carro dele. Ele me leva nos campinhos de futebol pra jogar bola... E a melhor coisa que eu gosto de fazer é comprar.

Comprar?

Camisa de time e comida. Eu adoro ir jantar.

Onde vocês vão?

Churrascaria. Carnes e massas.

Junta toda família, come comida boa... Que mais você gosta de comprar?

Ah, camisa do Coxa, camisa de goleiro, luva de goleiro... vídeo game... e carrinho.

E o que você gosta de assistir na televisão?

Scooby Doo 2. Passa Zorro, eu assisto Zorro, passa na Disney Zapping Zone eu assisto.

Vocês têm TVA, Net?

Net e TV sem net.

Você tem vídeo game, que jogo você gosta de jogar?

Futebol.

Vocês têm DVD?

Tem.

O que vocês assistem?

Tom e Jerry.

E livros, gibi?

Tenho.

Qual você tem?

'O Médico e o Monstro', eu ganhei de aniversário.

Porque você gosta de usar régua?

Porque deixa o desenho perfeitinho, senão daí fica torto.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)